unesp **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUCAS BIANCONI DUARTE NOVAIS

TOM BOMBADIL:
MISTÉRIO IRREDUTÍVEL

ARARAQUARA – S.P.
2023

LUCAS BIANCONI DUARTE NOVAIS

TOM BOMBADIL:
MISTÉRIO IRREDUTÍVEL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara (FCL-CAr) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

ARARAQUARA – S.P.
2023

D812t

Duarte, Novais Lucas Bianconi
Tom Bombadil : mistério irredutível / Novais Lucas Bianconi Duarte. -- Araraquara, 2023
235 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Aparecido Donizete Rossi

1. J. R. R. Tolkien. 2. Filosofia. 3. Psicologia Analítica. 4. Crítica Arquetípica. 5. Mistério. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUCAS BIANCONI DUARTE NOVAIS

TOM BOMBADIL:
MISTÉRIO IRREDUTÍVEL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara (FCL-CAr) como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa
Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Data da defesa: 08/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi**
(UNESP – FCL-Ar)

Membro Titular: **Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva**
(UFCAT)

Membro Titular: **Prof.ª Dr.ª Fernanda Aquino Sylvestre**
(UFU)

Membro Titular: **Prof.ª Dr.ª Karin Volobuef**
(UNESP – FCL-Ar)

Membro Titular: **Prof. Dr. Sérgio Ricardo Perassoli Júnior**
(Pesquisador independente)

.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha avó, Ester.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em seu Filho, Jesus Cristo, encontrou-me de maneira pessoal e pela ação do Espírito Santo me permitiu redigir a presente tese.

À Santíssima Virgem Maria, que em sua maternal intercessão e divina providência, sustenta-me em seu colo.

À Igreja Católica Apostólica Romana, que na figura de tantos sacerdotes, ensina-me e conduz-me.

Ao Carisma Querigma, pelo qual sou chamado a trasbordar o Amor de Deus e dar minha vida pela Igreja.

Aos meus avós, Oswalte (*in memorian*), Carmen (*in memorian*), Luiz (*in memorian*) e Ester, pelo empenho em minha educação na fé e na razão.

Ao meu pai, Luis, por ser exemplo de sabedoria e vida doada a Deus através da formação, e à minha mãe, Rosa, por sua fé inabalável.

Ao meu irmão Daniel, pela amizade e companheirismo, e às minhas irmãs, Luisa e Maria Vitória, por sua tranquilidade e alegria.

Aos meus sobrinhos, Samuel, Matias, Marina, Teresa de Jesus, Maria Josefina, Maria Rita e Ágata, bem como aos meus cunhados, Amanda e Francisco, por me fazerem um tio melhor a cada nova aventura.

A todos os meus tios e tias, primos e primas, que constituem parte importante de minha vida e história.

Aos membros da Comunidade Católica Querigma, meus irmãos em Cristo, pela fraternidade evangélica em que vivemos.

Aos professores da Escola Católica Querigma, um dia meus formadores e hoje amigos de profissão, fundamentais para que eu me tornasse quem sou.

Aos alunos da Escola Católica Querigma, por me motivarem dia a dia em minha vocação e missão.

Ao professor Dr. Aparecido Donizete Rossi, pela amizade e pelos ensinamentos proporcionados ao longo dos últimos anos.

Aos professores Dr. Alexander Meireles da Silva, Dra. Fernanda Aquino Sylvestre, Dra. Renata Philippov, Dra. Karin Volobuef e Dr. Sérgio Ricardo Perassoli Júnior por terem lido meu trabalhado e contribuírem enormemente com suas considerações.

A todos os professores do curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-FCLAr e da pós-graduação em Estudos Literários, por contribuírem ativamente para minha formação.

“Mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)”

J. R. R. Tolkien

RESUMO

A presente tese de Doutorado Direto desenvolve uma leitura sobre a personagem Tom Bombadil, disposta no *legendarium* de J. R. R. Tolkien, evidenciando o mistério inerente ao seu ser. Nesse contexto, a pesquisa não intenta solucionar o mistério que é a própria personagem, mas contemplá-la e circunscrevê-la enquanto tal, demonstrando que os aspectos envolvidos em sua construção a fazem ser mistério, ou seja, trata-se de uma criação não solucionável. Para tal, analisamos, inicialmente, as manifestações de Tom no universo tolkieniano, presentes em **O Senhor dos Anéis** (**The Lord of the Rings**, 1954-1955) — bem como nas notas e rascunhos produzidos durante a elaboração desse romance —, nos poemas de **As Aventuras de Tom Bombadil** (**The Adventures of Tom Bombadil,** 1962), e nas cartas escritas pelo autor, presentes em **As Cartas de J. R. R. Tolkien** (**The Letters of J. R. R. Tolkien**, 1981). A partir desse resgate analítico, apresentam-se as diferentes leituras já propostas a respeito da personagem, desenvolvidas por críticos especializados e fãs, nos mais diferentes meios de divulgação — livros, capítulos, dissertações, artigos, *sites* e *blogs*. Ademais, são abordados os aspectos que se sobressaltam na composição da personagem, quais sejam: sua relação com os elementos da Natureza, especialmente o *ar* e o *fogo*; sua fala musical, através da qual a personagem exerce seu poder mágico; e sua relação elementar, misteriosa e mística com Fruta d'Ouro. Além disso, destaca-se a cena na qual Bombadil detém o Um Anel em suas mãos, sendo essa uma das mais intrigantes e controversas de toda a mitologia tolkieniana. Por fim, constatamos que não é possível conhecer a origem da personagem, o que mantém sua essência oculta, salvaguardando seu *ser-mistério*. Portanto, por meio de investigações teórico-críticas advindas dos campos da Filosofia, da Psicologia junguiana e da Teoria Literária, problematizamos Tom Bombadil como mistério em si mesmo, como manifestação do mistério, aquele mistério presente em toda mitologia, em toda religião: o *mistério irredutível*.

Palavras-chave: J. R. R. Tolkien. Filosofia. Psicologia Analítica. Crítica Arquetípica. Tom Bombadil. Mistério.

ABSTRACT

This Direct Doctorate thesis develops an interpretation of the character Tom Bombadil, included in J. R. R. Tolkien's legendarium, emphasizing the mystery inherent in its being. With this in mind, this project doesn't intend to solve the character mystery but to contemplate and circumscribe it in this way, showing that the aspects used in its formation make it a mystery; in other words, it is an unresolvable creation. For this purpose, we analyzed manifestations of Tom in the Tolkienian universe, present in **The Lord of the Rings** (1954-1955) — as well as in the notes and drafts produced during the elaboration of this novel —, in the poems of **The Adventures of Tom Bombadil** (1962), and also in the letters written by the author, present in **The Letters of J. R. R. Tolkien** (1981). From this analytical recovery, different readings already proposed about the character are presented, developed by specialized critics and fans, in several means of dissemination — books, chapters, dissertations, articles, websites, and blogs. Furthermore, highlighted aspects in the character's composition are addressed: its relationship with elements of Nature, especially *air* and *fire*; its musical speech, through which the character exerts its magical power; and its elemental, mysterious, and mystical relationship with Goldberry. In addition, the scene in which Bombadil holds the One Ring in its hands is one of the most intriguing and controversial of whole Tolkienian mythology. Finally, we observe the impossibility of knowing the character's origin, which keeps its essence hidden, safeguarding its *mystery-being*. Thus, through theoretical-critical investigations arising from Philosophy, Jungian Psychology, and Literary Theory, we problematize Tom Bombadil as a mystery in itself, as a manifestation of the mystery, which mystery present in all mythology, in all religion: the *irreducible mystery*.

Keywords: J. R. R. Tolkien. Philosophy. Analytical Psychology. Archetypal Criticism. Tom Bombadil. Mystery.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
2. O TOM DE TOLKIEN 15
2.1 Tom Bombadil em O Senhor dos Anéis 18
2.2 Tom Bombadil em As Aventuras de Tom Bombadil 76
2.3 Tom Bombadil nas cartas de Tolkien 87
3. AS DIFERENTES LEITURAS DO MISTÉRIO 100
3.1 Tom Bombadil como um Erro em O Senhor dos Anéis 106
3.2 Tom Bombadil como o Leitor, o Próprio Tolkien, ou um de seus Amigos 107
3.3 Tom Bombadil como Pertencente às Raças Livres da Terra-média 110
3.4 Tom Bombadil como um Ser Maligno ou Amoral 110
3.5 Tom Bombadil como uma Personificação de Eru Ilúvatar 111
3.6 Tom Bombadil como o Primeiro Ser Criado, Adão, Jesus Cristo e Outras Conexões Bíblicas 113
3.7 Tom Bombadil como um Vala 117
3.8 Tom Bombadil como um Maia 119
3.9 Tom Bombadil como um Espírito da Natureza 120
3.10 Tom Bombadil como a Encarnação do Espírito da Música dos Ainur 125
3.11 Tom Bombadil como a Chama Imperecível 125
3.12 Tom Bombadil como a Representação do Espírito Santo ou um Espírito de Vida 125
3.13 Tom Bombadil como a Personificação da Alegria 126
3.14 Tom Bombadil como uma "Ponte" em O Senhor dos Anéis 127
3.15 O Papel de Tom Bombadil na Mitologia Tolkieniana 128
3.16 A Permanência do Mistério 136
4. A COMPOSIÇÃO DO MISTÉRIO 137
4.1 Os Arquétipos e os Elementos da Natureza 138
4.2 Ar 140
4.3 Fogo 147
4.4 Terra e Natureza 152
4.5 Água 165
4.6 A Fala de Tom Bombadil: Poesia, Sabedoria, Mito e Magia 168
4.7 O Um Anel 175
4.8 Fruta d'Ouro: A Outra Face do Mistério 180

4.9 Um Fenômeno da Mitologia Tolkieniana 188

5. O TOM DO MISTÉRIO (OU, À GUISA DE UMA CONCLUSÃO) 192
REFERÊNCIAS 196
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 210
ANEXOS 215

ANEXO A – "The Adventures of Tom Bombadil" 216

ANEXO B – "Bombadil goes Boating" 226

ANEXO C – "The Stone Troll" 232

ANEXO D – "Once upon a Time" 234

1. INTRODUÇÃO

Ao se debruçarem sobre o *legendarium* de J. R. R. Tolkien (1892-1973), muitos são os atributos que chamam a atenção de leitores e críticos, e fazem desse universo mitológico um dos mais brilhantes já produzidos até então. A nós, incialmente, sobressaltou a maneira com a qual o autor organizou seu universo ficcional, criando-o a partir da *música*, e ordenando-o de forma tão detalhada e explicada, conforme se lê em **O Silmarillion** (**The Silmarillion**, 1977). Iniciando nossa jornada investigativa pelo elemento musical, refletimos sobre suas manifestações em Arda, o mundo criado, e, mais particularmente, na Terra-média, cativando-nos, de imediato, ainda na Iniciação Científica (IC)[1], a maneira particular com que a personagem Tom Bombadil faz uso de suas canções para realizar seus encantamentos, ao mesmo tempo em que demonstra uma imensa capacidade mágica, resistindo ao poder do Um Anel[2] — fato que contraria os padrões mitológicos do autor, pois nenhuma outra personagem procede do mesmo modo diante desse artefato místico. Tal poder contrasta-se com a alegria constante e despreocupada de Tom, que aparece sempre cantando e saltitando, aparentemente alheio ao ressurgimento de Sauron, vilão da obra. Soma-se a esse paradoxo, a íntima relação de Bombadil com os elementos da Natureza — *ar*, *fogo*, *terra* e *água* —, bem como seu profundo conhecimento das demais personagens e do mundo no qual habita, estando aí presente desde sua origem, e proporcionando visões de seu futuro; o que lhe confere, ainda, um tom onírico. Assim, notamos que Tom Bombadil é constituído de uma multiplicidade de peças que, quando colocadas todas juntas, não formam uma imagem una, realista, ou borrada, impressionista, tampouco puramente surreal, o que nos convida a permanente investigação. Destarte, como apresentado no projeto inicial de pesquisa escrito para o processo seletivo do programa, o que nos motivou a essa investigação foi a permanência do mistério em torno da personagem em todos os momentos em que ele aparece ou é mencionado na mitologia tolkieniana, de modo, a nosso ver, peculiar, pois, segundo o próprio autor: “mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169)[3].

Logo, ao lidar com essa personagem, tem-se em mãos, como ponto de partida, um enigma intencionalmente criado pelo autor e colocado em suas obras com a clara função de

[1] No Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/Reitoria/UNESP, no segundo semestre de 2018.
[2] Objeto mágico feito por Sauron, o vilão da obra, com o intuito de dominar todos os povos livres da Terra-média.
[3] No original: even in a mythical Age there must be some enigmas, as there always are, Tom Bombadil is one (intentionally) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 193).

manter, ou salvaguardar, o mistério. A princípio, Tom Bombadil constitui uma charada, um desafio que, uma vez aceito pelo leitor e/ou pelo crítico, já se coloca como irredutível e, até certo ponto, como se observará na argumentação que segue, intransponível. Muitos críticos especializados e fãs de Tolkien tentaram explicar ou resolver o mistério e a mística que essa personagem constitui, mas, como também se verificará, ninguém obteve sucesso — pelo menos, não plenamente. Nesse contexto, a pesquisa não intenta solucionar o mistério que é a própria personagem, mas contemplá-la e circunscrevê-la enquanto tal, evidenciando que os aspectos envolvidos em sua construção a fazem *ser mistério*. Assim, nós também estamos plenamente conscientes de que, de alguma forma, nossa tentativa já é falha em sua gênese. No entanto, como ensina o próprio Tolkien em sua obra-prima, o importante é o trajeto, a viagem, não o destino final ou a solução última.

Diante disso e com o propósito de atingir os objetivos da presente pesquisa, empreendemos nossa análise sobre os elementos arquetípicos da natureza, bem como suas relações com o narrativo, o poético e o musical a partir das obras **Timeu e Crítias** (2011), de Platão; **O ar e os sonhos** (2001b), **A psicanálise do fogo** (2008), **A água e os sonhos** (1997), **A terra e os devaneios da vontade** (2001a), e **A terra e os devaneios do repouso** (2003), todos de Gaston Bachelard; **Campos do imaginário** (1996) e **As estruturas antropológicas do imaginário** (2012), de Gilbert Durand; **Anatomia da crítica** (2014), de Northrop Frye; e **O arco e a lira** (2012), de Octavio Paz. Ademais, embasamos nosso estudo sobre a questão do mistério irredutível amparados pelo texto **A origem da obra de arte** (1990), de Martin Heidegger, e **A farmácia de Platão** (2005), de Jacques Derrida. Ao longo da pesquisa, recorremos também ao aporte teórico oferecido pela mitologia e pelo pensamento junguiano, em especial nas obras **O sagrado e o profano** (2001) e **Mito e realidade** (2007), de Mircea Eliade, **Linguagem e mito**, de Ernst Cassirer, e **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (2000), de Carl Gustav Jung.

Desse modo, no segundo capítulo, analisamos as aparições e menções da personagem Tom Bombadil no romance **O Senhor dos Anéis** (**The Lord of the Rings**, 1954—1955), bem como as notas e os comentários presentes em quatro dos doze livros que formam o compêndio **The Complete History to Middle-Earth** — **The Return of the Shadow** (1988), **The Treason of Isengard** (1989), **The War of the Ring** (1990), e **Sauron Defeated** (1992) —**,** nos três poemas relacionados à personagem presentes em **As Aventuras de Tom Bombadil** (**The Adventures of Tom Bombadil,** 1962), além das cartas escritas pelo autor reunidas no livro **As Cartas de J. R. R. Tolkien** (**The Letters of J. R. R. Tolkien**, 1981). Já no terceiro capítulo, realizamos o estado da arte sobre a personagem, resgatando as mais diversas leituras existentes

sobre ela, desenvolvidas por críticos especializados e fãs, presentes em diferentes meios — livros, capítulos, dissertações, artigos, *blogs*, e *sites* destinados a obra do autor. O quarto capítulo aborda a íntima relação arquetípica de Bombadil com os elementos da Natureza e seus respectivos desdobramentos — um campo interpretativo ainda inexplorado pela crítica —, assim como sua conexão com Fruta d'Ouro, sua esposa, que se dá não apenas no plano esponsal, mas também elementar. Ademais, o conhecimento e a sabedoria de Tom, revelados em falas, sonhos e visões, juntam-se a sua linguagem, poética e musical, para expressar seu poder mágico através dos diferentes encantamentos por ele realizados, desvelando um aspecto fundamental de sua constituição. Outrossim, o mistério em torno da origem de Tom — tanto ficcional quanto mitológica — soma-se aos seus vários nomes — nenhum deles verdadeiro — e adensam o mistério, na medida em que tornam a essência da personagem inacessível. Outro ponto distintivo de Tom Bombadil é sua reação diante do Um Anel, que também será analisada ao longo do referido capítulo. À guisa de uma conclusão, apresentamos, no quinto e último capítulo, nossa abordagem sobre a personagem e seu papel na narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Por fim, nos anexos, encontram-se quatro poemas no original[4], referentes a Tom e analisados ao longo da tese, ali dispostos para melhor compreensão do contexto geral das cenas citadas.

Ao longo do texto, notar-se-á que as traduções das citações retiradas dos livros **The Return of the Shadow**, **The Treason of Isengard** e **The War of the Ring**. e dos críticos que discorrem sobre Bombadil em língua inglesa foram feitas pelo autor desta tese a partir da consulta a dicionários especializados. Vale ressaltar também que a disposição de termos nos originais bíblicos, tanto em aramaico quanto em grego, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da presente pesquisa, e a literatura usada para esse fim se encontra na secção **Bibliografia Consultada**. Um padrão adotado pelas edições de **O Senhor dos Anéis** — tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa — é o de manter os trechos recitados em forma de poema com destaque em *itálico*; tal uso foi mantido nas citações extraídas dessa obra, todavia, sem utilização do termo "grifo do autor". Destarte, relembrando as palavras do próprio Tolkien sobre a personagem Tom Bombadil, aceitemos seu convite e mergulhemos nesse *mistério*.

[4] **Anexo A** – "The adventures of Tom Bombadil"; **Anexo B** – "Bombadil goes Boating"; **Anexo C** – "The Stone Troll"; e **Anexo D** – "Once upon a Time".

2. O TOM DE TOLKIEN

Tom Bombadil aparece pela primeira vez no legendarium de Tolkien em um poema intitulado "As Aventuras de Tom Bombadil"[5], publicado em 15 de fevereiro de 1934, na *Oxford Magazine* (vol. II, nº 13). A personagem tem "como modelo um boneco holandês que pertencia a Michael [filho de Tolkien]. O boneco tinha um esplêndido aspecto com sua pena no chapéu, mas John [irmão de Michael] não gostava dele e certo dia enfiou-o no vaso sanitário" (CARPENTER, 1992, p. 113). Apesar do incidente, Tom foi resgatado e inserido no universo ficcional tolkieniano de modo particular: "mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169)[6].

Assim como a *origem* ficcional de Tom Bombadil, o primeiro escrito de Tolkien a seu respeito permanece um *mistério*. Em um pequeno pedaço de papel isolado, foram encontrados os seguintes versos sob o título: "'Data desconhecida — germe de Tom Bombadil tão evidente em meados da década de 1930[7]'" (TOLKIEN, 2002i, p. 115, tradução nossa):

> (Disse eu)
> 'Ho! Tom Bombadil
> Para onde você está indo
> Com João Pompador
> Remando rio abaixo?'
>
> (Disse ele)
> 'Através de Long Congleby,
> Stoke Canonicorum,
> Passado o Rei Singleton
> Para Bumby Cocalorum —
>
> Para chamar Bill Willoughby
> O que quer que ele esteja fazendo,
> E perguntar para Harry Larraby
> Que cerveja ele está produzindo.'

[5] No original: "The Adventures of Tom Bombadil".
[6] No original: even in a mythical Age there must be some enigmas, as there always are, Tom Bombadil is one (intentionally) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 193).
[7] No original: 'Date unknown – germ of Tom Bombadil so evidently in mid 1930s'.

> (E ele cantou)
> ‘Vá, barco! Reme! Os salgueiros estão se curvando,
> os juncos estão se inclinando, o vento sopra na grama.
> Flua, correnteza, flua! As ondulações são intermináveis;
> verdes elas cintilam, e reluzem enquanto passa.
>
> Corra, belo Sol, pelo céu toda a manhã,
> rolando dourado! Feliz é o nosso canto!
> Resfrie os lagos, embora o verão seja escaldante;
> em clareiras sombreadas, deixe o riso ressoar!’ (TOLKIEN, 2002i, p. 115-116, tradução nossa)[8].

Os versos apresentados bem como a nota que o intitula foram, no entanto, escritos em tempo bem posterior à década de trinta, não havendo vestígios do texto do qual foram copiados, ou uma datação para esse possível “germe” de Bombadil.

> Para complicar ainda mais a história, Tolkien escreveu trechos de “As Aventuras de Tom Bombadil” pelo menos cinco vezes em uma escrita

[8] No Original: (Said I)
‘Ho! Tom Bombadil
Whither are you going
With John Pompador
Down the River rowing?’

(Said he)
‘Through Long Congleby,
Stoke Canonicorum,
Past King’s Singleton
To Bumby Cocalorum —

To call Bill Willoughby
Whatever he be doing,
And ax Harry Larraby
What beer he is a-brewing.’

(And he sang)
‘Go, boat! Row! The willows are a-bending,
reeds are leaning, wind is in the grasses.
Flow, stream, flow! The ripples are unending;
green they gleam, and shimmer as it passes.

Run, fair Sun, through heaven all the morning,
rolling golden! Merry is our singing!
Cool the pools, though summer be a-burning;
in shady glades let laughter run a-ringing!’

> ‘Élfica’, que foi datada de aproximadamente 1931. O ‘germe’, então, teve que ser escrito antes destes. Mas também, o conteúdo e a forma do ‘germe’ são encontrados em desenvolvimento não em “As Aventuras de Tom Bombadil”, mas em sua ‘sequência’, “Bombadil Passeia de Barco”[9] (SCULL; HAMMOND, 2014b, p. 76, tradução nossa).

Os nomes João Pompador, Bill Willoughby e Harry Larraby, dispostos ao longo do poema, não apresentam significado histórico ou literário e não estão presentes em outras obras do autor, adequando-se apenas ao ritmo dos versos. Os nomes de lugares dispostos na segunda estrofe são colocados de modo semelhante, aparentando serem de lugares reais, não incorporando um significado específico ao poema; porém, assim como Stoke Canonicorum é identificado como “o nome medieval do que agora é Stoke Canon, em Devonshire [condado do sudeste da Inglaterra]” (TOLKIEN, 2002i, p. 116, tradução nossa)[10], podem-se resgatar alguns significados das outros termos dispostos nessa estrofe.

> *Long* vem do inglês antigo *lang*, referindo-se ao comprimento de um pedaço de terra, e *-by* vem do nórdico antigo *býr*, *boer*, dinamarquês ou sueco antigo *by*, denotando uma aldeia ou herdade. Ekwall[11] observa cidades chamadas *Singleton* com várias etimologias possíveis, e *King’s* aparece tanto como um elemento de nome separado ou em combinação (como em *Kingston*). *Bumby* é uma palavra dialetal para ‘terra pantanosa, atoleiro’ e um *cocalorum*, ou *cockalorum*, é um homenzinho presunçoso. (Christopher Tolkien nos disse em particular que seu pai costumava usar a palavra *cockalorum*, possivelmente para significar ‘absurdo, complicado alvoroço’.) *Ax* é aqui uma forma dialetal de ‘*ask*’ (SCULL; HAMMOND, 2014b, p. 78-79, tradução nossa).

Todavia, algumas características que compõem Tom Bombadil e o ambiente a sua volta, presentes nesse poema, permaneceram e se revelarão, no transcorrer de nossa análise, cada vez mais profícuos em significado. O canto alegre, presente na própria indicação “E ele cantou”, e ainda em “Feliz é o nosso canto!” e “deixe o riso ressoar!” enfatizam a musicalidade de Tom Bombadil que se manifesta através de sua comunicação poética e musical. Além disso, destaca-se o ambiente, não apenas natural, mas envolto pelos elementos da Natureza: o *ar*, relacionado

[9] No original: “Bombadil Goes Boating”.
[10] No original: Mediaeval name of what is now Stoke Canon in Devonshire.
[11] Com esse nome, os autores se referem ao **The Concise Oxford Dictionary of English Place-names** (1960), escrito por Eilert Ekwall.

à *música* e manifestado por meio do vento que sopra na grama; o *fogo*, presente no Sol que corre e aquece o verão bem como arquetipicamente relacionado à *poesia*; a *terra*, por meio da grama e do ambiente arbóreo que circunda as personagens; e a *água*, pela presença de um rio, no qual as personagens se encontram remando, e dos lagos. Tais características se mostrarão cada vez mais fundamentais para a construção de Bombadil e, consequentemente, de seu *ser-mistério*.

Neste capítulo, apresentaremos os escritos de J. R. R. Tolkien a respeito de Tom Bombadil: sua inserção em **O Senhor dos Anéis** (**The Lord of the Rings**, 1954—1955), juntamente com as notas e comentários presentes em quatro dos doze livros que formam o compêndio **The Complete History to Middle-Earth** — **The Return of the Shadow** (1988), **The Treason of Isengard** (1989), **The War of the Ring** (1990), e **Sauron Defeated** (1992) — **,** nos diferentes poemas relacionados à personagem presentes em **As Aventuras de Tom Bombadil** (**The Adventures of Tom Bombadil,** 1962), e também nas cartas escritas pelo autor reunidas no livro **As Cartas de J. R. R. Tolkien** (**The Letters of J. R. R. Tolkien**, 1981). Essa apresentação se dá de modo a destacar, em cada aparição ou menção, os elementos envolvidos na composição dessa personagem, explorando seus múltiplos sentidos. Assim, permitindo-os significar, notamos o mistério intrínseco ao seu *ser*, mistério esse contemplado, explorado e desenvolvido ao longo desta tese.

2.1 Tom Bombadil em O Senhor dos Anéis

Tom Bombadil é inserido no universo da Terra-média em **O Senhor dos Anéis**. Entre a imprevisibilidade de seu aparecimento na obra e algumas pequenas distinções em sua atuação, Tom se encontra junto à Fruta d'Ouro[12], ao Velho Salgueiro-homem[13] e às Criaturas Tumulares[14] — outras personagens que já o acompanhavam no poema de 1934 —, desde os primeiros rascunhos do romance. O aparecimento de Tom se dá quando o grupo de hobbits[15] formado por Frodo, Sam, Merry e Pippin se aventura a passar pela Floresta Velha[16] na tentativa de fugir dos Cavaleiros Negros, entidades malignas enviadas pelo vilão da obra para recuperar

[12] Esposa de Tom Bombadil.
[13] Árvore maligna que apresenta consciência e habilidades mágicas.
[14] Criaturas malignas mortas-vivas, possuidoras de habilidades mágicas e grande força física.
[15] Raça de criaturas ficcionais criada por Tolkien em seu universo. Constitui a principal contribuição do autor para a ficção fantástica e de fantasia.
[16] Floresta mágica próxima do local onde moram os hobbits.

o objeto de poder chamado Um Anel[17], então em posse de Frodo. O grupo intenta também manter em segredo sua partida do Condado, o local onde residia até então.

Em um momento de descanso da viagem, os hobbits se encontram à beira da referida floresta quando são atacados por uma árvore mágica conhecida como Velho Salgueiro-homem, um salgueiro muito velho e esbranquiçado plantado à margem de um rio. Fatigados, sonolentos e semiconscientes em razão de algo existente no ar que os rodeia, são forçados a descansar pela situação em que se encontram, apesar do desejo e do conhecimento da necessidade de que deviam deixar o lugar. Nesse momento, eles escutam "um som baixinho, no limite da audição, um farfalhar suave como de uma canção meio sussurrada, [que] parecia agitar os galhos acima" (TOLKIEN, 2001, p. 120)[18].

> [Frodo] levantou os olhos pesados e viu um grande salgueiro, velho e esbranquiçado a se debruçar sobre ele. Parecia enorme, os galhos esticados para cima, erguendo-se como braços com muitas mãos de dedos longos, o tronco nodoso e retorcido se abrindo em largas fendas que estalavam baixinho quando os galhos se moviam. As folhas agitadas contra o céu brilhante lhe ofuscaram a visão, e ele tombou para frente, ficando deitado e imóvel sobre o mato, no mesmo lugar onde tinha caído.
>
> Merry e Pippin se arrastaram um pouco mais para frente, deitando com as costas apoiadas no tronco do salgueiro. Atrás deles as grandes fendas se abriram, como que para recebê-los, enquanto a árvore balançava e estalava. Olharam para cima, para as folhas amarelas e cinzentas, que se moviam suavemente contra a luz e *cantavam*. Fecharam os olhos, e então pareceu-lhes que *quase podiam escutar palavras*, *palavras apaziguadoras*, dizendo algo sobre água e sono. Cederam ao *encanto* e caíram em sono profundo ao pé do grande salgueiro esbranquiçado (TOLKIEN, 2001, p. 120-121, grifo nosso)[19].

---

[17] Objeto mágico feito por Sauron, o vilão da obra, com o intuito de dominar todos os povos livres da Terra-média, local mítico onde transcorre a narrativa de **O Senhor dos Anéis**.

[18] No original: Only a gentle noise on the edge of hearing, a soft fluttering as of a song half whispered, seemed to stir in the boughs above (TOLKIEN, 2004a, p. 116).

[19] No original: He lifted his heavy eyes and saw leaning over him a huge willow-tree, old and hoary. Enormous it looked, its sprawling branches going up like reaching arms with many long-fingered hands, its knotted and twisted trunk gaping in wide fissures that creaked faintly as the boughs moved. The leaves fluttering against the bright sky dazzled him, and he toppled over, lying where he fell upon the grass.

Merry and Pippin dragged themselves forward and lay down with their backs to the willow-trunk. Behind them the great cracks gaped wide to receive them as the tree swayed and creaked. They looked up at the grey and yellow leaves, moving softly against the light, and singing. They shut their eyes, and then it seemed that they could almost hear words, cool words, saying something about water and sleep. They gave themselves up to the spell and fell fast asleep at the foot of the great grey willow (TOLKIEN, 2004a, p. 116).

Com um enorme esforço e lutando contra o próprio sono, Frodo se levanta e avisa Sam que precisa de água fresca. Sentado ao largo do rio que beira a floresta, nele batendo os pés, reclina-se sobre a árvore e também adormece. Sam, tomado pelo algo que permeia o ar, questiona-se sobre a sonolência causada pela floresta, pois, a seu ver, "existe mais por trás disto do que apenas sol e ar quente — murmurou ele para si mesmo. — Não gosto desta árvore grande. Não confio nela. Ainda por cima *cantando coisas sobre sono*! Isso não pode estar certo!" (TOLKIEN, 2001, p. 121, grifo nosso)[20].

Sam indaga-se também sobre o paradeiro dos pôneis do grupo; vê os animais adiante e avança pela trilha para recolhê-los. Quando está voltando, ouve dois ruídos, um alto e outro baixo: "o primeiro foi o som de algo pesado caindo na água; o outro era um barulho parecido com o que um trinco faz quando se tranca uma porta com cuidado" (TOLKIEN, 2001, p. 121)[21]. Ao se aproximar, nota que Frodo estava se afogando, pois fora atirado ao rio pelas raízes do salgueiro, mas não conseguia reagir; Sam puxa o amigo pelo casaco e o salva. No momento em que estão conversando sobre o afogamento, questionando a culpabilidade da árvore, percebem que Pippin havia sido arrastado pelas raízes e Merry estava preso até a cintura, apenas com as pernas para fora. Sobressaltados, Frodo e Sam tentam salvar os outros hobbits batendo no salgueiro para que os liberte, pretendendo retirá-los à força de seu jugo, mas nada funciona. Frodo "chutou a árvore com toda a força, sem se importar com os próprios pés. Um tremor quase imperceptível percorreu toda a árvore, do caule até os galhos; *as folhas farfalharam e sussurraram, mas agora produzindo um som que parecia uma risada distante e fraca*" (TOLKIEN, 2001, p. 122, grifo nosso)[22]. Ainda na tentativa desesperada de salvar os amigos, Frodo e Sam decidem ameaçar a árvore com fogo e acendem uma fogueira, com a declarada intenção de queimar a planta. No entanto, preso dentro do salgueiro, Merry os alerta, em pânico, de que a árvore lhe disse que o quebraria em dois se o fogo não fosse apagado.

> Os galhos do salgueiro começaram a balançar violentamente. Um ruído como o do vento começou a subir e a se espalhar pelos galhos de todas as outras árvores em volta, como se tivessem derrubado uma pedra no sono quieto do

[20] No original: 'There's more behind this than sun and warm air,' he muttered to himself. 'I don't like this great big tree. I don't trust it. Hark at it singing about sleep now! This won't do at all!' (TOLKIEN, 2004a, p. 117).
[21] No original: One was the splash of something heavy falling into the water; the other was a noise like the snick of a lock when a door quietly closes fast (TOLKIEN, 2004a, p. 117).
[22] No original: He kicked the tree with all his strength, heedless of his own feet. A hardly perceptible shiver ran through the stem and up into the branches; the leaves rustled and whispered, but with a sound now of faint and far-off laughter (TOLKIEN, 2004a, p. 118).

> vale, provocando ondas de fúria que se alastravam por toda a Floresta (TOLKIEN, 2001, p. 123)[23].

Sam começou a apagar a fogueira, que já estava plenamente acesa, e Frodo correu pela trilha, sem saber bem o porquê, gritando por socorro, mas sem ouvir o som agudo de sua própria voz, "carregada para longe pelo vento do salgueiro e sufocada pelo clamor das folhas, assim que as palavras saíam de sua boca" (TOLKIEN, 2001, p. 123)[24]. É nesse momento de tensão, perigo e desespero que surge — a narrativa de **O Senhor dos Anéis** não permite distinguir muito bem de onde — Tom Bombadil.

> [Frodo] de repente parou. Ouviu uma resposta, ou pelo menos pensou ter ouvido; parecia que vinha de trás, da parte baixa da trilha, dentro da Floresta. Voltou-se e escutou, e logo não teve mais dúvidas: alguém entoava uma canção; uma voz grave e alegre cantava, despreocupada e alegre, mas as palavras não faziam sentido:
>
> *Ei boneca! feliz neneca! dingue-dongue dilo!*
> *Dingue-dongue! Não delongue! Largue logo aquilo!*
> *Tom Bom, jovial Tom, Tom Bombadillo*.
>
> Meio esperançosos e meio amedrontados por algum possível novo perigo, Frodo e Sam ficaram paralisados. De repente, *saindo de uma longa cadeia de palavras sem sentido (ou pelo menos assim parecia)*, a voz ficou mais alta e clara, explodindo nesta canção:
>
> *Vem, linda boneca! Bela neneca! Querida minha!*
> *Leve é o vento e leve é a pluma da andorinha.*
> *Lá embaixo sob a Montanha, ao sol brilhando,*
> *À luz da lua, na soleira já esperando,*
> *Minha linda senhora está, filha da mulher do Rio,*
> *Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio.*

[23] No original: The branches of the willow began to sway violently. There was a sound as of a wind rising and spreading outwards to the branches of all the other trees round about, as though they had dropped a stone into the quiet slumber of the river-valley and set up ripples of anger that ran out over the whole Forest (TOLKIEN, 2004a, p. 118).

[24] No original: it was blown away from him by the willow-wind and drowned in a clamour of leaves, as soon as the words left his mouth (TOLKIEN, 2004a, p. 118).

O velho Tom Bombadil, nenúfares carregando,
Salta de volta pra casa. Podes ouvi-lo cantando?
Vem, linda boneca, bela neneca! feliz e bela,
Fruta d'Ouro, Fruta d'Ouro, linda amora amarela!
Pobre e velho salgueiro, esconde tuas raízes!
Tom tem pressa agora. Há noites e dias felizes.
Tom de volta de novo, nenúfares carregando.
Vem, linda boneca, bela neneca! Podes ouvir-me cantando?

Frodo e Sam *pareciam enfeitiçados*. O vento foi abrandando. As folhas não se agitavam mais nos galhos paralisados. *Houve nova explosão de música*, e então, de repente, saltando e dançando pela trilha, apareceu por cima dos juncos um velho chapéu gasto, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita. Com mais um salto e um pulo, apareceu um homem, ou pelo menos assim parecia. De qualquer modo, era grande e pesado demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande; mas o barulho que fazia era digno de uma delas, pisando forte com grandes botas amarelas que lhe cobriam as pernas grossas, e avançando pelo capinzal e por entre os juncos como uma vaca que desce para beber água. Vestia um casaco azul e tinha uma longa barba castanha; os olhos eram claros e azuis, o rosto vermelho como uma maçã madura, mas que se franzia em inúmeras rugas provocadas pela sua risada (TOLKIEN, 2001, p. 123-124, grifo nosso)[25].

[25] No original: Suddenly he stopped. There was an answer, or so he thought; but it seemed to come from behind him, away down the path further back in the Forest. He turned round and listened, and soon there could be no doubt: someone was singing a song; a deep glad voice was singing carelessly and happily, but it was singing nonsense:

Hey dol! merry dol! ring a dong dillo!
Ring a dong! hop along! fal lal the willow!
Tom Bom, jolly Tom, Tom Bombadillo!

Half hopeful and half afraid of some new danger, Frodo and Sam now both stood still. Suddenly out of a long string of nonsense-words (or so they seemed) the voice rose up loud and clear and burst into this song:

Hey! Come merry dol! derry dol! My darling!
Light goes the weather-wind and the feathered starling.
Down along under Hill, shining in the sunlight,
Waiting on the doorstep for the cold starlight,
There my pretty lady is, River-woman's daughter,
Slender as the willow-wand, clearer than the water.
Old Tom Bombadil water-lilies bringing
Comes hopping home again. Can you hear him singing?
Hey! Come merry dol! derry dol! and merry-o,
Goldberry, Goldberry, merry yellow berry-o!
Poor old Willow-man, you tuck your roots away!

A entrada de Tom no romance se dá de modo completamente abrupto e inesperado — misterioso, portanto —, sem prévio anúncio ou indício, seja do narrador, seja das demais personagens, no momento exato da narrativa em que sua presença se faz necessária. Em nenhum trecho anterior a esse, são nos dadas informações sobre essa personagem ou ainda relatos de sua existência. Ele simplesmente aparece na hora e no local exatos onde sua presença se faz precisa e fundamental, o que o instaura como *mistério* da narrativa, e, conforme se mostrará em nossa tese, como *mistério* do universo ficcional de Tolkien. Nessa perspectiva, é possível pensá-lo de duas maneiras distintas: como um deus *ex-machina*, que, sendo criado a partir de um boneco, adentra a narrativa apenas para salvar a vida dos hobbits em um momento específico do enredo; ou como um fenômeno, um acontecimento que não se limita à narrativa, mas envolve toda a mitologia do autor.

Assim, diante da cena na qual Tom Bombadil aparece pela primeira vez no universo ficcional de Tolkien, uma leitura mais atenta chama a atenção para um certo conjunto de elementos. Sua aparição se dá em meio a um momento crítico do enredo, no qual os hobbits, pela primeira vez, têm consciência de que correm real perigo de vida. O contexto no qual ele surge é musical — a conversa entre as árvores e a canção produzida pelo salgueiro —, algo evidenciado pela "explosão de música" que marca sua entrada no romance, ao mesmo tempo que se revela um cantor, um compositor e poeta na medida em que, na continuação da cena citada, percebe-se que Bombadil se expressa o tempo todo pela música, pela rima e pela poesia, tendo em vista que "a relação entre elas, música e literatura, no entanto, é mais profunda, pois, sendo a voz humana o mais primitivo instrumento musical, a música surgiu do canto e, no canto, o conteúdo é a poesia declamada melodiosamente" (RÜCKERT, 1997, p. 125). Sua aparição é envolta pelos elementos da Natureza, expressos e propositalmente correlacionados na composição da ambientação narrativa: o *ar*, não só através da música, da poesia e do contexto da conversa das árvores — sonora e aérea, como vale lembrar —, mas também simbolicamente, pois ele usa uma pena no chapéu que remete aos pássaros, seres do ar, carregando consigo um

---

Tom's in a hurry now. Evening will follow day.
Tom's going home again water-lilies bringing.
Hey! Come derry dol! Can you hear me singing?

Frodo and Sam stood as if enchanted. The wind puffed out. The leaves hung silently again on stiff branches. There was another burst of song, and then suddenly, hopping and dancing along the path, there appeared above the reeds an old battered hat with a tall crown and a long blue feather stuck in the band. With another hop and a bound there came into view a man, or so it seemed. At any rate he was too large and heavy for a hobbit, if not quite tall enough for one of the Big People, though he made noise enough for one, stumping along with great yellow boots on his thick legs, and charging through grass and rushes like a cow going down to drink. He had a blue coat and a long brown beard; his eyes were blue and bright, and his face was red as a ripe apple, but creased into a hundred wrinkles of laughter (TOLKIEN, 2004a, p. 118-119).

aspecto ascensional, e ao próprio fazer poético e literário (a pena do poeta, do escritor, do compositor); o *fogo*, materializado na fogueira que tanto furor causou no Salgueiro e nas demais árvores, e também nas cores das roupas e acessórios utilizados por Bombadil — amarelo, vermelho e azul, tonalidades da chama (azul da base, vermelho do entorno e amarelo da irradiação do fogo); a *terra*, através do controle que ele exerce sobre o Salgueiro enraizado no solo, como toda árvore, e também pela cor castanha de sua barba, cor essa tradicionalmente relacionada ao elemento terra; e a *água*, presente no rio no qual Frodo quase foi afogado. Nesse sentido, as cores destacadas no surgimento da imagem de Tom — amarelo, azul, castanho e vermelho —, bem como a pena por ele utilizada, materializam sua conexão com os elementos da natureza, visto que "a matéria é um *espelho* energético" (BACHELARD, 2001a, p. 20). Outrossim, há a magia, algo que se coaduna não apenas ao universo ficcional de Tolkien, no qual o maravilhoso é parte constitutiva e estrutural da narrativa, mas também à cena da criação do cosmos, mítica por definição, presente em **O Silmarillion**[26] (**The Silmarillion**, 1977), pois Tom Bombadil tem o poder de enfeitiçar — "Frodo e Sam pareciam enfeitiçados" — e, com isso, mudar a atmosfera à sua volta, o que implica no poder de mudar a tessitura da própria realidade física, um aspecto que é inerente à própria ideia de magia.

Essa presença composicional dos quatro elementos arquetípicos da Natureza claramente relacionados a Tom nos indica sua associação com eles e nos instiga, portanto, a buscar compreender quais os possíveis significados que dela decorrem tanto na construção da personagem no universo de Tolkien quanto na articulação de seu mistério. Destacam-se, entre os quatro elementos, o fogo e o ar por estarem estruturalmente relacionados a Bombadil em dois eixos: entre si, ar e fogo atuando em conjunto na construção da personagem, e com dois de seus desdobramentos simbólicos, quais sejam as relações clássicas, socioculturais e filosóficas do ar com a música e do fogo com a poesia (cf. BACHELARD, 2001b e 2008; DURAND, 1996 e 2012; FRYE, 2014). Todos esses aspectos criam uma aura mística e misteriosa em torno da personagem que se adensará ao longo da obra.

Frodo e Sam correram em direção a Bombadil, que gritou

> Ooh! Ooh! quietos aí! — gritou o velho, levantando uma mão, *ao que eles pararam imediatamente, como se tivessem sido paralisados* — Agora meus pequenos camaradas, aonde vão assim, bufando como foles? Qual é o

[26] Obra de Tolkien que faz referências a momentos bem anteriores a guerra do Anel relatada em **O Senhor dos Anéis**.

> problema aqui? *Sabem quem eu sou? Meu nome é Tom Bombadil* (TOLKIEN, 2001, p. 124, grifo nosso)[27].

Além de mostrar aparente poder sobre os hobbits — na medida em que eles se sentem paralisados por seu comando —, Tom Bombadil se apresenta por meio de uma indagação "*Sabem quem eu sou?*", colocando-se desde o início como *enigma*, conduzindo-nos também à mesma indagação, lançando-nos, portanto e de pronto, no *mistério*. Esse questionamento autorreferenciado aparece aqui pela primeira vez na narrativa na primeira pessoa do discurso, sendo repetido em mais dois momentos distintos na terceira e na segunda pessoa, respectivamente. Desse modo, a mesma pergunta é reiterada e ecoada em todas as suas possíveis formas: "*quem sou eu*?", "*quem ele é*?" e "*quem é você*?"; tal repetição evidencia não apenas o *enigma* em torno do *ser* Tom Bombadil, tendo em vista que apenas a essa personagem em toda a obra essa indagação se repete tantas vezes, mas também a permanência desse *enigma* em todas as respostas recebidas, conforme se observará no decorrer do texto. Em sua fala, a personagem diz seu nome, "Tom Bombadil", uma resposta aparentemente simples, mas que se revelará deveras misteriosa. É esse padrão que Tolkien adotará no tratamento de Tom Bombadil em relação às demais passagens que questionam *quem* ele *é*: a cada resposta um novo enigma, um procedimento ao qual o autor já recorrera também no capítulo mais importante de sua primeira obra — "Adivinhas no escuro[28]", quinto capítulo de **O hobbit** (TOLKIEN, 2012b, p. 69-90).

Após ser noticiado do que ocorrera, Tom Bombadil demonstra sua íntima relação e controle das forças da Natureza através da música, entoando uma canção para libertar os hobbits do Velho Salgueiro-homem: "Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem!" (TOLKIEN, 2001, p. 124)[29]. Inicialmente, Tom coloca a sua boca perto da fenda da árvore, cantando dentro dela em voz baixa, acordando Merry. Diante da reação do hobbit, Bombadil dá um pulo para trás e se faz possível ouvir um trecho de seu encantamento: "Deixe-os sair, Velho Salgueiro-homem! — disse ele. — O que está pensando? Não deveria estar acordado. Coma terra! Cave fundo! Beba água! Vá dormir! Bombadil está

[27] No original: 'Whoa! Whoa! steady there!' cried the old man, holding up one hand, and they stopped short, as if they had been struck stiff. 'Now, my little fellows, where be you a-going to, puffing like a bellows? What's the matter here then? Do you know who I am? I'm Tom Bombadil' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).
[28] No original: "Riddles in the Dark".
[29] No original: 'That can soon be mended. I know the tune for him. Old grey Willow-man! I'll freeze his marrow cold, if he don't behave himself. I'll sing his roots off. I'll sing a Wind up and blow leaf and branch away. Old Man Willow!' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).

falando!" (TOLKIEN, 2001, p. 124)[30]. As palavras proferidas por Tom relacionam a personagem à cena da criação do universo ficcional tolkieniano, que se dá, conforme se mostrará a seguir, por meio da música:

> Tom não se limita a comandar o salgueiro para soltar Merry e Pippin. De fato, a maior parte de seu encantamento não diz respeito a Merry e Pippin, mas sim à própria árvore e ao comportamento adequado à árvore. Nesse encantamento, Tom descreve o que é ser uma árvore: ser enraizada, tomar água, ser inerte. Em outras palavras, Tom cria, em linguagem, um modelo do ser da árvore, um modelo que deve servir como uma causa exemplar do ser material do Velho Salgueiro-homem. A relação entre o salgueiro e a sua "melodia" implica a visão da criação apresentada pelo neoplatonismo cristão e adotada em **O Silmarillion** como a cosmogonia da Terra-média. A melodia, a Palavra cristã-neoplatónica, e a canção dos Ainur[31] em **O Silmarillion** são os modelos linguísticos do Velho Salgueiro-homem, da Terra, e da Terra-média respectivamente; os três primeiros são todos modelos linguísticos que servem como ideias — as causas exemplares — das três últimas, criações materiais (ZIMMER, 1995, p. 68, tradução nossa).

Dessa forma, após executar o seu canto, Tom Bombadil puxa Merry pelos pés da fenda que se abriu de repente, enquanto Pippin parece ser "chutado para fora" da árvore. Nessa cena, Tom se revela não apenas um poeta e músico, mas um feiticeiro que faz uso da canção para exercer sua magia. Seu ser poético, musical e mágico o associa a outras figuras folclóricas, tradicionais e literárias, como o bardo da cultura britânica; o druida da cultura celta; e o ferreiro, seja da cultura nórdica, ou ainda com Väinämöinen, um dos heróis do épico finlandês **Kalevala**, que Tolkien conhecia e apreciava. De modo especial, o ferreiro é aquele que cria o novo por meio de um trabalho essencialmente musical, devido à sonoridade de seu martelo, e, "do ponto de vista da imaginação dos elementos, o ofício de ferreiro se mostra como um *ofício completo*. Implica devaneios relacionados ao metal [(terra)], ao fogo, à água e ao ar" (BACHELARD, 2001a, p. 136, grifo do autor) — ressaltando o vínculo entre a personagem e os elementos da natureza.

---

[30] No original: 'You let them out again, Old Man Willow!' he said. 'What be you a-thinking of? You should not be waking. Eat earth! Dig deep! Drink water! Go to sleep! Bombadil is talking!' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).

[31] Seres coparticipantes da criação na cosmogonia e mitologia de Tolkien. Em termos de função e atuação, seriam equivalentes aos deuses em outras mitologias.

Após salvar-lhes a vida, Tom os convida para irem à sua casa, onde a mesa já está posta com "creme amarelo, favos de mel e pão branco com manteiga" (TOLKIEN, 2001, p. 125)[32]. Os alimentos oferecidos por ele são naturais, provenientes da terra, bem como o vinho, considerado o sangue do mundo vegetal (cf. BACHELARD, 2003), e apresentam cores amareladas, sendo está cor arquetipicamente relacionada ao elemento fogo devido à semelhança tonal com a irradiação da chama. No caminho, destaca-se o surgimento de névoas que sobem dos rios e de vapores no solo, e os hobbits "começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam" (TOLKIEN, 2001, p. 126)[33]. O caminhar até a casa de Tom Bombadil se revela, assim, um caminhar aéreo e onírico, ressaltando a presença do elemento ar em comunhão com o elemento água, sendo este "o símbolo mais comum do inconsciente" (JUNG, 2000, p. 29) — névoa e sonho — para criar uma atmosfera de brumas que remete ao folclore e à literatura celtas relacionados à Avalon e à Hy-Brasil, como se os hobbits estivessem atravessando um portal místico entre o mundo que conhecem e um outro mundo, estranho e incomum, mas não exatamente ou inteiramente desconhecido. A mesma combinação de elementos se repete no momento em que os hobbits deixam a casa de Tom e são capturados pelas Criaturas Tumulares, conforme se observará no decorrer do texto. Ao saírem da Floresta Velha, e depois de prosseguirem por uma breve trilha, eles avistam "ali, à sua frente, a casa de Tom Bombadil, acima, abaixo, sob a colina" (TOLKIEN, 2001, p. 126)[34]. A localização da casa de Tom já se mostra, desde seu surgimento na narrativa, paradoxal e misteriosa, referida por três palavras que indicam posicionamento — acima, abaixo, sob —, sendo duas delas diametralmente opostas em sua disposição espacial. A *misteriosidade* e a *oniricidade* de Tom se manifestam aqui no local onde ele habita, sublinhando esses aspectos em sua constituição enquanto *ser* e também em seu entorno. Bombadil se mostra, portanto, um epicentro de *mistério* a partir do qual tudo que está ao seu redor é afetado e contagiado por ele. Quando chegam à entrada da casa, ouvem outra voz, a de Fruta d'Ouro, esposa de Tom Bombadil:

> Então uma outra voz limpa, jovem e velha como a Primavera, como a canção da água que flui alegre noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata.

[32] No original: yellow cream, honeycomb, and white bread and butter (TOLKIEN, 2004a, p. 120).
[33] No original: They began to feel that all this country was unreal, and that they were stumbling through an ominous dream that led to no awakening (TOLKIEN, 2004a, p. 121).
[34] No original: There was Tom Bombadil's house before them, up, down, under hill (TOLKIEN, 2004a, p. 121-122).

> [...].
> Com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta e foram então cobertos por uma luz dourada (TOLKIEN, 2001, p. 126)[35].

Fruta d'Ouro também carrega consigo mistérios que ainda precisam ser mais bem estudados e clarificados; entretanto, por hora, deixaremos essa personagem para nos atermos apenas a Tom Bombadil, e retornaremos a ela em momento oportuno. Sem perder isso de vista, na aparição de Fruta d'Ouro, destaca-se também sua relação com a música, a personagem possui um belo canto, entoado por sua voz "jovem e velha", adjetivos paradoxais, já se mostrando também ela misteriosa, adensando conjuntamente o mistério de Tom Bombadil. Ademais, ressalta-se sua conexão com a água, sendo apresentada como a Filha do Rio, e assemelhando-se, para os hobbits, a uma rainha élfica. Em outro momento, Fruta d'Ouro se revela responsável, através da fala de Tom, pela chuva e por lavar a terra, outro indício da sua profunda conexão com o elemento água e a afirmação de sua relação também com a terra: "Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo — disse ele. — O dia de limpeza do outono" (TOLKIEN, 2001, p. 134)[36].

Ao entrarem na casa, os hobbits observam muitas velas, altas e amarelas, emitindo uma luz forte e começam a, desajeitadamente, fazer reverências à Fruta d'Ouro que, ao passar por eles e fechar a porta, lhes diz: "Vamos trancar a noite lá fora, pois talvez ainda estejam com medo, da neblina, das sombras das árvores, das águas profundas e das coisas hostis. Nada temam! Pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil" (TOLKIEN, 2001, p. 127)[37]. Com essa fala anuncia-se, na narrativa, a segurança existente no interior da casa de Tom, onde nenhum mal consegue incomodar, segurança essa que, metafórica e simbolicamente, articula-se à composição da personagem: estar na presença de Tom Bombadil, ou tê-lo como amigo, implica em estar seguro, algo que se revela bastante significativo ao longo do texto na medida em que essa segurança não é apenas física e psíquica, mas principalmente de ordem mística, mágica e mítica. Nesse contexto, há a aproximação de conceitos tradicionalmente distintos: o desconhecido é fonte de desconfiança e medo, mas diante de Tom, o absolutamente desconhecido, sentimo-nos seguros. Mesmo tendo salvado a vida dos hobbits, Bombadil

---

[35] No original: Then another clear voice, as young and as ancient as Spring, like the song of a glad water flowing down into the night from a bright morning in the hills, came falling like silver to meet them.
[...].
And with that song the hobbits stood upon the threshold, and a golden light was all about them (TOLKIEN, 2004a, p. 122).

[36] No original: 'This is Goldberry's washing day,' he said, 'and her autumn-cleaning (TOLKIEN, 2004a, p. 129).

[37] No original: 'Let us shut out the night!' she said. 'For you are still afraid, perhaps, of mist and tree-shadows and deep water, and untame things. Fear nothing! For tonight you are under the roof of Tom Bombadil' (TOLKIEN, 2004a, p. 123).

permanece *mistério*, o que implicaria em um receio inerente a ele. Essa aproximação de conceitos aparentemente paradoxais reforça, em torno da personagem, o aporia, o *indecidível* que é o seu *ser*, e desperta nos hobbits a *fé* — entendida enquanto movimento de ação a partir da crença e da confiança —, fundamental para que eles, no decorrer da obra, em meio às trevas, possam realizar tão grandes feitos. Destaca-se ainda a possibilidade de trancar a noite para fora da casa, o que evidencia a luz presente dentro dela, tão forte e poderosa quanto a treva exterior, luz essa que nada mais é do que uma manifestação purificada do fogo: "Mas a verdadeira idealização do fogo se forma seguindo a dialética fenomenológica do fogo e da luz". (BACHELARD, 2008, p. 156). Ser noite fora da casa e essa noite não "entrar" ou "invadir" o recinto reforça também as afirmações feitas alhures sobre a ambiência sobrenatural, brumosa e onírica, deslocada da realidade conhecida pelos hobbits, na qual se encontra a residência de Bombadil e Fruta d'Ouro.

Frodo se enche de grande alegria e, surpreso consigo mesmo, entoa uma canção à Fruta d'Ouro, o que faz com que ela se surpreenda e afirme: "Este é um feliz encontro! Sentem-se agora, e esperem pelo *Senhor*[38] da casa" (TOLKIEN, 2001, p. 128, grifo nosso). É nesse momento que Frodo — junto de nós, leitores, e talvez por nós — indaga, pela primeira vez e para Fruta d'Ouro, sobre *quem é* Tom Bombadil. O hobbit pergunta sobre o mistério Tom Bombadil, a Fruta d'Ouro, também mistério na obra de Tolkien, evidenciando textualmente o vórtice enigmático que envolve todas as características atribuídas a Tom, notando que, de certo modo, sua pergunta pode parecer "tola". A resposta que recebe — e que recebemos, portanto —, ainda que reveladora, alimenta o enigma que envolve a personagem ao invés de simplesmente resolvê-lo, pois no momento em que o hobbit — e nós — obtém a resposta, outro enigma se impõe.

> — Linda senhora! — disse Frodo novamente, depois de um tempo. Diga-me, se minha pergunta não parece tola, *quem é Tom Bombadil*?
> — *Ele é* — disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. — *Ele é*, como já viram — disse ela em resposta ao olhar de Frodo. — *Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas*.
> — Então toda esta *região estranha* lhe pertence?
> — Na verdade não! — respondeu ela, e o sorriso que tinha no rosto desapareceu. — Isso seria um fardo pesado demais — acrescentou ela em voz

[38] A palavra "Senhor", com a letra "s" maiúscula, ocorre no texto original de Tolkien e é mantida dessa forma na tradução em português: 'This is a merry meeting! Sit now, and wait for the *Master* of the house.' (TOLKIEN, 2004a, p. 124, grifo nosso)

> baixa, como se falasse consigo mesma. — As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. *Tom Bombadil é o Senhor*. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. *Tom Bombadil é o Senhor* (TOLKIEN, 2001, p. 128, grifo nosso)[39].

A reposta de Fruta d'Ouro, "Ele é", remete de imediato à famosa passagem bíblica em que Moisés se encontrava apascentando as ovelhas de seu sogro no monte Horeb, o monte de Deus, quando avistou o Anjo do Senhor, que lhe apareceu numa *chama de fogo*, em meio a uma sarça que queimava e não se consumia. Intrigado ante tal mistério, Moisés se aproximou da sarça e Deus se revelou e lhe incumbiu de uma missão. Depois desse momento, Moisés interpelou Deus sobre como responderia à pergunta dos israelitas e dos egípcios sobre qual o nome d'Ele, e Deus assim lhe respondeu: "*Eu sou aquele que é*" (BÍBLIA, 1998, p. 106, grifo nosso). Cristo, fazendo alusão a essa passagem, também utiliza a expressão "Eu Sou" por cinco vezes no evangelho segundo João (Jo 8,24[40]. 28[41]. 58[42]; 13,19[43]; 18,6[44]). Em termos sintáticos-semânticos, a resposta dada por Fruta d'Ouro é a mesma dada por Deus a Moisés no monte sagrado, com a diferença de que a dela está na terceira pessoa, remetendo não a si mesma, mas a Tom Bombadil: "Só por meio desta transformação da existência objetiva no ser pessoal, eleva-se verdadeiramente o divino à esfera do 'incondicionado', a um domínio que não pode ser designado por nenhuma analogia com uma coisa ou nome de coisa" (CASSIRER, 1972, p. 94). Além disso, a ocorrência da chama na sarça ardente, no trecho do texto bíblico ao qual se assemelha a fala de Fruta d'Ouro em **O Senhor dos Anéis**, destaca a presença do fogo nas duas cenas, não um fogo comum, mas uma chama divina que, no contexto bíblico, evidencia a

---

[39] No original: 'Fair lady!' said Frodo again after a while. 'Tell me, if my asking does not seem foolish, who is Tom Bombadil?'
'He is,' said Goldberry, staying her swift movements and smiling. Frodo looked at her questioningly. 'He is, as you have seen him,' she said in answer to his look. 'He is the Master of wood, water, and hill.'
'Then all this strange land belongs to him?'
'No indeed!' she answered, and her smile faded. 'That would indeed be a burden,' she added in a low voice, as if to herself. 'The trees and the grasses and all things growing or living in the land belong each to themselves. Tom Bombadil is the Master. No one has ever caught old Tom walking in the forest, wading in the water, leaping on the hill-tops under light and shadow. He has no fear. Tom Bombadil is master' (TOLKIEN, 2004a, p. 124).

[40] "Disse-vos que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que *Eu Sou*, morrereis em vossos pecados" (BÍBLIA, 1998, p. 1864, grifo nosso).

[41] "Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que *Eu Sou* e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai" (BÍBLIA, 1998, p. 1864, grifo nosso).

[42] "Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, *Eu Sou*" (BÍBLIA, 1998, p. 1867, grifo nosso).

[43] "Digo-vos isso agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que *Eu Sou*" (BÍBLIA, 1998, p. 1878, grifo nosso).

[44] "Quando Jesus lhes disse '*Sou eu*', recuaram e caíram por terra" (BÍBLIA, 1998, p. 1888, grifo nosso).

presença do próprio Deus — Moisés está, portanto, *na presença de Deus*; Deus está *in præsentia*; dentro dessa linha interpretativa, também na cena em questão de **O Senhor dos Anéis,** tem-se o estabelecimento de uma relação narrativo-simbólica entre Tom Bombadil e o fogo, mas não um fogo comum, e sim *a presença de uma chama divina*, uma manifestação da assim denominada Chama Imperecível[45] que, no universo de Tolkien, foi enviada ao mundo existente pelo ser criador no enredo de **O Silmarillion**: "*Eä!* Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá" (TOLKIEN, 2011b, p. 9)[46]. Estar na presença de Tom Bombadil equivale a estar, também, na presença da Chama Imperecível, o fogo secreto dado como coração da existência pelo ser criador do universo mitológico de Tolkien. Revela-se, assim, a relação de Tom com o divino: estar na presença de Tom Bombadil é estar, dessa forma, *na presença do deus*, ou, mais propriamente, ter a divindade *in præsentia* — o que se confirma também pelo fato do próprio Cristo, encarnação de Deus segundo a religião cristã, ter feito uso da mesma expressão usada na sarça ardente. Ainda no momento da criação de Arda[47], Eru Ilúvatar, deus criador desse universo, inspira suas primeiras criaturas, os Ainur, por meio da Chama Imperecível, a entoarem, todos juntos, uma música:

> Disse-lhes então Ilúvatar: — A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia (TOLKIEN, 2011b, p. 3-4)[48].

É a partir dessa música que Arda se materializa. Na cena em questão, é claramente observada a relação entre três aspectos fundamentais que, ao se unirem, compõem esse universo

[45] Fogo misterioso que estava em posse de Eru Ilúvatar, deus criador de todas as coisas na cosmogonia e mitologia criadas por Tolkien. Esse fogo foi encontrado — por essa divindade, ao que tudo indica — nas trevas exteriores antes de ser enviado ao mundo criado. Também conhecido como Fogo Secreto.
[46] No original: 'Eä! Let these things Be! And I will send forth into the Void the Flame Imperishable, and it shall be at the heart of the World, and the World shall Be' (TOLKIEN, 2004b, p. 30-31).
[47] O mundo criado, a materialidade do mundo ou o planeta no universo mítico de Tolkien. A Terra-média nele se localiza, e as ações presentes em **O Senhor dos Anéis** aí transcorrem.
[48] No original: Then Ilúvatar said to them: 'Of the theme that I have declared to you, I will now that ye make in harmony together a Great Music. And since I have kindled you with the Flame Imperishable, ye shall show forth your powers in adorning this theme, each with his own thoughts and devices, if he will. But I will sit and hearken, and be glad that through you great beauty has been wakened into song' (TOLKIEN, 2004b, p. 26).

ficcional: o *ar*, manifestado por meio da música dos Ainur; o *fogo*, pela presença da Chama Imperecível; e o *divino*, por meio do deus criador e da própria Chama. Esses mesmos três aspectos se relacionam diretamente na composição de Tom Bombadil; percebendo-se, por meio de seu canto, que essa personagem está relacionada também à cena da criação do cosmos presente em **O Silmarillion**: "O canto é parte integrante e essencial da experiência do numinoso[49], porque evoca o tempo primordial, manifestando assim o canto como vivência da própria criação, mediada pela forma cantada" (KLAUTAU, 2015, p. 49). Ademais, a relação a*r, fogo* e *divino* está exposta na narrativa bíblica da criação: "Deus disse: 'Haja luz', e houve luz" (BÍBLIA, 1998, p. 33). A fala de Deus e a criação primeira da luz evidenciam a presença e a importância de tais elementos no ordenamento do universo. Além disso, segundo a tradição rabínica judaica e a entoação própria para a leitura do Texto Sagrado, o "dizer" de Deus pode ser aqui entendido como "cantar", inserindo na cena a dimensão musical. Em complementariedade com a argumentação desenvolvida, ao iniciar seu evangelho, São João afirma: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (BÍBLIA, 1998, p. 1843). O Verbo a qual o evangelista se refere é o próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, não só presente, mas também fundamental para a criação do mundo: "Aqui, como já houve quem acentuasse, concebe-se, milhares de anos antes da era cristã, Deus como um Ser espiritual, que pensou o mundo antes de criá-lo, e usou a Palavra como meio de expressão e como instrumento de criação" (CASSIRER, 1972, p. 65). De modo semelhante, a divindade de Tom Bombadil se relaciona diretamente à criação do universo ficcional tolkieniano, estando lá presente e participando ativamente dessa mesma ação criadora. Tal associação simbólica encontra reverberação nas palavras do próprio autor: "*O Senhor dos Anéis* obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica [...]. O elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006d, p. 167, grifo do autor)[50]. Além disso, o termo "λόγος" — utilizado na escrita original do evangelho em grego e aqui traduzido como "Verbo" — compreende-se também como "linguagem", "palavra", "revelação". Assim, a linguagem musical característica de Tom Bombadil mostra-se como palavra divina, o que se revela pelo poder mágico demonstrado pela personagem através de seu canto.

[49] Estado de vivência que o ser possui acerca de questões sobrenaturais, geralmente sagradas, transcendentais ou de divindade, comportando-se e sendo influenciado por tais questões.

[50] No original: *The Lord of the Rings* is of course a fundamentally religious and Catholic work […]. the religious element is absorbed into the story and the symbolism (CARPENTER; TOLKIEN, 2000d, p. 191).

Ainda se tratando do "Ele é", nota-se que a tradução da frase "He is", no original de **O Senhor dos Anéis**, para "Ele é" é apenas uma opção, tendo em vista que "is", declinação de terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo de ligação *to be* em inglês, corresponde a "é" e "está" em português. Enquanto mistério, podemos também entender que Tom Bombadil não apenas *é*, mas *está* na obra, o que gera múltiplos sentidos, pois uma coisa é *ser*, outra é *estar*, e outra ainda é *ser-estar* ao mesmo tempo, o que implica em uma imanência que se faz *præsentia* na narrativa. É interessante destacar que o mesmo ocorre com as passagens bíblicas já mencionadas, em que temos no original hebraico da cena da sarça ardente "אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה"[51], e na cena em que Jesus se referencia pela expressão "Eu sou", no original grego "ἐγώ εἰμι"[52], sendo a tradução de "אֶהְיֶה" e de "εἰμι" pelas declinações do verbo "ser" apenas uma possibilidade diante das múltiplas existentes[53]. Desse modo, a pergunta "*quem* ou *o que* é Tom Bombadil?" pode se mostrar equivocada na medida em que, ao se fazê-la, busca-se uma resposta, uma *decisão*. Uma vez que essa personagem é mistério, em seu caso, não se encontrará uma única resposta, fechada e exclusiva, uma solução pronta, mas o suspense, o *indecidível* que, por isso mesmo, é prenhe de sentidos. Nessa perspectiva, se traduzirmos "He is" do texto original de Tolkien por "Ele está", outras possibilidades de perguntas se configuram: ao invés de "*quem* ou *o que* é Tom Bombadil?" poderíamos ter "*por que* está Tom Bombadil?" (no sentido de qual é a razão de sua existência no universo ficcional de Tolkien), ou "*onde* está Tom Bombadil?" (no sentido de qual é o seu lugar no universo ficcional do autor). Por certo que *por que, onde* e *estar* fazem parte, de modo inerente, das nossas investigações e análises sobre o *quem* e *o que*, que movem a presente tese.

Fruta d'Ouro nos revela ainda que Tom Bombadil é o Senhor "da floresta, das águas e das colinas". Mais uma vez é interessante nos voltarmos para o termo original em inglês: *Master*, no caso. Pelo uso desse termo, notamos que Bombadil não é o *senhor*, o *dono* ou o *proprietário* de toda a Natureza que circunda sua casa, mas sim parte do mundo natural que ele conhece, cuida e vigia; ou seja, ela é uma espécie de *administrador* ou *controlador* por ter uma sabedoria muito profunda daquilo que está sob seu conhecimento, cuidado e guarda — o *Mestre*, na tradução literal de "*Master*" para o português. Tal conhecimento se confirma nas falas e nos encantamentos da personagem, nos quais ela revelará uma sabedoria profunda do

[51] Pronunciado: "Ehie Asher Ehie"
[52] Pronunciado: "Ego Eimi".
[53] Outras traduções do termo original em hebraico: chegar a ser; fazer-se; servir de; converter-se em; existir; estar; haver.
Outras traduções do termo original em grego: ser, existir, subsistir, ter lugar, acontecer, deter-se, habitar, estar, haver.

universo na qual habita, e em sua manifestação sempre poética, uma vez que "todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema" (BACHELARD, 2003, p. 10).

Assim, constrói-se aqui a oposição entre palavras centrais em **O Senhor dos Anéis** e fundamentais para a compreensão das personagens: *Master*, referindo-se a Tom Bombadil, e *Lord*, referindo-se a Sauron, vilão da obra e forjador do Um Anel. Quando traduzidos para a língua portuguesa, ambos se encontram no termo "Senhor"; todavia, pertencem a campos semânticos distintos, que revelam o modo como lidam com o universo ficcional. Em dissemelhança a Tom, *mestre* da natureza que o circunda, Sauron busca a dominação de todos os povos livres da Terra-média, forjando os anéis de poder, controlados pelo Um Anel, com esse intuito. Os dizeres presentes no objeto dão-nos conta de tal atitude:

> — Não consigo ler as letras de fogo — disse Frodo numa voz trêmula.
> — Não — disse Gandalf —, mas eu consigo. Essas letras são élfico, de uma modalidade arcaica, mas a língua é a de Mordor, a qual não vou pronunciar aqui. Mas isto em Língua Comum quer dizer, aproximadamente:
>
> *Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,*
> *Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los*
>
> — São apenas duas linhas de versos conhecidos há muito tempo na tradição élfica:
>
> *Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu,*
> *Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,*
> *Nove para Homens Mortais fadados ao eterno sono,*
> *Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono*
> *Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.*
> *Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,*

> *Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los*
> *Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam* (TOLKIEN, 2001, p. 51-52)[54].

Por fim, Fruta d'Ouro destaca a liberdade e a coragem de Tom, realidades que não se fazem presentes nas demais personagens diante da ameaça do reerguimento do mal no contexto do enredo de **O Senhor dos Anéis**.

Antes da ceia, Tom leva os hobbits para se refrescarem, limparem e arrumarem. Tudo já estava preparado para recebê-los. No quarto em que são acolhidos, "contra a parede oposta estava um banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns com água fria, outros com água fumegante" (TOLKIEN, 2001, p. 129)[55]. De banho tomado e reconfortados, sentam-se à mesa para a refeição: "A bebida em suas vasilhas parecia água fresca e cristalina, mas entrava-lhes nos corações como vinho, libertando suas vozes. De repente, os convidados perceberam que estavam cantando alegremente, como se cantar fosse mais fácil e natural que conversar" (TOLKIEN, 2001, p. 129)[56]. O vinho liberta a

[54] No original:

'I cannot read the fiery letters,' said Frodo in a quavering voice.
'No,' said Gandalf, 'but I can. The letters are Elvish, of an ancient mode, but the language is that of Mordor, which I will not utter here. But this in the Common Tongue is what is said, close enough:

One Ring to rule them all, One Ring to find them,
One Ring to bring them all and in the darkness bind them.

It is only two lines of a verse long known in Elven-lore:

Three Rings for the Elven-kings under the sky,
Seven for the Dwarf-lords in their halls of stone,
Nine for Mortal Men doomed to die,
One for the Dark Lord on his dark throne
In the Land of Mordor where the Shadows lie.
One Ring to rule them all, One Ring to find them,
One Ring to bring them all and in the darkness bind them
In the Land of Mordor where the Shadows lie.' (TOLKIEN, 2004a, p. 50).

[55] No original: Against the opposite wall was a long bench laden with wide earthenware basins, and beside it stood brown ewers filled with water, some cold, some steaming hot (TOLKIEN, 2004a, p. 125).

[56] No original: The drink in their drinking-bowls seemed to be clear cold water, yet it went to their hearts like wine and set free their voices. The guests became suddenly aware that they were singing merrily, as if it was easier and more natural than talking (TOLKIEN, 2004a, p. 125).

alegria presa no coração, local relacionado ao sangue por excelência e, com isso, aquece os sentimentos e os sentidos, trazendo nova vida àqueles que o ingerem: “o vinho é o símbolo da vida escondida, da juventude triunfante e secreta. É por isso, e pela cor vermelha, uma reabilitação tecnológica do sangue. O sangue recriado pelo lagar é signo de uma imensa vitória sobre a fuga anímica do tempo” (DURAND, 2012, p. 261). O sangue é, na simbologia ocidental[57], o fogo líquido, sendo esse mesmo elemento responsável por dar vida ao corpo e por uni-lo ao espírito. Além disso, ainda nessa mesma simbologia, a alegria está sempre relacionada ao luminoso, à luz — o fogo purificado. A relação entre vinho e sangue também se faz manifesta em Cristo. Segundo a fé católica, na Santa Missa — memorial da Paixão de Jesus —, o vinho utilizado pelo sacerdote se transubstancia no sangue do Senhor, que lava, purifica, liberta e dá novo vigor e força àqueles que participam dessa ceia. Nesse sentido, a bebida ingerida pelos hobbits não apenas cura os traumas vividos por eles até o momento, mas os impulsiona a seguir o caminho que os aguarda, um caminho que assim como o de Cristo após a Santa Ceia, constitui-se como o cumprimento de sua missão. Destaca-se também o efeito produzido por essa bebida: a comunicação entre eles se torna musical — ressaltando a musicalidade inerente e emergente de Bombadil e a liberdade por eles experimentada e manifestada em forma de melodia. Após a refeição, Tom e Fruta d’Ouro ordenam aos seus convidados que se sentem diante de uma lareira.

> O fogo na ampla lareira diante deles queimava com um cheiro doce, como se fosse alimentado de troncos de macieiras. Quando tudo estava em ordem, apagaram-se todas as luzes da sala, com a exceção de uma lamparina e de um par de velas, colocadas em cada um dos lados da guarda da chaminé. Então Fruta d’Ouro se aproximou deles, segurando uma vela; desejou-lhes boa noite e um sono profundo (TOLKIEN, 2001, p. 129)[58].

O foco dado à lareira pelo apagamento de todas as demais luzes, realçada pela sobreposição das velas na guarda da chaminé, coloca o próprio fogo como o elemento central na construção da cena. O fogo da lareira — “calmo, regular, dominado, onde a grossa lenha queima em pequenas chamas. É um fenômeno monótono e brilhante, verdadeiramente total: ele

[57] Conjunto de símbolos e referências que constituem o imaginário comum da civilização ocidental.
[58] No original: There was a fire in the wide hearth before them, and it was burning with a sweet smell, as if it were built of apple-wood. When everything was set in order, all the lights in the room were put out, except one lamp and a pair of candles at each end of the chimney-shelf. Then Goldberry came and stood before them, holding a candle; and she wished them each a good night and deep sleep (TOLKIEN, 2004a, p. 125).

fala e voa, ele canta" (BACHELARD, 2008, p. 22) — é aéreo, musical, convidativo ao devaneio, e, portanto, ao sonho. O voo da chama da lareira se soma à queima da madeira da árvore, cujo tronco é apontado para cima, portanto, para o ar, constituindo-se como um símbolo da verticalidade, compondo-se, assim, um ambiente aéreo e sonhador, característico do elemento *ar*: "só a árvore mantem firmemente, para imaginação dinâmica, a constância vertical" (BACHELARD, 2001b, p. 211). A posição ereta do tronco também nos remete a haste vertical da cruz, que aponta para o céu, e, portanto, para o divino, bem como a verticalidade do fogo, em sua relação com a ascese religiosa. A comunhão dos elementos fogo e ar na lareira representam e metaforizam a própria personagem Tom Bombadil em sua relação constitutiva com esses mesmos elementos. O sono leva-nos ao devaneio, ao sonho, ressaltando também o tom aéreo já destacado.

Em sua fala, Fruta d'Ouro ressalta que os hobbits podem dormir em paz, o que reforça a segurança por ela outrora afirmada. Essa segurança destacada ao longo de duas falas da personagem se comprova na narrativa pela percepção dos hobbits de que a alegria que sentem naquele lugar — mesmo sendo essa casa localizada entre espaços tão perigosos como a Floresta Velha e as Colinas onde habitam as Criaturas Tumulares — faz com que se esqueçam do perigo e desfrutem da tranquilidade ali presente. Nesse momento, Frodo pergunta a Tom se ele o ouviu chamar ou se os encontrou por acaso, ao passo que o segundo afirma, mantendo o tom de mistério:

> Não, não ouvi. Estava ocupado, cantando. Foi só o acaso que me levou até lá, se você chama isso de acaso. Não estava nos meus planos, embora eu estivesse esperando vocês. Tivemos notícias suas, e soubemos que estavam vagando pela região. Supusemos que logo desceriam até a água: todas as trilhas conduzem a esse destino, descendo até o Voltavime. O Velho Salgueiro-homem canta alto; escapar de suas garras hábeis é difícil para as pessoas pequenas (TOLKIEN, 2001, p. 130)[59].

Em uma nota primária a respeito da entrada de Tom no romance, percebe-se a disposição semelhante entre os acontecimentos narrados até então e sua fala diante da resposta de Frodo:

[59] No original: Nay, I did not hear: I was busy singing. Just chance brought me then, if chance you call it. It was no plan of mine, though I was waiting for you. We heard news of you, and learned that you were wandering. We guessed you'd come ere long down to the water: all paths lead that way, down to Withywindle. Old grey Willow-man, he's a mighty singer; and it's hard for little folk to escape his cunning mazes. (TOLKIEN, 2004a, p. 126).

> Tom Bombadil resgata [os hobbits] do Velho Salgueiro-homem. Ele diz que foi sorte ele ter vindo por aquele caminho — ele tinha ido para o lago de nenúfares para pegar alguns nenúfares brancos para Fruta d'Ouro (*minha esposa*) (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa, grifo nosso)[60].

O trecho destacado nessa nota se refere ao tratamento dado por Tolkien a Fruta d'Ouro como "minha esposa". Nessa perspectiva, interpretando Fruta d'Ouro como esposa do autor — considerando o uso do pronome possessivo na primeira pessoa do singular—, alguns teóricos e críticos fazem uso dessa passagem como um dos argumentos para defenderem a leitura de que Tom Bombadil seria a presença do próprio Tolkien em seu universo ficcional. Tal afirmação se mostra fragilmente defendida tendo em vista que tem como um de seus argumentos uma nota na qual o autor, referindo-se a Bombadil, opta por uma marcação rápida para destacar a relação entre duas personagens. Confirma-se ainda nossa posição, pois o trecho que se encontra na terceira pessoa na nota, é dito na primeira pessoa por Tom no romance.

Frodo o questiona também sobre o salgueiro que os atacara, mas Tom não responde: "Agora está na hora de descansar. Não é bom ouvir certas coisas quando as sombras caem sobre o mundo. Durmam até amanhã cedo. Descansem sobre os travesseiros! Não temam os ruídos da noite! Não tenham medo de nenhum salgueiro cinzento!" (TOLKIEN, 2001, p. 131)[61], e os convida para descansarem. Apesar de não responder à pergunta do hobbit, a fala de Bombadil evidencia a malignidade em torno do salgueiro, evitando apenas falar sobre ele durante a noite, quando o mundo está em trevas. Tal colocação torna a postura e o poder de Tom Bombadil sobre o salgueiro ainda mais significativos. Ao dormirem,

> na calada da noite, Frodo teve um sonho sem luz. Via agora a lua nova nascendo; sob sua luz tênue aparecia diante dele uma parede negra de pedra, perfurada por um arco escuro que parecia um portão. Frodo tinha a impressão de estar sendo erguido, e passando pelo arco descobriu que a parede de pedra era um círculo de colinas, e que no centro dele ficava uma planície, no meio da qual se levantava um pináculo de pedra, semelhante a uma enorme torre, mas obra da natureza. No topo estava a figura de um homem. A lua, galgando o céu, pareceu parar por um momento sobre a cabeça deste homem, reluzindo nos cabelos brancos que o vento agitava. Subindo da planície escura vinha o

[60] No original: Tom Bombadil rescues them from Willow Man. He says it was lucky he came that way — he had gone to the water-lily pool for some white water-lilies for Goldberry (my wife).
[61] No original: 'Now is the time for resting. Some things are ill to hear when the world's in shadow. Sleep till the morning-light, rest on the pillow! Heed no nightly noise! Fear no grey willow!' (TOLKIEN, 2004a, p. 126).

> grito de vozes cruéis, e o uivo de muitos lobos. De repente, uma sombra, na forma de grandes asas, passou cobrindo a lua. A figura levantou os braços e uma luz emanou do cajado que segurava. Uma águia enorme deu um vôo rasante e a carregou para longe. As vozes gemeram e os lobos uivaram se lamentando. Um som, como de ventania, trouxe o ruído de cascos, galopando, galopando, galopando, vindo do Leste. "Cavaleiros Negros!", pensou Frodo enquanto acordava, ainda com o som de cascos ecoando em sua cabeça. Perguntou-se então se teria coragem de abandonar a segurança daquelas paredes de pedra. Permaneceu imóvel, ainda escutando; mas tudo agora estava no mais absoluto silêncio, e finalmente ele se virou e adormeceu novamente, ou vagou em algum outro sonho do qual não se recordou depois.
>
> Ao lado, Pippin sonhava tranquilo; mas algo mudou em seus sonhos e ele começou a se agitar e a resmungar. De repente acordou, ou pensou ter acordado; mas mesmo assim ainda escutava na escuridão o som que perturbara seus sonhos: *tipe-tape*, *esquique*: o som era como o de vento agitando galhos, dedos de árvores arranhando parede e janela*: crique, crique, crique*. Ficou imaginando se havia salgueiros perto da casa; e então de repente teve a terrível impressão de não estar numa casa comum, mas dentro do salgueiro e escutando aquela horrível voz chiada, rindo dele novamente. [...].
>
> Foi o barulho da água que Merry escutou em seu sono tranquilo: água fluindo suave, e depois se espalhando irresistivelmente por toda a volta da casa, num lago escuro e sem margens. Borbulhava sob as paredes e subia, devagar mas de um modo que não deixava dúvidas. "Vou me afogar!", pensou ele. "A água vai penetrar as paredes e invadir a casa, e então vou me afogar." Pareceu-lhe que estava deitado sobre um brejo lodoso, e ao se levantar colocou o pé no canto de uma pedra fria e dura que revestia o chão. [...].
>
> Pelo que pôde se lembrar, Sam dormiu toda a noite completamente feliz, se é que as pedras ficam felizes (TOLKIEN, 2001, 131-132, grifo do autor)[62].

[62] No original: In the dead night, Frodo lay in a dream without light. Then he saw the young moon rising; under its thin light there loomed before him a black wall of rock, pierced by a dark arch like a great gate. It seemed to Frodo that he was lifted up, and passing over he saw that the rock-wall was a circle of hills, and that within it was a plain, and in the midst of the plain stood a pinnacle of stone, like a vast tower but not made by hands. On its top stood the figure of a man. The moon as it rose seemed to hang for a moment above his head and glistened in his white hair as the wind stirred it. Up from the dark plain below came the crying of fell voices, and the howling of many wolves. Suddenly a shadow, like the shape of great wings, passed across the moon. The figure lifted his arms and a light flashed from the staff that he wielded. A mighty eagle swept down and bore him away. The voices wailed and the wolves yammered. There was a noise like a strong wind blowing, and on it was borne the sound of hoofs, galloping, galloping, galloping from the East. 'Black Riders!' thought Frodo as he wakened, with the sound of the hoofs still echoing in his mind. He wondered if he would ever again have the courage to leave the safety of these stone walls. He lay motionless, still listening; but all was now silent, and at last he turned and fell asleep again or wandered into some other unremembered dream.

Por essa passagem, o ato de sonhar reforça a ambiência onírica e arquetípica da casa de Tom Bombadil sendo esse também um mecanismo de salvaguarda do mistério, contribuindo para a manutenção do mesmo, realçando também sua poeticidade e relação com o elemento *ar*. Cada sonho pode ser melhor compreendido na perspectiva dos arquétipos dos quatro elementos da Natureza, o que reafirma o argumento de que tais elementos participam muito significativamente da composição da personagem em questão. Frodo tem um sonho sombrio em que a figura que se presentifica se destaca por meio da luz de seus cabelos brancos e de seu cajado — lembrando ser a luz a manifestação purificada do elemento *fogo*. O sonho de Pippin apresenta a imagem da árvore que, por mais que esteja presa ao chão por suas raízes, também é tradicionalmente associada ao elemento *ar* por seu caráter ascensional, sua copa aérea e sua dupla relação com a escada e a cruz (cf. DURAND, 2012, p. 329) — sendo esta última, uma imagem que remete não apenas a ascensão física, mas também espiritual. A imagem que se destaca no sonho de Merry é a própria *água*, que ali se mostra inicialmente tranquila, mas depois o aterroriza. Por fim, Sam, que não sonha, tem, como enfatiza o narrador, um sono de *pedra*, clara evocação do elemento *terra*. Os três hobbits que sonham despertam assustados, mas se lembram da segurança existente na casa de Tom, e votam a dormir. Vale ressaltar também que os sonhos de Frodo e Pippin remetem a outros momentos específicos da narrativa de **O Senhor dos Anéis**, conforme se mostrará a seguir.

Quando acordam, Tom já os aguardava e abre as duas janelas do quarto. Frodo corre em direção à janela leste e visualiza o caminho que ainda haveriam, ele e seus amigos, de percorrer, enquanto Pippin vai à janela oeste e olha o caminho já percorrido. Esse olhar para o futuro e para o passado se relaciona diretamente com os seus respectivos sonhos: o sonho de Frodo nos remete à cena em que Gandalf, o mago, escapa da Torre de Orthanc[63], em Isengard — momento narrado posteriormente —, enquanto o sonho de Pippin nos remete ao seu próprio aprisionamento no interior do Velho Salgueiro-homem — passagem narrada em momento

---

At his side Pippin lay dreaming pleasantly; but a change came over his dreams and he turned and groaned. Suddenly he woke, or thought he had waked, and yet still heard in the darkness the sound that had disturbed his dream: *tip-tap*, *squeak*: the noise was like branches fretting in the wind, twig-fingers scraping wall and window: *creak, creak, creak*. He wondered if there were willow-trees close to the house; and then suddenly he had a dreadful feeling that he was not in an ordinary house at all, but inside the willow and listening to that horrible dry creaking voice laughing at him again. [...].

It was the sound of water that Merry heard falling into his quiet sleep: water streaming down gently, and then spreading, spreading irresistibly all round the house into a dark shoreless pool. It gurgled under the walls, and was rising slowly but surely. 'I shall be drowned!' he thought. 'It will find its way in, and then I shall drown.' He felt that he was lying in a soft slimy bog, and springing up he set his foot on the corner of a cold hard flagstone. [...].

As far as he could remember, Sam slept through the night in deep content, if logs are contented. (TOLKIEN, 2004a, p. 127-128).

[63] Torre na qual reside Saruman, mago da mesma ordem de Gandalf, mas que se permite consumir pelo desejo de posse do Um Anel.

anterior. Bombadil os saúda e, em meio à sua fala, afirma: “Durante a noite, as pessoas pequenas acordam em meio à escuridão, mas depois que a luz chega, continuam dormindo!” (TOLKIEN, 2001, p. 133)[64]. Por meio dessa colocação, Tom revela que sabia que os hobbits haviam acordado durante a noite, um conhecimento que, aparentemente, ele não deveria ter. Além disso, seguindo uma dimensão interpretativa elemental, a luz que chega ao quarto dos hobbits se relaciona tanto com o sol quanto com a própria chegada de Tom Bombadil, reforçando a relação da personagem com o elemento *fogo* por meio da luz, manifestação purificada do fogo, como destacado outrora.

Após se levantarem, tomam o café da manhã e notam que o tempo está chuvoso, o que inviabiliza o prosseguimento da jornada, mas os deixa felizes. Tom chega “aos pulinhos do canto da casa, acenando com os braços como se estivesse mandando a chuva embora — e de fato, quando pulou sobre a soleira, parecia estar seco, com exceção de suas botas” (TOLKIEN, 2001, p. 133-134)[65], os convida para se sentarem, e conta aos hobbits diversas histórias e segredos ocultos da Floresta, revelando um conhecimento profundo do ambiente que circunda sua casa.

> Conforme escutavam, os hobbits passaram a entender a vida da Floresta, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa. [...]. As palavras de Tom desnudavam o coração e o pensamento das árvores, que sempre eram obscuros e estranhos, cheios de um ódio pelas coisas que circulam livres sobre a terra, roendo, mordendo, quebrando, cortando, queimando: destruidores e usurpadores (TOLKIEN, 2001, p. 134)[66].

Por meio de sua fala, Bombadil demonstra uma compreensão profunda dos pensamentos das árvores, associando-o a Barbárvore, líder da raça dos ents. Esses seres são árvores que andam, ou árvores que aprenderam a andar e a falar com os elfos em tempos distantes. Também são conhecidos como pastores de árvores, já que guardiões das florestas da Terra-média. Barbárvore compreende os pensamentos das demais árvores, dialogando e cuidando delas,

[64] No original: ‘In the night little folk wake up in the darkness, and sleep after light has come!’ (TOLKIEN, 2004a, p. 128).
[65] No original: “trotting round the corner of the house, waving his arms as if he was warding off the rain — and indeed when he sprang over the threshold he seemed quite dry, except for his boots (TOLKIEN, 2004a, p. 129).
[66] No original: As they listened, they began to understand the lives of the Forest, apart from themselves, indeed to feel themselves as the strangers where all other things were at home. [...]. Tom’s words laid bare the hearts of trees and their thoughts, which were often dark and strange, and filled with a hatred of things that go free upon the earth, gnawing, biting, breaking, hacking, burning: destroyers and usurpers (TOLKIEN, 2004a, p. 130).

manifestando todo o seu ódio contra aqueles que as destroem. Ele se insere no contexto de **O Senhor dos Anéis** em um momento posterior da narrativa, quando Merry e Pippin fogem dos orcs que os aprisionavam e correm em direção à floresta de Fangorn[67]. Ao resgatá-los, o ent se mostra imensamente interessado por todos os eventos ocorridos com os hobbits, inclusive por Tom Bombadil. Nesse contexto, um diálogo entre Pippin e Barbárvore é encontrado no processo de criação do romance, mas omitido na versão publicada:

> "E quanto a Tom Bombadil?" perguntou Pippin. "Ele vive nas Colinas dos Túmulos próximas. Ele parece entender as árvores".
> "Quem?" disse Barbárvore. "Tombombadil? Tombombadil? Então é assim que você o chama. *Oh, ele tem um nome muito longo*. Ele entende as árvores, com certeza; mas ele não é um Ent. Ele não é pastor. Ele ri e não interfere. Ele nunca fez nada dar errado, mas também nunca curou nada. Ora, ora, há toda a diferença entre andar no campo e tentar manter um jardim; entre, entre passar o tempo de um dia com uma ovelha na encosta, ou mesmo talvez sentar e estudar ovelhas até saber o que elas sentem sobre a grama, e ser um pastor. [...].
> Mas não foi assim, é claro, no começo. Éramos como o seu Tombombadil quando éramos jovens. Os primeiros bosques eram mais parecidos com os bosques de Lórien..." (TOLKIEN, 2002n, p. 416, tradução nossa, grifo nosso)[68].

Além de indicar que Tom possui nomes distintos em línguas diferentes — o que se percebe pela fala: "é assim que você o chama" —, na língua dos Ents, cada nome traz consigo a história daquele que o possui. Assim, a afirmação de que Tom Bombadil tem um nome muito longo ressalta sua longevidade, tendo em vista a relação direta que há entre o cumprimento de seu nome e o tempo vivido por ele. Compreende-se também como se dá a relação de Tom com a Natureza: ele a entende e tem ainda a capacidade de controlá-la, porém não como seu dono

[67] Floresta antiga e densa na qual habita a maioria dos ents, repleta de lendas e histórias entre homens e elfos.
[68] No original: 'What about Tom Bombadil, though?' asked Pippin. 'He lives on the Downs close by. He seems to understand trees.'
'What about whom?' said Treebeard. 'Tombombadil? Tombombadil? So that is what you call him. Oh, he has got a very long name. He understands trees, right enough; but he is not an Ent. He is no herdsman. He laughs and does not interfere. He never made anything go wrong, but he never cured anything, either. Why, why, it is all the difference between walking in the fields and trying to keep a garden; between, between passing the time of a day to a sheep on the hillside, or even maybe sitting down and studying sheep till you know what they feel about grass, and being a shepherd. [...].
'But it was not so, of course, in the beginning. We were like your Tombombadil when we were young. The first woods were more like the woods of Lorien....'.

ou um pastor que a conduz, mas sim cuidando dela, como um *mestre*. A última colocação de Barbárvore evidencia a diferença no modo como se desenvolve o relacionamento dos ents e de Bombadil com a Natureza, mas não implica no fato de que aqueles são mais antigos que este. Gandalf afirma, em outro momento do romance, que "Barbárvore é Fangorn, o guardião da floresta; é o mais velho dos ents, o ser mais velho que ainda caminha sob o sol, nesta Terra-média." (TOLKIEN, 2001, p. 522)[69]. A informação dada por Gandalf de que Barbárvore seria o ser mais antigo na Terra-média vai se contrastar com a fala de Tom a respeito de si mesmo, afirmando ser ele o ser mais antigo, e com os fatos conhecidos e narrados por Bombadil ao longo de seu convívio com os hobbits. Essa oposição de informações pode ser vista sob diferentes perspectivas. Primeiramente, não é incorreto supor certo desconhecimento de Gandalf no que diz respeito a Tom Bombadil, especialmente pelo fato daquele expressar, já no final da narrativa, seu desejo de ter uma longa conversa com este, conforme analisado a seguir. Em outro viés, por todo o *mistério* que envolve essa personagem, a existência de Tom na Terra-média pode ser entendida como distinta das demais criaturas que ali habitam, de modo semelhante aos Cavaleiros Negros, os Nazgûl, perspectiva corroborada por Tom Shippey (2003). Ademais, vale ressaltar que Bombadil não caminha, mas se locomove sempre saltitando e pulando.

Tom revela também, por meio de suas histórias, o conhecimento de fatos passados de uma época em que apenas os ancestrais dos elfos[70] estavam despertos — na mitologia de Tolkien, os elfos são as primeiras criaturas a "acordarem" na Terra-média, ou seja, a existirem depois dos deuses. Assim, durante da fala de Tom, os hobbits "continuaram quietos diante dele, encantados; parecia que, *como se sob o encanto de suas palavras*, o vento tivesse ido embora e as nuvens tivessem secado, o dia se retirava, com a escuridão vinda do leste e do oeste, e todo o céu ficou repleto da luz de estrelas brancas" (TOLKIEN, 2001, p. 135, grifo nosso)[71]; e os hobbits perderam a noção do tempo: "Fora do tempo, fora do espaço, diante do fogo, nosso ser já não se acha encadeado a um *estar-presente*; nosso eu, para se convencer de sua existência, de uma existência que dura, já não é obrigado a afirmações fortes, a decisões que nos dão o futuro dos projetos enérgicos" (BACHELARD, 1988, p. 185, grifo nosso). Tal afastamento do espaço e do tempo proporcionado pelas palavras de Tom realça o aspecto onírico que envolve

[69] No original: 'Treebeard is Fangorn, the guardian of the forest; he is the oldest of the Ents, the oldest living thing that still walks beneath the Sun upon this Middle-earth' (TOLKIEN, 2004a, p. 499).
[70] No universo de Tolkien, os elfos são os Primogênitos, os primeiros seres a povoar a Terra-média. Vivem eternamente se não forem mortos por outrem, e alguns são tão velhos quanto o mundo criado.
[71] No original: The hobbits sat still before him, enchanted; and it seemed as if, under the spell of his words, the wind had gone, and the clouds had dried up, and the day had been withdrawn, and darkness had come from East and West, and all the sky was filled with the light of white stars (TOLKIEN, 2004a, p. 131).

a personagem e ratifica a entrada dos hobbits em um novo mundo, diferente do que eles viveram até então; além disso, Frodo encontra, em meio às histórias de Bombadil, um descanso não apenas físico, mas também psíquico, tendo em vista a decisão que ele tomará de levar o Anel a Mordor, local onde o objeto deve ser destruído, responsabilizando-se pelo futuro de todos os povos livres da Terra-média.

> Frodo não sabia dizer se havia passado ali a manhã e a tarde de um dia ou de muitos dias. Não se sentia faminto ou cansado, apenas maravilhado. As estrelas brilhavam através da janela e o silêncio do céu parecia estar por toda a sua volta. Finalmente falou, saindo de seu encantamento, com um medo repentino daquele silêncio.
>
> — *Quem é o Senhor?* — perguntou ele.
>
> — O quê? — disse Tom, ajeitando-se na poltrona, *os olhos brilhando na escuridão*. — Ainda não sabe meu nome? Esta é a única resposta. Diga-me, quem é você, sozinho e sem nome? Mas você é jovem e eu sou velho. Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes das pessoas grandes, e viu o povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e das Criaturas Tumulares. Quando os elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora (TOLKIEN, 2001, p. 135-136, grifo nosso)[72].

O brilho do olhar de Tom Bombadil em meio à escuridão ressalta sua conexão com o elemento *fogo* — recordando-nos da relação entre fogo e luz — e alimenta o *enigma* inerente ao seu próprio *ser*, antecipando a misteriosidade de sua resposta ao passo que, ao falar de si mesmo, adentra as trevas, o local do desconhecido e do misterioso por excelência. Com a

[72] No original: Whether the morning and evening of one day or of many days had passed Frodo could not tell. He did not feel either hungry or tired, only filled with wonder. The stars shone through the window and the silence of the heavens seemed to be round him. He spoke at last out of his wonder and a sudden fear of that silence:
'Who are you, Master?' he asked.
'Eh, what?' said Tom sitting up, and his eyes glinting in the gloom. 'Don't you know my name yet? That's the only answer. Tell me, who are you, alone, yourself and nameless? But you are young and I am old. Eldest, that's what I am. Mark my words, my friends: Tom was here before the river and the trees; Tom remembers the first raindrop and the first acorn. He made paths before the Big People, and saw the little People arriving. He was here before the Kings and the graves and the Barrow-wights. When the Elves passed westward, Tom was here already, before the seas were bent. He knew the dark under the stars when it was fearless – before the Dark Lord came from Outside' (TOLKIEN, 2004a, p. 131).

resposta de Tom, outros aspectos se agregam ao mistério que o envolve. Ele destaca — como já fizera no momento em que se apresenta — que, no que concerne ao "quem é você?" e "quem sou eu?", basta saber o seu nome: Tom Bombadil. No entanto, isso acaba por mais complicar do que ajudar no entendimento sobre essa personagem, pois ela detém nomes diferentes e diversos em outras culturas e línguas criadas no universo de Tolkien e mencionados em **O Senhor dos Anéis**, como Iarwain Ben-adar entre os elfos, Forn entre os anões, Orald entre os homens do norte e outros nomes além desses, como apontado pela narrativa, mas que não são mencionados. Sob essa perspectiva, o nome de Tom Bombadil se torna críptico, um enigma que se redobra em si mesmo, e remete a personagens folclóricos como Baba Yaga — uma força ambígua da floresta que, em algumas versões, perde seus poderes se tem seu verdadeiro nome pronunciado[73] — e Rumpelstiltskin — um antagonista que só pode ser vencido se alguém descobrir o seu verdadeiro nome. Ademais, o enigma em torno de seu nome ressalta sua divindade e se revela uma possível fonte de seu poder: "a prescrição que manda guardar segredo, aplica-se, em primeiro lugar, ao nome do deus, pois o mero enunciado deste desata todos os poderes encerrados neste deus" (CASSIRER, 1972, p. 71).

Destaca-se também o fato de Tom Bombadil ser o mais antigo existente na Terra-média: "Mais ancião, é o que sou". Em **O Silmarillion**, logo após a conclusão da música e a consequente criação de Arda, Eru, o criador, convida os Ainur, as forças que estão em sua presença, a entrarem no mundo agora existente. Dessa forma, ao entrarem, eles recebem o nome de Valar e se tornam responsáveis pela ordenação e guarda do mundo recém-criado. Nesse contexto, ao ser apontado que Tom é o ser mais antigo, é possível se presumir que ele estaria presente na Terra-média antes mesmo dos Valar. Tal assertiva se sustenta ainda pelo fato de que Bombadil afirma estar no mundo antes do "Senhor do Escuro chegar de Fora". O Senhor do Escuro ao qual ele se refere não é Sauron, vilão da obra, mas sim seu mestre Melkor, um Vala que se corrompeu e que é responsável pelo mal presente no mundo criado. Foi Melkor o primeiro Vala a entrar no mundo, pois "agora, rapidamente como eles [os demais Valar] passaram [para Arda], Melkor estava lá antes deles" (TOLKIEN, 2002e, p. 66, tradução nossa)[74]. Os relatos dos fatos presenciados pelo próprio Tom corroboram para essa interpretação, pois ele se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore, além de estar presente quando os elfos acordaram. Como primeiro a habitar o universo criado, há aqui uma clara remissão do texto e da figura criada por Tolkien à cena descrita no Gênesis

[73] Essa versão é seguida por Carla Jablonski na sua adaptação romanceada de **Os livros da magia** (2004), de Neil Gaiman.
[74] No original: Now swiftly as they fared Melkor was there before them.

bíblico em que, na terra ainda sem forma e vazia, o Espírito de Deus, uma força prístina, pairava sobre as águas: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um *sopro de Deus* agitava a superfície das águas” (BÍBLIA, 1998, p. 33, grifo nosso). Sublinha-se, ademais, no que concerne a Bombadil, a longevidade, que parece ser um dos principais fatores constituintes dessa personagem, bem como seu caráter mágico, místico e mítico, o que ajuda a compor um esboço de possibilidades do *quem* ele *é*, mas jamais um quadro completo e acabado. Assim, retomando as origens do universo mítico tolkieniano em suas histórias, “sendo o modelo exemplar de toda ‘criação’, o mito cosmogônico pode ajudar o doente a ‘recomeçar’ sua vida. O retorno à origem oferece a esperança de um renascimento” (ELIADE, 2007, p. 32). Tom Bombadil pode ser entendido, assim, como uma personificação do próprio conceito mítico, em seu jogo de revelação e ocultamento, salientado pela permanência do mistério; e não como um simples “acidente de percurso” na jornada dos hobbits, visto que é após a passagem pela sua casa que os viajantes serão renovados e terão condições para realizar tão grandes feitos.

O modo como Tom se apresenta diante do mundo recém-criado remonta à passagem do livro dos Provérbios na qual a Sabedoria criadora estava presente desde os primórdios da criação:

> Iahweh me criou, primícias de sua obra,
> de seus feitos mais antigos.
> Desde a eternidade fui estabelecida,
> desde o princípio, antes da origem da terra.
> Quando os abismos não existiam,
> eu fui gerada, quando não existiam
> os mananciais das águas.
> Antes que as montanhas fossem implantadas,
> antes das colinas,
> eu fui gerada;
> ele ainda não havia feito a terra e a erva,
> nem os primeiros elementos do mundo.
> Quando firmava os céus,
> lá estava eu,
> quando traçava a abóbada sobre a face do abismo;
> quando condensava as nuvens do alto,
> quando se enchiam as fontes do abismo;

> quando punha um limite ao mar:
> e as águas não ultrapassavam o seu mandamento,
> quando assentava os fundamentos da terra.
> Eu estava junto com ele como mestre de obra,
> eu era o seu encanto todos os dias,
> todo o tempo brincava em sua presença:
> brincava na superfície da terra,
> encontrava minhas delícias entre os homens (BÍBLIA, 1998, p. 1032-1033).

A conexão entre os trechos destacados reforça a sabedoria criadora da personagem Tom Bombadil, sabedoria essa que se revela fundamental para a realização de seus encantamentos — e, portanto, de sua magia —, apresentando uma origem divina, que tem suas raízes na criação do mundo. Salienta-se ainda a postura da Sabedoria que a "a todo tempo brincava em sua presença", semelhante à maneira como Bombadil se porta em todas as suas aparições no universo ficcional tolkieniano. Além disso, ressalta-se o fato de que esse trecho bíblico constitui a Primeira Leitura da Missa da Solenidade da Santíssima Trindade na liturgia católica, sendo que, nessa festividade, os fiéis são convidados a meditar sobre o mistério de Deus que, sendo uno, também se faz trino, ou seja, múltiplo. Esse mistério se apresenta analogamente vinculado a Tom, não apenas em seu aspecto divino, mas também, na medida em que, sendo um, a personagem apresenta múltiplas manifestações — não apenas três, como vale destacar —, sendo essas responsáveis pela ocorrência do *indecidível*, e da permanência do *mistério*.

Nos primeiros rascunhos dessa resposta dada por Tom Bombadil a Frodo, há algumas distinções significativas aqui destacadas. A primeira é que Tom se autorreferencia como um aborígene: "— Eu sou um Aborígene[75], isso é o que eu sou, o Aborígene desta terra" (TOLKIEN, 2002m, p. 121, tradução nossa)[76]. Esse mesmo termo é relacionado a Bombadil nas primeiras notas de Tolkien sobre a personagem: "Tom Bombadil é um aborígene — ele conheceu a terra antes dos homens, antes dos hobbits, antes das Criaturas Tumulares, sim antes do necromante[77] — antes dos elfos chegarem a este quarto do mundo" (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa)[78]. O prefixo de origem latina "*ab*", presente na nomenclatura inicial

[75] Essa mesma palavra é escrita de modo distinto em outra nota: "Ab-Origine" (TOLKIEN, 2002k, p. 329).
[76] No original: 'I am an Aborigine, that's what I am, the Aborigine of this land.
[77] O termo necromante se refere à personagem Sauron, vilão da obra. Essa mesma terminologia é usada no livro **O hobbit.**
[78] No original: Tom Bombadil is an 'aborigine' — he knew the land before men, before hobbits, before barrow-wights, yes before the necromancer — before the elves came to this quarter of the world.

referida à personagem, indica "afastamento", "separação". Nessa perspectiva, Tom se coloca como alguém afastado do mundo criado, o que intensifica o seu *ser* único nesse universo. Outrossim, Bombadil é apresentado como o primeiro a habitar e conhecer a Terra-média. Assim disposto, Tom Bombadil se torna um elemento estranho àquela criação, existindo em um momento anterior a ela, mas ali enviado enquanto enigma — pretendido e intencionalmente criado pelo autor — salvando os hobbits e impulsionando-os para que cumpram sua missão. Outra modificação presente nos rascunhos se refere à nota do próprio autor para destacar as várias línguas faladas por Tom e os vários nomes que ele detém, colocados por si mesmo: "[Destacar imediatamente: Eu falei várias línguas e me chamei por muitos nomes.]" (TOLKIEN, 2002m, p. 121, tradução nossa)[79]. As várias línguas faladas por Bombadil e seus diferentes nomes se relacionam diretamente com sua longevidade e seu consequente contato com muitos povos, ressaltando também a misteriosidade em torno de seu *verdadeiro nome*, tendo em vista que esses lhe são autoatribuídos. Além disso, reforça-se sua linguagem *poética* e *musical*, sendo a música uma linguagem compreendida por todos os povos.

Terminado o diálogo, Fruta d'Ouro adentra a sala em que se encontram e os convida para mais uma refeição. O encantamento das palavras de Tom os envolve e mais uma vez ressalta-se o efeito alegre e sonoro do alimento sob os hobbits.

> A ceia foi ainda melhor que a anterior. Os hobbits, *sob o encantamento das palavras de Tom*, poderiam ter perdido uma ou muitas refeições, mas com a comida diante deles parecia que não comiam havia pelo menos uma semana. Não cantaram e nem falaram por um período, prestando muita atenção ao que estavam fazendo. Mas depois de algum tempo, *seus corações e espíritos se elevaram novamente, e suas vozes soaram com jovialidade e alegria* (TOLKIEN, 2001, p. 136, grifo nosso)[80].

Após a refeição, todos estão reunidos e Fruta d'Ouro entoa várias canções; "então, ela desejou-lhes boa noite mais uma vez, deixando-os perto da *lareira*" (TOLKIEN, 2001, p. 137, grifo nosso)[81]. Reitera-se aqui a presença da lareira, o *fogo*, em um contexto musical, aéreo, na

[79] No original: [Struck out at once: I have spoken a mort of languages and called myself by many names.]
[80] No original: It was a supper even better than before. The hobbits under the spell of Tom's words may have missed one meal or many, but when the food was before them it seemed at least a week since they had eaten. They did not sing or even speak much for a while, and paid close attention to business. But after a time their hearts and spirits rose high again, and their voices rang out in mirth and laughter (TOLKIEN, 2004a, p. 132).
[81] No original: Then once more she wished them each good night and left them by the fireside (TOLKIEN, 2004a, p. 132).

composição da cena, o que confirma a longevidade de Bombadil revelada também por suas histórias: “a que tempo, a que memória nos transporta o sonho diante desses fogos que cavam o passado como ‘cavam a cinza’?” (BACHELARD, 1988, p. 184). Tom os enche de perguntas e começa a lhes contar muitas histórias sobre acontecimentos antigos do Condado de que nem mesmo eles lembravam bem. Ele assume que grande parte de seu conhecimento se deve ao velho Magote[82], e que “notícias da fuga de Frodo tinham chegado até ele através de Gildor[83]” (TOLKIEN, 2001, p. 137)[84]. Uma nota de Tolkien em meio ao processo composicional de **O Senhor dos Anéis** discorre sobre a possibilidade de vincular Tom Bombadil e Magote:

> Ele acabou por conhecer o Fazendeiro Magote. (Faça de Magote não um hobbit, mas algum outro tipo de criatura — não anão, mas semelhante a Tom Bombadil). (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa)[85].

Tal semelhança poderia se dar em diferentes níveis, como o parentesco ou a pertença a uma mesma raça, bem como a similaridade de características ou de natureza; contudo, percebemos que a relação entre essas personagens se constrói, na versão publicada, pela amizade. A composição de ambas, como disposta no romance, faz com que Tom Bombadil seja, de fato, um personagem único no universo ficcional de Tolkien, corroborando os outros trechos referentes a ele e a própria afirmação do autor que o insere como um *enigma* em seu universo ficcional.

Durante a conversa, subitamente e de modo inesperado, Tom pede a Frodo que lhe mostre o Um Anel. O hobbit, sem nenhum esforço, diferentemente do que ocorre em todos os demais momentos da narrativa de **O Senhor dos Anéis** em que isso se repete — alguém pedir a Frodo para segurar o Anel o acomete de uma vontade incontrolável de retê-lo consigo —, entrega o objeto nas mãos do outro. O pedido inusitado de Tom irrompe num momento que parecia ser de puro divertimento — gerando fortemente medo e tensão —, e sua postura ao ter o Um Anel nas mãos revela um lado da personagem que não se mostrara até então.

---

[82] Velho fazendeiro que possui uma plantação de cogumelos.
[83] Elfo que se encontra com Frodo ainda no início de sua jornada no Condado.
[84] No original: news had reached him from Gildor concerning the flight of Frodo (TOLKIEN, 2004a, p. 132).
[85] No original: He turns out to know Farmer Maggot. (Make Maggot not a hobbit, but some other kind of creature — not dwarf, but akin to Tom Bombadil).

> — Mostre-me o precioso Anel! — disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.
> O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.
> Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares — e ele sumiu num clarão. Frodo soltou um grito — e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso (TOLKIEN, 2001, p. 137)[86].

Nessa cena, uma das mais intrigantes em todo o universo ficcional criado por Tolkien, o mistério da personagem dobra-se mais uma vez em si mesmo. Diferentemente de todos os outros seres da Terra-média que tiveram contato direto com o Um Anel, incluindo os poderosos Gandalf, o mago, e Galadriel, rainha dos elfos, Tom Bombadil não é afetado pelo poder do objeto, tratando-o até com certo desdém e ironia, colocando-o em seu dedo mínimo, e mesmo fazendo-o reverter seu poder contra si próprio: o Um Anel tem o poder de fazer quem o usa desaparecer, e Tom, na cena em questão, faz o objeto desaparecer. O olhar atento e sério de Tom contrasta com a postura alegre e despreocupada que o caracteriza em todos os momentos anteriores e posteriores na narrativa; mesmo sua risada ao ter o Um Anel nas mãos não se configura de modo cômico, mas se caracteriza por um caráter irônico, sádico, de escárnio. Assim, como que em um único momento, podemos notar que há bem mais em Tom Bombadil do que ele deixa transparecer para o leitor e para as demais personagens, traços de figuras como o *trickster*, o *jester* e o *joker*, o que remete novamente a Rumpelstiltskin e, desta vez, também a Loki, deus das trapaças na mitologia nórdica. Tal traço da personalidade de Tom se adensa quando contraposta a sua longevidade, sabedoria e poder, o que o aproxima também ao

[86] No original: ‘Show me the precious Ring!’ he said suddenly in the midst of the story: and Frodo, to his own astonishment, drew out the chain from his pocket, and unfastening the Ring handed it at once to Tom.
It seemed to grow larger as it lay for a moment on his big brownskinned hand. Then suddenly he put it to his eye and laughed. For a second the hobbits had a vision, both comical and alarming, of his bright blue eye gleaming through a circle of gold. Then Tom put the Ring round the end of his little finger and held it up to the candlelight. For a moment the hobbits noticed nothing strange about this. Then they gasped. There was no sign of Tom disappearing!
Tom laughed again, and then he spun the Ring in the air — and it vanished with a flash. Frodo gave a cry — and Tom leaned forward and handed it back to him with a smile (TOLKIEN, 2004a, p. 132-133).

arquétipo do velho sábio: “Assim o Velho tem um caráter ambíguo, élfico, tal como a figura extremamente instrutiva de Merlin pode parecer o bem e, dependendo de sua manifestação, o mal” (JUNG, 2000, p. 223). A ambiguidade revelada em Tom na cena descrita acentua também sua relação com a natureza, tendo em vista que

> As personagens que se esquivam à antítese moral entre heroísmo e vilania geralmente são, ou sugerem, espíritos da natureza. Eles representam parcialmente a neutralidade moral do mundo intermediário da natureza e parcialmente um mundo de mistério que é relanceado, mas nunca visto, e que se recolhe quando alguém se aproxima dele. [...].
>
> Tais personagens são, mais ou menos, filhos da natureza, que podem ser levados a servir o herói, como o Sexta-feira de Crusoé, mas que conservam a impenetrabilidade de suas origens. Como servos ou amigos do herói, eles trazem a misteriosa conformidade com a natureza que muitas vezes marca a figura central do romance. O paradoxo de que muitos desses filhos da natureza são seres “sobrenaturais” não é tão desconcertante no romance quanto é na lógica. A fada auxiliadora, o morto agradecido, o servo maravilhoso que possui justamente as habilidades de que o herói necessita em uma crise, são todos lugares-comuns dos contos folclóricos (FREY, 2014, p. 338-339).

Assim, a partir da cena em questão, percebe-se que o humor da personagem se revela como fruto de uma alegria verdadeira, não infantil, mas madura, que nasce de uma perspectiva de quem viu as coisas ruins que estão presentes no mundo e, ainda sim, consegue encontrar ou enxergar uma harmonia em sua construção, bem como, com isso, ganhar segurança e senso de superioridade em relação ao bem e ao mal, conseguindo alcançar uma certa sabedoria: “Essa alegria ainda não é o humor. É apenas o pano de fundo que possibilita a atitude complicada do humor. A alegria é uma de suas raízes e se manifesta antes do próprio humor” (ZILLES, 2003, p. 86). Desse modo, surge o espaço do verdadeiro humor, que dissimula o sério sob aparências lúdicas, um humor que se apresenta como transformação e abertura do homem e das coisas pela força do coração (cf. ZILLES, 2003, p. 84). Nesse sentido, o humor “é uma força da maturidade. O humor é um processo de amadurecimento no encontro com o Deus vivo. O humor desenvolve-se na serenidade, na doação, na libertação do mundo, do homem e do próprio eu” (ZILLES, 2003, p. 87). Salienta-se, ademais, a semelhança do humor de Tom com características marcantes do humor inglês, como a presença constante do bom senso, o uso de poesias que, inicialmente, parecem não ter sentido, certo tom excêntrico e grotesco, mas que

revelam uma lucidez ímpar, fazendo-a parecer infantil apenas para aqueles que não enxergam aquilo que a personagem vê.

Somada a essa cena, quando Bombadil devolve o Anel a Frodo, este o examina cuidadosamente e "talvez estivesse um pouquinho zangado com Tom, por dar tão pouca importância ao que até Gandalf considerava tão perigosamente importante" (TOLKIEN, 2001, p. 37)[87]. Ainda para conferir se realmente era o objeto, o hobbit o coloca quando "Tom estava contando uma história absurda sobre os texugos e seus estranhos hábitos" (TOLKIEN, 2001, p. 137)[88], e, evidentemente, desaparece da visão dos presentes. No entanto,

> — Você aí! — gritou Tom, olhando em direção a ele com um olhar de quem enxerga perfeitamente: — Ei! Venha, Frodo! Aonde você está indo? O velho Tom Bombadil ainda não está tão cego assim. Tire seu Anel de ouro. Sua mão fica mais bonita sem ele. Volte! Largue dessa brincadeira e sente-se de novo ao meu lado! Temos de conversar um pouco mais, e pensar sobre amanhã cedo. Tom precisa lhe ensinar a estrada certa, para evitar que se perca (TOLKIEN, 2001, p. 138)[89].

Para surpresa das demais personagens e do leitor, e rompendo com os parâmetros mitológicos estabelecidos por Tolkien em torno do Um Anel, objeto central e fundamental para o desenvolvimento da trama de **O Senhor dos Anéis**, Tom Bombadil podia ver Frodo mesmo quando este usa a joia, feito que somente Sauron, que a forjou, e seus Cavaleiros Negros eram capazes de realizar. Isso revela que o Um Anel não tem nenhum tipo de poder sobre Tom e, ao mesmo tempo, a magia da personagem se mostra mais poderosa que a magia do próprio Anel, fazendo com que, quando em suas mãos, o objeto volte a ser apenas um anel. No contexto do enredo da obra-prima de Tolkien, um gesto como esse estabelece uma afronta ao vilão, pois o Um Anel detém parte da essência de Sauron em sua materialidade, que é de onde provém seu imenso poder objetal. Ao anular a magia do Um Anel é como se Bombadil anulasse a magia do próprio Sauron, ou demonstrasse que essa magia é anulável, vencível, o que pode ser tomado como um sinal de *esperança* para os povos livres da Terra-média, então já ameaçados pela

[87] No original: He was perhaps a trifle annoyed with Tom for seeming to make so light of what even Gandalf thought so perilously important (TOLKIEN, 2004a, p. 133).
[88] No original: Tom was telling an absurd story about badgers and their queer ways (TOLKIEN, 2004a, p. 133).
[89] No original: 'Hey there!' cried Tom, glancing towards him with a most seeing look in his shining eyes. 'Hey! Come Frodo, there! Where be you a-going? Old Tom Bombadil's not as blind as that yet. Take off your golden ring! Your hand's more fair without it. Come back! Leave your game and sit down beside me! We must talk a while more, and think about the morning. Tom must teach the right road, and keep your feet from wandering' (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

emergência das forças do segundo Senhor do Escuro. Além disso, nessa cena, encontra-se um elemento de distanciamento, de ruptura crítica, em termos narrativos, uma vez que há uma quebra na verossimilhança instituída por Tolkien em seu universo ficcional. Assim, Tom Bombadil se revela tão mágico, poderoso e misterioso, que nem os elementos da *fantasy* conseguem retê-lo.

Sendo o Um Anel uma força que corrompe ao incitar o lado maligno daqueles que o usam e que não são o seu senhor, é possível compreendê-lo, na perspectiva tomista de mal, como o revelador de uma deficiência ou carência no ser, como exposto pelo Santo (cf. KOCHER, 2002). Ao não ser tentado por essa força, Tom Bombadil evidencia pleno conhecimento e controle de si — em contrapartida ao conhecimento que o leitor e as demais personagens detêm sobre ele —, intensificando sua imagem como ser divino, mas também remetendo novamente ao *mistério* sobre *quem* ou *o que* ele é. Por meio desse gesto, a personagem relembra os hobbits que eles, enquanto criaturas que possuem em si o sopro divino conferido pela Chama Imperecível, também são deuses. Podemos nos questionar, assim, se seria possível os hobbits fazerem o que fizeram se não tivessem passado por esse ambiente onírico, envolto em brumas e interdimensional, vivenciando-o e alimentando-se dele, o que torna Bombadil uma espécie de *alento divino*, de motivador ou gatilho de ações na narrativa.

Por fim, Tom ensina aos hobbits um caminho seguro para a cidade de Bri, o primeiro destino do grupo, afirmando que eles deviam partir pela manhã, pois seria provável que o sol aparecesse e assim

> poderiam ter boas esperanças ao partir.
> Mas deviam ir cedo; pois o tempo naquela região era uma coisa sobre a qual nem mesmo Tom tinha certeza, e algumas vezes mudava antes que ele pudesse trocar de jaqueta. — *Não sou o senhor do tempo* — disse ele —, bem como não o é nenhum ser de duas pernas (TOLKIEN, 2001, p. 138, grifo nosso)[90].

Por meio do trecho destacado, salienta-se que, mesmo que detentor de grande habilidade mágica, Bombadil não é onipotente. Disse, ainda, aos hobbits para que não tivessem medo e ensinou-lhes também uma rima para o chamar caso precisassem de ajuda, pois ainda que

[90] No original: setting out would be hopeful. But they would do well to start early; for weather in that country was a thing that even Tom could not be sure of for long, and it would change sometimes quicker than he could change his jacket. ‘I am no weather-master,’ said he; ‘nor is aught that goes on two legs’ (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

indicado por Tom, o caminho que deveriam seguir passaria por locais onde havia sérios perigos. Cantaram-na juntos e depois Tom os conduziu para o quarto.

> Naquela noite não escutaram ruídos. Frodo porém não podia dizer com certeza se foi em sonhos ou acordado, que ouviu uma doce voz cantando em sua mente: uma canção que vinha como uma luz pálida atrás de uma cortina de chuva cinzenta, a voz crescendo até transformar aquele véu chuvoso em cristal e prata, para depois se distanciar, revelando aos olhos um campo muito verde sob a luz do sol.
>
> A visão se desmanchou com o despertar, e ali estava Tom, assobiando como um bando de pássaros; o sol já subia atrás da colina, emitindo luz através da janela. Lá fora, a paisagem estava verde e dourada (TOLKIEN, 2001, p. 139)[91].

A visão noturna de Frodo faz referência ao momento no qual, já no final da obra e após a vitória sobre Sauron, ele se aproxima das terras abençoadas dos Valar, conforme se mostrará na sequência do romance. Após despertarem, os hobbits se despedem de Bombadil para seguirem viagem. Depois de poucos passos, quando tinham acabado de descer dos pôneis, Frodo se lembra de que não havia se despedido de Fruta d'Ouro; no entanto, naquele mesmo momento, eles a avistam no topo da colina, o que faz com que corram ladeira acima. Ela os encoraja em sua jornada e também se despede.

A partir dos trechos apresentados, nota-se que os hobbits passaram três dias na casa de Tom Bombadil — um espaço onírico e deslocado da realidade presente na Terra-média — o que nos lembra da jornada de Jonas, profeta bíblico que passou três dias no ventre de uma baleia, e do próprio Cristo, que passou três dias no ventre da *terra* antes de sua ressurreição. Nessa mesma perspectiva de renascimento, recordamos o segundo dia no qual os hobbits estiveram com Bombadil, em que foram envolvidos por uma cortina de *água*, formada pela chuva, vinculando essa passagem ao diálogo entre Jesus e Nicodemos, homem notável entre os judeus da época, narrado no Evangelho segundo João: "Em verdade, em verdade, te digo:/ quem não nascer da *água* e do Espírito/ não pode entrar no Reino de Deus" (BÍBLIA, 1998, p. 1847,

[91] No original: That night they heard no noises. But either in his dreams or out of them, he could not tell which, Frodo heard a sweet singing running in his mind: a song that seemed to come like a pale light behind a grey rain-curtain, and growing stronger to turn the veil all to glass and silver, until at last it was rolled back, and a far green country opened before him under a swift sunrise.
The vision melted into waking; and there was Tom whistling like a tree-full of birds; and the sun was already slanting down the hill and through the open window. Outside everything was green and pale gold. (TOLKIEN, 2004a, p. 135).

grifo nosso). Desse modo, intensifica-se a conexão de Tom com a *terra* e a *água*, salientando o efeito de transformação vivenciado pelos hobbits na casa da personagem, saindo dali como novas criaturas, o que se perceberá na mudança de suas posturas e nos grandes feitos empreendidos por eles no decorrer de sua jornada.

Ao longo da trilha, após caminharem por certo tempo e felizes com o rendimento desse breve percurso, os hobbits param para descansar e fazer uma refeição: Tom havia preparado alimentos para eles passarem bem o dia. Dormem inesperadamente e acordam "de súbito e perturbados de um sono que não estivera em seus planos" (TOLKIEN, 2001, p. 141)[92]. Notam que o sol poente brilhava através da névoa espessa, fria e branca e eles estavam ilhados na neblina. "Tiveram a impressão de que estavam sendo aprisionados numa armadilha, *mas mesmo assim não se desesperaram*" (TOLKIEN, 2001, p. 142, grifo nosso)[93]. A postura dos hobbits nesse trecho já se revela outra em relação à cena na qual se deparam com o Salgueiro: a coragem e a bravura diante do perigo se mostram como efeitos imediatos de seu encontro com Bombadil. Arrumaram suas mochilas o mais rápido possível e avançaram lentamente em fila indiana pela trilha para que não se perdessem, descendo e subindo o vale.

Frodo avista, de repente, um sinal auspicioso e acredita que se passarem por ali estarão a salvo; no entanto, se engana. Adentra a escuridão rapidamente, seu pônei o lança ao chão desaparecendo dentro da névoa e ele se percebe só. Já é noite, grita por seus amigos, mas sem resposta. Ouve por duas vezes o que pensa ser gritos que também o chamam, e vozes pedindo socorro. Quando percebe, vê-se no topo de uma encosta ou colina e, subitamente, é atacado e aprisionado por uma das chamadas Criaturas Tumulares. Frodo acorda, recobra seu ânimo e, ao olhar para o lado, nota que seus amigos também foram capturados.

> De repente, começou a soar uma *canção*: um murmúrio frio, que subia e descia de tom. A voz parecia distante e infinitamente lúgubre, algumas vezes num tom alto e agudo subindo pelo ar, outras como um gemido grave vindo do solo. Naquela cadeia disforme de sons tristes e horríveis, sequências de palavras tomavam forma uma vez ou outra: tristes, duras, frias palavras, impiedosas e desprezíveis. A noite blasfemava contra a manhã que lhe fora roubada, e o frio amaldiçoava o calor pelo qual ansiava. Frodo estava congelado até os ossos. Depois de um tempo, a canção ficou mais clara aos

[92] No original: suddenly and uncomfortably from a sleep they had never meant to take (TOLKIEN, 2004a, p. 137).
[93] No original: They felt as if a trap was closing about them; but they did not quite lose heart (TOLKIEN, 2004a, p. 138).

> ouvidos, e, com o coração tomado de pavor, ele percebeu que a *música tinha se transformado num encantamento* (TOLKIEN, 2001, p. 145, grifo nosso)[94].

Em uma tentativa desesperada, pensou em usar o Anel para fugir e deixar seus amigos; mas foi tomado de coragem e, em um último gesto de bravura, decepou a mão de uma das criaturas que avançavam em direção a Sam. Caído sobre Merry, em meio ao sofrimento,

> [Frodo] lembrou-se da rima que Tom tinha lhe ensinado. Numa voz fraca e desesperada, começou: *Ei, Tom Bombadillo!* E, *ao pronunciar aquele nome, a voz pareceu ficar mais forte: produzia agora um som forte e vigoroso, e a câmara escura parecia ecoar tambores e cornetas*.
>
> *Ei! Tom Bombadillo, Tom Bombadil!*
> *Na mata ou na colina ou junto à margem do rio,*
> *No jogo, ao sol e à lua, ouve agora nossa voz!*
> *Vem, Tom Bombadil, que no aperto estamos sós!*
>
> Fez-se um silêncio súbito e profundo, durante o qual Frodo podia escutar seu coração batendo. Depois de um momento longo e lento, escutou claramente, embora distante, como se viesse de baixo da terra ou através de espessas paredes, uma voz que, respondendo, cantava:
>
> *O velho Tom Bombadil é mesmo um bom camarada;*
> *Azul-claro é sua jaqueta e sua bota é amarelada.*
> *Ninguém jamais o apanha porque Tom é mais sabido;*
> *Sua canção tem mais poder e seu pé é mais rápido* (TOLKIEN, 2001, p. 146, grifo nosso)[95].

---

[94] No original: Suddenly a song began: a cold murmur, rising and falling. The voice seemed far away and immeasurably dreary, sometimes high in the air and thin, sometimes like a low moan from the ground. Out of the formless stream of sad but horrible sounds, strings of words would now and again shape themselves: grim, hard, cold words, heartless and miserable. The night was railing against the morning of which it was bereaved, and the cold was cursing the warmth for which it hungered. Frodo was chilled to the marrow. After a while the song became clearer, and with dread in his heart he perceived that it had changed into an incantation (TOLKIEN, 2004a, p. 141).

[95] He remembered the rhyme that Tom had taught them. In a small desperate voice he began: *Ho! Tom Bombadil!* and with that name his voice seemed to grow strong: it had a full and lively sound, and the dark chamber echoed as if to drum and trumpet.

Ho! Tom Bombadil, Tom Bombadillo!
By water, wood and hill, by the reed and willow,
By fire, sun and moon, harken now and hear us!

Nessa cena, o aparecimento de Tom Bombadil novamente se dá em um contexto sonoro e aéreo — o encantamento das Criaturas Tumulares — e, mais uma vez, ele salva os hobbits por meio de seu canto: apenas o pronunciamento de seu nome já é capaz de mudar a atmosfera presente e o vigor das palavras de Frodo, produzindo também elas um efeito musical — "produzia agora um som forte e vigoroso, e a câmara escura parecia ecoar tambores e cornetas". Em meio ao poema entoado pela personagem, destacam-se os dois últimos versos nos quais ele afirma que não é capturado por ser o "mais sabido" e que "sua canção tem mais poder". Essa combinação de frases estabelece uma relação direta entre o seu conhecimento e o poder místico que ele exerce por meio da música. Retirando-os dos túmulos onde estavam aprisionados, profere um novo encantamento no qual se destaca a magia em sua voz:

> *Acordem, meus camaradas! Acordem à minha voz!*
> *Coração e corpos quentes! A pedra fria a sós!*
> *A porta escura, aberta; o braço morto, quebrado.*
> *A Noite já noutra Noite; o portão escancarado* (TOLKIEN, 2001, p. 147)[96].

Quando despertam, os três hobbits olham em volta assustados, primeiramente para Frodo e depois para Tom, "grande como a vida, no topo da colina acima deles" (TOLKIEN, 2001, p. 147)[97]. Todo o terror pelo qual haviam passado desaparece de seus corações diante da presença de Bombadil. Notam que estão usando estranhas vestimentas e se questionam sobre o paradeiro de suas roupas, ao paço que Tom diz para que eles permitam que o sol aqueça os seus copos e corações, largando aqueles farrapos e correndo nus sobre o capim, enquanto ele iria caçar. A fala de Tom salienta a sua relação com o *fogo*, na medida em que sugere aos hobbits que eles sejam envolvidos completamente pela luz do sol, que não os aquece apenas fisicamente, mas traz também novo ânimo para seus espíritos. Destaca-se também o fato de

---

Come, Tom Bombadil, for our need is near us!

There was a sudden deep silence, in which Frodo could hear his heart beating. After a long slow moment he heard plain, but far away, as if it was coming down through the ground or through thick walls, an answering voice singing:

Old Tom Bombadil is a merry fellow,
Bright blue his jacket is, and his boots are yellow.
None has ever caught him yet, for Tom, he is the master:
His songs are stronger songs, and his feet are faster (TOLKIEN, 2004a, p. 142).

[96] No original: *Wake now my merry lads! Wake and hear me calling!*
Warm now be heart and limb! The cold stone is fallen;
Dark door is standing wide; dead hand is broken.
Night under Night is flown, and the Gate is open! (TOLKIEN, 2004a, p. 143).

[97] No original: standing large as life on the barrow-top above them (TOLKIEN, 2004a, p. 143).

correrem nus sobre o capim, o que indica uma conexão íntima de seus corpos com a Natureza ao seu redor, estreitando ainda mais o vínculo de Tom com a *terra*, além de ressaltar a importância desta para o revigoramento dos hobbits.

Outra possibilidade de encontro entre Bombadil e as Criaturas Tumulares, presente nos rascunhos de Tolkien, dá-se no momento em que ele caminha com os hobbits e "duas criaturas Tumulares vêm [? galopando] atrás deles, mas *param toda vez que Tom Bombadil se vira e olha para eles*" (TOLKIEN, 2002i, p. 112, tradução nossa, grifo nosso)[98]. Esse excerto, ausente na versão final do romance, demonstra o controle exercido por Tom Bombadil não por sua voz, música ou canto, mas sim pelo seu olhar; olhos que, como apresentado, brilham como o fogo em meio à escuridão.

No momento em que Tom volta, eles já estão se sentindo fortes e famintos; atrás dele, vêm em uma única fila seis pôneis, dos quais cinco eram dos hobbits, trazendo seus pertences, e mais um, Bolo-fofo, do próprio Bombadil: "Merry, que era dono dos outros, nunca os chamara assim, mas eles passaram a atender pelos novos nomes [— Fuça-fuça, Espanador, Trombadinha, Meia-branca e Orelhinha —] que Tom lhes dera, até o fim de suas vidas. Tom os chamou um por um, e eles subiram a colina, ficando em fila" (TOLKIEN, 2001, p. 149)[99]. Essa cena da (re)nomeação dos pôneis remete mais uma vez ao Gênesis bíblico: após criar Adão, o primeiro homem, Deus dá-lhe a ordem de nomear todos os seres existentes. De acordo com o *midrash* judaico[100], a linguagem adâmica — utilizada por Deus para confrontar Adão e com a qual ele nomeia todas as coisas — corresponderia à essência do ser nomeado; assim, o nome dado por Adão teria uma correspondência plena com o respectivo *ser* da coisa nomeada e seria, portanto, seu *verdadeiro nome*: "o poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas a sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundamento da linguagem, e, por extensão, o fundamento da poesia" (BOSI, 1977, p. 139). Assim, quando Tom Bombadil expressa tal habilidade por sua linguagem musical e poética, demonstra que

> a poesia é um penetrar, um *estar* ou *ser* na realidade. [...].
> Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem — esse perpétuo chegar a ser — é. A poesia é entrar no *ser*" (PAZ, 2012, p. 137-138, grifo nosso).

[98] No original: two Barrow- wights come [? galloping] after them, but stop every time Tom Bombadil turns and looks at them.
[99] No original: Merry, to whom the others belonged, had not, in fact, given them any such names, but they answered to the new names that Tom had given them for the rest of their lives. Tom called them one by one and they climbed over the brow and stood in a line (TOLKIEN, 2004a, p. 144).
[100] Midrash é um gênero narrativo fantástico da cultura judaica.

Nesse sentido, ao penetrar na essência do ser e desvelar sua natureza por meio do gesto da (re)nomeação, "o poder de Tom Bombadil é o mais próximo possível da arte pura" (BISENIEKS, 1975, p. 23). De modo semelhante, o nome dado por Tom aos pôneis corresponde ao seu *verdadeiro nome*, aquilo que de fato eles *são*, o que se percebe pela razão de que eles nunca foram anteriormente chamados daquele modo, e depois que Tom assim os nomeia, eles não mais atendem por nenhum outro nome: "Tom Bombadil renomeia os pôneis dos hobbits com nomes 'verdadeiros' aos quais eles irão responder sempre" (HOLMES, 2014, p. 139, tradução nossa). Ademais, os pôneis que outrora fugiram vão ao encontro de Tom, pois "os seres escondidos e fugidios esquecem de fugir quando o poeta os chama pelo verdadeiro-nome" (BACHELARD, 2003, p. 10-11).

Diante dessa cena, Jones (2002) associa a personagem Tom Bombadil a Taliesin (534-599), poeta britano que, segundo o mito, possuía o poder da verdadeira linguagem. Esse conhecimento e poder por meio da palavra não só acrescenta informações a respeito da habilidade mágica dessa personagem, mas também revela que, em contrapartida ao conhecimento que temos dela — o seu *verdadeiro nome*, e, portanto, o seu *ser*, permanecem sempre como mistério —, Tom, por sua vez, detém esse conhecimento a respeito dos demais seres. Em outras palavras, o verdadeiro nome de Tom Bombadil permanece secreto, mistério, enquanto os nomes de todas as demais coisas e seres parecem ser de seu conhecimento, o que reforça o caráter divino no mesmo instante em que redobra o mistério em torno da personagem. Esse fato merece especial destaque tendo em vista que a mitologia tolkieniana é composta por línguas inventadas pelo próprio autor, nas quais cada nome carrega consigo sentidos e significados próprios. Por meio da habilidade demonstrada por Bombadil, podemos entender que ele não apenas conhece o nome das outras criaturas, como também exerce por meio desse saber sua habilidade mágica. Nessa perspectiva, ao não portar um *verdadeiro nome*, Tom Bombadil se mostra multívoco, ainda mais profícuo em sentidos e significados nesse universo ficcional, uma vez que mantém sua identidade, e, portanto, sua essência, ocultas; além de não se permitir dominar por outras criaturas, sendo o seu próprio Senhor: "Amiúde, o nome do deus, não o próprio deus, parece ser a verdadeira fonte de sua eficácia. O conhecimento deste nome submete àquele que o possua também o ser, e a vontade do deus" (CASSIRER, 1972, p. 67).

Após trazer-lhes as montarias, Bombadil diz que os levará até a estrada, mas que não permanecerá com eles, pois deve voltar para cuidar de suas terras, e Fruta d'Ouro o está esperando. Enquanto comem, Tom sobe até o túmulo e examina os tesouros, deixando-os ali para que qualquer um que passasse pudesse pegar o que quisesse, quebrando assim o feitiço posto sobre os objetos. Tom Bombadil escolhe para si um belo e pequeno broche,

aparentemente tocado por alguma lembrança, e para cada hobbit um punhal longo de artesanato maravilhoso feito pelos Homens do Poente — os primeiros seres humanos a habitarem a Terra-média —, inimigos do Senhor do Escuro, mas derrotados pelo maldoso rei de Carn Dum, na Terra de Angmar — que mais tarde ficará conhecido como o temido Rei dos Bruxos de Angmar[101]. Destaca-se ainda a importância do punhal dado a Merry que será usado para a morte do referido Rei, já no fim do romance.

> — Poucos agora se recordam deles [referindo-se aos Homens do Poente] — murmurou Tom. — Mesmo assim, alguns ainda vagueiam, filhos de reis esquecidos, caminhando solitários, protegendo os incautos das coisas malignas.
>
> Os hobbits não entenderam aquelas palavras, mas, enquanto Tom falava, tiveram uma visão que parecia muito antiga, uma planície ampla e sombria, sobre a qual caminhavam figuras de homens, altos e severos, com espadas brilhantes, e por último vinha um com uma estrela na testa. Então a visão desapareceu, e voltaram para o mundo ensolarado. Era hora de partir novamente (TOLKIEN, 2001, p. 150)[102].

Por meio de sua fala, Tom transporta os hobbits para uma visão na qual esse último homem referido é Aragorn, herdeiro legítimo do reino dos homens de Gondor — prenunciando o encontro dos viajantes com esta personagem bem como sua linhagem real —, que, apenas no final da obra, após a derrota de Sauron, será coroado como rei e terá em sua fronte uma coroa com uma estrela na testa. Ao "verem" o futuro, ainda que desconhecido para os hobbits — de modo semelhante ao que aconteceu com Frodo na segunda noite na casa de Tom Bombadil —, o poder de Tom se manifesta não apenas na visão em si, mas no fato de trazer-lhes a *esperança* na possibilidade de o mal ser derrotado, assim como o próprio Bombadil fizera na cena em que segura o Anel. Os hobbits, então, seguiram alegremente a viagem, agora conduzidos por Tom Bombadil. "Tom cantava a maior parte do tempo, mas quase tudo o que saía de seus lábios não fazia sentido, *ou talvez fosse alguma língua estranha*, desconhecida dos hobbits, *uma língua antiga* cujas palavras eram principalmente de felicidade e prazer" (TOLKIEN, 2001, p. 151,

[101] Chefe dos Cavaleiros Negros, os Nazgûl.

[102] No original: 'Few now remember them,' Tom murmured, 'yet still some go wandering, sons of forgotten kings walking in loneliness, guarding from evil things folk that are heedless.'
The hobbits did not understand his words, but as he spoke they had a vision as it were of a great expanse of years behind them, like a vast shadowy plain over which there strode shapes of Men, tall and grim with bright swords, and last came one with a star on his brow. Then the vision faded, and they were back in the sunlit world. It was time to start again (TOLKIEN, 2004a, p. 146).

grifo nosso)[103]. Nota-se aqui o tom encantatório das palavras de Bombadil que, ao mesmo tempo que caminha pela trilha, lança sobre ela sua magia por meio de uma língua antiga, desconhecida pelos demais viajantes. Por meio da linguagem de Tom Bombadil, certas vezes sem sentido para os hobbits — como demonstra esse excerto —, ele também se relaciona ao poema *Tom O'Bedlan*[104]. Esse poema, composto na Inglaterra provavelmente no início do

[103] No original: Tom sang most of the time, but it was chiefly nonsense, or else perhaps a strange language unknown to the hobbits, an ancient language whose words were mainly those of wonder and delight (TOLKIEN, 2004a, p. 146).

[104] Poema *Tom O'Bedlan*, no original:

From the hag and hungry goblin
That into rags would rend ye,
The spirit that stands by the naked man
In the Book of Moons, defend ye.
That of your five sound senses
You never be forsaken,
Nor wander from your selves with Tom
Abroad to beg your bacon,
  While I do sing, Any food, any feeding,
  Feeding, drink or clothing;
  Come dame or maid, be not afraid,
  Poor Tom will injure nothing.

Of thirty bare years have I
Twice twenty been enragèd,
And of forty been three times fifteen
In durance soundly cagèd.
On the lordly lofts of Bedlam
With stubble soft and dainty,
Brave bracelets strong, sweet whips, ding-dong,
With wholesome hunger plenty,
  And now I sing, Any food, any feeding,
  Feeding, drink or clothing;
  Come dame or maid, be not afraid,
  Poor Tom will injure nothing.

With a thought I took for Maudlin,
And a cruse of cockle pottage,
With a thing thus tall, sky bless you all,
I befell into this dotage.
I slept not since the Conquest,
Till then I never wakèd,
Till the roguish boy of love where I lay
Me found and stript me nakèd.
  While I do sing, Any food, any feeding,
  Feeding, drink or clothing;
  Come dame or maid, be not afraid,
  Poor Tom will injure nothing.

When I short have shorn my sow's face
And swigged my horny barrel,
In an oaken inn, I pound my skin
As a suit of gilt apparel;
The moon's my constant mistress,
And the lovely owl my marrow;
The flaming drake and the night crow make

Me music to my sorrow.
While I do sing, Any food, any feeding,
Feeding, drink or clothing;
Come dame or maid, be not afraid,
Poor Tom will injure nothing.

The palsy plagues my pulses
When I prig your pigs or pullen
Your culvers take, or matchless make
Your Chanticleer or Sullen.
When I want provant, with Humphry
I sup, and when benighted,
I repose in Paul's with waking souls,
Yet never am affrighted.
But I do sing, Any food, any feeding,
Feeding, drink or clothing;
Come dame or maid, be not afraid,
Poor Tom will injure nothing.

I know more than Apollo,
For oft when he lies sleeping
I see the stars at mortal wars
In the wounded welkin weeping.
The moon embrace her shepherd,
And the Queen of Love her warrior,
While the first doth horn the star of morn,
And the next the heavenly Farrier.
While I do sing, Any food, any feeding,
Feeding, drink or clothing;
Come dame or maid, be not afraid,
Poor Tom will injure nothing.

The Gypsies, Snap and Pedro,
Are none of Tom's comradoes,
The punk I scorn, and the cutpurse sworn
And the roaring boy's bravadoes.
The meek, the white, the gentle,
Me handle not nor spare not;
But those that cross Tom Rynosseross
Do what the panther dare not.
Although I sing, Any food, any feeding,
Feeding, drink or clothing;
Come dame or maid, be not afraid,
Poor Tom will injure nothing.

With an host of furious fancies,
Whereof I am commander,
With a burning spear and a horse of air
To the wilderness I wander.
By a knight of ghosts and shadows
I summoned am to tourney
Ten leagues beyond the wide world's end:
Methinks it is no journey.
Yet I will sing, Any food, any feeding,
Feeding, drink or clothing;
Come dame or maid, be not afraid,
Poor Tom will injure nothing.

século XVII, tem sua autoria anônima e é identificado como uma "canção louca". O mesmo termo foi usado ao longo dos anos seguintes para identificar moradores de rua ou desocupados que apresentavam ou aparentavam certa insanidade mental. Percebe-se, assim, uma semelhança não apenas nominal, mas também de linguagem entre a comunicação da personagem e o poema medieval.

Ao retornarem para a estrada, os hobbits se lembram, por meio da fala de Frodo, dos Cavaleiros Negros e questionam Tom se eles os perseguiriam naquela noite. Por meio da resposta recebida, salienta-se a relação entre o conhecimento da personagem e o seu senhorio.

> — Não, espero que não esta noite — respondeu Tom Bombadil. — Talvez nem amanhã. *Mas não confiem em minhas suposições; pois não posso dizer nada com certeza. Para o leste, meu conhecimento falha. Tom não é o senhor dos Cavaleiros da Terra Negra*, que fica distante de sua região (TOLKIEN, 2001, p. 152, grifo nosso)[105].

A incerteza das suposições de Bombadil a respeito dos Cavaleiros Negros se mostra intimamente vinculada a sua falta de conhecimento sobre eles e suas terras. Por meio das palavras da própria personagem, é ressaltada a intrínseca relação entre sua habilidade mágica e o conhecimento que detém dos demais seres e regiões. Somada a tal colocação, quando se despede, aconselha os hobbits a seguirem viagem até a estalagem chamada O Pônei Saltitante, na aldeia Bri. Imploram para que ele fosse ao menos até a estalagem com eles,

> mas Tom riu e recusou o convite, dizendo:
>
> *Aqui termina a terra de Tom: os confins ele não passa*
> *Tem sua casa pra cuidar, e a sua espera Fruta d'Ouro.*
>
> Depois se virou, jogou o chapéu para cima, pulou no lombo de Bolo, e foi subindo o barranco, cantando no crepúsculo.
> Os hobbits subiram também, e ficaram olhando até que ele desapareceu de vista.

[105] No original: 'No, I hope not tonight,' answered Tom Bombadil; 'nor perhaps the next day. But do not trust my guess; for I cannot tell for certain. Out east my knowledge fails. Tom is not master of Riders from the Black Land far beyond his country' (TOLKIEN, 2004a, p. 147).

> — Fico triste por ter de me despedir do Senhor Bombadil — disse Sam. — É uma pessoa extraordinária, disso não há dúvida. Acho que podemos avançar bastante e não ver ninguém melhor, nem mais estranho. Mas não nego que ficarei feliz ao ver esse *Pônei Saltitante* que mencionou. Espero que seja igual ao *Dragão Verde*, perto de nossa casa! Que tipo de gente existe em Bri? (TOLKIEN, 2001, p. 152-153)[106].

As duas últimas falas de Tom aqui destacadas se coadunam e evidenciam sua relação com a terra em que habita e também com Fruta d'Ouro. Desse modo, entende-se o relacionamento entre Bombadil e Fruta d'Ouro a partir de uma complementariedade não apenas marital, mas também mística e elemental, na qual se fazem presentes os quatro elementos da Natureza: *ar*, *fogo*, *terra* e *água*.

A fala final de Tom Bombadil passa por algumas modificações ao longo da construção do romance. Em versões anteriores, ressalta-se a amizade entre ele e o Sr. Carrapicho, estaleiro do Pônei Saltitante, garantindo que o seu *nome* faria com que eles fossem mais bem acolhidos: "*Ele conhece Tom Bombadil, e o nome de Tom vai ajudá-los./ Diga 'Tom nos enviou aqui' e ele os tratará gentilmente*" (TOLKIEN, 2002d, p. 130, tradução nossa)[107]. O relacionamento entre essas personagens é entendido em uma perspectiva mais ampla do que aparenta. Ao se afirmar que Tom e o Sr. Carrapicho são amigos, implica-se o fato de que Bombadil saía de suas terras, o que se contrasta com outras informações apresentadas a respeito dessa personagem ao longo da obra, conforme se mostrará a seguir. Diversas vezes e de diversos modos essa relação é modificada por Tolkien em seus rascunhos; em certos momentos, as personagens são dispostas como desconhecidas, em outros, as terras de Tom são estendidas até Bri. De todo modo, a opção por manter a personagem em seus domínios intensifica a relação entre Tom, sua *terra* e Fruta d'Ouro.

---

[106] No original: but he laughed and refused, saying:

Tom's country ends here: he will not pass the borders.
Tom has his house to mind, and Goldberry is waiting!

Then he turned, tossed up his hat, leaped on Lumpkin's back, and rode up over the bank and away singing into the dusk.
The hobbits climbed up and watched him until he was out of sight.
'I am sorry to take leave of Master Bombadil,' said Sam. 'He's a caution and no mistake. I reckon we may go a good deal further and see naught better, nor queerer. But I won't deny I'll be glad to see this *Prancing Pony* he spoke of. I hope it'll be like *The Green Dragon* away back home! What sort of folk are they in Bree?' (TOLKIEN, 2004a, p. 148).

[107] No original: *He knows Tom Bombadil, and Tom's name will help you./ Say 'Tom sent us here' and he will treat you kindly.*

Termina aqui a aparição de Tom Bombadil em **O Senhor dos Anéis**. Há, contudo, mais momentos em que ele é lembrado ou mencionado pelos hobbits ou por outras personagens no transcorrer da narrativa. Quando chegam à frente da estalagem e, em meio a um questionamento feito por Sam, Frodo se recorda que Tom a havia recomendado, dando credibilidade ao estabelecimento. Já na estalagem, Passolargo — que depois se revelará ser Aragorn — afirma ter ouvido a fala dos hobbits com Bombadil e entre si na estrada Oeste de Bri. Em um rascunho sobre essa passagem, notamos um possível contato entre Tom Bombadil e Aragorn: "(Gandalf estava indo para o Sul). Ele dá a Aragorn uma carta para Frodo. Aragorn finge que é um Guardião e passa um tempo em Bri (Ele também avisa Tom Bombadil.)" (TOLKIEN, 2002b, p. 7, tradução nossa)[108]. Ainda que esse "Ele" possa se referir também à personagem Gandalf, em outra fala de Aragorn, omitida na versão final do romance, mostra-se o valor dado por ele a Bombadil: "Claro que eu realmente não duvidei de vocês depois de vê-los com Tom Bombadil" (TOLKIEN, 2002h, p. 64, tradução nossa)[109]. A confiança depositada nos hobbits por Aragon — personagem central na narrativa —, apenas pelo fato de serem vistos com Tom revela sua benignidade diante de um mundo já ameaçado pela insurgência do mal.

Posteriormente, quando o Pônei Saltitante é invadido pelos Cavaleiros Negros, os pôneis de Merry fogem em direção à casa de Tom, onde ficam até o momento em que ele descobre o que ocorrera na aldeia e os manda de volta à estalagem. Em uma versão antiga dessa mesma passagem, está indicado que, ao encontrar os pôneis, Tom temeu que algo tivesse acontecido aos hobbits e foi até a estalagem onde o Sr. Carrapicho (que ainda possui outro nome no rascunho) contou aquilo que sabia a respeito do ocorrido. Diante dos fatos narrados, Bombadil compra os pôneis do estaleiro para fazerem companhia a Bolo-fofo. Vale ressaltar que essa versão dos fatos é descartada na obra publicada; no entanto, a fuga dos pôneis em direção a Tom Bombadil evidencia não apenas a relação deste com a Natureza, mas o quão marcante foi, ainda que para os pôneis, o contato com essa personagem.

Sam se recorda de Tom em duas situações distintas: primeiramente, em um poema narrativo de melodia antiga — de sua própria autoria[110] — entoado em um momento de descanso quando estão fugindo dos Cavaleiros Negros; e também quando ele e Frodo se veem em uma armadilha na toca de Laracna[111], no momento em que coloca sua mão sobre o punho

[108]No original: (Gandalf was going South). He gives Aragorn a letter to Frodo. Aragorn pretends he is a Ranger and hangs about Bree. (He also warns Tom Bombadil.)
[109] No original: Of course I did not really doubt you after seeing you with Tom Bombadil.
[110] Este mesmo poema se encontra no livro **As Aventuras de Tom Bombadil**, e será analisado juntamente com os demais poemas presentes nessa obra que se referem a Tom Bombadil.
[111] Aranha gigante que habita as montanhas próximas a Mordor, fortaleza do Senhor do Escuro onde o Anel deve ser destruído.

da espada, recordando-se da escuridão de onde ela viera: "'Gostaria que o velho Tom estivesse por perto agora!', pensou ele". (TOLKIEN, 2001, p. 759)[112]. Dessa forma, tem-se reforçada a capacidade mágica da personagem, que poderia auxiliá-los em meio a mais esse perigo, bem como a dimensão onírica nas quais os hobbits adentram na casa e na companhia de Tom, uma vez que "uma casa onírica é uma *imagem* que, na lembrança e nos sonhos, se torna uma força de proteção" (BACHERLARD, 2003, p. 92, grifo do autor).

Em uma passagem anterior, fugindo dos Cavaleiros Negros, Frodo se volta para eles e diz:

> — Voltem! — gritou ele. — Voltem para a Terra de Mordor, e não me sigam mais! — Sua voz soava fina e trêmula aos seus próprios ouvidos. Os Cavaleiros pararam, *mas Frodo não tinha o poder de Tom Bombadil*. Seus inimigos riam dele, com um riso rude e arrepiante. — Volte! Volte! — gritavam eles. — Vamos levá-lo para Mordor!
> — Voltem! — sussurrou ele (TOLKIEN, 2001, p 222, grifo nosso) [113].

O trecho em destaque evidencia, pela voz do narrador, o poder contido na fala de Tom, levando-nos a supor que, caso ele se encontrasse com os Cavaleiros, seria capaz de exercer sobre eles seu poder mágico. Em complementaridade à resposta dada por Bombadil aos hobbits quando, na despedida, eles o questionam sobre a possibilidade dos Cavaleiros os perseguirem, compreendemos que a magia de Tom Bombadil transcende suas terras, apesar de estar a ela vinculada.

Durante o Conselho de Elrond[114], em uma despedida de Gandalf já no final do romance e na recordação de Frodo ao se aproximar da terra dos Valar[115], Tom também é lembrado. No Conselho, informações são dadas a respeito de Bombadil, todas caracterizadas como sugestivas, evidenciando o desconhecimento que possuem sobre a personagem, o que realça o seu "tom" de mistério:

---

[112] No original: 'I wish old Tom was near us now!' he thought (TOLKIEN, 2004a, p. 719).
[113] No original: 'Go back!' he cried. 'Go back to the Land of Mordor, and follow me no more!' His voice sounded thin and shrill in his own ears. The Riders halted, but Frodo had not the power of Bombadil. His enemies laughed at him with a harsh and chilling laughter. 'Come back! Come back!' they called. 'To Mordor we will take you!' 'Go back!' he whispered (TOLKIEN, 2004a, p. 214).
[114] Reunião entre os representantes dos principais reinos e povos livres da Terra-média com o intuito de decidir o destino que será dado ao Um Anel, então em posse de Frodo, também participante desse conselho. Essa reunião ocorre em Valfenda, Reino Élfico que tem como senhor Elrond.
[115] Graça concedida apenas aos elfos, inicialmente, mas também permitida a Gandalf, Frodo e Bilbo, pelos seus grandes feitos, e resistência na luta contra a tentação do Anel.

— Mas tinha me esquecido de Bombadil, se é que esse é o mesmo que caminhava nas florestas e colinas há muito tempo, e mesmo naquela época ele era mais velho que os velhos. Nesse tempo, tinha outro nome. Chamavam-no de Iarwain Ben-adar, o mais antigo e sem pai. Mas outros nomes lhe foram dados por vários povos: Forn pelos anões, Orald pelos homens do Norte, e outros nomes além desses. É uma criatura estranha, mas talvez devesse tê-lo chamado para o Conselho.

— Não teria vindo — disse Gandalf.

— Não poderíamos, mesmo assim, enviar mensagens a ele e pedir sua ajuda? — perguntou Erestor[116]. — Parece que tem poder até sobre o Anel.

— Não, eu não colocaria as coisas dessa forma — disse Gandalf — É melhor dizer que o Anel não tem poder sobre ele. Ele é seu próprio senhor. Mas não pode alterar o próprio Anel, nem desfazer o poder deste sobre os outros. E agora se retirou para uma região pequena, dentro de limites que ele mesmo fixou, embora ninguém consiga enxergá-los, talvez esperando uma mudança dos dias, e não sai dali.

— Mas, dentro desses limites, nada parece afetá-lo — disse Erestor. Ele não poderia pegar o Anel e guardá-lo ali, mantendo-o para sempre inofensivo?

— Não — disse Gandalf. — Não estaria disposto a isso. Poderia fazê-lo, se todos os povos livres do mundo lhe pedissem, mas não entenderia a necessidade. E se recebesse o Anel, logo o esqueceria, ou mais provavelmente iria jogá-lo fora. Essas coisas não têm lugar em sua mente. Seria um guardião arriscado, e isso já é resposta suficiente.

— Mas, de qualquer forma — disse Glorfindel[117] —, enviar-lhe o Anel seria apenas postergar o dia do mal. Ele está distante. Não poderíamos levar-lhe o Anel sem que isso fosse objeto de suspeita ou observação de algum espião. E, mesmo que pudéssemos, mais cedo ou mais tarde o Senhor dos Anéis saberia do esconderijo, e avançaria com todo o seu poder naquela direção. Poderia esse poder ser desafiado por Bombadil sozinho? Acho que não. Acho que, no fim, se todo o resto for conquistado, Bombadil sucumbirá, vindo a ser o Último, da mesma forma como foi o Primeiro; e então a Noite virá.

[116] Elfo de Valfenda, chefe da casa de Elrond.
[117] Elfo enviado por Elrond para salvar Frodo dos Cavaleiros Negros e levá-lo a Valfenda.

> — Sei pouco sobre Iarwain além do nome — disse Galdor[118]. — Mas acho que Glorfindel está certo. O poder para desafiar o Inimigo não está nele, a não ser que esteja na própria terra (TOLKIEN, 2001, p. 276)[119].

Por meio desse diálogo, ocorrido no momento da narrativa em que os destinos do Um Anel, da Terra-média e de suas raças livres são decididos, mais informações acrescentam-se ao mistério que é Tom Bombadil. Primeiramente, é importante destacar que, por seu *ser mistério*, as informações dadas pelas demais personagens sobre Bombadil contam sempre com um tom de incerteza e dúvida, revelando um desconhecimento delas sobre ele, e a permanência de sua misteriosidade, mesmo diante de personagens tão sábias quanto Gandalf e Elrond.

Os seus diversos nomes demonstram que ele é um ser muito antigo, e nenhum desses nomes parece corresponder a um possível *verdadeiro nome*, o que indicia que ele não tem *um nome*, mas talvez porte *todos os nomes*; além disso, descobre-se, por meio da denominação que lhe é atribuída pelos elfos, em sindarin[120], que ele seria o ser "mais antigo e *sem pai*", "vindo a ser o Último, da mesma forma como foi o Primeiro". Essa mesma terminologia é usada ao longo do livro do Apocalipse para se referir a Cristo em sua segunda vinda: "Eu sou o Alfa e o Ômega, *o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim*" (BÍBLIA, 1998, p. 2167, grifo nosso), reforçando a longevidade de Tom, que remonta à origem do próprio cosmos, bem como sua relação com a

---

[118] Elfo participante do Conselho de Elrond.

[119] No original: But I had forgotten Bombadil, if indeed this is still the same that walked the woods and hills long ago, and even then was older than the old. That was not then his name. Iarwain Ben-adar we called him, oldest and fatherless. But many another name he has since been given by other folk: Forn by the Dwarves, Orald by Northern Men, and other names beside. He is a strange creature, but maybe I should have summoned him to our Council.'
'He would not have come,' said Gandalf.
'Could we not still send messages to him and obtain his help?' asked Erestor. 'It seems that he has a power even over the Ring.'
'No, I should not put it so,' said Gandalf. 'Say rather that the Ring has no power over him. He is his own master. But he cannot alter the Ring itself, nor break its power over others. And now he is withdrawn into a little land, within bounds that he has set, though none can see them, waiting perhaps for a change of days, and he will not step beyond them.'
'But within those bounds nothing seems to dismay him,' said Erestor. 'Would he not take the Ring and keep it there, for ever harmless?'
'No,' said Gandalf, 'not willingly. He might do so, if all the free folk of the world begged him, but he would not understand the need. And if he were given the Ring, he would soon forget it, or most likely throw it away. Such things have no hold on his mind. He would be a most unsafe guardian; and that alone is answer enough.'
'But in any case,' said Glorfindel, 'to send the Ring to him would only postpone the day of evil. He is far away. We could not now take it back to him, unguessed, unmarked by any spy. And even if we could, soon or late the Lord of the Rings would learn of its hiding place and would bend all his power towards it. Could that power be defied by Bombadil alone? I think not. I think that in the end, if all else is conquered, Bombadil will fall, Last as he was First; and then Night will come.'
'I know little of Iarwain save the name,' said Galdor; 'but Glorfindel, I think, is right. Power to defy our Enemy is not in him, unless such power is in the earth itself (TOLKIEN, 2004a, p. 266).

[120] Língua élfica mais comumente utilizada na Terceira Era, tempo em que transcorre as narrativas de **O Senhor dos Anéis**.

presença do divino que habita no mundo criado. Ainda concernente à sua nomeação élfica, em hebraico, o termo "*ben*" significa "filho de", enquanto "*adar*" — sexto mês do calendário civil e décimo segundo do calendário religioso do ano judeu — refere-se à estação da primavera, estando também relacionada à palavra "*adir*" que denota força e poder; ressaltando, assim, tais atributos da personagem, bem como sua relação com a natureza. Os outros nomes possuídos por ele também apresentam sentidos significativos. O mais referenciado, Bombadil, "tem origem no inglês medieval '*bobadil*'[121], 'fanfarrão', mas em outras línguas em que ocorre enfatiza-se sua idade. [...]; os Rohirrim[122] o nomeiam *Orald* — 'muito antigo', em anglo-saxão —; os anões o denominam *Forn* — 'de tempos antigos', em nórdico antigo. (WIDDICOMBE, 2021, p. 125). Além dos nomes já apresentados, outros são encontrados ao longo dos rascunhos de Tolkien (2002f e 2002g): para os elfos, *Yare* e *Iaur* — "dias anteriores" e "antigo", "velho", respectivamente; para os gnomos[123] *Erion* — "o mais velho"; *Oreald*[124], *Eldest*[125] e *Frumbarn* — do inglês antigo, "o primeiro nascido"; além da variação *tom-bombadil*, para o povo do condado.

Ao se relacionar essas informações a respeito dos múltiplos nomes de Bombadil com a passagem da reposta de Fruta d'Ouro — "*Ele é*" — diante da indagação de Frodo, conclui-se que Tom é de fato o ser mais antigo existente e presente em Arda, logo, é anterior aos elfos e, claramente, aos Valar — já que os Valar têm pai, o deus criador, Eru Ilúvatar; mas Bombadil não tem "pai", ou seja, não tem um predecessor, e também será o último caso o cosmos chegue ao fim, não tendo, portanto, um sucessor. Essas são condições básicas para que uma personagem seja um deus criador, um *deus-pai*, ou ao menos um ser primordial, e fazem ressaltar a relação alhures observada na passagem bíblica sobre o fogo — que queimava na sarça ardente — e o Deus judaico-cristão.

Gandalf afirma que Tom não participaria do Conselho ainda que fosse convidado, e busca explicar como se constitui a relação de Tom com o Anel apontando para a pouca ou nenhuma importância que Bombadil daria ao objeto, considerando imprudente lhe conferir sua guarda; ainda assim, afirma-se mais uma vez que Tom é "seu próprio senhor", evidenciando que, como destacamos na cena em que Tom toma o Anel em suas mãos, esse objeto mágico não exerce sobre ele dominação ou controle. Notamos ainda uma oposição entre dois momentos distintos no que diz respeito à mobilidade dessa personagem: havia um tempo em que Bombadil

[121] "*Braggart*" no inglês moderno.
[122] Homens do Norte.
[123] Esse mesmo nome é cogitado para ser atribuído a Tom pelos elfos.
[124] Apresentado como uma variação de *Orald*.
[125] Traduzido como "O mais Ancião".

caminhava indiscriminadamente pela Terra-média, mas agora ele se fixou em um espaço no qual reside, permanecendo nele. A estabilidade de Tom nesse espaço nos mostra que o seu vínculo com ele, e também com Fruta d'Ouro, não é apenas físico, mas também mágico e místico, como já apontado anteriormente. Por fim, há a suposição de que, se Sauron dominasse toda a Terra-média, Bombadil também cairia, não tendo poder para enfrentá-lo sozinho, "a não ser que esse poder esteja na própria terra". Essa última afirmação nos remete mais uma vez a cena da composição de Arda, na qual esta é formada a partir da música dos Ainur (*ar*), e da Chama Imperecível (*fogo*). Após sua formação, a *terra* recém-criada é moldada e modelada pelos Valar. Nesse sentido, conclui-se que se Tom consegue manipular o poder da própria *terra*, ele consegue também manipular o poder dos próprios Valar, que seriam os habitantes mais poderosos presentes em Arda. Tal afirmação, implica pensar que o poder de Tom e suas habilidades mágicas transcendem os de que qualquer outro ser que vive no mundo criado. O único ser que, nesse contexto, deteria um poder superior ou igual ao de Tom é Eru Ilúvatar, deus criador desse universo ficcional, que permanece "afastado, fora do Mundo, e acessível diretamente apenas aos Valar ou Governantes" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006g, p. 226)[126].

Há uma série de rascunhos sobre essa passagem que nos apresentam novas e distintas informações, desde a chegada dos hobbits a Valfenda, reino élfico no qual ocorre o Conselho, até as próprias palavras que são ditas durante a reunião. Ao se dirigir a Frodo[127] quando os hobbits chegam ao local, Gandalf afirma:

> 'As coisas funcionam de maneira estranha. Se não fosse por esse 'atalho' você não teria conhecido o velho Bombadil, nem o único tipo de espada que os Cavaleiros temem. Por que não pensei em Bombadil antes! Se ele não estivesse tão longe, eu voltaria imediatamente para *consultá-lo*. Nunca tivemos muito a ver um com o outro até agora. Eu não acho que ele me aprova de alguma forma. *Ele pertence a uma geração muito mais velha*, e meus caminhos não são os dele. Ele se mantém para si mesmo e não acredita em viagens. Mas imagino que, de alguma forma, *todos precisaremos de sua ajuda no final* — e que ele pode ter que se interessar por coisas fora de seu próprio país' (TOLKIEN, 2002a, p. 213-214, tradução nossa, grifo nosso)[128].

[126] No original: who indeed remains remote, outside the World, and only directly accessible to the Valar or Rulers (CARPENTER; TOLKIEN, 1981g, p. 253).
[127] Cujo nome é apresentado como Bingo no rascunho.
[128] No original: Things work out oddly. But for that 'short cut' you would not have met old Bombadil, nor had the one kind of sword the Riders fear. Why did not I think of Bombadil before! If only he was not so far away, I would go straight back now and consult him. We have never had much to do with one another up till now. I don't think he quite approves of me somehow. He belongs to a much older generation, and my ways are not his. He keeps

A consulta que Gandalf desejaria fazer a Tom revela seu vasto conhecimento, pois o próprio mago é apresentado como uma das personagens mais sábias de toda a narrativa. Além disso, destaca-se o fato de que, de alguma forma, todos precisarão de sua ajuda no final, o que realça o poder em torno de Tom, tratado como a *esperança* na vitória contra as forças das trevas. Em outra nota, que prossegue nessa mesma direção, Gandalf assevera:

> ‘Eu o conheço, embora raramente nos encontremos. Eu sou uma pedra rolando, e ele é um coletor de musgo. Ambos têm um trabalho a fazer, mas eles não ajudam um ao outro com frequência. Poderia ter sido mais sábio buscar sua ajuda, mas não acho que deveria ter ganhado muito’ (TOLKIEN, 2002f, p. 111-112, tradução nossa)[129].

A colocação inicial de que Bombadil é um coletor de musgo é realocada no romance em um momento posterior, e será analisada a seu tempo. A sabedoria em torno de Tom aqui presente e destacada em dois rascunhos distintos se contrasta com a afirmação do próprio mago no conselho em que alega o desinteresse e desatenção que ele daria ao objeto; em outra fala de Gandalf, também ausente do texto final, temos: “‘Ele é uma criatura estranha e segue seus próprios conselhos — se tiver algum: o acaso lhe serve melhor’”. (TOLKIEN, 2002g, p. 153, tradução nossa)[130]. Tal mudança de posicionamento das personagens não indica uma mudança no conhecimento detido por Tom, mas sim enaltece a misteriosidade em torno dessa personagem que, mesmo sendo sábia, não permite transparecer seu conhecimento. Em outro trecho, riscado no momento da escrita, Gandalf fica atônito ao ouvir sobre Bombadil. Há ainda uma versão em que Gandalf diz: “‘Eu confiei em Tom Bombadil para mantê-los longe de problemas’” (TOLKIEN, 2002l, p. 351, tradução nossa)[131]. Por meio dessa fala, presume-se que Gandalf previa o encontro dos hobbits com Tom, e a confiança depositada nele confirma a imensa habilidade mágica que essa personagem possui, recebendo uma missão fundamental do mago no momento em que o grupo está sendo perseguido pelos Cavaleiros Negros.

Em diversos rascunhos, amplia-se a discussão entre a amizade de Tom e o Sr. Carrapicho, juntamente com o fato de Bombadil ser conhecido em Bri, e a colocação de Gandalf

himself to himself and does not believe in travel. But I fancy somehow that we shall all need his help in the end — and that he may have to take an interest in things outside his own country.

[129] No original: ‘I know of him, though we seldom meet. I am a rolling stone, and he is a gatherer of moss. Both have a work to do, but they do not help one another often. It might have been wiser to have sought his aid, but I do not think I should have gained much.’

[130] No original: ‘He is a strange creature, and follows his own counsels — if he has any: chance serves him better’.

[131] No original: ‘I trusted Tom Bombadil to keep them out of trouble.’

de que Tom nunca saiu de seu território, estando seu poder limitado a ele: "E eu acho que o domínio de Tom Bombadil é visto apenas em seu próprio território — do qual ele nunca saiu, dentro de minha memória" (TOLKIEN, 2002c, p. 402, tradução nossa)[132]. Apesar de sutis mudanças, as palavras aqui ditas por Gandalf são pronunciadas por Erestor na versão final. Algo semelhante ocorre com a afirmação de que Tom não deveria ficar com o Anel, que nas notas era de Gandalf e no romance são ditas também por Glorfindel. Outra distinção interessante presente nos rascunhos é que Frodo referencia o sonho que teve na casa de Tom Bombadil sobre a fuga de Gandalf da Torre Orthanc, mas é interrompido pelo próprio mago, que começa a contar sua história durante o Conselho.

Ademais, há outras mudanças no diálogo sobre Tom Bombadil no Conselho de Elrond, entre elas, a afirmação de Elrond de não conhecer Tom Bombadil. Ressalta-se ainda, uma possível visita de Gandalf a Tom Bombadil em busca dos hobbits quando, perseguindo os Cavaleiros desde o Cricôncavo[133], descobre que eles passaram por ali.

> 'Sim', respondeu o mago. 'E eu o procurei imediatamente, assim que descobri que os hobbits tinham desaparecido da Terra dos Buques. Depois de perseguir os Cavaleiros desde o Cricôncavo, voltei para visitá-lo. Ouso dizer que ele teria mantido os viajantes por mais tempo em sua casa, se soubesse que eu estava por perto. Mas não tenho certeza: ele é uma criatura estranha e segue seus próprios conselhos, que poucos podem compreender' (TOLKIEN, 2002c, p. 401, tradução nossa)[134].

Essa visita de Gandalf a Tom não está presente em **O Senhor dos Anéis**, mas destaca, além da relação de proximidade entre as personagens, o conhecimento detido por Bombadil e reconhecido pelo mago que vai ao seu encontro. Em uma versão anterior dessa mesma passagem, Gandalf afirma: "'Eu o conheço. Mas o tinha esquecido completamente. Devo ir vê-lo assim que houver uma chance'" (TOLKIEN, 2002c, p. 413, tradução nossa)[135]. Esse apontamento corrobora a passagem anterior, na qual se realça a sabedoria de Tom Bombadil

[132] No original: 'And I think that the mastery of Tom Bombadil is seen only on his own ground — from which he has never stepped within my memory.'
[133] Local que se encontra na região leste do condado.
[134] No original: 'Yes,' answered the wizard. 'And I sought him out at once, as soon as I found that the hobbits had disappeared from Buckland. When I had chased the Riders from Crickhollow I turned back to visit him. I daresay he would have kept the travellers longer in his home, if he had known that I was near. But I am not sure of it: he is a strange creature, and follows his own counsels, which few can fathom.'
[135] No original: 'I knew of him. But I had quite forgotten him. I must go and see him as soon as there is a chance'.

diante do impasse em torno do destino de toda a Terra-média, além de recordar a visita que Gandalf afirma fazer a Bombadil no final do romance, conforme se mostrará a seguir.

Ainda referente às colocações do Conselho, há uma nota em que Tolkien afirma que "Tom poderia ter se livrado do Anel o tempo todo [? sem mais] ..... — se solicitado!" (TOLKIEN, 2002j, p. 98, tradução nossa)[136]. A afirmação do autor ressalta um aspecto importante não levado em consideração pelos membros do Conselho: em nenhum momento foi de fato pedido a Bombadil para que ele ficasse com o Anel. Podemos supor a partir da nota, que Tom deteria em si o poder até mesmo para destruir o Anel, caso lhe fosse pedido.

Após o término dos conflitos que envolvem toda a Terra-média, e antes de regressar a Valinor[137], já no final do romance, Gandalf afirma:

> — Mas, se querem saber, vou tomar outro rumo logo. Vou ter uma longa conversa com Bombadil: uma conversa que nunca tive em todo o meu tempo. Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro (TOLKIEN, 2001, p. 1055)[138].

Como criador de limo — mistura entre *terra* e *água*, responsável por fazer com que as pedras escorreguem, rolem —, entende-se que Tom Bombadil, apesar de presente apenas em seu território, desencadeia o rolar das pedras, ou seja, impulsiona as outras personagens para que elas se desenvolvam ao longo da narrativa, superando os desafios aos quais são submetidas, para realizar grandes ações. Esse efeito é percebido nos hobbits desde o momento em que partem da casa de Tom e se encontram com as Criaturas Tumulares. Outrossim, o mago Gandalf, nos revela **O Silmarillion**, é um Maia[139] que abriu mão de parte do seu poder para entrar em Arda, o mundo criado. Ele possui afinidade com os elementos *fogo* e *ar*, sendo um amigo do Vala Manwë, o maior entre os Valar, detentor do poder sobre a luz (manifestação mais refinada do *fogo*) e sobre o *ar*. Ante tais informações, a aproximação e a conversa que Gandalf deseja ter com Tom Bombadil revela-nos, mais uma vez, uma relação de Tom com os elementos *ar* e *fogo*, e também com a divindade. Notamos também, por meio desse desejo do mago de conversar com Bombadil, que este não é uma personagem alheia às realidades que o

[136] No original: 'Tom could have got rid of the Ring all along [? without further] ..... - if asked!'.
[137] Também chamada de Terras Abençoadas, é o local onde residem os Valar.
[138] No original: 'But if you would know, I am turning aside soon. I am going to have a long talk with Bombadil: such a talk as I have not had in all my time. He is a moss-gatherer, and I have been a stone doomed to rolling. But my rolling days are ending, and now we shall have much to say to one another.' (TOLKIEN, 2004a, p. 996).
[139] Um ser que tem afinidades com os Valar.

circundam, mas detentor de uma sabedoria profunda, desconhecida até mesmo por Gandalf, um dos seres mais sábios que habitam a Terra-média. Pela misteriosidade na qual Tom Bombadil está inserido e pela sua relação com Gandalf — que se dá tanto pela amizade quanto pela intimidade com o elemento *fogo* —, podemos os entender como duplos inseridos nesse universo ficcional. De modo análogo, Fruta d'Ouro e Tom também podem ser interpretados como duplos a partir da íntima união marital e elemental com a qual se relacionam. Por meio dessa fala, compreendemos que o envolvimento de Tom Bombadil na narrativa de **O Senhor dos Anéis** excede aquilo que inicialmente poderia se pensar sobre ele, evidenciando sua importância para o desenrolar dos fatos narrados e para o crescimento do hobbits, perpetradores de grandes proezas ao longo de toda a obra.

Após caminharem um pouco, no momento em que vão se despedir de Gandalf, a fala do mago ressalta novamente a afinidade existente entre Tom e os entes, e terras de Bombadil são mais uma vez apresentadas como separadas das demais realidades da Terra-média, reforçando seu aspecto onírico.

> Em pouco tempo chegaram ao ponto da Estrada Leste onde se haviam despedido de Bombadil, e tinham esperanças e quase uma certeza de vê-lo outra vez ali parado, esperando para cumprimentá-los quando passassem. Mas não se via sinal dele, e *havia uma névoa cinzenta ao sul, encobrindo as Colinas dos Túmulos, e um véu espesso por sobre a Floresta Velha lá adiante.* Pararam e Frodo olhou para o sul pensativo. — Gostaria muito de rever o velho camarada — disse ele. — Como será que está passando?
> — Bem como sempre, pode ter certeza — disse Gandalf. — Bastante despreocupado, eu diria, não muito interessado em qualquer coisa que fizemos ou vimos, a não ser talvez em nossas visitas aos ents. Talvez mais tarde haja tempo para irem visitá-lo (TOLKIEN, 2001, p. 1055-1056, grifo nosso)[140]

[140] No original: In a little while they came to the point on the East Road where they had taken leave of Bombadil; and they hoped and half expected to see him standing there to greet them as they went by. But there was no sign of him; and there was a grey mist on the Barrow-downs southwards, and a deep veil over the Old Forest far away. They halted and Frodo looked south wistfully. 'I should dearly like to see the old fellow again,' he said. 'I wonder how he is getting on?'
'As well as ever, you may be sure,' said Gandalf. 'Quite untroubled; and I should guess, not much interested in anything that we have done or seen, unless perhaps in our visits to the Ents. There may be a time later for you to go and see him (TOLKIEN, 2004a, p. 996).

Na partida do derradeiro barco para o Reino dos Valar, último acontecimento narrado, Frodo se recorda, ao se aproximar das terras abençoadas, da visão que tivera na segunda noite na casa de Tom Bombadil.

> E o navio avançou para o Alto-Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva, Frodo sentiu uma doce fragrância no *ar* e ouviu o *som de um canto chegando pela água*. E então teve a mesma impressão que tivera no sonho na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa (TOLKIEN, 2001, p. 1092, grifo nosso)[141].

A *água* presente no mar e na chuva traz o canto, a música (*ar*), elementos que proporcionam a Frodo a recordação do sonho que tivera na casa de Tom Bombadil, ampliando a dimensão onírica da casa e da própria personagem, não apenas por seu aspecto aéreo e sonhador, mas por se manter como um sonho nos hobbits ao longo de sua jornada. A lembrança de Frodo aqui relatada reverbera no décimo quinto poema de **As Aventuras de Tom Bombadil**, denominado "O Sino Marinho"[142]. Mesmo que a origem mitológica de tal texto nos conduza a outra direção, as presenças do mar, da costa da praia, das brumas, e da luz que envolve o espaço descrito nos remetem ao sonho supracitado. Por meio da mesma visão, podemos compreender que, conforme já apontado, a sabedoria de Tom excede o presente narrativo, proporcionando aos hobbits um olhar para o passado e para o futuro, enaltecendo o aspecto mítico da personagem, tendo em vista que "o mito é um passado que também é um futuro" (PAZ, 2012, p. 75). Evidencia-se, assim, que Bombadil é um fenômeno do universo ficcional de Tolkien, um fenômeno da textualidade, portanto, um *resto* (no sentido desconstrucionista do termo; cf. DERRIDA, 2005), podendo ter suas características ordenadas e reordenadas indistintamente, permanecendo, em todos os casos, o *mistério-enigma* que é seu próprio ser.

[141] No original: And the ship went out into the High Sea and passed on into the West, until at last on a night of rain Frodo smelled a sweet fragrance on the air and heard the sound of singing that came over the water. And then it seemed to him that as in his dream in the house of Bombadil, the grey rain-curtain turned all to silver glass and was rolled back, and he beheld white shores and beyond them a far green country under a swift Sunrise (TOLKIEN, 2004a, p. 1030).
[142] No original: "The Sea-Bell".

2.2 Tom Bombadil em As Aventuras de Tom Bombadil

As Aventuras de Tom Bombadil, publicado pela primeira vez em 1962, é um livro composto por dezesseis poemas narrativos, não relacionados entre si, que contam histórias vinculadas ao universo ficcional tolkieniano. Entre eles, três apresentam a personagem Tom Bombadil: "As aventuras de Tom Bombadil" — primeiro poema e que dá nome à obra —, "Bombadil Passeia de Barco" e "O Troll de Pedra"[143]. Em 2014, foi publicada uma versão estendida dessa obra, editada por Christina Scull e Wayne G. Hammond, que apresenta, além de análises, novas informações e trechos de manuscritos, mais um poema — "Era uma vez"[144] — e o fragmento de uma história em prosa escrita por Tolkien que dizem respeito à personagem Tom Bombadil. Sobre a origem ficcional dos dois primeiros poemas, seu autor afirma que

> Evidentemente vieram de Boquelândia[145]. Mostram mais conhecimento dessa região — bem como do Covão, o vale arborizado do Voltavime — do que qualquer hobbit que habitasse a oeste dos Pântanos provavelmente possuiria. Também demonstram que os buquelandenses conheciam Bombadil, embora, sem dúvida, tivessem tão pouca compreensão de seus poderes quanto o povo do Condado tinha dos de Gandalf: ambos eram considerados pessoas benevolentes, talvez misteriosas e imprevisíveis, mas, não obstante, cômicas. O Número 1, ["As aventuras de Tom Bombadil"], é a peça mais antiga, construída a partir de várias versões hobbitianas das lendas referentes a Bombadil. O Número 2 ["Bombadil passeia de barco"] emprega tradições similares, embora as pilhérias de Tom sejam aqui lançadas à guisa de troça sobre seus amigos, que as tratam como brincadeiras (matizadas por um certo medo); porém, este poema provavelmente foi composto muito mais tarde, depois da visita de Frodo e seus companheiros à casa de Bombadil (TOLKIEN, 2008a, p. XII-XIII)[146].

---

[143] No original: "The Stone Troll".
[144] No original: "Once upon a Time".
[145] No original: Buckland. Região leste do Condado próxima à Floresta Velha. O mesmo termo é traduzido como "Terra dos Bucks" na tradução de Lenita Esteves para **O Senhor dos Anéis**.
[146] No original: Nos. 1 and 2 evidently come from the Buckland. They show more knowledge of that country, and of the Dingle, the wooded valley of the Withywindle, than any Hobbits west of the Marish were likely to possess. They also show that the Bucklanders knew Bombadil, though, no doubt, they had as little understanding of his powers as the Shirefolk had of Gandalf's: both were regarded as benevolent persons, mysterious maybe and unpredictable but nonetheless comic. No. 1 is the earlier piece, and is made up of various hobbit-versions of legends concerning Bombadil. No. 2 uses similar traditions, though Tom's raillery is here turned in jest upon his friends, who treat it with amusement (tinged with fear); but it was probably composed much later and after the visit of Frodo and his companions to the house of Bombadil (TOLKIEN, 2014, p. 14).

Além de informações sobre a região da origem ficcional desses poemas, na edição bilíngue dessa obra, publicada em 2008 pela Martins Fontes, há uma nota de rodapé indicando que o nome Bombadil, provavelmente, lhe foi dado pelos buquelandenses, pois segue o formato buquelandense. Esse nome não só foi acrescentado aos muitos já existentes atribuídos a essa personagem, conforme nos indica **O Senhor dos Anéis**, mas também foi adotado por ele e usado no momento em que se encontra com os hobbits nessa obra. O mistério em torno do nome Tom Bombadil, aqui reafirmado, corrobora a reflexão desenvolvida outrora que aponta os múltiplos nomes dessa personagem, apesar de nenhum deles corresponder ao seu *verdadeiro nome*. Como já fora descrito, o terceiro poema, "O Troll de Pedra", foi composto por Sam em um momento de descanso da viagem, quando os hobbits, juntamente com Passolargo, estão fugindo dos Cavaleiros Negros e se encontram no local onde Bilbo Bolseiro, tio de Frodo, juntamente com Gandalf e uma companhia de anões haviam derrotado três trolls, conforme narrado no segundo capítulo de **O hobbit** (TOLKIEN, 2012b, p. 27-44).

"As Aventuras de Tom Bombadil"[147] — também nomeada por Tolkien como "A História de Tom Bombadil"[148] em um rascunho antigo — teve sua primeira versão publicada em 15 de fevereiro de 1934 na *Oxford Maganize*, sendo muito similar à contida em **As Aventuras de Tom Bombadil**. As principais distinções entre essas versões se dão no âmbito da inserção de Tom na Terra-média, como a menção ao rio Voltavime[149] e a mudança da pena que compõe seu chapéu — inicialmente de pavão, passa a ser de cisne na versão publicada posteriormente —, pois Tolkien considerou inadequada a pena de pavão para o universo de **O Senhor dos Anéis**. Outra mudança se dá na referência a Fruta d'Ouro que no poema de 1934 é chamada de Mulher do Rio, *Riverwoman*, e, na versão de 1962, de filha da mulher do rio, *River-woman's daughter*.

O poema se inicia apresentando uma descrição da personagem Tom Bombadil que segue as mesmas características já abordadas em **O Senhor dos Anéis**, com apenas uma distinção: enquanto no romance a pena de seu chapéu é azul, nesse poema é de cisne — branca ou preta, portanto. Ele passeia por entre os prados até que para às margens do rio onde Fruta d'Ouro o puxa pelos cabelos para dentro da água, o que confere a ela, o atributo de uma ninfa; mas ele não a quer seguir e a manda dormir. Diferentemente do que nos mostra o romance, nesse trecho, Tom Bombadil e Fruta d'Ouro não habitam a mesma casa, e ele mostra sobre ela um controle que também não se havia revelado até então. Pondo suas roupas para secar, Bombadil reclina-

[147] Vide **Anexo A**.
[148] No original: "The History of Tom Bombadil".
[149] No original: Withywindle. Rio que se encontra à margem da casa de Tom Bombadil.

se sobre o Velho Salgueiro-homem, acordando-o. A árvore começa a cantar embalando Tom em um sono profundo, aprisionando-o dentro de seu tronco. Tom Bombadil ameaça a árvore, e esta o liberta.

> "Deixe-me sair novamente, velho Homem Salgueiro!...
> Aqui eu fico duro e dolorido; não existe travesseiro,
> só suas raízes tortas e duras!... Vá beber a água do rio!
> Volte a dormir de novo, igual a Filha do Rio!..."
>
> O Homem Salgueiro o soltou depois que o ouviu falar (TOLKIEN, 2008a, p. 7)[150].

Tom é atingido pelo encantamento do Salgueiro, o que não ocorrera anteriormente; mas, como já observamos no subitem anterior, demonstra, também no poema, o poder por meio de sua voz. Tal fato se repete em mais dois momentos: quando Bombadil é aprisionado na toca do Castortexugo e de sua família para escapar da chuva; e quando, já em sua casa, é atacado por uma Criatura Tumular[151]. Nas duas situações, Tom os ameaça e, ao ouvirem sua voz, o libertam e partem, respectivamente. Sempre ao se dirigir àquele que o ameaça, Tom se recorda daqueles que já venceu — como se percebe na citação acima na qual, ao se dirigir ao salgueiro, refere-se à "Filha do Rio". A cada enfrentamento, Tom manda que as outras personagens durmam, antes de iniciar o seu próprio sono profundo. Ao amanhecer, Bombadil acorda, levanta e vai buscar a Filha do Rio, Fruta d'Ouro. Abraçando-a, ele a convida para morar consigo, onde a mesa já está posta com "creme amarelado, favos de mel, pão branco e manteiga" (TOLKIEN, 2008a, p. 12)[152] — a mesma comida oferecida aos hobbits quando os salva do Velho Salgueiro-homem, o que indica que não é Fruta d'Ouro que a prepara —, e eles têm um alegre casamento. Durante a noite, assim como aconselha os hobbits quando eles dormem em sua casa, Bombadil não dá ouvidos aos barulhos noturnos:

> Na luz brilhante da lua-de-mel, os Texugos chegaram se arrastando

[150] No original: 'You let me out again, Old Man Willow!
I am stiff lying here; they're no sort of pillow,
your hard crooked roots. Drink your river-water!
Go back to sleep again like the River-daughter!'

Willow-man let him loose when he heard him speaking (TOLKIEN, 2008a, p. 134).
[151] Traduzido nessa obra como "Espírito da Tumba".
[152] No original: yellow cream, honeycomb, white bread and butter (TOLKIEN, 2008a, p. 137).

> e dançaram toda a noite ao pé da colina; e o Homem Salgueiro
> batia com seus dedos nas vidraças, mas eles dormiam em seu travesseiro.
> Entre os caniços da margem, enquanto a Mulher do Rio suspirava,
> escutou o pranto do velho Espírito da Tumba, chorando em sua sepultura
>
> Mas o velho Tom Bombadil não escutou quaisquer vozes,
> sapateados e batidas, pés dançando, nem todos os ruídos da noite:
> dormiu até o nascer do Sol e então cantou como um estorninho (TOLKIEN, 2008a, p. 12-13)[153].

Ressalta-se ainda a presença de Fruta d'Ouro, do Velho Salgueiro-homem, e das Criaturas Tumulares que acompanham Tom Bombadil desde o poema de 1934 e são inseridos juntamente com ele na Terra-média, em **O Senhor dos Anéis.** Nota-se também uma referência aos texugos no romance, quando Frodo se aproveita do momento em que Tom está contando uma história sobre seus estranhos hábitos para verificar se o anel recém-devolvido era de fato o Um Anel.

Outra característica comum entre esse poema e o romance é o fato de Tom Bombadil estar sempre feliz e cantando, o que realça a alegria constante inerente ao seu *ser*, mesmo diante de distintos perigos. Ademais, nota-se sua profunda relação com a poesia, tanto no que diz respeito ao seu uso — não só para divertimento pessoal, mas para exercer sua magia — quanto à sua forma: "Tom Bombadil, claro, iria se tornar uma figura icônica na ficção de Tolkien, e o metro e o estilo do poema original seria mantido ao padrão característico das canções de Tom que ele conserva em **O Senhor dos Anéis**, mesmo na maioria de seus diálogos em prosa" (OLSEN, 2014, p. 175, tradução nossa). O poema reforça ainda o aspecto cômico de Tom Bombadil, banal, não de modo forçoso ou desvairado, mas apresentando um tom reflexivo, uma comicidade do riso, do estranho. Tais elementos recordam o fato de que Tom teve como modelo um boneco, um brinquedo, mas que não está disposto na narrativa apenas como uma mera brincadeira do autor.

---

[153] No original: Lamps gleamed within his house, and white was the bedding;
in the bright honey-moon Badger-folk came treading,
danced down under Hill, and Old Man Willow
tapped, tapped at window-pane, as they slept on the pillow,
on the bank in the reeds River-woman sighing
heard old Barrow-wight in his mound crying.

Old Tom Bombadil heeded not the voices,
taps, knocks, dancing feet, all the nightly noises;
slept till the sun arose, then sang like a starling (TOLKIEN, 2008a, p. 138).

O poema "Bombadil Passeia de Barco"[154] passou por várias versões e nomes — "A Disputa de Tom Bombadil", "A Alegre Disputa de Tom Bombadil", "As Aventuras de Tom Bombadil II"[155] — antes de chegar a sua publicação. Resgatando os dois primeiros títulos citados, temos, no original, a presença comum da palavra *flitting*: "*Fliting*, do inglês antigo para 'lutar' ou 'brigar', refere-se a uma competição de insultos, muitas vezes em verso. Exemplos são encontrados na literatura do Norte e medieval (SCULL; HAMMOND, 2014b, p. 79, tradução nossa). Ao longo do poema, constrói-se justamente essa disputa por meio de insultos dispostos em diálogo entre Tom Bombadil e as demais personagens. Narra-se uma viagem de barco ao longo do rio Voltavime realizada por Tom, na qual, em seu caminho, entra em conflito com alguns animais e, após descer de seu bote, com alguns hobbits, mantendo, todavia, um tom de brincadeira, apesar de marcadas por certo medo[156]. Descendo de sua embarcação, ele vagueia pela estrada até se encontrar com seu amigo, o Velho Magote, que o convida para ir à sua casa, onde comem e conversam. Após uma noite de muita alegria, Tom volta para sua morada.

Alguns elementos apresentados no poema merecem especial destaque. Inicialmente, a intriga entre o pássaro Martim-pescador, que deixa cair uma de suas penas, e Bombadil, que a toma para si, trocando a que já havia em seu chapéu: "Prendeu-a na fita de sua cartola, jogando fora a pena antiga:/ 'Tudo é azul para Tom!' disse ele. 'Cor alegre e permanente!...'" (TOLKIEN, 2008a, p. 17)[157] — a nova pena de coloração azul condiz com a descrição presente em **O Senhor dos Anéis**. A pena no chapéu de Tom se revela, assim, um espólio de batalha, de modo semelhante ao que faz nas tumbas ao pegar um broche do tesouro enfeitiçado. Esse elemento confere a Tom Bombadil a característica de um guerreiro que toma para si pertences ou ainda partes daqueles que derrota. Tais atributos destoam com aquilo que vimos nessa personagem até então, adensando ainda mais o seu tom de mistério. No decorrer da jornada, ao se encontrar com o Velho Cisne da Ilha da Enguia, que o acompanhava orgulhoso a seu lado, Tom faz referência a sua pena antiga, confirmando sua origem: "Tom gargalhou: 'Oh, cisne velho, já deu falta de sua pena?/ Me dê uma nova então! A velha se desgastou com o tempo...'" (TOLKIEN, 2008a, p. 19)[158]. A amizade entre Tom Bombadil e o Velho Magote, já apontada

[154] Vide **Anexo B**.
[155] No original, respectivamente: "The Fliting of Tom Bombadil", "The Merry Fliting of Tom Bombadil" e "The Adventures of Tom Bombadil II".
[156] "embora as pilhérias de Tom sejam aqui lançadas à guisa de troça sobre seus amigos, que as tratam como brincadeiras (matizadas por um certo medo)" (TOLKIEN, 2008a, p. XIII).
[157] No original: He stuck it in his tall hat, the old feather casting:
'Blue now for Tom,' he said, 'a merry hue and lasting!' (TOLKIEN, 2008a, p. 141).
[158] No original: Tom laughed: 'You old cob, do you miss your feather?
Give me a new one then! The old was worn by weather' (TOLKIEN, 2008a, 142).

no romance, é aqui reafirmada por meio do poema. Além disso, destaca-se o modo misterioso como Tom parte de volta para sua casa.

> Antes da aurora, Tom partiu, como sonhos recordados pela metade,
> uns alegres e outros tristes, alguns cheios de significados ocultos.
> Ninguém escutou a porta ser destrancada; uma pancada de chuva
> lavou suas pegadas de manhã; na Doca do Mithe não deixou vestígios,
> no estuário do Rio do Feno não se ouviram canções nem passos (TOLKIEN, 2008a, p. 23-24)[159].

A afirmação de que Tom partiu como *sonhos* atribui a essa passagem a mesma dimensão aérea e onírica que envolve os hobbits quando se aproximam de sua casa, um local que, ao mesmo tempo que participa da realidade da Terra-média, encontra-se dela deslocado. Além disso, os *significados ocultos* referentes à sua partida também se fazem notar nas aparições e menções dessa personagem ao longo de todo o romance, conforme outrora apontado. Destaca-se também a habilidade de Bombadil aparecer e desaparecer onde quiser, sem prévio anúncio ou conhecimento das demais personagens — fato que já ocorrera em **O Senhor dos Anéis**. Por fim, é-nos mostrada sua habilidade de apagar os vestígios de sua presença não apenas no espaço por onde ele passa, mas também na recordação daqueles que o viram. Tais elementos contribuem e aprofundam o mistério sobre quem é Tom Bombadil. Sobrepõe-se à sua partida, o fato de Tom ter ido embora sem o seu barco, que ficou durante três dias amarrado no porto até que aqueles animais que entraram em confronto com ele durante sua ida, responsabilizassem-se por levar o bote de volta ao seu dono. No entanto, esses se esquecem dos remos, que ficam no cais por muito tempo até que Tom vai buscá-los. De modo geral, os dois primeiros poemas têm em comum a comunicação que há entre Tom Bombadil e os diversos seres que habitam a região próxima ao local onde ele reside: o salgueiro, animais de diferentes espécies, hobbits e as Criaturas Tumulares.

O último poema mencionado, "O Troll de Pedra"[160], era chamado inicialmente de "Pēro & Pōdex[161]". Após ser revisado sob o título "A Raiz da Bota"[162], foi enviado juntamente com

---

[159] No original: Ere dawn Tom was gone: as dreams one half remembers,
some merry, some sad, and some of hidden warning.
None heard the door unlocked; a shower of rain at morning
his footprints washed away, at Mithe he left no traces,
at Hays-end they heard no song nor sound of heavy paces (TOLKIEN, 2008a, p. 145).
[160] Vide **Anexo C**.
[161] Expressão latina que significa: "Bota & Traseiro".
[162] No original: "The Root of the Boot".

outros poemas para um colega de Tolkien na Universidade de Leeds, na década de 1920, apresentando pequenas distinções entre a versão primeira e a publicada em 1962. Ele narra a história de um troll que estava sentado em sua cadeira de pedra roendo um osso seco. Tom aparece e questiona a criatura afirmando que o osso era de seu finado tio Tim, irmão de seu pai. Pede o osso de volta, mas o troll, além de não devolver o osso roubado, tenta pegar Tom para comê-lo. Ele escapa e, para ensinar-lhe uma lição, dá um pontapé nos "fundilhos" do troll, machucando o seu próprio pé. O troll ri e continua com o osso roubado. Pela caracterização da personagem "Tom" descrita no poema, podemos apenas supor ser este Tom Bombadil; desse modo, não se pode afirmar com certeza que esse poema se refere a essa personagem, devido ao fato de que o único nome mencionado é "Tom", e algumas características apresentadas divergem das expostas até então: como a existência de parentes consanguíneos e a ausência de sua habilidade mágica para confrontar o troll. Destaca-se, também, o fato de que os nomes "Tom" e "Tim" sofreram alterações ao longo do processo de escrita, sendo inicialmente "John" e "Jim", respectivamente. Não podemos nos esquecer, todavia, o contexto ficcional de criação desse poema dentro do universo de **O Senhor dos Anéis**: Sam o compõe a partir das experiências vividas por ele até o momento para divertimento de seus colegas em um momento de descanso da viagem, não se preocupando em retratar um fato acontecido, ou com a veracidade das informações presentes nele.

"Era uma vez"[163] não faz parte da primeira publicação da obra **As Aventuras de Tom Bombadil**, mas foi escrito em 1964 após Tolkien ser convidado para contribuir com a primeira publicação de uma série de antologias para crianças denominada **Winter's Tales for Children 1**, editada por Caroline Hillier, em 1965. O poema se inicia apresentando um cenário campestre recoberto pelo brilho de flores douradas que emitam uma luz branca envoltos em um vapor de ouro: "os altos botões de ouro emitiam sua luz/ em um vapor dourado, amplo e branco" (TOLKIEN, 2014, p. 142, tradução nossa) [164]. A coloração dourada e a luz branca que emergem desse ambiente retomam o elemento *fogo*, que não só purifica o ouro, mas tem a sua manifestação purificada na luz, que por sua tonalidade pouco colorida ou incolor, adquiri um aspecto celeste (cf. DURAND, 2012, p. 147). Desponta, assim, Fruta d'Ouro, que vai em direção ao lago de lírios e brinca com a água. Esse espaço descrito vai ser apresentado no poema como "a terra dos elfos". Tal apontamento nos leva a compreender que Fruta d'Ouro se encontra no Reino dos Valar, as terras abençoadas, ligando esse trecho do poema ao sonho de Frodo na segunda noite na casa de Tom Bombadil, e à visão desse mesmo hobbit ao se aproximar dessas

[163] Vide **Anexo D**.
[164] No original: the buttercups tall sent up their light/ in a steam of gold, and wide and white.

terras já no fim do romance. O ambiente muda com a partida do sol e a iluminação proporcionada pelo brilho das estrelas. "Tom estava lá, sem bota ou sapato" (TOLKIEN, 2014, p. 142, tradução nossa)[165]. Ao se ajoelhar no chão, Bombadil nota a presença dos lintips, pequenos seres que possuem cheiro de rato, segundo ele, e que estavam bebendo orvalho. Essas criaturas também se constituem como um mistério no universo de Tolkien, sobre as quais pouco se sabe; assim, mais um enigma interage com Tom Bombadil, adensando sua própria misteriosidade. Nesse contexto, algo inesperado ocorre:

> Os lintips riram e fugiram,
> mas o velho Tom disse: 'Gostaria que eles ficassem!
> *As únicas coisas que não falam comigo*,
> diga o que eles fazem ou *o que são*.
> Eu me pergunto o que eles têm a esconder?
> Descem da Lua, talvez escorreguem
> Ou venham em um piscar de olhos, eu não sei':
> Era uma vez e há muito tempo (TOLKIEN, 2014, p. 143, tradução nossa, grifo nosso)[166].

Essas criaturas se mostram totalmente distintas de todos os demais seres com os quais Tom se relaciona: elas não dialogam com ele e, além disso, não obedecem a sua vontade. Acentua-se, nesse sentido, a falta de conhecimento que Tom detém delas em relação à falta de poder exercido sobre elas. Conclui-se, desse modo, que por essa razão esses seres não dialogam com ele: mantendo seu *ser* oculto a Tom, não são dominadas por sua magia — reforçando a relação entre a sabedoria da personagem e sua habilidade mágica, já analisada alhures. Outro ponto que merece destaque é a curiosidade de Bombadil para com esses seres, perguntando-se o que eles têm a esconder, enquanto ele, *mistério em si*, esconde sua própria essência. A afirmação de que essa história se passa há muito tempo, nos remete às conversas sobre Bombadil narradas no Conselho de Elrond, nas quais é afirmando que, anteriormente, Tom não

[165] No original: Tom was there without boot or shoe.
[166] No original: The lintips laughed and stole away,
but old Tom said: 'I wish they'd stay!
The only things that won't talk to me,
say what they do or what they be.
I wonder what they have got to hide?
Down from the Moon maybe they slide,
or come in star-winks, I don't know':
Once upon a time and long ago.

estava fixo no território onde residia naquele momento da narrativa, mas vagueava livremente pelas terras de Arda. Uma distinção significativa entre esse e os demais poemas apresentados diz respeito às ações narrativas. Nos poemas anteriores, o foco do enredo se dá em torno dos atos de Tom Bombadil e seus conflitos com os demais seres com os quais ele se encontra. Isso não ocorre nesse último poema, no qual nós temos, primeiramente, a descrição de um espaço, posteriormente o aparecimento de Fruta d'Ouro, e, por fim, a entrada de Bombadil e seu conflito com os lintips.

O fragmento em prosa intitulado "Tom Bombadil", escrito provavelmente na década de 1920, constitui-se por um rascunho de apenas três parágrafos que não foi retomado por Tolkien.

> Aconteceu nos dias do Rei Bonhedig, antes que os homens selvagens viessem para cá de Ond, ou os homens sombrios de Euskadi, ou os guerreiros de cabelos louros com longas espadas de ferro atravessassem a água estreita; na verdade, antes que qualquer pessoa mencionada na história fantástica ou lenda séria tivesse chegado à Britânia (como era chamada naquela época), há muito tempo, e antes que as profecias de maior alcance, das quais havia inúmeras, tivessem até mesmo vislumbrado Arthur em um futuro distante e incrível (TOLKIEN, 2014, p. 141, tradução nossa)[167].

O espaço da Britânia, no qual se desenvolveria a narrativa, juntamente com os significados atribuídos aos nomes apresentados aproximam ainda mais a realidade ficcional da narrativa de nossa realidade enquanto leitores.

> *Bonhedig* (*Bonheddig*) significa "nobre" em galês. *Ond* é uma palavra antiga para "pedra", quase o único sobrevivente da língua que precedeu os celtas e os invasores germânicos da Britânia; Tolkien o incorporou em palavras 'élficas', como em *Gondor*, 'terra da pedra'. *Euskadi* é o país basco no norte da Espanha. A 'água estreita' é provavelmente o Canal da Mancha (SCULL; HAMMOND, 2014a, p. 141, tradução nossa).

[167] No original: It happened in the days of King Bonhedig, before the wild men came hither out of Ond, or the dark men out of Euskadi, or the fair haired warriors with long iron swords across the narrow water; in fact before any one ever mentioned in fantastic history or sober legend had yet arrived in Britain (as it was called in those days), a long time ago, and before the most far-reaching prophecies, of which there was a multitude, had even glimpsed Arthur in the distant and incredible future.

Tais elementos permitem-nos localizar essa narrativa em um tempo mítico ambientado por características medievais, no entanto, inserido em um espaço já conhecido por Tolkien, o Reino Unido.

> No entanto, coisas já haviam ocorrido aqui e a ilha estava cheia o suficiente de pessoas e outros habitantes, e já tinha sofrido muitas invasões e mudado (como desde então) tudo, exceto seu nome, várias vezes. O Rei Bonhedig sentou-se no trono do Reino de Bon [acrescentou: & Barroc], que se estendia por muitas milhas de cada lado do Tâmisa, como eles chamavam o principal rio do sul. Lá o deixaremos, pois ele nos interessa apenas como um método conveniente de encontro. Ele reinou por apenas cinquenta anos, então você não estará muito longe em qualquer parte de seu reinado que coloque esses eventos. (TOLKIEN, 2014, p. 141, tradução nossa)[168].

Os nomes apresentados nesse trecho não apenas destacam a proximidade entre o espaço ficcional desenvolvido no excerto e a realidade empírica, mas também preconizam o surgimento do Condado — *Shire*, em inglês — local onde habitam os hobbits:

> O nome *Barroc* — se essa é a leitura correta; no manuscrito, a palavra está manchada — pode se referir à floresta (ou possivelmente colina), com grafia variada, considerada um elemento de origem para *Berkshire*, o nome de um condado que faz fronteira com o rio Tâmisa (aqui, 'Tames') (SCULL; HAMMOND, 2014a, p. 141, tradução nossa).

Como indicado nos dois últimos períodos da narrativa, o foco agora se tornará outro, deixando o rei e a ilha para tratar de Tom Bombadil.

> Tombombadil [sic] era o nome de um dos habitantes mais antigos do reino; mas ele era um companheiro saudável e forte. Tinha quatro pés de altura nas botas, e três pés de largura; sua barba descia abaixo dos joelhos; seus olhos eram aguçados e brilhantes, e sua voz profunda e melodiosa. Ele usava um

[168] No original: Nonetheless things already happened here and the island was full enough of peoples and other inhabitants, and had already suffered many invasions and changed (as since) everything but its name several times over. King Bonhedig sat upon the throne of the Kingdom of Bon [added: & Barroc] which stretched for many miles on either side of the Tames as they called the chief river of the South. There we will leave him, for he concerns us only as a convenient method of dating. He reigned for fifty years only, so you will not be far out in whatever part of his reign you place these events.

> chapéu alto com uma pena azul[;] sua jaqueta era azul e suas botas eram amarelas (TOLKIEN, 2014, p. 141, tradução nossa)[169].

As caracterizações físicas da personagem aqui presentes bem como seu vestuário correspondem ao que é apresentado em **O Senhor dos Anéis** e nos poemas de **As Aventuras de Tom Bombadil**; destacando, contudo, sua largura, extremamente avantajada. Notam-se ainda elementos fundamentais que acompanham Bombadil e se unem para a composição do seu *ser-mistério*: o fato de ser um dos habitantes mais antigos do reino realça sua longevidade; seu companheirismo, força e vigor também são destacados pelos hobbits, especialmente por Frodo ao se referir a ele como "velho camarada", e também nas canções ensinadas e entoadas por Tom, através das quais ele exerce sua habilidade mágica; por fim, realça-se sua voz, profunda e melodiosa, características presentes em todas as menções à personagem ao longo das obras de Tolkien.

Por meio da interpretação dos poemas e do rascunho em prosa que apresentam a personagem Tom Bombadil, temos a confirmação de características constatadas no romance, como sua habilidade e poder por meio da poesia, música e palavra, bem como o acréscimo de elementos novos que adensam e aprofundam o mistério. Tom exerce seu poder sobre diferentes criaturas como Fruta d'Ouro, o Velho Salgueiro-homem, o Castortexugo, e a Criatura Tumular, indicando que suas habilidades mágicas não se restringem apenas a criaturas específicas, mas são exercidas sobre qualquer ser, por meio de sua voz. Ressalta-se ainda o aspecto cômico de Tom Bombadil que, apesar de se vincular diretamente a sua inspiração em um boneco, não é apenas uma brincadeira do autor. A habilidade de aparecer e desaparecer não apenas no ambiente físico, mas também nas lembranças das demais personagens evidencia-nos que, como já percebido nos sonhos e visões dos hobbits, sua magia excede a materialidade. Seu caráter guerreiro acrescenta-se como mais um elemento aparentemente incongruente em sua composição. Por fim, a interação de Bombadil com os lintips e a falta de controle que exerce sobre eles realça a relação entre o conhecimento, a voz e a habilidade mágica de Tom, tendo em vista que essas são as únicas criaturas que não dialogam com ele e não são por ele controladas. Assim, o mistério que é Tom Bombadil se adensa e aprofunda assumindo cada vez mais um tom enigmático.

---

[169] No original: Tombombadil [sic] was the name of one [of] the oldest inhabitants of the kingdom; but he was a hale and hearty fellow. Four foot high in his boots he was, and three foot broad; his beard went below his knees; his eyes were keen and bright, and his voice deep and melodious. He wore a tall hat with a blue feather[;] his jacket was blue, and his boots were yellow.

2.3 Tom Bombadil nas cartas de Tolkien

Em 16 de dezembro de 1937, Tolkien escreveu uma carta para Stanley Unwin, seu editor, na qual o questiona: "O senhor acha que Tom Bombadil, o espírito da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire, poderia ser transformado no herói da história? Ou ele está, como suspeito, totalmente preservado nos versos em anexo? Ainda assim, eu poderia aumentar o retrato" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006a, p. 31)[170]. Os versos aos quais Tolkien se refere são "As aventuras de Tom Bombadil", poema publicado em 1934. A escrita dessa carta se deu logo após a primeira publicação de **O hobbit**, quando Tolkien pensava em uma possível continuação para sua primeira narrativa. Nesse contexto, ele se refere a Tom Bombadil como "o espírito da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire". Essa afirmação retoma a relação que há entre Tom e a Natureza, da qual ele nunca se coloca como dono, ou proprietário, mas como mestre. Suas características — ainda que misteriosas —, o local onde reside, os alimentos por ele oferecidos e suas ações ao longo das obras em que está presente evidenciam essa relação, ainda que a personagem não discurse em nenhum momento sobre a preservação ou o cuidado ambiental. Nesse sentido, Bombadil pode ser entendido como uma força da Natureza, uma emanação do mundo natural, ou uma divindade que tem esse poder. Corroborando tal leitura, quando se resgata a citação original, nota-se que o autor faz uso do termo *enshrined*, traduzido como "preservado" — "Ou ele está, como suspeito, totalmente preservado nos versos em anexo?" —, mas que possui sua raiz em *shrine*, que, por sua vez, significa "santuário", "templo". Assim, Bombadil está disposto em um local de culto, de veneração, comumente ocupado por deuses e semideuses, aprofundando seu aspecto divino. Faz-se importante destacar que essa carta é datada de mais de quinze anos antes da publicação de **O Senhor dos Anéis**, momento no qual, como se pode perceber, Tolkien ainda estava no processo de inserção da personagem dentro desse universo ficcional, o que deve ser considerado.

Outro ponto interessante é a pergunta feita por Tolkien, que considera a possibilidade de colocar Tom Bombadil como um dos heróis de sua segunda história sobre os hobbits, o que não acontece, apesar de que, como mostrado, seu aparecimento na narrativa não é só fundamental para salvar os hobbits em duas situações distintas, mas lembrá-los de que podem superar desafios e vencer o mal, animando-os e capacitando-os a realizar os grandes feitos que empreendem, engatilhando a narração. Apesar de não o tornar um dos heróis da história,

[170] No original: Do you think Tom Bombadil, the spirit of the (vanishing) Oxford and Berkshire countryside, could be made into the hero of a story? Or is he, as I suspect, fully enshrined in the enclosed verses?1 Still I could enlarge the portrait (CARPENTER; TOLKIEN, 1981a, p. 32).

Tolkien o insere em seu universo ficcional, diferentemente do que suspeitava inicialmente. É-nos revelada também uma vontade de escrever mais sobre essa personagem, como se confirma em outra carta escrita a Unwin, em 7 de dezembro de 1942: "Caso ele[171] seja muito curto, eu poderia adicionar um ou dois contos similares, e incluir alguns versos sobre tópicos similares, incluindo 'Tom Bombadil'.... " (CARPENTER; TOLKIEN, 2006b, p. 61)[172].

Para Christopher Tolkien, seu filho, Tolkien escreveu em 29 de novembro de 1944: "Mas a cena final será a passagem de Bilbo, Elrond e Galadriel pelos bosques do Condado a caminho dos Portos Cinzentos. Frodo se unirá a eles e passará sobre o Mar (fazendo a ligação com a visão que ele tivera de uma distante terra verde na casa de Tom Bombadil)." (CARPENTER; TOLKIEN, 2006c, p. 104)[173]. A visão relatada por Tolkien ocorre na segunda noite em que os hobbits dormem na casa de Tom Bombadil antes de partirem, conforme apontado no romance[174]. Conforme analisamos em nossas considerações sobre Bombadil em **O Senhor dos Anéis**, as visões tidas por Frodo na casa da personagem, e pelos quatro hobbits quando aquele lhes conta sobre os Homens do Poente, antecipam acontecimentos posteriores na narrativa que, apesar de não lhes serem claros, os encorajam e possibilitam seguir em frente, despertando em cada um deles a *fé* e a *esperança*. Especialmente para Frodo, o portador do Anel, conclui-se que essa convivência com Tom, ainda que breve, torna possível que ele siga até a Montanha da Perdição, no interior do reino sombrio de Mordor, local onde o Anel deve ser destruído, para salvar a Terra-média do mal personificado e representado por Sauron.

A carta para Naomi Mitchison — romancista, amiga e leitora dos rascunhos de **O Senhor dos Anéis** —, de 25 de abril de 1954, apresenta comentários do autor a algumas perguntas feitas por ela após a leitura dos dois primeiros volumes de **O Senhor dos Anéis**; destacamos aqui os trechos referentes à personagem Tom Bombadil.

---

[171] Referindo-se ao conto "Lavrador Giles", posteriormente desenvolvido na obra **Mestre Gil de Ham** (**Farmer Giles of Ham**, 1949).

[172] No original: If too short, I could add to it one or two similar tales, and include some verse on similar topics, including 'Tom Bombadil'.... (CARPENTER; TOLKIEN, 1981b, p. 68).

[173] No original: But the final scene will be the passage of Bilbo and Elrond and Galadriel through the woods of the Shire on their way to the Grey Havens. Frodo will join them and pass over the Sea (linking with the vision he had of a far green country in the house of Tom Bombadil) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981c, 119).

[174] Naquela noite não escutaram ruídos. Frodo porém não podia dizer com certeza se foi em sonhos ou acordado, que ouviu uma doce voz cantando em sua mente: uma canção que vinha como uma luz pálida atrás de uma cortina de chuva cinzenta, a voz crescendo até transformar aquele véu chuvoso em cristal e prata, para depois se distanciar, revelando aos olhos um campo muito verde sob a luz do sol.

A visão se desmanchou com o despertar, e ali estava Tom, assobiando como um bando de pássaros; o sol já subia atrás da colina, emitindo luz através da janela. Lá fora, a paisagem estava verde e dourada (TOLKIEN, 2001, p. 139).

> Há certamente um conflito entre a técnica "literária" e o fascínio de elaborar em detalhes uma Era mítica imaginária (mítica, não alegórica: minha mente não funciona alegoricamente). Como uma história, creio que seja bom que existam várias coisas não-explicadas (especialmente se de fato existir uma explicação); e talvez, desse ponto de vista, eu tenha errado em tentar explicar demais e em fornecer história de tempos passados em demasia. Muitos leitores ficaram presos no *Conselho de Elrond*, por exemplo. E mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente) (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169, grifo do autor)[175].

Tolkien contrapõe aqui dois conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta tese: há, de fato, histórias não explicadas, mas que possuem explicação; e, por outro lado, há o *enigma*, que nunca será plenamente revelado. Assim, Tom Bombadil se constitui no universo ficcional de Tolkien, de modo que, para que nossa investigação seja fecunda, não podemos tentar fechá-lo em uma resolução única buscando uma solução para o mistério, mas permitir que ele signifique em sua multiplicidade de sentidos — sentidos esses que compõem o enigma, mas não necessariamente constituem a chave que o resolve. Além disso, a afirmação do autor de que seu pensamento não funciona alegoricamente nos indica que não devemos procurar fora de seu universo respostas metafóricas para uma intangível compreensão plena de *quem* ou *o que* é Tom Bombadil. Todavia, como se perceberá a seguir, o próprio Tolkien, buscará trazer uma explicação alegórica para a personagem em questão, contradizendo-se, portanto. Na mesma carta, também afirma:

> Tom Bombadil não é uma pessoa importante — para a narrativa. Suponho que ele tenha alguma importância como um "comentário". Quero dizer, eu realmente não escrevo daquela maneira: ele é apenas uma invenção (que apareceu pela primeira vez na *Oxford Magazine* por volta de 1933), e representa algo que sinto ser importante, apesar de que eu não estaria preparado para analisar o sentimento precisamente. Contudo, eu não o teria deixado entrar se ele não possuísse algum tipo de função. Posso colocar deste

[175] No original: There is of course a clash between 'literary' technique, and the fascination of elaborating in detail an imaginary mythical Age (mythical, not allegorical: my mind does not work allegorically). As a story, I think it is good that there should be a lot of things unexplained (especially if an explanation actually exists); and I have perhaps from this point of view erred in trying to explain too much, and give too much past history. Many readers have, for instance, rather stuck at the *Council of Elrond.* And even in a mythical Age there must be some enigmas, as there always are. Tom Bombadil is one (intentionally) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 193).

> modo. A história é disposta em termos de um lado bom e um lado mau, beleza contra feiura impiedosa, tirania contra majestade, liberdade moderada com consentimento contra compulsão que há muito perdera qualquer objetivo que não o mero poder, e assim por diante; mas ambos os lados em certo grau, conservador ou destrutivo, querem uma medida de controle. Mas se você tiver, por assim dizer, feito um "voto de pobreza", renunciado ao controle e contentar-se com as coisas em si mesmas sem referência a si próprio, vigiando, observando e de certa forma conhecendo, então a questão dos bens e males do poder e do controle pode tornar-se totalmente sem sentido para você, e os meios do poder sem valor algum. E uma visão pacifista natural, que sempre vem à mente quando há uma guerra. Porém, a visão de Valfenda parece ser a de que é algo excelente de se ter representado, mas que de fato há coisas com as quais não pode lidar e que, no entanto, sua existência depende delas. Em última instância, apenas a vitória do Oeste permitirá Bombadil a continuar, ou mesmo a sobreviver. Nada lhe restaria no mundo de Sauron.
>
> Ele não possui ligação alguma em minha mente com as Entesposas. O que aconteceu a elas não é solucionado neste livro. Ele é de certo modo a resposta a elas, no sentido de que ele é quase o oposto, estando (digamos) a Botânica e a Zoologia (como ciências) e a *Poesia* em oposição à Criação de gado, à Agricultura e à praticabilidade (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173, grifo do autor)[176].

A afirmação inicial de que "Tom Bombadil não é uma pessoa importante — para a narrativa" deve ser lida com cuidado e atenção. Compreende-se por essa frase que ele não se

[176] No original: Tom Bombadil is not an important person – to the narrative. I suppose he has some importance as a 'comment'. I mean, I do not really write like that: he is just an invention (who first appeared in the *Oxford Magazine* about 1933), and he represents something that I feel important, though I would not be prepared to analyze the feeling precisely. I would not, however, have left him in, if he did not have some kind of function. I might put it this way. The story is cast in terms of a good side, and a bad side, beauty against ruthless ugliness, tyranny against kingship, moderated freedom with consent against compulsion that has long lost any object save mere power, and so on; but both sides in some degree, conservative or destructive, want a measure of control. But if you have, as it were taken 'a vow of poverty', renounced control, and take your delight in things for themselves without reference to yourself, watching, observing, and to some extent knowing, then the question of the rights and wrongs of power and control might become utterly meaningless to you, and the means of power quite valueless. It is a natural pacifist view, which always arises in the mind when there is a war. But the view of Rivendell seems to be that it is an excellent thing to have represented, but that there are in fact things with which it cannot cope; and upon which its existence nonetheless depends. Ultimately only the victory of the West will allow Bombadil to continue, or even to survive. Nothing would be left for him in the world of Sauron.
He has no connexion in my mind with the Entwives. What had happened to them is not resolved in this book. He is in a way the answer to them in the sense that he is almost the opposite, being say, Botany and Zoology (as sciences) and Poetry as opposed to Cattle-breeding and Agriculture and practicality (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 196).

constitui como uma personagem principal na organização do enredo, especialmente tendo em vista a quantidade de páginas em que ele participa ativamente na narrativa, e o seu aparente não envolvimento na destruição do Anel, distanciando-se do núcleo da trama. Além disso, é questionável pensar em Bombadil como uma *pessoa*, tendo em vista a sua composição mística e misteriosa. No entanto, apesar de não parecer importante para a narrativa, notamos que ele representa um sentimento e desempenha um papel importante na história — segundo as palavras do próprio autor. Além de salvar os hobbits em dois momentos distintos, podemos notar que a passagem pela casa de Tom Bombadil e o encontro com esse ser tão misterioso não se constitui apenas como um "acidente de percurso" na jornada, mas como um contato com uma força inspiradora, portadora de alegria e renovadora da esperança antes das batalhas e desafios porvir, força essa sem a qual não seria possível realizar tão grandes feitos, inclusive a própria destruição do Um Anel. Contribuindo ativamente para a realização desses atos, conseguimos, outrossim, notar o papel fundamental que Tom desempenha no romance. Vinculado a seu papel, podemos concluir que a personagem e sua participação em **O Senhor dos Anéis** são marcadas pela *esperança*: de que o mal pode ser vencido, de que o rei dos homens será coroado, de que, após todas as lutas, haverá um local de descanso nas Terras Abençoadas. Ademais, nota-se que Bombadil agrega uma série de características caras a Tolkien, como a simplicidade, a vida em meio à natureza, a alegria, a música e a poesia, o que lhe confere um sentimento afetuoso por parte do autor. Há, ainda, inerente à personagem e segundo as palavras de Tolkien, a clara função de manter e salvaguardar o *mistério*, presente não apenas na obra, mas em toda mitologia. Ressalta-se também, por meio da fala inicial do autor, o uso de um procedimento característico da pós-modernidade: a afirmação de que algo não é importante, leva-nos justamente a concluir que esse algo é não só importante, como fundamental — método que se repetirá a seguir.

Por meio desse trecho, faz-se possível compreender melhor as colocações de Gandalf no conselho de Elrond que tratam sobre a relação de Tom Bombadil com o Anel. Os meios de poder e de dominação não fazem sentindo para Tom, não tendo valor algum para ele, pois ele se contenta com as coisas em si, conhece-as, vigia-as e as observa, não querendo dominá-las. Com isso, entendemos de modo mais consistente o fato do Anel não o tentar e até mesmo o certo desdém com o qual essa personagem trata o objeto. Outrossim, o conhecimento das coisas, das histórias e dos seres é ressaltado por Tolkien, podendo ser também entendido como uma fonte da habilidade mágica de Tom, conforme analisado outrora. O "voto de pobreza" a qual Bombadil é relacionado nos faz compreender a não participação dele na guerra do Anel, tendo em vista que, apesar de ser contrário a Sauron, Tom excede a dicotomia do conflito, não

participando em nenhum dos lados. Em sua última afirmação, Tom Bombadil é vinculado a conhecimentos não práticos, que se preocupam com o estudo do *ser*, como a Botânica e a Zoologia, em oposição a conhecimentos práticos, como a agricultura e a criação de gado. A relação da personagem com a Poesia, como afirma o próprio autor, vai ao encontro das considerações que vimos tecendo, e é rica de múltiplos sentidos, como cremos ter evidenciado.

Citando a afirmação de Fruta d'Ouro — "*Ele é*" — diante da pergunta de Frodo sobre "Quem é Tom Bombadil?", Peter Hasting — gerente da Livraria Newman (uma livraria católica em Oxford) — afirma que essa resposta parecia implicar que Bombadil era Deus, atribuindo-lhe um sentido alegórico. Em um rascunho de uma carta destinada a ele, datada de setembro de 1954, Tolkien afirma:

> Quanto a Tom Bombadil, realmente acho que o senhor está sendo sério demais, além de não compreender. (Mais uma vez as palavras usadas são de Fruta d'Ouro e de Tom, e não minhas como um comentarista). [...]. Vários outros personagens são chamados de Senhor; e se "em tempo" Tom foi primeiro, ele era o Mais Velho no Tempo. Mas Fruta d'Ouro e Tom estão se referindo ao mistério dos *nomes.* Vide e pondere as palavras de Tom em Vol. I p. 142[177].
>
> Você pode ser capaz de compreender sua relação única com o Criador sem um nome — você consegue, pois em tal relação os pronomes tornam-se nomes próprios. Mas tão logo você esteja em um mundo de outros finitos com uma relação similar, ainda que única e diferente, com o Ser Primordial, quem é você? Frodo perguntou não "o que é Tom Bombadil", mas "Quem é ele". Ele e nós sem dúvida freqüentemente confundimos negligentemente as perguntas. Fruta d'Ouro fornece o que penso ser a resposta certa. Não precisamos entrar nas sublimidades de "sou o que sou" — que é bastante diferente de *ele é*. Ela acrescenta como uma concessão uma afirmação de parte do "o que". Ele é *senhor* de um modo peculiar: não tem de maneira alguma medo nem desejo de posse ou dominação. Ele simplesmente conhece e compreende tais coisas que lhe dizem respeito em seu pequeno reino natural. Dificilmente faz julgamentos e, pelo que se pode ver, não se esforça em transformar ou remover sequer o Salgueiro.

[177] "Ainda não sabe meu nome? Esta é a única resposta. Diga-me, quem é você, sozinho e sem nome?" (TOLKIEN, 2001, p. 135).

> Não creio que se precise filosofar sobre Tom, e ele não seria melhorado por isso. Mas muitos consideraram-no um ingrediente estranho ou de fato discordante. Historicamente, na verdade, introduzi-o porque eu já o havia "inventado" independentemente (ele apareceu pela primeira vez na Oxford Magazine) e queria uma "aventura" no caminho. No entanto, mantive-o na história e como ele era, porque ele representa certas coisas que de outra forma foram deixadas de fora. Não pretendo que ele seja uma alegoria — ou não lhe teria dado um nome tão particular, individual e ridículo —, mas a "alegoria" é o único modo de exibir certas funções; ele é, portanto, uma "alegoria", ou um exemplar, uma personificação particular de pura ciência natural (real): o espírito que deseja ter conhecimento de outras coisas, suas histórias e naturezas, *porque são* "*outras*" e totalmente independentes da mente indagadora, um espírito coevo com a mente racional e inteiramente desinteressado em "fazer" algo com o conhecimento — Zoologia e Botânica, e não Criação de gado ou Agricultura. Mesmo os Elfos dificilmente demonstram isso: são antes de tudo artistas. Além disso, T.B. exibe outra questão em sua atitude para com o Anel e o fracasso deste em afetá-lo. Você deve concentrar-se em alguma parte, provavelmente relativamente pequena, do Mundo (Universo), quer para contar uma história, por mais longa que seja, quer para aprender alguma coisa, por mais fundamental que seja — e, portanto, muito será omitido a partir desse "ponto de vista", distorcido na periferia ou parecerá uma estranheza dissonante. O poder do Anel sobre todos os interessados, mesmo os Magos ou Emissários, não é uma ilusão — mas não é o quadro inteiro, mesmo do então estado e conteúdo dessa parte do Universo (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p. 185-186, grifo do autor)[178].

[178] As for Tom Bombadil, I really do think you are being too serious, besides missing the point. (Again the words used are by Goldberry and Tom not me as a commentator). [...]. Lots of other characters are called Master; and if 'in time' Tom was primeval he was Eldest in time. But Goldberry and Tom are referring to the mystery of *names.* See and ponder Tom's words in Vol. I p. 142.
You may be able to conceive of your unique relation to the Creator without a name – can you: for in such a relation pronouns become proper nouns? But as soon as you are in a world of other finites with a similar, if each unique and different, relation to Prime Being, who are you? Frodo has asked not 'what is Tom Bombadil' but 'Who is he'. We and he no doubt often laxly confuse the questions. Goldberry gives what I think is the correct answer. We need not go into the sublimities of 'I am that am' – which is quite different from *he is*. She adds as a concession a statement of pan of the 'what'. He is *master* in a peculiar way: he has no fear, and no desire of possession or domination at all. He merely knows and understands about such things as concern him in his natural little realm. He hardly even judges, and as far as can be seen makes no effort to reform or remove even the Willow.
I don't think Tom needs philosophizing about, and is not improved by it. But many have found him an odd or indeed discordant ingredient. In historical fact I put him in because I had already 'invented' him independently (he first appeared in the Oxford Magazine) and wanted an 'adventure' on the way. But I kept him in, and as he was, because he represents certain things otherwise left out. I do not mean him to be an allegory – or I should not have given him so particular, individual, and ridiculous a name – but 'allegory' is the only mode of exhibiting certain functions: he is then an 'allegory', or an exemplar, a particular embodying of pure (real) natural science: the spirit

Em um primeiro apontamento, Tolkien alega que Hasting está sendo "sério demais" com a personagem, o que se relaciona diretamente com o que é colocado a diante: "Não creio que se precise filosofar sobre Tom". A afirmação do autor é significativa tendo em vista que não há uma resposta única para a questão *quem* ou *o que é Tom Bombadil*; desse modo, filosofar sobre essa personagem em busca de uma resposta, e não contemplá-la enquanto mistério assim constituído, não resultará em uma melhor compreensão de seu *ser*. Conjuntamente a essas duas colocações, a fala do autor de que "Tom Bombadil não é uma pessoa importante" revela um procedimento tipicamente pós-moderno, no qual aquilo que se pede para não prestar atenção é justamente um pedido para que se preste atenção, como analisado alhures. De fato, Bombadil não é uma questão filosófica; no entanto, por meio da articulação das afirmações apresentadas, Tolkien realiza uma dramatização que busca desviar a atenção do *mistério*. Na sequência, a afirmação de que as palavras que constituem a resposta de Fruta d'Ouro e de Tom só pertencem a eles e não ao autor, indicia-nos que as personagens em questão possuem vida própria, excedendo os limites impostos pela mão do escritor. Tal apontamento nos leva a concluir que, mesmo que Tolkien quisesse uma solução para o *mistério* Tom Bombadil, ele se tornara maior do que o próprio autor. Outrossim, apesar de várias personagens serem chamadas de *Master* — retomando o termo original em inglês —, apenas Tom se apresenta como "*The Master*", O Mestre, o que, além de confirmar a singularidade da personagem, mais uma vez, o relaciona a Cristo, enaltecendo seu caráter divino.

O *mistério dos nomes* apontado por Tolkien se coaduna à reflexão aqui desenvolvida, e evidencia que o nome de Tom é um mistério em si, sendo seu *verdadeiro nome* inacessível — talvez impronunciável. Esse fato lhe assegura o seu ser-mestre, na medida em que não tem seu nome conhecido e, portanto, não pode ser dominado. Ressalta-se, ainda, agora pelas palavras do próprio autor, que Bombadil é o ser mais antigo existente em Arda, o que vai ao encontro da narração apresentada do diálogo entre ele e os hobbits em sua casa.

A asserção inicial de Tolkien, no segundo parágrafo da mesma citação, propõe-nos duas reflexões correlatas: primeiramente, o fato de que a pergunta "quem é você" deve ser compreendida e respondida a partir do relacionamento entre criatura e Criador; ao mesmo

---

that desires knowledge of other things, their history and nature, *because they are 'other'* and wholly independent of the enquiring mind, a spirit coeval with the rational mind, and entirely unconcerned with 'doing' anything with the knowledge: Zoology and Botany not Cattle-breeding or Agriculture. Even the Elves hardly show this: they are primarily artists. Also T.B. exhibits another point in his attitude to the Ring, and its failure to affect him. You must concentrate on some pan, probably relatively small, of the World (Universe), whether to tell a tale, however long, or to learn anything however fundamental – and therefore much will from that 'point of view' be left out, distorted on the circumference, or seem a discordant oddity. The power of the Ring over all concerned, even the Wizards or Emissaries, is not a delusion – but it is not the whole picture, even of the then state and content of that pan of the Universe (CARPENTER; TOLKIEN, 1981f, p. 208-209).

tempo, o próprio Tom Bombadil nos é apresentado como esse Ser Primordial — Criador, portanto —, levando-nos mais uma vez a origem de todo o universo ficcional do autor e dispondo a personagem como central e decisiva para o entendimento de toda a obra. A oposição entre "*Who is he?*" e "*What is he?*" — "Quem ele é" e "O que ele é?", respectivamente — desenvolvida por Tolkien, deve ser aqui destacada pois, quando se pergunta "*Who is he*?", busca-se saber a identidade desse "ele"; enquanto a pergunta "*What is he*?", além de não ser habitualmente empregada para referir-se a pessoas, pode ser utilizada para discorrer sobre um atributo, o que não corresponderia ao seu *ser*, mas uma função desempenhada. Assim, ser *Mestre* é parte constituinte de Tom Bombadil, e não apenas uma característica ou papel por ele exercido.

Discordamos de Tolkien no que se refere ao seu comentário sobre a resposta de Fruta d'Ouro para a pergunta de Frodo "*Quem ele é?*", pois a relação existente entre a passagem de Moisés na sarça e a personagem Tom Bombadil não é meramente alegórica, mas gera e constitui sentido, sentido esse que se relaciona à personagem em seus aspectos divino e elemental, como demonstramos anteriormente. Além disso, na cena bíblica, o que Moisés pede a Deus é que lhe diga o seu *nome*, resposta que não lhe é concedida, assim como não é a Frodo. Amplia-se, desse modo, o vórtice entre o mistério do *nome* e o mistério do *ser* Tom Bombadil em sua relação com a divindade. No entanto, discordamos também de Hasting, pois, como demonstrado ao longo de nossa tese, Tom Bombadil não se encerra em seu aspecto divino, e a união de todas as características que o compõem não nos levam a uma resposta unívoca, fechada, permanecendo em seu *ser*, o tom de mistério. Entretanto, faz-se fundamental destacar também a contradição na qual o próprio autor se coloca ao afirmar que, apesar de não pretender fazer de Tom uma alegoria, este "é o único modo de exibir certas funções", dispondo a própria personagem como "um exemplar, uma personificação particular de pura ciência natural".

Mais uma vez, Tolkien reafirma o não desejo de posse ou dominação por parte dessa personagem — que não é tentada pelo Anel —, mas uma vontade profunda de conhecer e compreender as coisas pertencentes ao seu universo; de tal modo, mesmo diante do Salgueiro, não o transforma, ou seja, não modifica o seu ser, e também não o destrói. Ao que se refere àquilo que Tom representa e foi "deixado de fora", recordamos o trecho da carta anteriormente discutida, em que o autor afirma que Bombadil representa um sentimento importante e desempenha um papel na narrativa. Reafirma-se, assim, a *esperança* experienciada pelos hobbits e que os impulsiona, mesmo em meio às maiores dificuldades e às trevas mais sombrias; esse sentimento e impulso não são vivenciados em nenhum outro local e diante de nenhuma outra personagem em todo o enredo de **O Senhor dos Anéis**. Notamos assim que o papel

desempenhado por Tom na narrativa está intimamente vinculado ao seu *ser*, ou seja, ao ser *mistério*.

A relação de Bombadil com as ciências naturais, reafirmada pelo autor, dá-se no âmbito da aspiração pelo conhecimento. Tom mostra, ao longo de suas histórias e conversas com os hobbits, uma vasta sabedoria e, tomado por esse mesmo desejo de conhecer, pega o Anel em sua mão. Por fim, a afirmação de Tolkien vem ao encontro do oximoro mítico e misterioso que compõe a personagem: ainda que Tom não se configure como um quadro inteiro, completo enquanto personagem, e esteja limitado a um espaço muito reduzido — ao menos em suas aparições em **O Senhor dos Anéis** — ele, por outro lado, consegue vislumbrar a completude do enredo, seja por meio das visões que causa nos hobbits — que anteveem fatos narrativos — , ou ainda por não ser tentado pelo desejo de possuir o Um Anel. Nesse sentido, o desejo de posse do Anel se constitui também como um quadro incompleto, mas tal tentação não recai sobre Tom, justamente por ele conseguir vislumbrar a completude da imagem.

Uma carta datada de 1958 para Forrest J. Ackerman, agente de uma companhia cinematográfica, sobre o tratamento fílmico de **O Senhor dos Anéis**, explicita a relação de Tom Bombadil com a sua terra, confirmando nossa análise sobre o tema: "Ele *não* é proprietário dos bosques" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006h, p. 260, grifo do autor)[179]. Com isso, Tom se mostra mais uma vez o *mestre* da Natureza ao seu entorno, mas não seu dono.

Para Allen & Unwin editora, Tolkien enviou uma carta em que comenta a introdução feita pelo tradutor Ake Ohlmarks para a edição sueca de **O Senhor dos Anéis**: "Quanto a Wayland Ferreiro ser um tipo de Pã ou ser refletido tanto em Bombadil como em Gollum[180]: isso é exemplo suficiente dos métodos tolos e conclusões absurdas do Dr. O." (CARPENTER; TOLKIEN, 2006j, p. 292)[181]. Wayland é o ferreiro da mitologia nórdica responsável por forjar as armas dos deuses. De fato, Tom Bombadil não se assemelha a esse ferreiro, particularmente, que é associado principalmente à fabricação ou ainda à posse de armamentos. No entanto, a figura do ferreiro é tradicionalmente vinculada ao canto em diversas culturas, como a grega e a hebraica, por exemplo; mas, sobretudo na cultura nórdica, os ferreiros apresentam um caráter místico, poético e musical, percebido pelo fato de Odin[182] e seus sacerdotes se autodenominarem "ferreiros de canções".

---

[179] No original: He is *not* the owner of the woods (CARPENTER; TOLKIEN, 1981h, p. 292).
[180] Ele era um Hobbit do Condado, mais especificamente do Povo do Rio, conhecido como Sméagol, mas foi corrompido pelo Um Anel, transformando-se, ao longo dos anos que deteve o objeto, em uma criatura sombria.
[181] No original: As for Wayland Smith being a Pan-type, or being reflected both in Bombadil and in Gollum: this is sufficient example of the silly methods and nonsensical conclusions of Dr. O. (CARPENTER; TOLKIEN, 1981j, p. 324).
[182] O deus criador na mitologia nórdica.

A tia de Tolkien, Jane Neave, então com noventa anos, pediu-lhe que escrevesse mais sobre Tom Bombadil, ao que ele respondeu, em 4 de outubro de 1961: "Acho boa a ideia da senhora sobre Tom Bombadil, não que me sinta inclinado a escrever mais sobre ele." (CARPENTER; TOLKIEN, 2006k, p. 293)[183]. Tolkien reconhece, nessa carta, que mais poderia ser escrito sobre Bombadil, apesar de não se sentir inclinado a esse feito. Depois sugere à tia a leitura de "As aventuras de Tom Bombadil". Em concordância a tal colocação, após Allen & Unwin consentir que Tolkien deveria organizar um livro de poemas, que viria a ser **As Aventuras de Tom Bombadil**, ele afirma que "a colheita não é rica, pois não há muito que realmente condiga com Tom Bombadil". (CARPENTER; TOLKIEN, 2006l, p. 294)[184]. Podemos notar que Tolkien deseja veementemente manter Tom um mistério em meio ao seu universo ficcional, negando-se a escrever mais sobre a personagem, a melhor clareá-la e a oferecer detalhes que condigam com o seu *ser*. Essa postura não apenas reafirma o enigma que o constitui, mas o torna salvaguardado pelo mistério em si. Ademias, percebe-se a peculiaridade e a particularidade de Bombadil, não havendo muito que "realmente condiga" com a personagem. Dedicando-se ainda à elaboração dos poemas, Tolkien escreve para Rayner Unwin, em 12 de abril de 1962:

> Você pode notar que escrevi um novo poema de *Bombadil*, que espero que seja adequado para fazer companhia ao mais antigo, embora para sua compreensão ele necessite de um certo conhecimento do *S.A.* De qualquer maneira, ele faz o serviço de "integrar" Tom ainda mais com o mundo do *S.A.* no qual foi inserido. (CARPENTER; TOLKIEN, 2006m, p. 299, grifo do autor)[185].

O poema que Tolkien menciona é "Bombadil Passeia de Barco", que, conforme mencionado, elucida a origem de sua pena azul, em relação a um comentário feito pelo próprio autor em uma nota nessa mesma carta, de que, originalmente, a pena era de pavão, o que seria inadequado à sua situação em **O Senhor dos Anéis**. Ainda sobre o mesmo tema, Tolkien

[183] No original: I think your idea about Tom Bombadil is a good one, not that I feel inclined to write any more about him (CARPENTER; TOLKIEN, 1981k, p. 327).
[184] No original: The harvest is not rich, for one thing there is not much that really goes together with Tom Bombadil (CARPENTER; TOLKIEN, 1981l, p. 329).
[185] No original: You may note that I have written a new *Bombadil* poem, which I hope is adequate to go with the older one, though for its understanding it requires some knowledge of the *L.R.* At any rate it performs the service of further 'integrating' Tom with the world of the *L.R.* into which he was inserted (CARPENTER; TOLKIEN, 1981m, p. 335).

comenta em uma carta destinada a Pauline Gasch, responsável pela ilustração que acompanharia esse livro:

> Lamento que a senhora tenha sido incomodada por esse detalhe. Houve várias mudanças menores feitas em vários momentos no processo de assimilação de Tom B. ao mundo do *Senhor dos Anéis.*
> A pena de pavão pertence a um rascunho antigo. Por ser inadequada ao S.A., torna-se no S.A. (I p. 130)[186] "uma longa pena azul". Nos poemas tal como agora serão publicados, Tom aparece (no verso 4 do primeiro poema) com uma "pena da asa de um cisne": para aumentar o caráter ribeirinho e levar em consideração o incidente no segundo poema, o presente de uma pena azul dado pelo martim-pescador. Esse incidente também explica a pena azul do S.A. O poema um é evidentemente, como dito na introdução, uma versão hobbitesca dos acontecimentos muito antes dos dias do S.A. Mas o segundo poema refere-se aos dias do crescimento da sombra, antes de Frodo partir (como a conversa com Magote mostra: cf. S.A. I p. 143)[187] Portanto, quando Tom aparece no S.A. ele está usando uma pena azul. (CARPENTER; TOLKIEN, 2006n, p. 302-303, grifo do autor)[188].

Por esse comentário, podemos localizar historicamente no universo mítico do autor a composição dos dois primeiros poemas referentes à personagem Tom Bombadil, mencionados anteriormente. Destaca-se ainda que, por mais que se refira a acontecimentos que antecedem a partida de Frodo do Condado, o poema "Bombadil Passeia de Barco" é composto em tempo bem posterior à visita dos hobbits a Tom Bombadil, conforme afirma o próprio autor no prefácio de **As Aventuras de Tom Bombadil**[189]. Na mesma carta, um comentário de Tolkien sobre o nome da ave Martim-pescador, *kingfisher*, em inglês, e sua relação com o cisne e Tom

---

[186] "Apareceu por cima dos juncos um velho chapéu gasto, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita." (TOLKIEN, 2001, p. 124).
[187] "Tom não escondeu que seu conhecimento se devia, em grande parte, ao velho Magote, aparentemente mais importante do que eles tinham imaginado." (TOLKIEN, 2001, p. 137).
[188] No original: I am sorry that you have been bothered by this detail. There have been a number of minor changes made at various times in the process of assimilating Tom B. to the *Lord of the Rings* world.
The peacock's feather belongs to an old draft. Being unsuitable to the L.R. this becomes in the L.R. (I p. 130) 'a long blue feather'. In the poems as now to be published Tom appears (in line 4 of the first poem) with a 'swan-wing feather': to increase the riverishness, and to allow for the incident in the second poem, the gift of a blue feather by the king's fisher. That incident also explains the blue feather of the L.R. Poem one is evidently, as said in the introduction, a hobbit-version of things long before the days of the L.R. But the second poem refers to the days of growing shadow, before Frodo set out (as the consultation with Maggot shows: cf. L.R.I p. 143). When therefore Tom appears in the L.R. he is wearing a blue feather (CARPENTER; TOLKIEN, 1981n, p. 339).
[189] "porém, este poema provavelmente foi composto muito mais tarde, depois da visita de Frodo e seus companheiros à casa de Bombadil" (TOLKIEN, 2008a, p. XII-XIII).

Bombadil retoma a visão tida pelos hobbits quando Tom os salva das Criaturas Tumulares, na qual eles visualizam Aragorn usando a coroa do rei de Gondor, confirmando a análise desenvolvida alhures: “Isso liga o cisne (tradicionalmente a propriedade do rei) com o pássaro-pescador; explica tanto a rivalidade deles como sua amizade especial com Tom: eram criaturas que esperavam pelo retorno de seu Senhor de direito, o verdadeiro Rei”. (CARPENTER; TOLKIEN, 2006n, p. 303)[190].

[190] No original: That links the swan (traditionally the property of the King) with the fisher-bird; explains both their rivalry, and their special friendship with Tom: they were creatures who looked for the return of their rightful Lord, the true King (CARPENTER; TOLKIEN, 1981c, p. 339).

3. AS DIFERENTES LEITURAS DO MISTÉRIO

A partir do resgate analítico, ora empreendido, dos momentos em que a personagem Tom Bombadil aparece ou é mencionada no universo ficcional tolkieniano e em suas cartas, emerge o ponto que chamou nossa atenção: o mistério e o enigma o envolvem, os quais se reiteram e se reforçam a cada aparição ou menção à figura de maneira, a nosso ver, peculiar, pois toda vez que o ministério-enigma é respondido, a resposta em si se constitui em novo mistério-enigma, gerando um vórtice de perguntas-respostas aparentemente sem saída, como um labirinto ou um jogo de *mise en abyme*. Por essa razão, desde a primeira publicação de **O Senhor dos Anéis**, entre 1954 e 1955, leitores, fãs e acadêmicos têm levantado diversas suposições sobre *quem* ou *o quê* seria Tom Bombadil, tornando a personagem um dos principais temas de discussão do universo de Tolkien. Diante do *enigma*, dois são os caminhos comumente trilhados pela crítica: primeiramente há aqueles que buscam desvalorizá-lo, ou ainda ignorá-lo, como um erro do autor ao inserir Tom em **O Senhor dos Anéis**; por outro lado, há aqueles que buscam, de distintas formas, explicá-lo, procurando e propondo inúmeras respostas para, em vão, solucionar esse *mistério*.

Em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico que se debruce sobre a personagem Tom Bombadil em relação ao universo ficcional criado por Tolkien encontra certas dificuldades, como a escassez de leituras críticas e acadêmicas que contenham e/ou desenvolvam informações e possibilidades interpretativas em torno dessa personagem, no Brasil[191]. Constrói-se, nesse contexto, uma relação entre leituras críticas — oriundas exclusivamente de países estrangeiros — e diversas propostas de abordagem e análises feitas por leitores e fãs, em *sites* e *blogs* que tratam do conjunto da obra do autor. O único artigo referente a essa personagem produzido no Brasil — "Tom Bombadil, um personagem sem lugar: a literatura como construção de significações sociais" (2012), de Fabrício Pinto Monteiro —, distancia-se muito da proposta aqui apresentada, mesmo sendo uma produção acadêmica.

Desse modo, diversas teorias já foram criadas sobre a personagem, sendo que as mais comuns — a de que ele seria o leitor, o próprio Tolkien ou um de seus amigos; um ser maligno; o Rei dos Bruxos de Angmar; uma das raças dominantes da Terra-média, homens, elfos ou anões; uma personificação de Eru Ilúvatar; o primeiro ser criado; um Vala; um Maia; um

[191] Evidentemente, isso demonstra certo receio do meio acadêmico em relação a essa personagem, o qual se traduz no mistério que ela representa, mas também em razão de certa devoção por parte dos especialistas em Tolkien no que diz respeito às palavras que o autor proferiu sobre sua própria obra, geralmente tomadas como absolutas por esse grupo.

espírito da natureza; a representação do Espírito Santo; a personificação da música dos Ainur; a Chama Imperecível, ou Fogo Secreto — encontram-se listadas e explicadas, em sua maioria, no ensaio "Theories about Tom Bombadil" ([*s. d.*], acesso em: 06 jul. 2021), publicado no site **One Wiki to Rule Them All**, uma enciclopédia online sobre o universo de Tolkien compilada principalmente por fãs. O ensaio apenas apresenta as possibilidades de leitura da personagem, mas não as desenvolve criticamente ou as contrapõe entre si e a outras leituras. Kocher (2002), por sua vez, afirma que, pelo modo como está disposta, a identidade de Bombadil não se restringe a de nenhuma outra personagem conhecida na obra de Tolkien, não se encaixando na ordem cósmica criada pelo autor. Ao encontro de tal assertiva, Beagle (1966), entende Tom como uma personagem que não pertence a nenhuma raça, Era, ou missão.

Além dessas, ressaltamos a existência de outras análises que abordam a personagem de modo a não procurar uma resposta direta para a pergunta *quem é Tom Bombadil*, mas a expõem de modo a destacar algumas de suas características e sua participação no romance **O Senhor dos Anéis**. Nesse sentido, Sander (1997) identifica uma relação entre Bombadil, Girafoelho[192] e O Rio[193] por serem expressão de uma energia caótica e inconsciente; já Milbank (2009) relaciona Tom à figura do Papai Noel, por presentear os hobbits com as espadas encontradas nas tumbas; Reynolds (1991), no que lhe concerne, descreve-o a partir do boneco holandês no qual foi inspirado, ressaltando suas semelhanças físicas e de vestimentas. Em contrapartida, Larsen (2017) afirma que Bombadil incorpora a compreensão organicista da alteridade como sendo diferente ainda de uma parte da natureza; enquanto Scull (1991) relata as aparições de Bombadil desde o poema "As Aventuras de Tom Bombadil", de 1934, a suas aparições em **O Senhor dos Anéis** e em **As Aventuras de Tom Bombadil**, com referências aos rascunhos presentes em **The Return of the Shadow**. Masson (1971), por sua vez, declara que, em uma perspectiva cristã, ser um "eu" é ser uma pequena imagem do mistério supremo, e conclui afirmando que, em relação a Tom, só pode concordar com Sam: "É uma pessoa extraordinária, disso não há dúvida. Acho que podemos avançar bastante e não ver ninguém melhor, nem mais estranho" (TOLKIEN, 2001, p. 153)[194]. Criando pontes com outras obras, Gary B. Herbert (1985) traça um paralelo entre o Anel de Giges[195] e a postura de Tom Bombadil diante do Um Anel, ressaltando que a autossuficiência da personagem a torna imune à disjunção entre a

[192] Personagem do livro infantil **Sr. Bliss** (**Mr. Bliss**, 1982), de J. R. R. Tolkien.
[193] Personagem do livro de Kenneth Grahame, **The Wind in the Willows** (1908).
[194] No original: 'He's a caution and no mistake. I reckon we may go a good deal further and see naught better, nor queerer' (TOLKIEN, 2004a, p 148).
[195] Artefato mítico e mágico, mencionado pelo filósofo Platão no segundo livro de **A República** (1972), que concede ao possuidor o poder de tornar-se invisível à vontade.

aparência e o ser causada pelo objeto; por outro lado, Vaninskaya (2014, p. 359, tradução nossa) identifica Bombadil como "um parente próximo de Lob, de Thomas, para não mencionar Puck e Hobden, de Kipling". Já Carter (2003) identifica uma impressionante semelhança entre o nome Bombadil e Boabdil, último rei mouro de Granada, que entregou seu reino a Fernando de Castela, tornando-se uma figura melancólica e assombrosa, popular nas lendas românticas islâmicas. Perassoli Junior, por sua vez, em sua dissertação **O vicejar dos astros**: a individuação da personagem Frodo em *O Senhor dos Anéis* (2017), destaca que a personalidade paradoxal de Tom Bombadil mostra um equilíbrio psíquico paradoxal, e, por transcender a dicotomia entre o bem e o mal, assemelha-se a um budista, caracterizando-se como um *nirdvandva*, segundo a concepção junguiana.

A respeito da linguagem poética e musical de Tom, o texto "The Total Stress of Tom Bombadil" (2017, acesso em: 09 jul. 2021) a identifica a partir de uma inspiração na língua anglo-saxônica. O discurso de Bombadil, por mais que esteja em prosa, é escrito de modo poético, assim como os primeiros textos de poesia anglo-saxã, que não possuíam a quebra da linha métrica, mas apresentavam mudança de linha apenas quando se chegava à borda da página, o que, pelo fato de não se contar sílabas poéticas e sim acentos, revela que a quebra da linha tinha uma importância muito reduzida. Desse modo,

> em qualquer linha anglo-saxônica pode haver algo entre oito e vinte sílabas. O que importa, no entanto, não é o número de sílabas, mas o número de acentos. Como regra, cada linha tem quatro acentos principais e é dividida em duas meias-linhas, cada uma com dois acentos. Entre as duas meias-linhas, há uma quebra distinta, que alguns chamam de "cesura" (RICHARD, 2017, acesso em: 09 jul. 2021, tradução nossa).

Comparando os versos abaixo, temos o primeiro conjunto, retirado do prólogo de *Beowulf*[196], em anglo saxão, e o segundo, retirado de uma das faladas de Tom Bombadil, ambos com as tônicas destacadas, o que nos faz perceber a semelhança entre esses dois discursos poéticos:

> Him ð**a** Scyld gew**a**t | t**o** gescæp-hw**i**le,
> fela-hr**o**r f**e**ran | on Fr**e**an w**æ**re.
> H**i** hyne þ**a** ætb**æ**ron | t**o** brimes far**o**ðe,

[196] Poema épico de autor desconhecido escrito em língua anglo-saxônica, possivelmente no século VIII.

> swæse gesiþas. | Swa he selfa bæd,
> þenden wordum weold | wine Scyldinga,
> leof land-fruma | lange ahte.
>
> Now, my little fellows, | where be you a-going to,
> puffing like a bellows? | What's the matter here then?
> Do you know who I am? | I'm Tom Bombadil.
> Tell me what's your trouble! | Tom's in a hurry now.
> Don't you crush my lilies! (RICHARD, 2017, acesso em: 09 jul. 2021, grifo do autor).

No que diz respeito aos pés poéticos presentes na fala de Tom Bombadil, a existência de um padrão que se mescla e se confunde em meio a alguns "truques métricos" condiz com própria caracterização da personagem.

> A linha padrão começa com um espondeu [duas sílabas longas] seguido por dois anfímacros [uma sílaba breve entre duas longas], seguidos por um anfíbraco [uma sílaba longa entre duas breves], com ambos troqueus [uma sílaba longa seguido de uma breve] e espondeus usados para variação. Mas Tolkien frequentemente complica a escanção com "truques métricos", usando, por exemplo, acentuações ambíguas, acentuações colocadas perto de acentuações ainda mais pesadas, então eles são parcialmente "afogados", mas então, imediatamente contrastado com uma sílaba totalmente átona.
> Mas *todos* os diálogos de Bombadil seguem essa métrica, não apenas aqueles escritos em "versos", e muito da suposta "prosa" nesta seção é metricamente regulada. ˆWhoa! `Whoa! | `stead-y̆ `there!' | ...ˆNow my̆ `lit | -tl̆e `fel-lo̅ws,
> | `where `be | `you ă-`go | -in̆g `to | `puff-in̆g `like | ă `bel-lo̅ws?...' (ZIMMER, 1993, p. 20, tradução nossa, grifo do autor).

O livro **The Lure of the Ring: Power, Addiction & Transcendence** in Tolkien's The Lord of the Rings (2019) tem como tema central a personagem Tom Bombadil em comparação a Galadriel, Gandalf, Frodo e, especialmente, Sauron no que diz respeito à relação de cada um com o desejo de poder simbolizado pelo Um Anel. Partindo dos escritos do antropólogo Carlos Castaneda (1925-1998) sobre o feiticeiro indígena Yaqui, Don Juan, os autores encontram uma relação entre essas duas personagens, por representarem uma sabedoria inata e incorporada, bem como uma liberdade espiritual fundamentada no mundo natural. A análise das personagens

de Tolkien citadas acima é realizada em uma perspectiva psicodinâmica, ressaltando o contraste entre elas diante do objeto mágico, sendo Tom um ser que incorpora totalmente o eu indiviso ou incondicionado. Nesse sentido, a segunda metade da obra dedica-se a discorrer sobre Bombadil ao longo de dez capítulos em diferentes esferas de significação. O fato de não possuir nome, tendo o silêncio como nomeação, indica que ele é um ser em essência, vivendo, desse modo, a plenitude da liberdade em cada momento, não podendo ser, portanto, capturado. Em relação ao tempo, Tom é visto em duas diferentes perspectivas:

> Por um lado, ele é "Tom", um indivíduo único, totalmente ele mesmo. Este aspecto de Tom existe no tempo, como Mais Velho.
> Por outro lado, ele é inominado, ele simplesmente é. Ele é a consciência antes de se dividir e criar a identidade do ego individual; ele é o Eu incondicionado e atemporal, totalmente imerso no Eterno Agora, em harmonia com a escuridão sem fim sob as estrelas (STRACHAN; COSTER, 2019, p. 38, tradução nossa).

Na sequência, a partir do pressuposto de que o medo é sempre causado por um outro, Tom Bombadil, vivendo como um Eu indiviso, não conhece um Outro, e por essa razão — conforme afirma Fruta d'Ouro — ele não tem medo. A invisibilidade proporcionada pelo uso do Anel é analisada como vinculada ao desejo de se esconder — e, assim, simbolicamente, se separar — dos outros; logo, diante do objeto, Tom não precisa ou deseja ser escondido, mas tem sua transparência ainda mais iluminada. Soma-se a isso, o fato de Bombadil não ser tentado pelo poder do Anel, o que indica que "sua transparência de ser é seu verdadeiro poder, e ele não precisa de ocultação ou invisibilidade" (STRACHAN; COSTER, 2019, p. 45, tradução nossa). Os autores compreendem ainda Tom Bombadil como uma personagem cuja alegria é inerente ao seu ser — não uma alegria ingênua, mas sim uma mistura madura entre alegria, admiração e sabedoria —, e o seu ser mestre, como um atributo que evidencia sua identidade paradoxal.

> A identidade de Tom sempre é paradoxal. Por um lado, ele é "Mestre" de si mesmo porque não está identificado e, portanto, vinculado à personalidade do seu ego. Ele é livre de sua personalidade, bem como livre para se expressar espontaneamente através de sua personalidade. Por outro lado, Tom não pode ser "Mestre" de si mesmo porque, como o Eu incondicionado, ele não tem um "eu" do qual possa ser mestre. Nós somente podemos "dominar" algo que está separado de nós mesmos, e Tom não está separado de nada, inclusive de si

> mesmo. Então, Tom é Mestre e ainda assim nada "pertence" a ele. Sua "maestria", portanto, vem de uma completa rendição do eu separado da personalidade do ego (STRACHAN; COSTER, 2019, p. 52, tradução nossa).

No que se refere à ingenuidade de Tom, discordamos dos autores na medida em que tal característica pode lhe ser atribuída, quando interpretada à luz do conceito de homem natural de Rousseau (1712-1778). Para o filósofo, o homem natural conservaria sua ingenuidade ao não entrar em contato com a civilização, não sendo corrompido por ela (cf. Rousseau, 2020); todavia, Bombadil seria o "homem" natural que, mesmo em contato com a civilização, mantem-se originalmente ingênuo, puro, e bom, apresentando-se como impermeável à deterioração que a civilização causa. De modo análogo, Schiller (1971), ao discorrer sobre a poesia ingênua, vincula-a aos antigos gregos ligados à natureza, aqueles que ainda têm um contato direto com as fontes originais, que estão próximos das origens, sorvendo diretamente delas. Corroborando tais perspectivas, Novalis (2000) afirma que o mundo precisa ser romantizado, ou seja, precisa ser visto com o olhar da criança, recuperando o olhar ingênuo da criança, não automatizado ou desgastado, mas mantendo-se ativo, ainda capaz de aprender a totalidade das coisas. Tal forma de ver e compreender o mundo encontra reverberações em Bombadil, conforme analisado outrora.

No penúltimo capítulo, são resgatadas algumas menções de Tolkien sobre a personagem em suas cartas, partindo da assertiva de que "não há como saber com certeza o grau em que Tolkien entendeu a natureza da personagem que ele criou em Tom Bombadil" (STRACHAN; COSTER, 2019, p. 55, tradução nossa). Por fim, os autores expressam sua teoria:

> Quem, realmente, é Tom Bombadil?
> Tom é mistério — *como todos nós somos*. Podemos projetar muitas coisas nele — mas o convite essencial e extraordinário é ver que *somos* ele.
> Nós, como Tom, podemos escolher abertamente entrar no mistério do nosso ser com uma compreensão mais profunda. Contemplando o rosto icônico de Tom, vemos, espelhados, quem verdadeiramente somos.
>
> Nós somos liberdade.
>
> Nós somos amor.

> Nós somos o próprio Ser (STRACHAN; COSTER, 2019, p. 61, tradução nossa, grifo do autor).

Todas essas teorias, embora intrigantes e instigantes, abordam apenas parcialmente a figura de Tom Bombadil, desviando-se, em sua maioria, do fato de que a personagem se constitui, como diz o próprio Tolkien em citação feita outrora, um *enigma*. Apesar de contribuírem enormemente para uma possível elucidação desse mistério, nenhuma dessas leituras e interpretações aborda Bombadil como *o mistério em si*.

3.1 Tom Bombadil como um Erro em O Senhor dos Anéis

Alguns críticos alegam que Tolkien cometeu um erro ao inserir Tom Bombadil na narrativa de **O Senhor dos Anéis.** Thomas J. Gasque (1968) se refere a Tom simplesmente como uma falha técnica ou ainda como um desvio narrativo improdutivo. Dickerson e Evans, em **Ents, Elves and Eriador**: The Environmental Vision of J. R. R. Tolkien (2006), afirmam ser Bombadil um elemento incongruente dentro do texto, como se o autor tivesse perdido um pouco a mão ao construí-lo. Outros críticos vêm em defesa da mesma perspectiva: Patrick Curry (1997) analisa a personagem como uma divergência irritante; Roger Sale (1964) como uma figura fantástica de desenho animado não convincente; e ainda David M. Miller (1975) coloca Tom como uma distração supérflua.

Por certo, faz-se possível interpretar que, ao permanecer *mistério* em um universo no qual praticamente tudo pode ser explicado, Tom Bombadil escapa à pena de Tolkien, fugindo até mesmo de seu controle. Todavia, como demonstramos em nossa análise, a presença de Bombadil é necessária e fundamental na obra não apenas por salvar os hobbits em dois momentos distintos da narrativa, mas também por infundir neles a força necessária para vencerem os seus medos, permitindo-os realizar tão grandes feitos como a própria destruição do Um Anel, bem como por alimentá-los de esperança em meio a um mundo que se amedronta diante da ameaça do reerguimento de Sauron. Além disso, tais considerações não levam em conta as palavras do próprio Tolkien sobre a personagem, presentes em suas cartas — especialmente ao afirmar que Tom é um mistério propositadamente disposto em sua obra[197] — , bem como o exímio e cuidadoso trabalho do autor para a elaboração de **O Senhor dos Anéis**.

[197] "mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169).

3.2 Tom Bombadil como o Leitor, o Próprio Tolkien, ou um de seus Amigos

No artigo “Bombadil Discovered” (c1996-2002, acesso em: 09 jul. 2021), de Barb Beier, a autora afirma que Tom Bombadil é uma charada que pode ser solucionada, solução essa que se encontra no fato de Tom e, também Fruta d’Ouro, serem, respectivamente, o leitor e a leitora inseridos no romance tolkieniano, e a casa de Tom Bombadil, um lugar seguro para eles em meio aos conflitos emergentes na Terra-média, que se sucederão no decorrer da narrativa, possibilitando-os continuar a leitura sem medo das emergentes forças do Sauron. Ainda segundo Beier, toda a cena que envolve essas personagens se constitui como uma ponte necessária entre o mundo infantil de **O hobbit** e a aventura de adultos de **O Senhor dos Anéis**.

De fato, o surgimento de Tom no enredo da obra prima de Tolkien se dá no primeiro momento em que os hobbits têm suas vidas em risco e antepõe os conflitos que se sucederão ao longo da obra. Como já destacado, a segurança existente na casa de Tom Bombadil é única, o que evidencia sua habilidade mágica e dá aos hobbits o impulso necessário para seguirem em sua jornada. Entretanto, afirmar que Bombadil é o leitor, assim como Fruta d’Ouro, não nos parece condizer com as características que nos são apresentadas e simplificam ambas as personagens ao propor uma única interpretação para elas. Ademais, há uma compreensão equivocada das palavras de Tolkien que afirma que de fato há charadas — *riddle*, no original — que possuem uma solução, em contraposição ao enigma — *enigma*, no original — que se configura como mistério em si mesmo, como é Tom Bombadil. Além disso, a capacidade mágica dessa personagem, revelada por meio de seu canto, e sua relação com o Um Anel excedem em muito o poder do leitor. Vale destacar também o conhecimento que Bombadil tem de eventos passados e, especialmente, futuros dos quais o leitor, ainda que crítico, desconhece no momento que essa personagem se faz presente.

Por outro prisma, em “What’s he Tolkien About? Tom Bombadil and Authorial Presence” (2015), Lauren Baker e James Daro corroboram a afirmação de que Tom seria o próprio autor em seu universo ficcional, devido à comunicação da personagem que ocorre cause exclusivamente por meio de versos, sendo Tolkien também um exímio poeta, além dos papeis e das capacidades de ambos dentro de **O Senhor dos Anéis**, da reação da personagem diante do Um Anel, bem como o auxílio prestado aos hobbits. Nessa mesma direção, afirma-se que a presença de Tom desde os primórdios da criação o relaciona com o criador, não o Deus criador — conforme o próprio Tolkien apontara em suas cartas —, mas o autor, criador do universo ficcional.

É fato que Tom Bombadil reúne uma série de características pelas quais Tolkien tem afeição: o cuidado com a natureza, a vida simples, e a magia, expressa através de uma linguagem poética e musical — elementos esses estruturais e também presentes ao longo de toda a obra, mas que se encontram condensados na personagem—; no entanto, apesar de Tolkien ser um grande poeta e conhecedor de culturas antigas, ele mesmo assevera em uma de suas cartas referentes a Bombadil que ele realmente não escreve daquela maneira[198], o que se confirma nas demais obras poéticas do autor e no modo como este compõe suas poesias: Tom as diz com naturalidade e livremente, sem um cuidado prévio e uma escolha meticulosa das palavras, opondo-se, diametralmente, desse modo, à escrita de Tolkien. No que se refere à capacidade de ambos no universo da Terra-média, podemos notar uma distinção clara: como autor da obra, Tolkien tem plenos poderes sobre toda a mitologia construída, enquanto Tom demonstra suas habilidades místicas por meio da música e da poesia que livremente produz em suas falas, não possuindo, por exemplo, a habilidade de destruir o Anel a seu bel-prazer. É destacado ainda o envolvimento de Tom com os hobbits auxiliando-os em sua jornada, do mesmo modo que Beorn[199], em **O hobbit**[200]. Esse auxílio, por mais que extremamente significativo para o contexto e o decorrer da narrativa, não se configura como um auxílio autoral, pois Tom não tem a capacidade de mudar a narrativa, apenas encoraja e até capacita os hobbits para seguirem em frente. Outro fator a ser destacado é a postura de Tom diante do Um Anel, deixando transparecer uma face que permanecera oculta até aquele momento — conforme analisado alhures —, revelando que há algo além das risadas e das canções: um ser misterioso, que, por assim o ser, não se faz totalmente desvelado.

Os autores relacionam também a fala de Tolkien de que deveria "encontrar" a história sobre os hobbits — a partir de seu famoso escrito em uma página em branco: "Numa toca no chão vivia um hobbit..." — com o conhecimento de Tom Bombadil de diferentes histórias sobre fatos muito antigos, além das lembranças e da compreensão das demais personagens. Não podemos nos esquecer, todavia, das palavras do próprio autor que se identifica, dentre todas as criaturas existentes em sua mitologia, com os próprios hobbits.

> Sou de fato um *Hobbit* (em tudo, exceto no tamanho). Gosto de jardins, de árvores e de terras aráveis não-mecanizadas; fumo um cachimbo e gosto de

[198] "Quero dizer, eu realmente não escrevo daquela maneira" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173).
[199] Também conhecido como troca peles, de dia é homem e à noite um enorme urso. Auxilia Bilbo, Gandalf e a companhia de anões em sua jornada.
[200] A relação entre ambas as personagens é mais amplamente desenvolvida no artigo "Beorn and Tom Bombadil: A Tale of to Heroes" (2007), sendo tal relação analisada a seguir, quando tratarmos sobre esse artigo.

> uma boa comida simples (não-refrigerada), mas detesto a culinária francesa; gosto de, e ainda ouso vestir nestes dias sem brilho, coletes ornamentais. Gosto muito de cogumelos (tirados de um campo); possuo um senso de humor muito simples (que até mesmo meus críticos apreciativos acham cansativo); durmo tarde e acordo tarde (quando possível). Não viajo muito. (CARPENTER; TOLKIEN, 2006i, p. 275, grifo do autor)[201].

Por fim, há a afirmação de que essa é apenas mais uma leitura dentre outras possíveis.

Em concordância com a premissa de que Tom seria uma personificação de Tolkien dentro de seu universo ficcional, Kinga Jenike, em "Tom Bombadil – Man of Mistery" (2010), tem em seu artigo o objetivo de encontrar a origem de Tom Bombadil, e talvez sua essência, comparando-o com as demais raças da terra média: orcs, trolls, dragões, homens, anões, ents, hobbits, elfos, e Maiar. Em sua argumentação, destaca a impossibilidade de Tom pertencer a qualquer uma dessas raças, não só por suas características, distintas de todas elas, mas também por ser, segundo o próprio romance, uma criatura única. Ela ressalta também a importância da personagem enquanto enigma criado pelo autor e assim disposto em sua obra, trazendo, por fim, a leitura de que Bombadil poderia ser inclusive o próprio Tolkien que cria e define um espaço para si dentro de sua mitologia. Recordamos ainda a nota que apresenta Fruta d'Ouro como sua esposa[202], sendo esse também um dos trechos utilizados para defender a leitura de que Tom Bombadil seria o próprio autor.

Aqueles que consideram Tom como um ou ainda muitos amigos de Tolkien sustentam sua argumentação pelo fato de que a personagem não é afetada pelo Um Anel e, ainda, pela sua incapacidade de mudar o caminho dos hobbits em sua jornada. Tais argumentos simplificam em muito a personagem, lendo-a de forma incompleta não considerando as diversas características por ela apresentadas, como seu poder por meio da música e sua relação com os elementos da natureza. A nosso ver, tais teorias se desviam do enigma proposto pelo autor em sua obra, buscando, fora de seu universo ficcional, respostas para tal enigma, o que nos parece artificioso.

---

[201] No original: I am in fact a *Hobbit* (in all but size). I like gardens, trees and unmechanized farmlands; I smoke a pipe, and like good plain food (unrefrigerated), but detest French cooking; I like, and even dare to wear in these dull days, ornamental waistcoats. I am fond of mushrooms (out of a field); have a very simple sense of humour (which even my appreciative critics find tiresome); I go to bed late and get up late (when possible). I do not travel much (CARPENTER; TOLKIEN, 1981i, p. 303).

[202] "Tom Bombadil resgata [os hobbits] do Velho Salgueiro-homem. Ele diz que foi sorte ele ter vindo por aquele caminho — ele tinha ido para o lago de nenúfares para pegar alguns nenúfares brancos para Fruta d'Ouro (*minha esposa*)" (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa, grifo nosso).

3.3 Tom Bombadil como Pertencente às Raças Livres da Terra-média

Não podemos afirmar que Bombadil é pertencente às raças mais conhecidas presentes no universo ficcional de Tolkien: homens, elfos ou anões — nem mesmo um protótipo de anão, criado por Aulë[203] para que este testasse suas habilidades criativas antes de fazer os anões, segundo a proposição do site **tolkientruth.info** (c2010-2015, acesso em: 09 jul. 2021). Tal leitura encontra problemas quando se observa a já mencionada longevidade da personagem, muito maior do que quaisquer dessas raças, estando Bombadil presente na Terra-média antes mesmos dos elfos, que são a primeira raça não-divina a surgir no mundo; outrossim, o fato de não possuir um precedente ou um sucessor torna Tom um ser único nesse universo mitológico. Não se pode afirmar também, por essas mesmas razões, ser ele um ent ou ter algum tipo de parentesco com essas criaturas, por mais que ambos estejam, de algum modo, relacionados à natureza, e consequentemente à *terra*. Mesmo que muito antigos — Barbárvore, o mais velho dos ents, tem cerca de seis mil anos de idade no contexto em que se passa o enredo de **O Senhor dos Anéis**, praticamente a mesma idade de Elrond, senhor dos elfos —, esses seres constituem uma raça, portanto possuem semelhantes, além de serem árvores que andam, o que os distingue da descrição da personagem Tom Bombadil. Outro ser pertencente ao universo ficcional de Tolkien e comumente relacionado a Tom é Tinfang Warble, meio elfo e meio espírito da terra que exerce sua habilidade mágica por meio de uma flauta, fazendo com que as estrelas cintilem de acordo com suas notas[204].

3.4 Tom Bombadil como um Ser Maligno ou Amoral

O ensaio “The Truth about Tom Bombadil” (1996, acesso em: 09 jul. 2021) desenvolve a teoria de que Tom seria o Rei dos Bruxos de Angmar, principalmente pelos fatos dessas duas personagens não aparecerem juntas na narrativa, por Tom ver Frodo mesmo quando este usa o Anel, e ainda pelo comando que Bombadil exerce sob as Criaturas Tumulares. Zimbardo (1968), Helms (1974) e Jeffs (1987) caminham em uma direção semelhante ao sugerirem que Tom é amoral; seja pela sua falta de individuação e tempo, ou ainda por ser muito objetivo, imparcial, para ser aceito como “bom”. Ao encontro de tais asserções, Callahan (1972) considera Tom Bombadil um espírito de vida, assemelhando-se — juntamente com Fruta

[203] Vala ferreiro relacionado ao elemento fogo.
[204] Essa personagem se encontra no primeiro volume do compêndio **The History of Middle-earth**, **The Book of Lost Tales**: Part 1 (1983).

d'Ouro — aos deuses da fertilidade pré-cristãos, mas um agente amoral, que não participa das decisões sobre o destino do Um Anel, no conselho de Elrond. Em seu artigo "Putting Away Childish Things: Incidents of Recovery in Tolkien and Haddon" (2008), Vincent assevera que "sair das restrições imediatas da narrativa, no entanto, deixa-nos livres para aceitar as palavras de Tolkien: Bombadil é uma projeção do nosso mundo na Terra-média, (uma porção da) Natureza personificada e retirada do reino do familiar" (VINCENT, 2008, p. 110). Assim, Tom é disposto como uma personagem moralmente neutra, não se envolvendo com a guerra do Anel, ajudando os hobbits por simples acaso, analogamente a Laracna, que tenta devorá-los nas proximidades de Mordor.

Contudo, essas afirmações se mostram discutíveis, pois o Senhor dos Nazgûl é a encarnação de tudo que há de mal entre os humanos da Terra-média, já que ele foi, um dia, um rei humano que, tomado pela cobiça, deixou-se escravizar por Sauron. Se, por um lado, Tom Bombadil se mantém como *mistério*, por outro é fato que, nos capítulos em que aparece na narrativa de **O Senhor dos Anéis**, ele ajuda e beneficia os hobbits, salvando-os em duas situações perigosas ao longo da jornada que empreendem em meio à Floresta Velha e às Colinas, como mencionado anteriormente. Ademais, o fato de Gandalf desejar ter com ele uma longa conversa, conforme apontado no final do romance, dá fortes indícios da benignidade de Tom. Ao mesmo tempo, a ideia de que Bombadil seria o Rei dos Bruxos de Angmar acaba caindo por terra em razão de se frisar, mais de uma vez na narrativa, que Bombadil nunca fora humano, pois estava na Terra-média muito antes da chegada da humanidade. Corroborando nossa análise, Thomas J. Gasque (1968) opõe Bombadil às criaturas das trevas — Laracna, Gollum, Nazgûl, Balrog[205], entre outros —, evidenciando, desse modo, sua benignidade, por mais que permaneça, durante todo tempo, seu *ser-mistério*.

3.5 Tom Bombadil como uma Personificação de Eru Ilúvatar

Admitir ser Tom uma personificação do criador Eru Ilúvatar mostra-se tentador, como se observa alhures, na medida em que a nossa argumentação tende, de certo modo, para essa possibilidade. Há, no entanto, uma carta escrita por Tolkien afirmando que não existe personificação do deus criador em sua obra, o que acaba por constituir o contrapeso dessa leitura, ainda que, como afirmado outrora, a opinião de um autor sobre sua própria obra seja, ela também, apenas mais uma possibilidade de leitura dentre muitas, mesmo que seja uma

[205] Seres criados por Melkor a partir da junção de treva e fogo.

leitura privilegiada: "Não há personificação do Único, de Deus, que de fato permanece afastado, fora do Mundo, e acessível diretamente apenas aos Valar ou Governantes" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006g, p. 226)[206]. Não se pode deixar de destacar, entretanto, o fato de Tolkien ter se convertido ao Cristianismo católico *antes* de construir seu universo ficcional. No Catolicismo há, como pregam os Quatro Evangelhos do Novo Testamento bíblico, uma personificação do Deus criador que vem ao mundo e habita entre os mortais na figura do Cristo. Entrementes, deve-se observar com atenção a afirmação de Tolkien na carta mencionada. O autor diz que não há personificação de um deus único que permanece afastado, fora do mundo criado, e acessível apenas aos demais deuses. Ou seja, não há um demiurgo, um ser supremo que habita uma outra dimensão, nos moldes do Deus bíblico do Antigo Testamento. Tolkien nada diz sobre a possibilidade desse deus, mesmo que único, habitar *entre* as suas criaturas, ou *nas* suas criaturas, como prega certa leitura dos Evangelhos cristãos.

Outrossim, destaca-se que, na cena em que Tom Bombadil tem o Anel em suas mãos, a personagem revela características que até então lhe estavam ocultas, evidenciando que limitá-lo a uma leitura ou interpretá-lo como um ser puramente bom não se faz confiável, uma vez que, em todos os momentos, Tom permanece mistério. Além disso, na última noite na casa da personagem, Bombadil ensina aos hobbits um caminho para Bri, alertando-os, todavia, que

> deviam ir cedo; pois o tempo naquela região era uma coisa sobre a qual nem mesmo Tom tinha certeza, e algumas vezes mudava antes que ele pudesse trocar de jaqueta. — *Não sou o senhor do tempo* — disse ele —, bem como não o é nenhum ser de duas pernas (TOLKIEN, 2001, p. 138, grifo nosso)[207].

Por meio do trecho destacado, percebe-se que, ainda que detentor de uma habilidade mágica ímpar, Tom Bombadil não é onipotente, característica intrínseca a Deus.

---

[206] No original: There is no embodiment of the One, of God, who indeed remains remote, outside the World, and only directly accessible to the Valar or Rulers (CARPENTER; TOLKIEN, 1981g, p. 253).

[207] No original: they would do well to start early; for weather in that country was a thing that even Tom could not be sure of for long, and it would change sometimes quicker than he could change his jacket. 'I am no weather-master,' said he; 'nor is aught that goes on two legs' (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

3.6 Tom Bombadil como o Primeiro Ser Criado, Adão, Jesus Cristo e Outras Conexões Bíblicas

Afirmar que Tom foi o primeiro ser criado torna-se interessante, pois, por suas próprias palavras e as de Tolkien, ele é o primeiro a habitar Arda. Diante disso, Ellwood (1970), Rogers e Rogers (1980), Burns (2005)[208], e Tom Shippey (2003) relacionam Tom Bombadil à figura bíblica de Adão, a primeira pessoa criada segundo a tradição judaico-cristã, antes do pecado original. Ao encontro de tal perspectiva, Speed (2004) acrescenta também a semelhança que há entre o território de Bombadil, o Jardim do Éden[209] e a Terra Prometida[210]. Como demonstramos por meio de nossa análise, tal conexão de fato existe e se constrói em mais de uma passagem referida a essa personagem; contudo, como se observado alhures, não podemos desconsiderar também todas as características que o relacionam não com um ser originado, mas *original*, *criador*, e não criado. Além disso, Adão surge, segundo a narrativa bíblica, em um mundo já moldado e modelado, sendo, enquanto homem, o último ser criado que habita o universo; Tom, por sua vez, presencia fatos que antepõem a modelagem final de Arda, existindo ali antes de qualquer outro ser, mesmo os Valar. Não podemos nos esquecer também do momento em que Bombadil pede o Anel a Frodo[211], que se constitui como forte contraposição a essa ideia, devido à tensão existente na cena que anuncia um "outro lado da personagem" — oculto até então — aumentando a sua misteriosidade e contrastando o ambiente alegre e despreocupado que se constrói até o momento. Outrossim, a habilidade mágica da personagem, expressa por sua linguagem musical, não corresponde às características de Adão, segundo a descrição bíblica.

O artigo "Who is Tom Bombadil?: Interpreting the Light in Frodo Baggins and Tom Bombadil's Role in the Healing of Traumatic Memory in J.R.R. Tolkien's Lord of the Rings" (2018), de Jane Beal, concorda com as relações trazidas por Shippey entre Adão e Bombadil,

---

[208] No desenvolvimento de sua análise, o autor destaca também o início do Evangelho de São João: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus" (BÍBLIA, 1998, p. 1843).

[209] Segundo a narrativa judaico-cristã, Éden é o paraíso, o jardim criado por Deus e habitado por Adão e Eva antes de pecarem, desobedecendo ao Senhor.

[210] Território de Canaã, prometido por Deus à descendência de Abraão, primeiro patriarca judaico, como uma terra onde jorra leite e mel.

[211] — Mostre-me o precioso Anel! — disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.
O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.
Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares — e ele sumiu num clarão. Frodo soltou um grito — e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso (TOLKIEN, 2001, p. 137).

ressaltando o fato deste ser o "mais antigo", e amplia tal análise aproximando a personagem à figura de Cristo, o segundo Adão — semelhança essa também abordada por Rogers (1975) e por Pirson (1999). Essa aproximação se constrói a partir da afirmação de que Tom foi responsável por inflamar em Frodo algumas características que já lhe eram próprias, como o amor, o autossacrifício, a humildade e a perseverança. Além disso, ao salvá-lo do afogamento do salgueiro — curando o hobbit de seu trauma devido ao afogamento de seus pais — e trazê-lo "de volta à vida" quando o resgata das criaturas tumulares, capacita-o também a destruir o Anel. Beal continua sua argumentação desenvolvendo a conexão entre Tom e Tolkien a partir da nota apresentada alhures em que o autor coloca Fruta d'Ouro como sua esposa[212]. Outra semelhança apontada é o significado do nome Tom[213], "gêmeo", o que indicaria que Tom Bombadil poderia ser visto como o "gêmeo" de Tolkien dentro da Terra-média. Assim, a autora conclui:

> Pensando nos termos dos quatro níveis de sentido encontrados na exegese medieval da escritura e da interpretação literária, é possível considerar Tom Bombadil literalmente, como um boneco de madeira que pertencia a Michael Tolkien no mundo criado e como o "Mais velho" no mundo subcriado[214]; alegoricamente, como o espírito da minguante zona rural da Inglaterra no mundo criado e a imagem do estudo da Zoologia, Botânica e Poesia no mundo subcriado, em paralelo com o primeiro, o Adão antes do pecado. Moralmente, Tom Bombadil é um contador de história, representante de J. R. R. Tolkien, o próprio autor. [...]. Anagogicamente, Tom Bombadil é também uma imagem do segundo Adão, Jesus. (BEAL, 2018, p. 28, tradução nossa).

Mesmo sendo analisado em diferentes esferas de significação, Tom escapa aos limites impostos por essa proposição de respostas monolíticas, não sendo destacada, por exemplo, sua íntima relação com a música bem como a magia e o controle exercido por meio delas. Recordamos também que foi Sam e não propriamente Bombadil que salva Frodo de seu afogamento. Ainda assim, notam-se algumas semelhanças entre a proposta desse artigo e a aqui

---

[212] "Tom Bombadil resgata [os hobbits] do Velho Salgueiro-homem. Ele diz que foi sorte ele ter vindo por aquele caminho — ele tinha ido para o lago de nenúfares para pegar alguns nenúfares brancos para Fruta d'Ouro (*minha esposa*)" (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa, grifo nosso).

[213] Diminutivo de Tomás, em aramaico תום (Tôm, Tômâ ou Tau'ma), que significa literalmente "gêmeo".

[214] Na teoria de Tolkien — desenvolvida em *Sobre contos de fada* (*On Fairy-Stories*, 1938) e presente no livro **Árvore e a Folha** (**Tree and Leaf**, 1964) — o inventor de histórias é entendido como o subcriador de um Mundo Secundário, a subcriação, a exemplo do Criador, que inventou o Mundo Primário, a realidade na qual habitamos.

desenvolvida, especialmente no que concerne à ação de Tom sobre os hobbits, capacitando-os e impulsionando-os a enfrentar os perigos que os aguardariam.

Ron Pirson (1999), por sua vez, desenvolve sua analogia entre Cristo e Tom Bombadil a partir da resposta de Fruta d'Ouro para Frodo — "Ele é" —, destacando diferentes momentos da Sagrada Escritura correlatos entre as personagens. Em uma discussão com os fariseus, Jesus afirma: "Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou" (BÍBLIA, 1998, p. 1867). Tal colocação não apenas retoma a passagem da sarça ardente, analisada outrora, mas também o prólogo do Evangelho segundo João, "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (BÍBLIA, 1998, p. 1843). No momento em que Jesus estava no Horto das Oliveiras, Judas[215] juntamente com os guardas dos chefes dos sumos sacerdotes e dos fariseus buscam por Jesus, que se identifica "Sou eu": "Quando Jesus lhes disse 'Sou eu', recuaram e caíram por terra" (BÍBLIA, 1998, p. 1888). Assim, o poder das palavras de Cristo, do mesmo modo que as de Tom Bombadil, supera seus inimigos — o que é demonstrado em **O Senhor dos Anéis** nos momentos em que os hobbits são resgatados pela personagem. No livro dos Atos dos Apóstolos, que narra a ações perpetradas pelos seguidores de Jesus após sua Paixão e Ressurreição, Saul[216] estava a caminho de Damasco com ordens para prender os cristãos que ali encontrasse, quando foi acometido por uma luz vinda do céu: "'Saul, Saul, por que me persegues?' Ele perguntou: "Quem és, Senhor?[217]" (BÍBLIA, 1998, p. 1916). A pergunta que Saul faz ao Senhor se assemelha a de Frodo dirigida a Bombadil — "Quem é o Senhor?[218]". Pirson salienta que, em grego, a pergunta de Saul é escrita: "τίς εἶ, κύριε[219]"; sendo que o termo "κύριε" pode ser traduzido tanto como *master* quanto como *lord*, em inglês. Ademais, na passagem em que Cristo ressuscita dos mortos, segundo o Evangelho de Marcos, são destacadas uma série de semelhanças entre o relato bíblico e o resgate empreendido por Tom quando os hobbits são capturados pelas Criaturas Tumulares: o fato de haver três dias desde a chegada dos viajantes na casa de Bombadil; a presença do túmulo; o rolar da pedra que fecha o túmulo; a ocorrência do episódio pela manhã; as vestes brancas; bem como a salvação da morte. Por fim, Pirson destaca que os nomes Barnabas Butterbur e Timothy Titus, presentes nos rascunhos de **O Senhor dos Anéis** (cf. **The Return of the Shadow**) para o estaleiro do pônei saltitante, são nomes bíblicos, comumente empregados ao longo do Novo Testamento.

---

[215] O discípulo que traíra Jesus.
[216] Judeu perseguidor de cristãos que se torna São Paulo, o apóstolo dos gentios.
[217] Em inglês: "Who are you, Lord?".
[218] Em inglês: "Who are you, Master?".
[219] Lê-se: tis ei, kurie.

Em direção semelhante à abordada, Beal (2018) e Kaufman (1975) associam Bombadil a Melquisedec, misteriosa figura bíblica mencionada no livro do Gênesis e na epístola aos Hebreus, apresentado como Rei de Justiça, Rei de Salém, Rei da Paz e sacerdote do Deus Altíssimo: "*sem pai, sem mãe, sem genealogia, nem princípio de dias nem de fim de vida!* É assim que se assemelha ao Filho de Deus, e permanece sacerdote eternamente" (BÍBLIA, 1998, p. 2090, grifo nosso). Além da origem desconhecida, a relação entre ambos se dá, ademais, devido ao fato de Melquisedec apresentar um poder e um controle que vão além dos de seus conterrâneos. Analogamente, Wood (2003) apresenta Tom Bombadil como um monge dado por Tolkien a Ilúvatar, uma criatura não destinada à nossa compreensão, mas apenas para o prazer de Deus.

No artigo "Bombadil and Bible Stories: A Biblical Function for Tom Bombadil within Frodo's Quest" (2020), Clive Shergold não busca responder à pergunta "*quem* ou *o que* é Tom Bombadil?", mas sim identificar o porquê Tom Bombadil faz parte da jornada de Frodo. Para tanto, e partindo da influência das Sagradas Escrituras na obra tolkieniana, o autor relaciona diversas intervenções angélicas e divinas na vida das personagens bíblicas às ações de Tom em **O Senhor dos Anéis**. A partir dessas conexões, passando do Antigo ao Novo Testamento, Shergold aponta um conjunto de características presente nas ações de Bombadil que norteiam sua análise:

> • Tom para Frodo e Sam em sua fuga
> • Tom liberta os hobbits do Salgueiro e do Túmulo
> • Tom exibe um poder sobrenatural, até (aparentemente) sobre o Anel
> • Frodo explode em rima, e os hobbits se encontram cantando
> • Os hobbits recebem comida, água e descanso
> • Frodo sonha com um país distante e verde sob um rápido nascer do sol
> • Tom nomeia os pôneis dos hobbits
> • Tom evoca a visão de uma linhagem de homens, o último com uma estrela na testa
> • Tom nunca mais está presente na narrativa (SHERGOLD, 2020, p, 6, tradução nossa).

Após destacar as similaridades entre a atuação de Tom e as manifestações angélicas e divinas, o autor reflete sobre os pontos distintos entre elas, ressaltando o fato de: Tom Bombadil possuir uma esposa, dos hobbits não sentirem medo em sua presença, bem como de sua fala ser sempre poética e musical. Por fim, Shergold propõe ser Bombadil uma encarnação de Eru

Ilúvatar, ou ainda uma prefiguração de Cristo, como diversas personagens do Antigo Testamento.

3.7 Tom Bombadil como um Vala

Os Valar são nomeados e apresentados com suas Valier, suas esposas, em **O Silmarillion**. Todos ficam em Valinor, as terras abençoadas, local de Arda onde residem, distante da Terra-média e inacessível aos humanos e anões, após o término do conflito com Melkor. "Os nomes dos Senhores na ordem correta são Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas; e os das Rainhas são Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa". (TOLKIEN, 2011b, p. 16)[220]. Howard Davis (1982) apresenta Tom Bombadil como um Vala que desceu ao mundo para ordená-lo, "mas que agora está restrito à sua terra, onde continua a criação de seu mundo através da música" (DAVIS, 1982, p. 9, tradução nossa). No que lhe concerne, Hargrove, em "Who is Tom Bombadil" (1986), propõe que Bombadil seja um Vala, iniciando sua investigação na tentativa de identificar qual deles a personagem seria. Partindo de Fruta d'Ouro, afirma-se que, entre as Valier, a que mais se assemelha a ela é Yavanna, responsável pelas coisas vivas, especialmente as plantas. O esposo de Yavanna é Aulë, encarregado de produzir as substâncias da terra e prepará-la para as plantas e os animais. Esse Vala não possui desejo de posse e contém um carinho especial pelos homens, filhos de Eru Ilúvatar, sendo também ele responsável pela criação dos anões. Além de ser identificado como Aulë, Hargrove afirma que Tom Bombadil é o ideal moral de Tolkien presente na obra, indo para além do poder, do orgulho e do desejo de posse. McBride (2020), por sua vez, ao realizar um resgate analítico sobre as diferentes teorias a respeito de Bombadil, destaca que a maneira como ele utiliza a música é a evidência mais forte de sua natureza divina, sendo identificado não como uma mera personagem, mas como um representante metafísico para os Valar.

Asseveramos, no entanto, que categorizar Bombadil como um Vala se torna questionável, pois seu *verdadeiro nome* não é conhecido entre os povos, diferentemente desses seres divinos, não havendo registros também de sua participação na cena da criação; ademais, Tom reside na Terra-média, local onde os Valar só podem estar de maneira indireta. Vale destacar ainda que o primeiro Ainur[221] a entrar em Arda é Melkor, conforme citação

[220] No original: The names of the Lords in due order are: Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien, and Tulkas; and the names of the Queens are: Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána, and Nessa. (TOLKIEN, 2004b, p. 9).
[221] Nome dos Valar antes de entrarem no mundo criado.

apresentada outrora[222], e que os Valar constituem um conjunto de seres semelhantes, enquanto Bombadil é único no universo ficcional de Tolkien.

No artigo "Beorn and Tom Bombadil: A Tale of two Heroes" (2007), Lewis realiza um resgate analítico das diferentes interpretações sobre Bombadil, valorizando a leitura de Hargrove (1986) sobre a identidade de Tom. Outrossim, o autor o relaciona a Beorn — conexão essa também destacada por Justin T. Noetzel, em "Beorn and Bombadil: Mythology, Place, and Landscape" (2014). Tal aproximação se dá principalmente devido ao auxílio prestado aos viajantes em meio a um momento de perigo — assim como Tom Bombadil resgata o grupo de hobbits em **O Senhor dos Anéis**, Beorn resgata Bilbo, Gandalf e a companhia de anões em **O hobbit** —, ao fato de não morarem com outros humanos, mas não estarem sozinhos, como também à relação de ambos com a natureza. Destaca-se, ainda, o fato de que as residências onde habitam estão localizadas próximas a florestas perigosas: a Floresta Velha, no caso de Bombadil, e a Floresta das Trevas[223], no caso de Beorn. Além disso, semelhante a Frodo, Bilbo também sonha na casa de Beorn. Ao encontro desses autores, Marjorie Burns (2005) interpreta Barbárvore, Beorn e Bombadil como seres que vivem em um honroso isolamento, livres, respeitosos com as demais criaturas, hostis apenas com aqueles que desejam hostilidade, pontuando também a influência celta em sua composição. Outrossim, Beorn e Bombadil são entendidos como pares literários: ambos são figuras independentes que parecem soberanas, e o isolamento no qual vivem existe para ajudá-los a superar "o maior mal", o desejo de posse. Referindo-se apenas a Tom, Burns ainda afirma que ele é "antigo e bem informado, infantil e inocente de uma visão de mundo ampla ou consistente" (BURNS, 2005, p. 32, tradução nossa).

De fato, tais apontamentos aproximam essas personagens; no entanto, a profundidade do auxílio prestado por elas se dá em níveis distintos: quando Beorn se encontra com Gandalf, Bilbo e a companhia de anões, eles já enfrentaram grandes perigos e todos sabem o destino de sua jornada; todavia, quando Bombadil resgata os hobbits da Floresta Velha, a jornada acabara de ser iniciada e eles — bem como nós, leitores — não sabem ao certo até onde esse caminho os levará. Diante dessa colocação e da análise já empreendida, o encontro com Tom não apenas auxilia os hobbits em um momento específico de sua viagem, mas os torna aptos a perpetrarem tão grandes feitos realizados por eles no decorrer do romance. Ressalta-se também o espírito sempre alegre e musical de Tom, além da habilidade mágica exercida por ele, distanciando-o, nessa perspectiva, de Beorn.

---

[222] "Agora, rapidamente como eles [os demais Valar] passaram [para Arda], Melkor estava lá antes deles" (TOLKIEN, 2002e, p. 66, tradução nossa).
[223] No original: "Mirkwood".

3.8 Tom Bombadil como um Maia

Uma das leituras mais amplamente desenvolvidas pela crítica é a de que Bombadil seria um Maia. Em sua obra **O Mundo do Senhor dos Anéis** (2006), Ives Gandra Martins Filho classifica-o desse modo "pelos poderes que ele apresenta diante dos elementos da Natureza e por não ser influenciado pelo ***anel um***" (MARTINS FILHO, 2006, p. 28, grifo do autor). Em concordância a essa proposição, Robert Foster, em **The Complete Guide to Middle-earth**: From the Hobbit Through The Lord of The Rings and Beyond (2001), Duriez (1992), e Stanton (2001) afirmam ser Bombadil um Maia que se tornou nativo. Já Jared Lobdell (1982) desenvolve sua leitura de modo mais amplo, afirmando que Tom Bombadil poderia ser um deus, um Vala, ou um Maia.

Do modo semelhante, no artigo "Bombadil's Role in *The Lord of the Rings*" (2006), de Michael Treschow e Mark Duckworth, a personagem é incialmente relacionada a Beorn e às Águias, que salvam Gandalf, Bilbo e uma companhia de anões em um momento de fuga dos orcs e dos wargs[224], em **O hobbit**. Os autores afirmam que nunca saberemos de fato quem é Tom Bombadil ou ainda como adquiriu tão grande poder, mas que ele indica uma direção em vista de quem os hobbits devem se tornar, para que sejam capazes de resolver os problemas por eles mesmos — como de fato ocorre quando voltam para o Condado e o veem tomado por Saruman, mago da mesma ordem de Gandalf, mas que se permite consumir pelo desejo de posse do Um Anel. Nessa perspectiva, a visita a Tom os prepara para os desafios que virão a seguir, ajudando os hobbits, e o leitor, a dar continuidade à narrativa, como uma ponte entre os eventos anteriores e os futuros perigos que os aguardam. Sugerem também que Bombadil é maior que o Anel, não apresentando desejo pelo objeto, de modo que este não tenha poder sobre ele; contudo, segundo os autores, o poder de Tom está vinculado ao espaço no qual reside. A personagem é vista ainda como uma pessoa prudente — na perspectiva tomista de virtude — opondo-se ao desejo e, a seu modo, lutando contra o mal, nas figuras do Velho Salgueiro-homem e das Criaturas Tumulares. Em relação ao poder de seu canto, inferem que tal habilidade mágica indica uma profunda relação com a natureza divina. Por fim, buscando definir sua identidade, os autores afirmam que Bombadil é a encarnação do conceito de "ciências naturais" — resgatando a citação de Tolkien já apresentada outrora[225] — e um Istari, da mesma ordem

[224] Lobos malignos muitas vezes usados pelos orcs como montaria.

[225] Não pretendo que ele seja uma alegoria — ou não lhe teria dado um nome tão particular, individual e ridículo —, mas a 'alegoria' é o único modo de exibir certas funções; ele é, portanto, uma 'alegoria', ou um exemplar, uma personificação particular de pura ciência natural (real): o espírito que deseja ter conhecimento de outras coisas, suas histórias e naturezas, *porque são* '*outras'* e totalmente independentes da mente indagadora, um espírito coevo

de Gandalf e Saruman, um Maia, portanto. Assim, Tom Bombadil é entendido como um ser real e concreto, mas, ao mesmo tempo, como representante de uma ideia.

Em discordância a tais posicionamentos, não se pode alegar que Tom é um Maia, pois todos os Maiar apresentados na história interagem, de alguma forma, com o Anel e são tentados pelo objeto, que é capaz de lhes aguçar a cobiça por poder. É notável a forte influência do mesmo sobre os Maiar Gandalf e Saruman, o mago cinzento e o mago branco — membro e líder da Ordem dos Istari, respectivamente — em contextos diferentes: Gandalf sabe do poder do Anel e não aceita possuí-lo mesmo quando Frodo lhe oferece, de bom grado, o objeto, preocupando-se inteiramente em destruí-lo, não ousando nem usá-lo para tentar fazer o bem, pois faria o mal mesmo que não quisesse; enquanto Saruman acaba por cair na tentação oferecida pelo Anel e, no desejo de obtê-lo para se tornar, ele próprio, o senhor da Terra-média, subjugando, inclusive, Sauron, transformando-se em um ser maligno. Em ambos os casos, as posturas dos dois magos são inteiramente distintas da que assume Bombadil diante do Anel e da não influência do objeto sobre ele, como já destacado.

3.9 Tom Bombadil como um Espírito da Natureza

A leitura que se mostra preponderante entre críticos e teóricos do universo ficcional tolkieniano é aquela que considera ser Tom Bombadil um Espírito da Natureza. Devido a sua amplitude, esse posicionamento é desenvolvido de diversos modos entre os diferentes autores. Em **Tolkien and the Critics**; Essays on J. R. R. Tolkien's the Lord of the Rings (1968), Edmund Fuller, Patricia Meyer Spacks e Robert J. Reilly analisam, cada um em seu ensaio, Tom como um Espírito da Natureza, ou ainda a personificação da mesma — posicionamento também defendido por Petty (1979). Nessa perspectiva, Brisbois (2005) salienta a relação entre Tom Bombadil e a natureza do mundo da Terra-média. Spacks (1968), por sua vez, vê a personagem como aquele que possui a mais íntima comunhão com as forças da natureza; enquanto Fuller (1968) o interpreta como um espírito da natureza, mas este inclassificável. De modo semelhante, Kaufman (1975) e Hughes (1979) sugerem ser Bombadil um espírito da natureza feliz, cantante e alegre na floresta, pequeno e atemporal, o Pan da Terra-média, "a quem os horrendos acontecimentos da Terceira Era da Terra-média podem ter pouco significado" (HUGHES, 1979, p. 89, tradução nossa). Noel (1977) vem ao encontro desse posicionamento ao analisar Tom como um deus da natureza em forma diminuída. Por seu

com a mente racional e inteiramente desinteressado em 'fazer' algo com o conhecimento — Zoologia e Botânica, e não Criação de gado ou Agricultura (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p. 186).

controle sobre o clima, Ford (2011) sugere a relação de Bombadil com São Martinho e São Bernardo[226]. Tom Bombadil é ainda visto como um tipo de espírito primordial da natureza, conforme Fuller (1968), Scheps (1975), Duriez (1992) e Stanton (2001); ao passo que Ryan (1966) o apresenta como um guardião da Natureza, assim como Amison (2006), que acrescenta que tal escolha se deu por influência de William Morris (1834-1896)[227], inclusive na descrição da personagem. Dickerson e Evans (2006), de modo análogo, classificam-no como a encarnação do mundo natural, do próprio meio-ambiente. Sob semelhante enfoque, Curry (1977) e Shippey (2003) sugerem ser Tom um espírito do local em que ele habita. Shippey (2003) continua sua leitura relacionando a personagem ao *Green Knight*[228] pelo seu ser imperturbável, como um *lusus naturae* em tamanho e cor, e desenvolve sua argumentação afirmando que a personagem é um *genius loci*, um espírito do local, mas não apenas da terra mítica e ficcional de **O Senhor dos Anéis**, mas da terra, do rio e do salgueiro do interior da própria Inglaterra — segundo as palavras de Tolkien "da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006a, p. 31)[229]. O autor lembra também dos túmulos próximos a Oxford como provável inspiração de Tolkien para a composição das Criaturas Tumulares. Ainda no que diz respeito ao vínculo entre Tom e a terra, Elgin (1985) ressalta a relação simbiótica que a personagem possui com a fauna e a flora de seu território. Brawley (2007), por sua vez, apresenta Tom Bombadil como um tipo de espírito da natureza ou Deus, lembrando, a partir dos comentários de Tolkien a Naomi Mitchison, o núcleo não racional e emotivo do numinoso — que Rudolf Otto descreve em **The Idea of the Holy**: An Inquiry into the Non-Rational Factor in the Idea of the Divine and its Relation to the Rational (1923) — "Tom representa a experiência do numinoso que desafia a habilidade da linguagem de se expressar, além disso, Tom reflete as próprias visões de Tolkien sobre a natureza, visões que são compatíveis com sua teoria de recuperação" (BRAWLEY, 2007, p. 296, tradução nossa). Assim, diante da total não apropriação da natureza por parte dessa personagem, o crítico retoma também a abordagem de Niiler (1999), que desenvolve sua teoria resgatando os conceitos de recuperação, escape e consolo[230]: "Bombadil, em suma, serve como uma lente através da qual

[226] Santos canonizados pela Igreja Católica tradicionalmente associados aos fenômenos temporais.
[227] Designer e escritor inglês cujas contribuições ajudaram a estabelecer a literatura fantástica moderna.
[228] Cavaleiro enorme, completamente pintado da cor verde, incluindo a pele, a barba, a roupa, o cavalo e seu machado, que desafia um dos cavaleiros da Távola Redonda. Tal personagem se encontra no poema "Sir Gawain and the Green Knight", editado por Tolkien em 1925.
[229] No original: of the (vanishing) Oxford and Berkshire countryside (CARPENTER; TOLKIEN, 1981a, p. 32).
[230] Conceitos desenvolvidos por Tolkien em seu ensaio *Sobre contos de fadas*. Recuperação: é vista como uma retomada para ver as coisas como elas devem (ou deveriam) ser vistas — como coisas separadas de nós. Escape: a fuga que temos do Mundo Primário para o Secundário através da fantasia. Consolo: o Final Feliz, a eucatástrofe, revela-se o mais importante atributo dos contos de fadas na teoria tolkieniana.

os hobbits ‘recuperam’ uma visão clara de sua relação com o meio ambiente, e ‘escapam’ da dinâmica da guerra da Terra-média, pelo menos por um tempo” (NIILER, 1999, p. 284, tradução nossa). Por fim, ele ressalta também o não envolvimento de Bombadil nos conflitos do mundo criado.

Reilly (1968) e Keenan (1968) desenvolvem sua leitura por meio da afirmação de que Bombadil é uma espécie de arquétipo de deus da vegetação. Analogamente, Grant (1973) identifica Tom, segundo a categorização arquetípica de Jung, como uma “divindade da vegetação”, o “rei da floresta”, bem como o arquétipo “Bomolochi”, de Northrop Frey, conforme acrescenta Russell (1998). Seguindo a crítica arquetípica de Frey, Helms (1974) compara Tom ao arquétipo do “Golux”, que contempla os filhos da natureza que salvam os heróis — como Bombadil, que salva os hobbits em dois momentos distintos no romance.

Tendo em vista a relação de Tom com o Um Anel, Verlyn Flieger (2002) o identifica como um espírito da natureza, uma espécie de espírito da Terra, que por esse motivo, não tem sua vontade controlada pelo objeto de poder, não lhe fazendo sentido tal cobiça, e impossibilitando a dominação do Anel sobre ele, o que desafia, todavia, uma possível definição. Já Jeffs (1987) interpreta a magia de Tom como uma parte do próprio tecido da Natureza, além de apresentar a personagem como contrária a Laracna, analisando-as como o lado bom e mal da natureza, respectivamente. Andrew Light (2003), por fim, sugere que Tom dá sua voz à natureza, tornando-se esta a voz do mundo natural.

Todas essas leituras apresentam como fio condutor o comportamento de Tom Bombadil diante da natureza, bem como seu controle sobre o Velho Salgueiro-homem. Ressaltam-se ainda as falas de Fruta d’Ouro diante do questionamento de Frodo[231] e as considerações sobre a personagem dispostas no conselho de Elrond — especialmente a de Galdor[232]. São enfatizadas também as palavras do próprio Tolkien em uma de suas cartas para Stanley Unwin[233] e do

[231] — *Ele é* — disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. — *Ele é*, como já viram — disse ela em resposta ao olhar de Frodo. — *Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas*. — Então toda esta *região estranha* lhe pertence?
— Na verdade não! — respondeu ela, e o sorriso que tinha no rosto desapareceu. — Isso seria um fardo pesado demais — acrescentou ela em voz baixa, como se falasse consigo mesma. — As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. *Tom Bombadil é o Senhor*. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. *Tom Bombadil é o Senhor”* (TOLKIEN, 2001, p. 128, grifo nosso).
[232] — Sei pouco sobre Iarwain além do nome — disse Galdor. — mas acho que Glorfindel está certo. O poder para desafiar o inimigo não está nele, a não ser que esteja na própria terra (TOLKIEN, 2001, p. 276).
[233] “O senhor acha que Tom Bombadil, o espírito da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire, poderia ser transformado no herói da história? Ou ele está, como suspeito, totalmente preservado nos versos em anexo? Ainda assim, eu poderia aumentar o retrato” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006a, p. 31).

vínculo estabelecido pelo autor entre Tom e as ciências naturais, Botânica e Zoologia, conforme apresentado alhures.

Em similaridade às propostas apresentadas, Shobha Ramaswamy, em sua tese **Archetypes in Fantasy Fiction**: a Study of J. R. R. Tolkien and J. K. Rowling (2010), afirma que Tom Bombadil é um poder da Natureza, um espírito da natureza alegre e livre de desejo de poder e possessão, capaz, assim, de olhar para além da artificialidade do Anel, não sendo tentado por este. Visto como uma divindade da natureza que exerce seu estranho controle sobre ela por meio da música, identifica-se também uma conexão entre os *rishis* ou *siddhas*, videntes indianos. Além de salvar os hobbits em duas situações distintas, Tom os auxilia enquanto mentor, elevando suas mentes para além de sua existência isolada, separada do mundo[234] — atributo destacado também pelos sonhos proféticos na casa de Bombadil. Aponta-se ainda a similaridade de Tom e Fruta d'Ouro com as figuras de Adão e Eva, antes da queda — assim como *Shiva* e *Shakthi*[235]. Em aproximação à mitologia indiana, pela sugestiva imortalidade da personagem, a autora o relaciona a *Chiranjeevi*, ser conhecido por viver através das eras.

Pelo modo como está disposta no romance, a casa de Tom Bombadil é apresentada como um santuário, um oásis, um *ashram*[236], configurando-se ao próprio Éden, em oposição às terras de Sauron. Devido à semelhança entre a morada de Tom e o Jardim criado por Deus, enfatiza-se a associação de Bombadil com o arquétipo do jardineiro, análogo a Sam e Faramir[237]. Assim, a autora conclui que "Tom Bombadil, em *O Senhor dos Anéis*, pode ser equiparado a uma 'Divindade da Natureza'. Levando uma vida de pureza e desapego e dotado de estranhos poderes sobre a natureza, ele é semelhante aos *rishis* ou videntes da mitologia indiana". (RAMASWAMY, 2014, p. 231, tradução nossa). Em paralelo, Powell (2011) identifica Bombadil como a personagem de **O Senhor dos Anéis** que mais exemplifica o *bodhisattva*, ser iluminado que escapa ao *nirvana*[238] para ensinar compaixão e ajudar a libertar os semelhantes, caracterizado por ser sábio, compassivo e brincalhão.

Steuard Jensen, em "What is Tom Bombadil?" (2001, acesso em: 09 jul. 2021), inicia seu artigo afirmando que Tolkien teria uma explicação em sua mente para Tom, e que há duas teorias viáveis para melhor compreendê-lo: a de que ele seria um Maia — agrupando-o em uma

---

[234] "Conforme escutavam, os hobbits passaram a entender a vida da Floresta, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa" (TOLKIEN, 2001, p. 134).
[235] Energias criativas da mitologia indiana.
[236] Lugar de retiro de um *rishi*
[237] Humano, filho mais novo do regente do reino de Gondor.
[238] Nas religiões indianas, estado permanente e definitivo de beatitude, felicidade e conhecimento, meta do homem religioso.

das categorias de seres presentes no universo ficcional tolkieniano —, ou um espírito da natureza — apesar de ainda prevalecerem alguns mistérios, segundos as palavras do crítico. Jensen desenvolve sua proposição a partir das conexões entre Bombadil e Arda, afirmando que o espírito da Terra-média pode ter assumido uma forma humanoide; assim, Tom é apresentado como o espírito do próprio universo criado. Por fim, o autor declara que a única conclusão firme que se pode chegar é que Tom Bombadil permanece um enigma, e que, por mais que nunca possa ser entendido, pode-se descobrir mais sobre a Terra-média procurando uma resposta para tal mistério.

No capítulo de Liam Campbell, "The Enigmatic Mr. Bombadil: Tom Bombadil's Role as a Representation of Nature in The Lord of the Rings" (2010), oferece-se uma tentativa de resposta para o enigma que é Bombadil, apresentando-o como um espírito, uma força da natureza, como o retrato de um comportamento ambiental positivo ameaçado pela insurgência de comportamentos ambientais negativos, marcados pela produção tecnocrata, representados por Sauron, Saruman e Isengard. A personagem se constituiria, assim, não apenas como um espírito da natureza, mas um espírito da natureza ameaçada e Fruta d'Ouro, como a encarnação feminina da natureza de Tom. Na leitura proposta, destaca-se a rejeição à possessão e ao domínio, e a harmonia em que ele vive com a natureza, sendo considerado até mesmo um ideal: uma expressão pacifista da harmonia do meio-ambiente; sendo o poder de sua voz e canto também visto como uma força da natureza. Concluindo sua proposição, a autora afirma ser Tom Bombadil um arquétipo do *Green Man*[239] levantando diversas características que os relacionam, como o humor e a reação da personagem diante do Anel — semelhante à figura do *trickster*, como já apresentado — além de sua relação com a música, a dança, e o canto, bem como seu "voto de pobreza".

Todas as abordagens apresentadas que vinculam Tom Bombadil à natureza, por mais que desenvolvidas em perspectivas distintas, tornam-se discutíveis na medida em que não comtemplam a personagem como um todo, buscando responder ao enigma enfatizando sua relação com o mundo natural. Desse modo, não se detêm mais assiduamente, em sua maioria, a aspectos de fundamental importância na composição da personagem: sua relação com a música e a poesia, seu poder diante do Um Anel, bem como não considerando a associação dos demais elementos da natureza — *ar*, *fogo* e *água* — à personagem.

[239] Ser lendário interpretado, principalmente, como um símbolo de renascimento, representando o ciclo de novo crescimento que ocorre a cada primavera.

3.10 Tom Bombadil como a Encarnação do Espírito da Música dos Ainur

"Ranger from the North"[240] afirma ser Tom a personificação da música dos Ainur. Tal leitura se mostra, em certos aspectos, concordante com a apresentação ora feita da personagem, especialmente no que concerne sua relação com a música e, mais especificamente, ao momento da criação de Arda através da música dos Ainur. No entanto, essa abordagem também se mostra como parcial, pois não considera a conexão da personagem com os demais elementos envolvidos em sua composição, especialmente o *fogo*, bem como as visões proféticas que os hobbits têm junto de Bombadil, ou ainda o impulso e a *esperança* que recebem através de sua companhia.

3.11 Tom Bombadil como a Chama Imperecível

A teoria que propõe ser Tom Bombadil a Chama Imperecível de Eru Ilúvatar mandada ao mundo no momento da criação também se revela interessante, enaltecendo o elemento *fogo* e a relação da personagem com a criação desse universo ficcional. Nesse sentido, no artigo "The Natures of Tom Bombadil" (1991), Noad realiza uma série de especulações sobre a natureza da personagem, asseverando que, em seu ponto de vista, "Bombadil é, em certo sentido, uma encarnação de algum aspecto da Natureza, mais especificamente... da própria terra, [...] uma espécie de transformação da vida com a qual a criação material foi imbuída, o 'Fogo Secreto' no coração do Mundo" (NOAD, 1991, p. 83, tradução nossa). Todavia, tal perspectiva não analisa todas as diferentes características e aparições da personagem na mitologia tolkieniana, especialmente sua relação com o elemento *ar*. Além disso, a própria Chama se constitui enquanto mistério no interior desse universo ficcional.

3.12 Tom Bombadil como a Representação do Espírito Santo ou um Espírito de Vida

A proposta desenvolvida no blog **Timebenders** (2012, acesso em: 09 jul. 2021), de Jim Denney, propõe ser Tom a representação do Espírito Santo, na concepção cristã de um Deus Trinitário. Assim, Eru Ilúvatar representaria o Deus Pai, criador; Aragorn, Gandalf e Frodo, o Deus Filho, Jesus Cristo, em seus três ofícios — rei, profeta e sacerdote, respectivamente — e, desse modo, Tom Bombadil representaria o Espírito Santo, completando a representação da

[240] Nome fictício presente no blog **Who is Tom Bombadil?** (2013, acesso em: 09 jul. 2021), associado ao proponente dessa teoria.

Santíssima Trindade no universo tolkieniano. De fato, há semelhanças entre a figura de Tom Bombadil e a concepção cristã do Santo Espírito de Deus, principalmente no que se refere ao impulso dado por essa personagem aos hobbits na narrativa e pelo fato deste estar presente no mundo desde seu início, conforme apresentado e vinculado à passagem do gênesis bíblico[241]. Contudo, afirmar ser Bombadil a representação do próprio Espírito de Deus não nos parece adequado diante da totalidade de suas manifestações. Outra perspectiva semelhante é a desenvolvida por Harrod (1984), que considera Tom a própria Energia da Vida Primordial, uma energia criativa de vida, e em sua união com Fruta d'Ouro, uma energia positiva do inconsciente. Tais leituras, todavia, não contemplam aspectos constituintes da personagem como a sua associação com a música, bem como sua postura enigmática diante do Um Anel.

3.13 Tom Bombadil como a Personificação da Alegria

Jennifer Raimundo (2016) descreve Tom Bombadil como provavelmente a alma mais alegre em toda a Terra-média, sendo essa alegria um escudo diante da tentação do Anel. A autora afirma que esse não é um poder exclusivo de Tom, pois Aragorn faz uso do mesmo artifício para vencer o desejo de possuir o objeto. Nessa mesma perspectiva, Carter (1969) descreve Tom como a encarnação da bondade absoluta.

Em concordância com tais posicionamentos, o artigo de Robert B. Chapman-Morales, "Fearless Joy: Tom Bombadil's Function in The Lord of the Rings" (2020), resgata a importância da alegria na mitologia tolkieniana a partir da teoria do próprio Tolkien sobre contos de fada.

> Ela é uma graça repentina e milagrosa; nunca se pode confiar em que volte a ocorrer. Ela não nega a existência da *discatástrofe*, do pesar e do fracasso; a possibilidade destes é necessária à alegria da libertação; ela nega (em face de muitas evidências, por assim dizer) a derrota final universal, e nessa medida é *evangelium*, dando um vislumbre fugaz da Alegria, Alegria além das muralhas do mundo, pungente como o pesar (TOLKIEN, 2017, p. 66, grifo do autor)[242].

[241] "No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um *sopro de Deus* agitava a superfície das águas" (BÍBLIA, 1998, p. 33, grifo nosso).
[242] No original: it is a sudden and miraculous grace: never to be counted on to recur. It does not deny the existence of *dyscatastrophe*, of sorrow and failure: the possibility of these is necessary to the joy of deliverance; it denies (in the face of much evidence, if you will) universal final defeat and in so far is *evangelium*, giving a fleeting glimpse of Joy, Joy beyond the walls of the world, poignant as grief (TOLKIEN, 2008b, p. 75).

Chapman-Morales desenvolve sua leitura sobre Bombadil como sendo a personificação de uma Alegria — *joy*, no original — sem medo. Inicialmente, o autor faz um levantamento de muitos críticos que desvalorizaram a personagem por não verem a importância da alegria em **O Senhor dos Anéis**. Contudo, segundo a proposta apresentada, é por meio da felicidade que Tom ensina os hobbits a superarem o poder das trevas e a não desaparecerem diante do mal — concordando com Startzman (1989), que reafirma a importância da eucatástrofe[243] e da alegria no romance, analisando certas personagens, como Bombadil, Fruta d'Ouro e Galadriel, como personificações dessa ideia de alegria inesperada. Conhecendo um mundo antes da chegada do Senhor do Escuro, Tom Bombadil é disposto em oposição a Melkor, como uma luz de alegria, e a Laracna[244], como o lado bom da natureza. É resgatada ainda a citação de Tolkien que afirma ser Tom um espírito da minguante zona rural[245], apontado este como apenas um lado da personagem, sendo o outro, a felicidade. Lida nessa mesma perspectiva, Fruta d'Ouro também é apresentada como uma manifestação da alegria em si mesma, e o casamento entre eles, envolto por companheirismo e deleite. Assim, aprendendo de Tom o poder da alegria em meio às trevas, os hobbits se tornam capazes de criar um novo mundo de paz e contentamento.

Apesar de apresentar aspectos semelhantes à pesquisa aqui desenvolvida, notamos certa simplificação da personagem tendo em vista que não é dada a devida atenção ao seu poder através da música, considerando que suas canções são mais do que apenas manifestações alegres, bem como sua relação com os elementos da Natureza. Além disso, discordamos do autor quando este se refere à cena em que Tom tem o Anel nas mãos, analisando-a como sendo "inteiramente de uma alegria cômica" (CHAPMAN-MORALES, 2020, p. 70, tradução nossa), pois há uma tensão inerente a este momento narrativo que destacamos ao analisar tal passagem.

3.14 Tom Bombadil como uma "Ponte" em O Senhor dos Anéis

Assim como mostramos anteriormente, certos autores consideram a passagem pela casa de Tom Bombadil como uma ponte entre o mundo tranquilo dos hobbits e as perigosas aventuras que se sucederão em **O Senhor dos Anéis**. Nesse viés, Basso (2008) interpreta a casa de Bombadil como um limite, um limiar para o mundo desconhecido, e a alegria do casal que envolve esse ambiente, fundamentada no companheirismo. De modo semelhante, Pia

[243] Termo central da teoria de Tolkien que faz referência ao Consolo, ou Final Feliz.
[244] Retomando Jeffs (1987).
[245] "O senhor acha que Tom Bombadil, o espírito da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire, poderia ser transformado no herói da história? Ou ele está, como suspeito, totalmente preservado nos versos em anexo? Ainda assim, eu poderia aumentar o retrato" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006a, p. 31).

Skogemann (2009) vê o reino de Bombadil como uma fronteira entre o consciente e o inconsciente. Tal perspectiva ressalta a realidade particular presente nesse espaço — distinta de todos os outros da Terra-média —, reforçando o aspecto insólito, aéreo e onírico que se nota no caminhar dos hobbits em direção à casa de Tom[246]. Nesse sentido, os eventos que ali ocorrem tornam-se únicos, bem como as personagens que ali habitam, o que ressalta a presença da magia e a força dela para o ordenamento desse ambiente ficcional. Ao encontro dessas abordagens, Brooks (2014) apresenta Tom Bombadil como fundamental e entrelaçado a toda a história, funcionando como uma porta entre o passado dos hobbits e a jornada que está à frente deles, opondo-se ao poder do Um Anel, e fornecendo esperança, mostrando os rumos que a Terra-média deve tomar. Como se nota, tais abordagens destacam um aspecto importante da presença de Tom no romance, em concordância com a análise aqui desenvolvida; todavia, não abordam a personagem em todas as suas manifestações, como a música, a relação com a Natureza e as habilidades mágicas por ela demonstradas.

3.15 O Papel de Tom Bombadil na Mitologia Tolkieniana

Outras leituras da personagem Tom Bombadil não buscam propriamente responder ao enigma intrínseco ao seu *ser*, classificando-a entre uma das raças ou fenômenos presentes no universo ficcional de Tolkien, mas procuram definir seu papel na narrativa, a partir de suas características e da teoria do próprio autor desenvolvida em seu ensaio *Sobre contos de fadas* (*On Fairy-Stories*, 1938) presente no livro **Árvore e a Folha** (**Tree and Leaf**, 1964). Nesse sentido, Gordon E. Slethaug inicia seu artigo, "Tolkien, Tom Bombadil, and the Creative Imagination" (1978), relacionando a personagem a uma representação alegórica de *Genius* ou da natureza, semelhante às encontradas em romances medievais — servindo como um guia aos viajantes —, interpretando suas cantigas como similares a baladas folclóricas, especialmente da tradição vernácula do mesmo período. Ademais, Tom transmite a Frodo uma mensagem vinculada a uma perspectiva adequada de vida e a uma imaginação verdadeiramente criativa, que pode não ser traduzível em termos sociais para os demais povos da Terra-média. Assim, Bombadil é visto como um subcriador[247], removido dos muitos problemas da sociedade, mas não dos problemas do mal na natureza, que não é afetado pelo Anel justamente por não

[246] "começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam" (TOLKIEN, 2001, p. 126).
[247] Termo desenvolvido por Tolkien em sua teoria para se referir ao autor, aquele que, à semelhança do Criador, cria histórias.

participar dos conflitos que envolvem as outras raças, vivendo em plena liberdade e comunhão com o meio ambiente. Desse modo,

> por meio de sua palestra "On Fairy-Stories" e da personagem Tom, conforme apresentado em O Senhor dos Anéis e nos poemas de As Aventuras de Tom Bombadil, Tolkien expressa um sentido do que é mais antigo, atemporal e básico na vida. Aquilo que é mais básico é descoberto não por meio de turbulências políticas (embora, como o contexto de O Senhor dos Anéis indica, as batalhas possam ter de ser travadas a fim de assegurar a continuação de uma ordem benevolente), nem por revelação divina, mas por meio do processo criativo — a redescoberta da natureza, a renovação física e espiritual que o acompanha e os atos consequentes de subcriação pelos quais o subcriador pode renovar, deleitar e encantar aqueles que entram em contato com suas criações (SLETHAUG, 1978, p. 349, tradução nossa).

A obra **The Lord of the Rings:** A Reader's Companion (2014), de Hammond e Scull, apresenta um retrospecto dos momentos em que a personagem Tom Bombadil aparece ou é mencionada em **As Aventuras de Tom Bombadil** e em **O Senhor dos Anéis**, concluindo que, por sua origem e natureza, Bombadil se constitui, subcriacionalmente, como um enigma intencional, retomando a citação de Tolkien disposta anteriormente[248].

Em "The Centrality of the Tom Bombadil Episode in *The Fellowship of the Ring*: Lessons in Friendship, Community, and Grace" (2015), Hogsette afirma que Tom desempenha um papel central e necessário no crescimento de Frodo.

> Claramente, Tolkien pretendia que Tom Bombadil cumprisse uma função importante, e proponho que essa função envolve desempenhar um papel fundamental no bildungsroman[249] de Frodo e garantir o bem-estar dos outros hobbits atraídos para esta aventura, fornecendo ajuda material e força espiritual (HOGSETTE, 2015, p. 4, tradução nossa).

.

Assim, "podemos ver que a função óbvia de Bombadil é a de um salvador físico e espiritual que instila um profundo senso de fé e esperança que capacita os hobbits a continuar

[248] "mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)." (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169).
[249] Em crítica literária, refere-se a um gênero de romance no qual é exposto o processe de desenvolvimento físico, moral, psicológico, social ou político de uma personagem.

sua jornada e equipa Frodo com os recursos espirituais para terminar sua busca." (HOGSETTE, 2015, p. 6, tradução nossa). O impulso da *fé*, que possibilita os hobbits a desempenharem seus papeis na narrativa, e a *esperança*, que Bombadil desperta nos viajantes, vem ao encontro da análise aqui desenvolvida; no entanto, o ensaio apresenta uma leitura apenas parcial das aparições e das menções da personagem nos escritos de Tolkien, não compreendendo o *mistério* em sua totalidade, desconsiderando, por exemplo, sua relação com os elementos da natureza.

Dennis L. Rivera, por sua vez, divide seu artigo, "Reifying The Enigma That is Tom Bombadil" (2013), em quatro partes. Na primeira, aborda as aparições de Tom Bombadil nos trabalhos tolkienianos, realizando, na segunda parte, um resgate crítico das possíveis identidades da personagem. Já na terceira, são apontados os elementos da cosmogonia de Tolkien considerados essenciais, definidos pelo próprio autor em seus diferentes escritos, relacionando-os a Tom; por fim, apresentam-se suas deduções sobre a presença dessa personagem na obra tolkieniana. Nessa perspectiva, conclui-se que

> para muitos, o mistério de Bombadil termina com uma resposta: que não há resposta. Bombadil pode nunca ser totalmente explicado nem ilustrado, mas Bombadil, enquanto natureza, também representa contentamento, autocontrole, na medida em que o desejo de possuir (o Anel) não lhe significa nada, e essa contenção é encontrada no ambiente ao nosso redor e a quantidade de nosso ser que é colocado naquele ser (ou seja, a Floresta Velha)[250]. Bombadil representa um poder que não serve para desfazer o anel, mas um poder criativo (um poder subcriativo) que transcende as páginas do Legendarium de Tolkien.
>
> [...].
>
> Pode-se dizer que Bombadil *é* Faërie[251], pois ele representa prazeres simples (a própria natureza), mas fazer uma afirmação tão ousada é simplesmente afirmar que Bombadil pode não se encaixar na narrativa, mas sem ele – ou o que ele representa — *não* poderia haver narrativa. Fazer tal afirmação é permanecer no meio dos críticos, encontrados em casas de tijolos, e dizer que Bombadil não pode ser deixado de fora da narrativa, pois com certeza todo o propósito da vida é tornar-se Tom Bombadil, cheio de virtude não adulterada (RIVERA, 2013, p. 9, tradução nossa, grifo do autor).

[250] Na perspectiva do autor, a ciência, separada da arte, torna-se uma queda subcriativa que aos poucos nos desumaniza e nos faz simplesmente ser. É dessa forma que Rivera interpreta a resposta de Fruta d'Ouro — "Ele é" — a Frodo.

[251] Termo usado por Tolkien em **A Árvore e a Folha** para definir um uso particular do poder e da Magia.

Consonante a tal colocação, William D. B. Loos, em "Who or What is Tom Bombadil?" (c1996-2002, acesso em: 09 jul. 2021), afirma que, se estiver correto, a função de Tom dentro da história é demonstrar uma atitude particular diante do controle e do poder. Resgatando as palavras de Tolkien em suas cartas, Loos afirma que Bombadil representa "a Botânica e a Zoologia (como ciências) e a *Poesia* em oposição à Criação de gado, à Agricultura e à praticabilidade" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173)[252].

Em sua dissertação, **Iarwain Ben-Adar on the Road to Faerie**: Tom Bombadil's Recovery of Premodern Fantasy Values (2018), Greta Rogers realiza um breve resgate das diferentes leituras sobre a personagem afirmando que

> uma explicação mais satisfatória é que Tom Bombadil incorpora alguns dos valores de Tolkien relativos à harmonia com a ordem criada por Deus, que são importantes na história e na sociedade em geral, mas que recentemente começaram a se perder na mídia fantástica ocidental. (ROGERS, 2018, p. 5, tradução nossa).

A autora pretende, assim, demonstrar que algumas personagens de fantasia bem conhecidas do século XX perderam o ideal de aceitação do cosmos criado por Deus. Desse modo, como uma personificação desse valor defendido por Tolkien, Bombadil ajuda a recuperá-lo de uma era anterior, vista sob dois diferentes aspectos: de um relacionamento saudável com a natureza e o sobrenatural como partes integradas, e do uso de seu poder como uma atitude altruísta a outros e a serviço da ordem cósmica. Nesse sentido, Tom é entendido como uma personagem simples, pois além de não apresentar nenhuma mudança na narrativa, não lhe são revelados conflitos de pensamentos ou de ideias.

> A completa falta de desenvolvimento de Tom é uma característica comum e positiva nas personagens de fantasia, e sugere que seu objetivo na história está em outro lugar: a saber, servir como um exemplo de certos valores que Tolkien estava tentando comunicar através de O Senhor dos Anéis, da trilogia como um todo. Como uma personificação de valores — ou seja, como um personagem cujo objetivo principal é demonstrar os ideais da ordem criada por Deus e ser definido por eles — Tom Bombadil é um sucesso esmagador,

[252] No original: Botany and Zoology (as sciences) and Poetry as opposed to Cattle-breeding and Agriculture and practicality (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 196).

> em parte porque ele estende uma tradição anterior. (ROGERS, 2018, p. 13, tradução nossa).

Nessa perspectiva, a autora identifica, como aspectos essenciais para a compreensão da mentalidade da fantasia pré-moderna, a aceitação dos mistérios como coisas verdadeiras, por mais que desconhecidas ou parcialmente conhecidas, e o consentimento de que a natureza e a "sobrenatureza" — realidade não governada por leis físicas — são inseparáveis, misteriosamente, formando um único cosmos ordenado que controla o desejo do poder pessoal. Assim, são apontados como ancestrais de Tom Bombadil as epopeias medievais **Lanval** e **Sir Gawain and the Green Knight**.

> As ideias apresentadas em *Lanval*, incluindo a própria senhora, a localização da terra de Avalon e outros aspectos apontam para o ideal discutido acima. Em *Sir Gawain*, tanto o cenário natural e o comportamento do Cavaleiro Verde quanto à relação de Gawain com o natural-sobrenatural também são altamente esclarecedores no que diz respeito aos valores da fantasia pré-moderna (ROGERS, 2018, p. 14, tradução nossa).

No desenvolvimento de sua proposta, Rogers aponta três personagens como sucessores pós-modernos de Tom Bombadil, influenciados por essa mesma abordagem da personagem. Ged, em **A Wizard of Earthsea** (1968), vive em um mundo no qual a relação entre natural e sobrenatural é inseparável, e os objetos naturais podem ser controlados através do uso de seus verdadeiros nomes; assim, a linguagem é a base para sua magia. Já Willy Wonka, em **Charlie and the chocolate factory** (1964), apresenta um conhecimento aparentemente sobrenatural sobre o mundo que o envolve, a fabricação de chocolate, além de buscar estender os limites do natural em direção ao sobrenatural, criando em torno de si uma áurea de mistério e poder. Por fim, Q, em **Star Trek: The Next Generation** (1987-1994), apresenta-se como uma personagem capaz de dobrar as leis da física, do tempo e do espaço, usando seus poderes de maneira inescrutável, o que o torna não completamente compreendido pelos demais. Nesse sentido, ele "representa a concepção pós-moderna de poder, mistério e sobrenatural, por meio de sua incompreensibilidade, capricho, ruína temporária e relação com a individualidade humana" (ROGERS, 2018, p. 61, tradução nossa).

Suzanne Jacobs argumenta em seu artigo "Tolkien's Tom Bombadil: An Enigma '(Intentionally)'" (2020) que a identidade de Tom pode ser lida não apenas como enigmática,

mas desenvolvida com base na tradição enigmática do mundo antigo e medieval. A maneira obscura como é apresentado, propositadamente, convida o leitor a participar e especular sobre quem ele é. Nesse cenário, Tom Bombadil surge como tendo um relacionamento especial com o vento, elemento vinculado não apenas à personagem, mas ao universo de **O Senhor dos Anéis**. Assim, a autora examina vários textos do período antigo e medieval, do século XIX e XX, de contos de fadas e de literatura infantil, que podem ser considerados participantes dessa mesma tradição misteriosa. Segundo Jacobs (2020), o artigo tem por objetivo não apenas sugerir uma alternativa de leitura, mas adicionar essa ao conjunto existente de respostas possíveis para o enigma que é a identidade de Tom. Desse modo, a autora apresenta Bombadil como um servo — semelhante a um Maia na hierarquia do universo ficcional tolkieniano — de Manwë, líder dos Valar e responsável por controlar os ventos da Terra-média; humilde e pacificador, aprecia a poesia e a música, cultivando também uma relação com as aves. Nesse contexto, insere-se especialmente sua afinidade com o vento que, na tradição apresentada pela autora, é uma referência obscura ao divino e à maneira como os heróis desfrutam do favor da providência. Dentro dessa proposta, a restauração que os hobbits passam na presença de Tom e em sua casa está vinculada à figura do vento, especialmente o vento do Oeste, elemento de alento presente em todo **O Senhor dos Anéis**. Por fim, o artigo não pretende tirar Tom de seu *mistério essencial*, permanecendo este um enigma, mas, que na concepção da autora, pode ser solucionado.

No ensaio “On Tom Bombadil: The function of Tom Bombadil” (2006), Klaus Jensen e Ruairidh MacDonald defendem uma postura multívoca diante da personagem, afirmando:

> Teremos, a título de comparação, a oportunidade de chamar Tom Bombadil por muitos outros nomes dos mundos míticos e arquetípicos, por nossas afirmações de que ele não é um, mas muitos, dependendo da perspectiva. Parece-nos que temos boa autoridade para isso, já que o próprio Tolkien o chama de muitas coisas que vão desde ‘espírito da natureza’ até ‘comentário moral’. Não pretendemos, no entanto, atribuí-lo qualquer nome ou substituir aquele(s) pelo(s) qual é chamado na história (JESEN; MACDONALD, 2006, p. 37, tradução nossa).

Nessa perspectiva, e partindo da afirmação de Tolkien que Tom “representa certas coisas que de outra forma foram deixadas de fora” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p.

186)[253], os autores se detêm à função de Bombadil, relacionando-o a outras personagens, buscando demonstrar que ele

> incorpora o tema central da redenção que perpassa o trabalho em cada nível, como uma presença oculta e transformadora.
> Nós, portanto, concebemos Tom como definitivamente análogo ao *Spiritus Mercurius*, o espírito enobrecedor na matéria, que atua tanto como aquilo que deve ser libertado por dentro quanto como aquele que torna livre por fora. Nessa capacidade, sua função principal é ser o guia (muito mais sábio do que aquele pirralho egoísta, Peter Pan) que inicia Frodo nos mundos trinos da fada, infância e mito, como um pré-requisito indispensável para o preenchimento completo da missão do Anel (JESEN; MACDONALD, 2006, p. 37, tradução nossa, grifo do autor).

Assim disposto, Bombadil é relacionado às figuras: do *trickster*, destacando seu limiar entre o consciente e o inconsciente; do "louco", possuindo atributos que o distingui mais especificamente como um "Sábio Louco", em harmonia com o Ser em si mesmo; do arquétipo da Criança Divina — como os deuses da Grécia Antiga Dionísio, Hermes e Zeus, conhecidos por não possuírem pais — mantendo um comportamento infantil, o que retoma as palavras do Evangelho: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus" (BÍBLIA, 1998, p. 1736); e do Divino *Jester*, devido a sua postura diante do Anel, quebrando a ilusão de Sauron, e plantando nos hobbits uma semente de esperança, presente que apenas Tom poderia lhes dar. Em seu relacionamento com os demais seres, a simbologia da Criança Divina é apresentada como oposta à do Salgueiro e das Criaturas Tumulares, vencendo a morte, representando o nascimento e o renascimento das personagens salvas. No que tange a personagem Gandalf, os autores destacam a oposição entre seus altos propósitos e o início profundo do princípio espiritual individualizante que é Bombadil, fazendo com que, após a guerra do Anel — estado simbólico no qual todas as coisas estão quebradas —, o mago deseje ter uma longa conversa com Tom, completando um ciclo e estando mais uma vez em relação ideal com o Espírito original. Tom Bombadil e Fruta d'Ouro são apresentados como forças inerentes à própria terra, espirituais e poéticas, em oposição a Luz celestial representada por Gandalf e Galadriel que, apresar de amarem muito a Terra-média, não são da terra. Assim, Bombadil supera um simples

[253] No original: he represents certain things otherwise left out (CARPENTER; TOLKIEN, 1981f, p. 208).

comentário moral, e se apresenta como um Espírito Redentor "inerente ao mito que resolve o dilema humano ao nos convidar a um mundo onde o estado original de harmonia ainda mantém a promessa da Graça final" (JESEN; MACDONALD, 2006, p. 42, tradução nossa).

Dani Inkpen, em seu ensaio "Tom Bombadil and the Spirit of Objectivity" (2020), desenvolve sua análise a partir da resposta de Tolkien à carta enviada por Peter Hastings, gerente de uma livraria católica em Oxford, conforme apontamos no capítulo precedente. A partir da afirmação de Tolkien de que Tom Bombadil seria "uma personificação particular de pura ciência natural (real) (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p. 186)[254], a autora assevera que a

> objetividade associa explicitamente a capacidade de produzir conhecimento com a capacidade do conhecedor para a autorrenúncia e o autocontrole. A objetividade é a virtude cardeal da ciência moderna, imbuindo-a de uma ética fundada em ideias de autodomínio que são relevantes para a compreensão do simbolismo de Bombadil (INKPEN, 2020, p. 119, tradução nossa).

Nesse sentido, Inkpen realiza dois breves resgates históricos: o da história natural e o da objetividade. Ao falar da história natural, é retomado o sentido mais amplo desse termo, como o estudo da taxonomização do mundo natural. Assim, o espírito da ciência é entendido como uma pura observação histórica com o intuito de conhecer e apreciar o meio ambiente. Desse modo, Tom Bombadil se revela através da objetividade da ciência: a personagem observa, conhece e aprecia toda a natureza; no entanto, tal postura a abdica de qualquer desejo de posse ou medo. Além disso, associado à perspectiva tomista de prudência — identificando seu autodomínio como crucial para vencer a tentação do Anel — Bombadil se mostra "como o espírito de objetividade, ele é o senhor de si mesmo e das fraquezas psicológicas que estão por trás do mal" (INKPEN, 2020, p. 127).

A partir das diferentes interpretações discutidas, podemos perceber que mesmo aqueles que não pretendem responder diretamente à questão "*quem é Tom Bombadil?*", acabam por não apresentar uma leitura completa da personagem, que a analise em todos os seus aspectos, inclusive os mais misteriosos: a relação de Tom com os elementos da Natureza; sua linguagem poética e musical, através da qual exerce sua habilidade mágica; a longevidade e o conhecimento que possui do universo criado e das criaturas que nele habitam; as visões e os

[254] No original: a particular embodying of pure (real) natural science (CARPENTER; TOLKIEN, 1981f, p. 209).

sonhos proféticos tidos pelos hobbits em sua presença; a postura única diante do Um Anel e quando detém o objeto em suas mãos; e ainda sua relação com Fruta d'Ouro.

3.16 A Permanência do Mistério

Diante de tantas teorias e possibilidades, restam e resistem ainda as perguntas: "*quem* ou *o quê é* Tom Bombadil?". Nenhuma delas responde completamente a essas indagações, e também não é nossa intenção, com o desenvolvimento desta tese, tentar propor uma única resposta, monolítica e fechada. Por meio de investigações teórico-críticas advindas dos campos da Teoria Literária, da Psicologia junguiana e da Filosofia, problematizamos Tom Bombadil como *mistério em si mesmo*, como manifestação do mistério, aquele mistério presente em toda mitologia, em toda religião: o mistério irredutível. Como tal, talvez esse enigma seja a origem de todo o universo ficcional de Tolkien, ao mesmo tempo em que se revela sem origem em si próprio. Esses são os pontos de partida para nossa investigação, que se dá por meio de reflexões e análises de cada um dos múltiplos aspectos aqui apresentados que se relacionam à personagem Tom Bombadil, evidenciando que é através dessa multiplicidade de manifestações que o enigma se constrói, replica-se e permanece. A falta de integralidade na junção das diferentes imagens que compõem a personagem contribui também para a manutenção do seu mistério — uma vez que "para o pensar mítico-mágico, não há nada que seja mera imagem, visto que toda imagem encerra em si a 'essência' de seu objeto, ou seja, seu demônio ou sua 'alma'" (CASSIRER, 1972, p. 111) —, pois ao colocarmos todas as peças juntas, como fizemos aqui, não se consegue formar uma imagem una, realista, ou borrada, impressionista, tampouco puramente onírica, surreal, o que nos convida a permanente investigação; por mais que saibamos que nunca contemplaremos sua totalidade.

4. A COMPOSIÇÃO DO MISTÉRIO

A multiplicidade de imagens que compõe a personagem Tom Bombadil e as diversas trilhas interpretativas percorridas nos colocam diante do labirinto que é o seu ser *mistério*. Há, segundo o escritor e filosofo Umberto Eco (2019), três tipos de labirinto. O labirinto grego é aquele formado por um só caminho, da entrada ao centro, em que, apesar do perigo do Minotauro, temos um fio condutor que nos guia para dentro e para fora do mesmo. O maneirista, por sua vez, é semelhante a uma árvore que se expande em suas raízes e ramos, constituindo-se, assim, por muitos caminhos falsos, o que pode enganar aquele que o percorre, mas uma única saída. Já o labirinto em rede, ou rizoma, possui caminhos que se interligam, não havendo centro ou periferia, podendo ser percorrido de modo indistinto, mas sabendo-se que já não há uma única solução.

Adentremos, agora, no labirinto rizomático que é Tom Bombadil, caminhando em suas diversas trilhas entrelaçadas permeadas pelo ambiente onírico que o envolve, examinando-as uma a uma, cientes de que não encontraremos através delas uma única saída, mas diversos novos caminhos, cada qual nos conduzindo a um novo labirinto, um novo *enigma*. No entanto, como ensina o próprio Tolkien em sua obra-prima, o importante é o trajeto, a viagem, não o destino final ou a solução última.

Para tanto, desenvolvemos nossas reflexões em torno de Bombadil partindo de sua íntima relação arquetípica com os elementos da Natureza e seus respectivos desdobramentos — um campo interpretativo ainda inexplorado pela crítica —, especialmente o *ar* (música), o *fogo* (poesia) e a *terra* (mundo criado e o espaço onde a personagem habita). Além disso, a *terra* se mostra um ponto de conexão com Fruta d'Ouro, que se vincula à personagem não apenas no plano esponsal, mas também elementar, tendo em vista sua afinidade com esse elemento e, especialmente, com a *água*. A soma dos quatro elementos proporciona um equilíbrio elementar que, partindo das personagens, irradia-se em todo o espaço onde habitam. O conhecimento e a sabedoria de Tom, revelados a nós em falas, sonhos e visões, juntam-se a sua linguagem, poética e musical, para expressar seu poder mágico através dos diferentes encantamentos por ele realizados, desvelando um aspecto fundamental de sua constituição. Outrossim, o mistério em torno da origem de Tom — tanto ficcional quanto mitológica — soma-se aos seus vários nomes — nenhum deles verdadeiro —, e adensam o mistério, na medida em que tornam a essência da personagem inacessível. Outro ponto distintivo de Tom Bombadil é sua reação diante do Um Anel, que se dá, em nossa análise, em três eixos distintos: não sendo tentado por ele, não desaparecendo ao usá-lo — mas revertendo seu poder, fazendo

com que o próprio objeto desaparecesse —, bem como vendo Frodo quando este o utiliza. Assim, sob a luz da Chama Imperecível, adentremos no mistério e iniciemos nossa jornada.

4.1 Os Arquétipos e os Elementos da Natureza

Os arquétipos podem ser entendidos em duas diferentes perspectivas. Para Platão (2011), o arquétipo é o modelo eterno e imutável — que *é*, portanto — a partir do qual o deus (demiurgo) cria o mundo. Nesse sentido, o mundo criado se constitui como um arquétipo mutável — que não *é*, mas *está* a devir — apresentando como modelo o arquétipo original. Engendrado desse modo, o demiurgo utiliza os quatro elementos da natureza "dispondo-os como princípios e letras do universo" (PLATÃO, 2011, p. 130), misturando-os na composição de cada ser, da racionalidade, dos sentidos, das partes do corpo e do mundo de modo geral.

> Foi por causa disto e a partir destes elementos — elementos esses que são em número de quatro — que o corpo do mundo foi engendrado, posto em concordância através de uma proporção; e a partir destes elementos obteve a amizade, de tal forma que, tornando-se idêntico a si mesmo, é indissolúvel por outra entidade que não aquela que o uniu.
> Assim, a constituição do mundo tomou cada um destes quatro elementos na sua totalidade. Foi a partir da totalidade do fogo, da água, do ar e da terra que aquele que constituiu o mundo o constituiu (PLATÃO, 2011, p. 101).

Acrescenta-se ainda que a criação — ou seja, a combinação dos elementos — se dá por dois critérios interligados: o Intelecto, critério racional, matematicamente estruturado e teleológico; e a Necessidade, um princípio marcado pela casualidade, pelo arbitrário e acidental. Desse modo, pode-se notar que Tom apresenta cada um dos quatro elementos fundamentais em sua composição, o que nos indica a íntima relação da personagem com a criação de Arda, momento no qual os elementos estão em estado puro e são dispostos e organizados em sua cosmogonia, o que se confirma pelas falas da própria personagem, remontando a fatos que marcam o início do mundo:

> Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes das pessoas grandes, e viu o povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e das Criaturas

> Tumulares. Quando os elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora (TOLKIEN, 2001, p. 135-136)[255].

Adensa-se ainda mais tal conexão, pois, como analisado outrora, a criação do universo mítico tolkieniano — e, portanto, a organização dos Elementos da Natureza — dá-se por meio da música[256], que também caracteriza a linguagem poética de Bombadil. Ademais, partindo do critério da Necessidade, não detendo uma origem em si mesma — não sendo um ser "originado", ainda que original —, Tom Bombadil pode ser entendido como um efeito colateral resultante da cosmogonia tolkieniana — um enigma para o qual todo o universo ficcional de Tolkien converge e do qual todo ele também diverge —, efeito esse que confere múltiplos sentidos tanto à personagem quanto a essa mesma cosmogonia. Assim, reitera-se o fato de Tom não ser apenas um acidente no percurso dos hobbits, mas uma personagem central, fundamental e necessária, para a narrativa de **O Senhor dos Anéis**.

Já para Jung (2000), os arquétipos não são vistos como modelos de criação, mas como resultado de um conjunto de conhecimentos simbólicos, que se originam a partir da repetição de uma mesma experiência que se reitera ao longo de muitas gerações. Tais experiências se revelam enraizadas em nosso inconsciente de modo "que as imagens arquetípicas têm um sentido a priori tão profundo que nunca questionamos seu sentido real" (JUNG, 2000, p. 24). Portanto, os arquétipos estão presentes em todas as civilizações e podem ser entendidos em diferentes perspectivas.

> O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas"; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL;

[255] No original: 'Eldest, that's what I am. Mark my words, my friends: Tom was here before the river and the trees; Tom remembers the first raindrop and the first acorn. He made paths before the Big People, and saw the little People arriving. He was here before the Kings and the graves and the Barrow-wights. When the Elves passed westward, Tom was here already, before the seas were bent. He knew the dark under the stars when it was fearless – before the Dark Lord came from Outside' (TOLKIEN, 2004a, p. 131).

[256] Disse-lhes então Ilúvatar: — A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia (TOLKIEN, 2011b, p. 3-4).

> e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais” (JUNG, 2000, p. 53, grifo do autor).

Dessa maneira, “nos mitos e contos de fada, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como ‘formação, transformação, eterna recriação do sentido eterno’” (JUNG, 2000, p. 214). Mesmo sendo um conteúdo inconsciente e pertencente, a priori, a todas as pessoas, o arquétipo “se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 2000, p. 17). Similarmente, há em Bombadil uma multiplicidade de significados que, por permanecerem mistério, nunca serão plenamente revelados, mas se mantêm abertos a novas interpretações. Destarte, seja para Platão, seja para Jung, o arquétipo reside no enigma, o que, todavia, não limita a personagem, pois “os arquétipos são acontecimentos que revelam o Ser em totalidade” (KLAUTAU, 2015, p. 41), mas não revelam a totalidade do s*er*.

4.2 Ar

A ambientação aérea que envolve Tom Bombadil, bem como os desdobramentos arquetípicos da presença de tal elemento são constantes na composição da personagem. Na Floresta Velha, quando os hobbits estão sendo atacados pelo Velho Salgueiro-homem, tem-se um espaço sonoro e musical, evidenciado pela conversa entre as árvores e pela canção do Salgueiro; além disso, o algo que permeia o ar da floresta, causando sonolência nos viajantes, proporciona uma abertura para o onírico e indicia que o espaço no qual adentrarão não está disposto do mesmo modo que os demais na narrativa. Nesse sentido, o caminhar em direção à casa de Tom confirma a passagem para um mundo místico, marcado pelas brumas que envolvem as personagens, como um portal para o estranho, para o misterioso:

> Uma *névoa branca* começou a subir em espirais na superfície do rio, espalhando-se pelas raízes das árvores sobre as margens. [...].

> Eles começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam (TOLKIEN, 2001, p. 125-126, grifo nosso)[257].

Esse mesmo conjunto de aspectos também é percebido quando os hobbits, ao partirem da casa de Bombadil e após acordarem de um sono não planejado, encontram-se envoltos por uma espessa névoa:

> O sol, de um amarelo claro e aguado, brilhava através *da névoa logo acima da encosta oeste da concavidade em que estavam deitados; ao norte, ao sul e ao leste, além da encosta, a neblina estava espessa, fria e branca. O ar estava quieto, pesado e gelado*. Os pôneis se encostavam uns nos outros, com as cabeças para baixo.
>
> Os hobbits pularam de pé, alarmados, e correram até a borda oeste. Descobriram que estavam numa ilha em meio à neblina. Quando olharam tristes para o sol que se punha, viram-no afundar diante de seus olhos num mar branco, e uma sombra fria e cinzenta se espalhava no leste atrás deles. *A neblina subia pelas encostas, ultrapassando a altura de suas cabeças, até se tornar um telhado: estavam enclausurados num recinto de neblina cujo ponto central era a pedra fincada* (TOLKIEN, 2001, p. 142, grifo nosso)[258].

Assim, o tom inconsciente e aéreo — assinalado pela presença da névoa — marca a entrada e a saída dos hobbits das terras de Bombadil, dando-nos conta de que, de fato, a personagem transita entre realidades, entre o mundo físico no qual toda a Terra-média se insere, e o mundo metafísico — dos sonhos e dos devaneios — onde se encontra sua casa. Salienta-se ainda, a cena em que Tom salva os viajantes das Criaturas Tumulares, na qual elas entoam uma

---

[257] No original: White mists began to rise and curl on the surface of the river and stray about the roots of the trees upon its borders […].
They began to feel that all this country was unreal, and that they were stumbling through an ominous dream that led to no awakening (TOLKIEN, 2004a, p. 121).

[258] No original: The sun, a pale and watery yellow, was gleaming through the mist just above the west wall of the hollow in which they lay; north, south, and east, beyond the wall the fog was thick, cold and white. The air was silent, heavy and chill. Their ponies were standing crowded together with their heads down.
The hobbits sprang to their feet in alarm, and ran to the western rim. They found that they were upon an island in the fog. Even as they looked out in dismay towards the setting sun, it sank before their eyes into a white sea, and a cold grey shadow sprang up in the East behind. The fog rolled up to the walls and rose above them, and as it mounted it bent over their heads until it became a roof: they were shut in a hall of mist whose central pillar was the standing stone (TOLKIEN, 2004a, p. 137-138).

canção fria como forma de encantamento, produzindo neles o efeito de inatividade, o que ressalta a presença do elemento *ar*.

Quando estão na entrada da casa de Tom, os hobbits são recebidos por uma canção:

> Então uma outra voz limpa, jovem e velha como a Primavera, como a canção da água que flui alegre noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata:
>
> *Entoe-se agora a canção! Vamos juntos cantar*
> *O sol e a estrela, a lua e a neblina, a chuva e nuvem no ar,*
> *A luz sobre o botão, sobre a pluma o orvalho,*
> *O vento no campo aberto, a flor no arbusto vário,*
> *À sombra do lado o junco, nenúfares sobre o Rio:*
> *A bela Filha das Águas e o velho Tom Bombadil.*
>
> E com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta, e foram então cobertos por uma luz dourada (TOLKIEN, 2001, p. 126)[259].

A coloração luminosa, prateada e dourada, destacada em meio à música de Fruta d'Ouro, marca a presença de um "ar luminoso" e de uma "luz aérea", que envolvem a casa de Bombadil. A mesma tonalidade se faz presente nos alimentos oferecidos pelos anfitriões — "creme amarelo, favos de mel e pão branco com manteiga" (TOLKIEN, 2001, p. 125)[260] —, bem como na ornamentação dos espaços que constituem o interior da residência, sempre caracterizado pela presença de velas, e na figura do próprio Tom, remetendo à luz divina, à Chama Imperecível.

> Parece que um azul e por vezes uma cor de ouro aparecem nos cimos a que o *sonho* nos eleva. Com frequência o sonhador, por si mesmo, sem nenhuma

[259] No original: Then another clear voice, as young and as ancient as Spring, like the song of a glad water flowing down into the night from a bright morning in the hills, came falling like silver to meet them:

Now let the song begin! Let us sing together
Of sun, stars, moon and mist, rain and cloudy weather,
Light on the budding leaf, dew on the feather,
Wind on the open hill, bells on the heather,
Reeds by the shady pool, lilies on the water:
Old Tom Bombadil and the River-daughter!

And with that song the hobbits stood upon the threshold, and a golden light was all about them (TOLKIEN, 2004a, p. 122).

[260] No original: yellow cream, honeycomb, and white bread and butter (TOLKIEN, 2004a, p. 120).

> sugestão, ao viver a ascensão imaginária, penetra num meio luminoso em que percebe a luz num aspecto substancial. O ar luminoso, e a luz aérea, num jogo do substantivo ao adjetivo, encontra a unidade de uma matéria. *O sonhador tem a impressão de banhar-se numa luz que o transporta*. Realiza a síntese da leveza e da claridade. Tem consciência de ser libertado ao mesmo tempo do peso e da escuridão da carne (BACHELARD, 2001b, p. 118-119, grifo nosso).

Similarmente, a libertação proporcionada pela ascensão psíquica vivida pelos hobbits na companhia de Tom Bombadil possibilitar-lhes-á empreender feitos grandiosos na Guerra do Anel, que tem como exemplo máximo a perseverança de Frodo ao caminhar em direção à Montanha da Perdição para destruir o objeto de poder, portando um fardo tão pesado. Tal impulsão libertária evidencia a bondade em Tom, que em seu ser aéreo revela que "a alma elevada é profundamente boa" (BACHELARD, 2001b, p. 107). Além disso, a união entre o *ar* e o *fogo* — o "ar luminoso", a "luz aérea" — encontra em Bombadil sua materialidade, e se irradia no meio em que ele está.

Os sonhos elementares dos hobbits também reforçam o aspecto aéreo e ascensional no qual estão imersos:

> Na calada da noite, Frodo teve um sonho sem luz. Via agora a lua nova nascendo; sob sua luz tênue aparecia diante dele uma parede negra de pedra, perfurada por um arco escuro que parecia um portão. Frodo tinha a impressão de estar sendo erguido, e passando pelo arco descobriu que a parede de pedra era um círculo de colinas, e que no centro dele ficava uma planície, no meio da qual se levantava um pináculo de pedra, semelhante a uma enorme torre, mas obra da natureza. No topo estava a figura de um homem. A lua, galgando o céu, pareceu parar por um momento sobre a cabeça deste homem, reluzindo nos cabelos brancos que o vento agitava. Subindo da planície escura vinha o grito de vozes cruéis, e o uivo de muitos lobos. De repente, uma sombra, na forma de grandes asas, passou cobrindo a lua. A figura levantou os braços e uma luz emanou do cajado que segurava. Uma águia enorme deu um vôo rasante e a carregou para longe. As vozes gemeram e os lobos uivaram se lamentando. Um som, como de ventania, trouxe o ruído de cascos, galopando, galopando, galopando, vindo do Leste. "Cavaleiros Negros!", pensou Frodo enquanto acordava, ainda com o som de cascos ecoando em sua cabeça. Perguntou-se então se teria coragem de abandonar a segurança daquelas paredes de pedra. Permaneceu imóvel, ainda escutando; mas tudo agora estava

> no mais absoluto silêncio, e finalmente ele se virou e adormeceu novamente, ou vagou em algum outro sonho do qual não se recordou depois.
>
> Ao lado, Pippin sonhava tranquilo; mas algo mudou em seus sonhos e ele começou a se agitar e a resmungar. De repente acordou, ou pensou ter acordado; mas mesmo assim ainda escutava na escuridão o som que perturbara seus sonhos: *tipe-tape, esquique*: o som era como o de vento agitando galhos, dedos de árvores arranhando parede e janela*: crique, crique, crique*. Ficou imaginando se havia salgueiros perto da casa; e então de repente teve a terrível impressão de não estar numa casa comum, mas dentro do salgueiro e escutando aquela horrível voz chiada, rindo dele novamente. [...].
>
> Foi o barulho da água que Merry escutou em seu sono tranquilo: água fluindo suave, e depois se espalhando irresistivelmente por toda a volta da casa, num lago escuro e sem margens. Borbulhava sob as paredes e subia, devagar mas de um modo que não deixava dúvidas. "Vou me afogar!", pensou ele. "A água vai penetrar as paredes e invadir a casa, e então vou me afogar." Pareceu-lhe que estava deitado sobre um brejo lodoso, e ao se levantar colocou o pé no canto de uma pedra fria e dura que revestia o chão. [...].
>
> Pelo que pôde se lembrar, Sam dormiu toda a noite completamente feliz, se é que as pedras ficam felizes (TOLKIEN, 2001, 131-132, grifo do autor)[261].

[261] No original: In the dead night, Frodo lay in a dream without light. Then he saw the young moon rising; under its thin light there loomed before him a black wall of rock, pierced by a dark arch like a great gate. It seemed to Frodo that he was lifted up, and passing over he saw that the rock-wall was a circle of hills, and that within it was a plain, and in the midst of the plain stood a pinnacle of stone, like a vast tower but not made by hands. On its top stood the figure of a man. The moon as it rose seemed to hang for a moment above his head and glistened in his white hair as the wind stirred it. Up from the dark plain below came the crying of fell voices, and the howling of many wolves. Suddenly a shadow, like the shape of great wings, passed across the moon. The figure lifted his arms and a light flashed from the staff that he wielded. A mighty eagle swept down and bore him away. The voices wailed and the wolves yammered. There was a noise like a strong wind blowing, and on it was borne the sound of hoofs, galloping, galloping, galloping from the East. 'Black Riders!' thought Frodo as he wakened, with the sound of the hoofs still echoing in his mind. He wondered if he would ever again have the courage to leave the safety of these stone walls. He lay motionless, still listening; but all was now silent, and at last he turned and fell asleep again or wandered into some other unremembered dream.

At his side Pippin lay dreaming pleasantly; but a change came over his dreams and he turned and groaned. Suddenly he woke, or thought he had waked, and yet still heard in the darkness the sound that had disturbed his dream: *tip-tap, squeak*: the noise was like branches fretting in the wind, twig-fingers scraping wall and window: *creak, creak, creak*. He wondered if there were willow-trees close to the house; and then suddenly he had a dreadful feeling that he was not in an ordinary house at all, but inside the willow and listening to that horrible dry creaking voice laughing at him again. [...].

It was the sound of water that Merry heard falling into his quiet sleep: water streaming down gently, and then spreading, spreading irresistibly all round the house into a dark shoreless pool. It gurgled under the walls, and was rising slowly but surely. 'I shall be drowned!' he thought. 'It will find its way in, and then I shall drown.' He felt that he was lying in a soft slimy bog, and springing up he set his foot on the corner of a cold hard flagstone. [...].

As far as he could remember, Sam slept through the night in deep content, if logs are contented. (TOLKIEN, 2004a, p. 127-128).

A segurança que os viajantes sentem ao acordarem de seus sonhos e recordarem que estão na casa de Bombadil mostra que esse espaço se caracteriza como um "centro de proteção" que se torna também o "centro de um devaneio" (cf. BACHELARD, 1993, p. 56). Destarte, nossos sonhadores, agora purificados e libertados pela ação aérea de Tom — "o ar resume todas as qualificações catárticas e os atributos elementares que acabamos de estudar: translucidez, luz, receptividade ao calor e ao frio" (DURAND, 2012, p. 176) —, são transportados para um novo mundo repleto de perigos e maldades.

Nesse sentido, o voo onírico das personagens — seus sonhos e visões na casa ou na companhia de Bombadil — ratificam o aspecto aéreo e prefiguram a viagem que eles realizarão no decorrer do romance: "'a viagem em si', a 'viagem imaginária' mais real de todas, [é] aquela que envolve nossa substância psíquica, que *assinala* com uma marca profunda o nosso dever psíquico substancial" (BACHELARD, 2001b, p. 24, grifo do autor). Assim, a casa de Tom Bombadil se mostra um símbolo arquetípico de equilíbrio entre o *ar* (sonho) e o *fogo* (mistério), sendo este último responsável pelo impulso ascensional: "Se o fogo, fenômeno em verdade bastante excepcional e raro, foi considerado um elemento constituinte do universo, não será porque é o elemento do pensamento, o elemento de predileção para o devaneio?" (BACHELARD, 2008, p. 28-29). Destaca-se, ainda, a presença da pena azul no chapéu de Tom, aludindo aos pássaros, seres do ar, indicando que o estímulo aéreo por ele proporcionado não se limita a conduzi-los ao devaneio, mas também à transcendência, intensificando sua conexão com o divino: "as imagens alquímicas, tão ricas em representações ornitológicas, permitem-nos situar a asa e o voo na sua vontade de transcendência" (DURAND, 2012, p. 133).

Nos dois momentos em que Tom salva os hobbits por meio de seu canto, ele adentra um espaço musical, provocando uma nova "explosão de música" (TOLKIEN, 2001, p. 124).

> [Frodo] de repente parou. Ouviu uma resposta, ou pelo menos pensou ter ouvido; parecia que vinha de trás, da parte baixa da trilha, dentro da Floresta. Voltou-se e escutou, e logo não teve mais dúvidas: alguém entoava uma canção; uma voz grave e alegre cantava, despreocupada e alegre, mas as palavras não faziam sentido (TOLKIEN, 2001, p. 123)[262].

[262] No original: Suddenly he stopped. There was an answer, or so he thought; but it seemed to come from behind him, away down the path further back in the Forest. He turned round and listened, and soon there could be no doubt: someone was singing a song; a deep glad voice was singing carelessly and happily, but it was singing nonsense. (TOLKIEN, 2004a, p. 118-119).

Dessa maneira, desde seu aparecimento, Tom se revela um cantor, compositor e poeta, expressando-se sempre através da rima e da poesia, o que se sobressai ainda mais pela presença da pena em seu chapéu e ao processo imaginativo que envolve a personagem em seu fazer poético e literário. Tal processo se dá de modo vivo, alegre e despreocupado, nas rimas por ele compostas, expressas, em muitos momentos, por palavras incompreensíveis aos demais: "Tom cantava a maior parte do tempo, mas quase tudo o que saía de seus lábios não fazia sentido, *ou talvez fosse alguma língua estranha*, desconhecida dos hobbits, *uma língua antiga* cujas palavras eram principalmente de felicidade e prazer" (TOLKIEN, 2001, p. 151, grifo nosso)[263].

> Outras imagens são inteiramente novas. Vivem da vida da linguagem viva. Experimentamo-las, em seu lirismo em ato, nesse signo íntimo com o qual elas renovam a alma e o coração; *essas imagens literárias* dão esperança a um sentimento, conferem um vigor especial à nossa decisão de ser uma pessoa, infundem uma tonicicidade até mesmo à nossa vida física. [...]. Elas desempenham um papel em nossa vida. Vitalizam-nos. Por elas a palavra, o verbo, a literatura são promovidos à categoria da imaginação criadora. O pensamento, exprimindo-se numa imagem nova, se enriquece ao mesmo passo que enriquece a língua. O ser torna-se palavra. A palavra aparece no cimo psíquico do ser (BACHELARD, 2001b, p. 3, grifo do autor).

A vontade de Bombadil se traduz em palavra criadora quando este faz uso da mesma em suas canções e através delas, exprime seu poder mágico, conferindo vigor e esperança àqueles que as escutam. Nessa perspectiva, ressalta-se a relação da personagem com o momento da criação do cosmos ficcional de Tolkien, que se dá também pela música (*ar*), no qual o pensamento e a imaginação de Eru Ilúvatar são traduzidos em matéria criadora pela canção dos Ainur, que dão forma a Arda, o mundo criado. Desse modo, faz-se significativo retomarmos também o início do Evangelho segundo São João, que salienta a presença do Verbo, Palavra, como força criadora e geradora de vida: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (BÍBLIA, 1998, p. 1843).

Outra presença notável do elemento *ar* em Tom Bombadil é o seu ser livre. Em momentos distintos da narrativa, Fruta d'Ouro e Gandalf afirmam que Bombadil "é seu próprio

[263] No original: Tom sang most of the time, but it was chiefly nonsense, or else perhaps a strange language unknown to the hobbits, an ancient language whose words were mainly those of wonder and delight (TOLKIEN, 2004a, p. 146).

senhor" (TOLKIEN, 2001, p. 276)[264]. A mesma liberdade é notada na personagem quando esta não é tentada pelo desejo de possuir o Um Anel. Assim como o ar, livre, poético e musical, Tom conduz os hobbits a um movimento libertador, expresso pelo efeito produzido pela bebida ingerida por eles, tornando a comunicação entre as personagens musical: "A bebida em suas vasilhas parecia água fresca e cristalina, mas entrava-lhes nos corações como vinho, libertando suas vozes. De repente, os convidados perceberam que estavam cantando alegremente, como se cantar fosse mais fácil e natural que conversar" (TOLKIEN, 2001, p. 129)[265]. Faz-se interessante destacar que, na cena, Bombadil, por meio do *ar*, provoca um movimento libertador nos hobbits utilizando-se da *água*. A conexão entre esses dois elementos se faz especialmente expressiva no que diz respeito à relação de ambos com a geração de vida: o *ar* no primeiro e no último suspiro, e a água no período da gestação. No contexto do romance, os viajantes acabaram de ser salvos do Velho Salgueiro e, na casa de Tom, passarão por um processo de "novo nascimento", sendo libertados de seus medos, bem como encorajados e capacitados para a realização de sua jornada.

Por fim, é significativo que a última referência a Tom Bombadil no romance **O Senhor dos Anéis** seja a recordação de Frodo de seu sonho na segunda noite em que passara na casa da personagem, no qual vislumbrou — ainda sem ter ciência — sua chegada à terra abençoada, à morada dos Valar, contemplando a visão de um momento posterior da narrativa, comprovando que "*o ar puro é a consciência do instante livre*, de um instante que abre um futuro" (BACHELARD, 2001b, p. 138, grifo do autor). De modo análogo, no final do poema "Bombadil Passeia de Barco", Tom parte como "sonhos recordados pela metade", "cheios de significados ocultos" (cf. TOLKIEN, 2008a), significados oníricos, que, como a música em projeção pelo ar, reverberam em nossos corações e em nossas mentes.

4.3 Fogo

Assim como o *ar*, o *fogo* também constitui parte inerente e integrante de Tom Bombadil. Já no momento em que salva os hobbits na Floresta Velha, o *fogo* se vincula à personagem de forma materializada na fogueira construída com o intuito de queimar o Salgueiro. Em sua casa, destacam-se também a coloração amarelada dos alimentos por ele oferecidos — creme amarelo,

[264] No original: He is his own master (TOLKIEN, 2004a, p. 266).
[265] No original: The drink in their drinking-bowls seemed to be clear cold water, yet it went to their hearts like wine and set free their voices. The guests became suddenly aware that they were singing merrily, as if it was easier and more natural than talking (TOLKIEN, 2004a, p. 125).

favos de mel e pão branco com manteiga (TOLKIEN, 2001, p. 125)[266] —, bem como a própria presença de inúmeras velas e da lareira, que ganham um enfoque particular durante a permanência dos viajantes naquele local, conectando-se, também ao elemento *ar*, como já apresentado. A imagem da lareira ganha ainda uma distinção especial: tendo como combustível o tronco das árvores, revela-nos que "a matéria é um centro de sonhos" (BACHELARD, 2001b, p. 55), e remete, ao mesmo tempo, ao *fogo*, à luz — manifestação purificada do fogo e diretamente vinculada à elevação do espírito (cf. DURAND, 2012, p. 146) —, às árvores — "dura[s] para levar ao alto a sua coroa aérea, a sua folhagem alada" (BACHELARD, 2001b, p. 57) —, ao sonho, e ao onírico. Ainda no que concerne à lareira, o fogo que queima a lenha proporciona uma chama alongada, convidativa ao devaneio: "Será preciso sublinhar que a chama alongada é sonhada por algumas imaginações como puxada dos dois lados pelo ar e pela terra? Ela é dinamicamente alongada, *a imaginação a vê num alongamento ativo*. Torna-se então uma imagem complexa do voo e do arrancamento" (BACHELARD, 2001b, p. 106, grifo do autor). O *fogo* também reforça a ponte entre o mundo material e o metafísico que envolve a personagem — já apontado pelo elemento *ar* — uma vez que o sangue, o fogo líquido, é responsável por dar vida ao corpo, à matéria, e uni-lo ao espírito. Desse modo, Tom ambienta-se no limiar entre a realidade empírica e o devaneio, "na região onde o fogo é puro. Parece situar-se no seu limite, na ponta da chama, onde a cor dá lugar a uma vibração quase invisível. Então, o fogo se desmaterializa, se desrealiza; torna-se espírito" (BACHELARD, 2008, p. 153).

Além das cores das roupas e dos acessórios utilizados por Bombadil — amarelo, vermelho e azul, tonalidades da chama (azul da base, vermelho do entorno e amarelo da irradiação) — o *fogo* se faz fortemente perceptível em sua relação sociocultural e filosófica com a poesia, que caracteriza a comunicação de Bombadil, desde sua primeira aparição, e se reitera em todas as suas falas e encantamentos, expressando uma "doçura e violência das palavras [que] encontram um fogo que as exprime" (BACHELARD, 2001b, p. 133). Outrossim, a alegria se encontra sempre relacionada ao luminoso, à luz, ao *fogo purificado*, sendo esta uma característica distintiva da personagem em meio a tantos conflitos que marcam a Terra-média. Tal conexão ganha ainda mais profundidade quando, após a primeira noite na casa de Tom, a entrada da personagem no quarto dos hobbits é marcada pela presença da luz do sol: "Acordaram, todos os quatro de uma vez, com a luz do dia. Tom andava pelo quarto de um lado para o outro, assobiando como um passarinho" (TOLKIEN, 2001, p. 132)[267].

[266] No original: yellow cream, honeycomb, and white bread and butter (TOLKIEN, 2004a, p. 120).
[267] No original: They woke up, all four at once, in the morning light. Tom was moving about the room whistling like a starling (TOLKIEN, 2004a, p. 128).

O divino em Bombadil também é reforçado pelo seu elo com o elemento fogo, que se volta sempre para o céu, indo contra as leis da gravidade (cf. BACHELARD, 2008, p. 121), e expressa, na direção ascendente da chama, "a vontade ardente de juntar-se ao ar puro e frio das alturas" (BACHELARD, 2001b, p. 136). Ademais, a resposta de Fruta d'Ouro — "Ele é" (TOLKIEN, 2001, p. 128)[268] — remetendo-nos à manifestação de Deus em meio às chamas na sarça ardente, que queimava, porém não a consumia, é uma dentre outras passagens bíblicas que explora a relação entre o *fogo* e o divino:

> As imagens de luz e fogo cercando os anjos na Bíblia, as línguas de fogo descendo no Pentecostes [Atos 2,3] e a brasa de fogo aplicada à boca de Isaías pelo serafim [6,6-7] associam o fogo a um mundo espiritual ou angélico a meio caminho entre o humano e o divino. [...].
>
> Por isso, todas as nossas outras categorias podem ser identificadas com o fogo ou pensadas como abrasadoras. Vale lembrar a aparição da divindade judaico-cristã no fogo, cercada por anjos de fogo (serafins) e de luz (querubins) (FREY, 2014, p. 274-275).

Após a materialização de Arda na cena da criação, é enviado para seu núcleo a Chama Imperecível: "*Eä!* Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá" (TOLKIEN, 2011b, p. 9)[269]. Tal chama foi encontrada pelo deus criador, Eru Ilúvatar, nas trevas exteriores e foi mantida escondida com ele até o momento em que é usada para inspirar os Ainur a comporem a música que dá origem ao universo, e ser enviada ao coração do mundo, ressaltando a união entre o *fogo*, da referida Chama, e o *ar*, representado pela música que materializa Arda. Desse modo, o *fogo* é enviado como força criadora, que leva à existência o cosmos recém-composto. Nesse sentido, podemos concluir que, assim como o sangue — fogo líquido — dá vida ao corpo, a Chama Imperecível dá vida ao cosmos ficcional tolkieniano. Ao encontro dessa conexão com a chama que nunca se apaga, ressalta também a longevidade de Tom — destacada por suas falas e conhecimentos da história do mundo[270] — pois, "no seio do fogo, a morte não é morte" (BACHELARD, 2008, p. 28).

---

[268] No original: 'He is' (TOLKIEN, 2004a, p. 124).

[269] No original: Eä! Let these things Be! And I will send forth into the Void the Flame Imperishable, and it shall be at the heart of the World, and the World shall Be (TOLKIEN, 2004b, p. 30-31).

[270] Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes das pessoas grandes, e viu o povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e das Criaturas Tumulares. Quando os

Entre todos os atributos vinculados ao elemento *fogo*, o que se sobressai em Tom Bombadil e se aprofunda em significado é o seu *ser-mistério*.

> *O fogo não é mais um objeto científico*. O fogo, objeto imediato relevante; objeto que se impõe a uma escolha primitiva suplantando amplamente outros fenômenos, não abre mais nenhuma perspectiva a um estudo científico. Parece-nos, então, instrutivo, do ponto de vista psicológico, acompanhar a inflação desse valor fenomenológico e perceber de que modo um problema, que oprimiu durante séculos a pesquisa científica, viu-se de repente dividido ou despojado sem ter sido jamais resolvido. Quando perguntamos a pessoas cultas, cientistas inclusive, como fiz diversas vezes, "O que é o fogo?", recebemos respostas vagas ou tautológicas que repetem inconscientemente as teorias filosóficas mais antigas e mais quiméricas (BACHELARD, 2008, p. 3, grifo do autor).

Bombadil e o fogo se unem em seu *ser-mistério* e adensam o tom enigmático que os caracteriza. Quando se pergunta "o que é o fogo?" — como também "quem é Tom Bombadil?" — não são obtidas respostas que esclarecem o mistério, mas o aprofundam, como em um jogo de *mise en abyme*. Diante disso, ambos são afastados enquanto objetos científicos, na medida em que não podem ser compreendidos em sua plenitude por conceitos ou teorias filosóficas, o que vai ao encontro da afirmativa de Tolkien: "Não creio que se precise filosofar sobre Tom, e ele não seria melhorado por isso" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p. 185)[271]. Desse modo, assim como não conseguimos adentrar o núcleo da chama, ou contemplar a pura manifestação luminosa, Tom não pode ser acessado em sua essência, mas o efeito produzido pela sua presença — seja por meio do conforto e acalento, ou ainda pela sabedoria e pelo impulso proporcionado aos hobbits — faz-se perceptível nas personagens e no espaço em seu entorno. Dessa forma se manifesta Bombadil na mitologia tolkieniana: podemos vê-lo e sentir sua presença e efeito, mas *quem ele é* permanece um enigma, o que adensa o seu mistério, bem como sua áurea mística e mágica.

Outro aspecto constituinte do *fogo* é sua ambivalência, que "dentre todos os fenômenos, é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e

---

elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora (TOLKIEN, 2001, p. 135-136).

[271] No original: I don't think Tom needs philosophizing about, and is not improved by it (CARPENTER; TOLKIEN, 1981f, p. 208).

o mal. Ele brilha no Paraíso, abrasa no Inferno" (BACHELARD, 2008, p. 11). Nesse sentido, destaca-se o *indecidível* que paira sobre esse elemento e se reflete no universo ficcional de Tolkien, pois ao mesmo tempo em que Sauron utiliza o fogo para a dominação, Tom Bombadil se vale do mesmo elemento para purificar, restaurar, os hobbits: "O outro elemento mais comumente utilizado nos ritos de purificação é o *fogo*, batismo por excelência segundo uma certa tradição que aparece também no cristianismo. A palavra *puro*, raiz de todas as purificações, significa ela própria fogo em sânscrito" (DURAND, 2012, p. 173, grifo do autor). Ressalta-se, ainda, o efeito neles produzido pelo seu encontro com Bombadil, dando-lhes coragem para realizar tão grandes feitos, tornando-os corpos inflamados de um novo vigor: "é necessário ter em conta que existem outros géneros de fogo, como a chama e aquilo que emana da chama, que não queima mas fornece aos olhos a luz, e aquilo que, quando a chama se extingue, dela subsiste nos corpos inflamados" (PLATÂO, 2011, p. 130).

Nessa mesma direção interpretativa, na cena em que Tom tem o Um Anel em suas mãos e o coloca no dedo mínimo para examiná-lo, vê-se "seu olho azul brilhando através do círculo de ouro" (TOLKIEN, 2001, p. 13)[272], confrontando o olhar de Sauron — o único que teoricamente poderia vê-lo com seu olho de fogo do alto de sua torre —, o que se repete quando Frodo, ao colocar o Anel para verificar se esse era de fato o objeto mágico, desaparece da visão dos presentes, mas não de Bombadil. Nesse jogo de fogo, temos, por um lado, Tom Bombadil, representado pelo fogo azul, uma cor fria, constituindo, desse modo, um fogo frio, o fogo do espírito, da alma, de um estado extremamente subjetivo da existência, um fogo purificado que não esquenta materialmente, ressaltando sua divindade; por outro, Sauron, representado pelo fogo vermelho, objetivo e material, portanto, objetal, o que se confirma pela própria existência do Um Anel. Tom, enquanto *fogo* frio, aéreo, insólito e purificado, manifesta-se em luz, o que implica uma íntima relação com o *ar* e a *água*, tendo em vista que a luz é o reflexo do fogo produzido a partir das gotículas de água suspensas no ar. Logo, o *fogo purificado* está em equilíbrio com o *ar*, uma vez que esse elemento sustenta o *fogo*, podendo apagá-lo ou espalhá-lo, e com a *água*, na relação entre o frio e o calor; essa mesma simbologia se materializa na pena azul que Bombadil carrega presa por uma fita em seu chapéu. Sauron, por sua vez, apresenta um fogo terreno, uma vez que a terra salvaguarda a materialidade do fogo no ouro que constitui o Anel, sendo esse a forma física, materializada e moldada do ouro, "um receptáculo do fogo elementar" (BACHELARD, 2008, p. 107). Nesse contato, um fogo não pode destruir o outro, mas transformá-lo: assim como Tom pode transformar Sauron, Sauron

[272] No original: his bright blue eye gleaming through a circle of gold (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

também pode transformá-lo. Por meio dessa assertiva, compreende-se também a colocação de Gandalf no Conselho de Elrond: "É melhor dizer que o Anel não tem poder sobre ele. Ele é seu próprio senhor. Mas não pode alterar o próprio Anel, nem desfazer o poder deste sobre os outros" (TOLKIEN, 2001, p. 276)[273]. Diante dessa oposição entre Sauron e Bombadil, percebe-se que este não se apega às questões do mundo material, não se envolvendo diretamente na Guerra do Anel, ou se importando com tal objeto de poder, sendo capaz de jogá-lo fora — segundo as palavras de Gandalf: "E se recebesse o Anel, logo o esqueceria, ou mais provavelmente iria jogá-lo fora. Essas coisas não têm lugar em sua mente" (TOLKIEN, 2001, p. 276)[274] —; de modo diverso, Sauron, forjador do artefato e Maia corrompido de Aulë, sacrifica sua condição divina perdendo grande parte de seu poder ao colocá-lo no Um Anel, um objeto, demonstrando seu apego ao mundo material.

Portanto, tanto o *fogo* quanto Bombadil se apresentam como *indecidíveis*, devido à sua ambivalência e misteriosidade, o que indica que o elemento, assim como Tom, "pode contradizer-se, [e] por isso é um dos princípios de explicação universal" (BACHELARD, 2008, p. 12). Estando arquetipicamente relacionado ao princípio do universo a qual pertence, Tom pode ser entendido como um ponto para o qual todo ele converge e também, como efeito da criação, diverge, tornando-se peça fundamental não apenas para a jornada de Frodo, mas para a existência de toda a cosmogonia tolkieniana. Similarmente, assim como "por muito tempo, acreditou-se que resolver o enigma do fogo era resolver o enigma central do Universo" (BACHELARD, 2008, p. 91), podemos concluir que a compreensão da personagem Tom Bombadil se revela peça-chave para entendermos todo o universo ficcional de Tolkien, cujo mundo criado possui em seu coração e como força criadora a Chama Imperecível.

4.4 Terra e Natureza

A *terra* traz consigo um convite à modelagem, ao toque, à investigação — assim como a imagem material nos convida constantemente a olharmos para o seu interior —, ao mesmo tempo em que lhe oferece resistência, pelas propriedades físicas que lhe são inerentes (cf. BACHELARD, 2003). Essa mesma ambivalência se encontra na personagem Tom Bombadil:

[273] No original: 'Say rather that the Ring has no power over him. He is his own master. But he cannot alter the Ring itself, nor break its power over others' (TOLKIEN, 2004a, p. 266).
[274] No original: 'And if he were given the Ring, he would soon forget it, or most likely throw it away. Such things have no hold on his mind' (TOLKIEN, 2004a, p. 266).

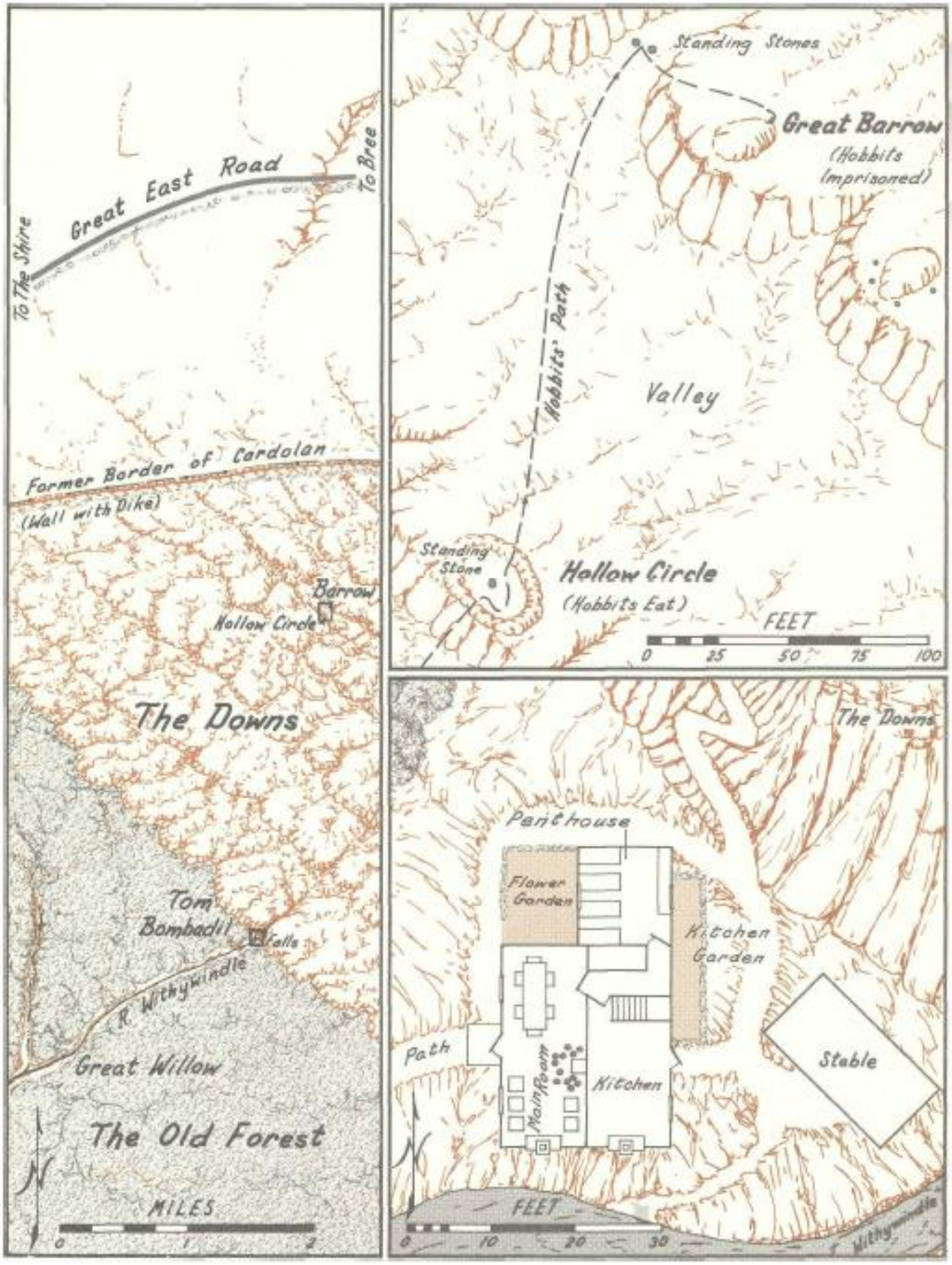
somos convidados a um constante processo analítico, mas, concomitantemente, sofremos a resistência do mistério permanente que lhe é próprio.

O surgimento de Tom Bombadil no momento em que os hobbits estão atravessando a Floresta Velha já evidencia a relação dessa personagem com a *terra* e a Natureza, destacada também na coloração castanha de sua longa barba, cor essa arquetipicamente relacionada a esse elemento. Tal conexão se intensifica no modo como Tom se porta diante do Velho Salgueiro, enraizado como toda árvore, conhecendo a melodia certa para ele: "Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem!" (TOLKIEN, 2001, p. 124)[275].

Convidando os hobbits para sua casa, Tom os conduz por entre as árvores em um ambiente onírico, no limiar entre o natural e o sobrenatural — como destacado anteriormente — chegando a um local onde "os limites da Floresta atrás deles estavam desbastados e aparados como uma cerca-viva" (TOLKIEN, 2001, p.126)[276]. A vinculação entre o mundo natural e a magia é destacada por Tolkien em *Sobre contos de fadas*, encontrando, na referida personagem, uma reverberação significativa, uma vez que a mesma não apenas habita um espaço natural, mas envolto pelos elementos da Natureza, exercendo sobre o próprio espaço e sobre as demais personagens seu poder mágico. Tal transição para o espaço onírico também é ressaltada pelo elemento terra, pois "essa *entrada* num *ser da terra* como um cristal ou um rochedo é em geral uma etapa anterior a uma descida mais profunda, numa zona inconsciente mais oculta" (BACHELARD, 2001a, p. 311, grifo do autor).

A seguir, encontra-se uma representação da casa de Tom, bem como sua localização em meio ao ambiente que a circunda, evidenciando sua proximidade da Floresta Velha e dos Túmulos:

[275] No original: 'That can soon be mended. I know the tune for him. Old grey Willow-man! I'll freeze his marrow cold, if he don't behave himself. I'll sing his roots off. I'll sing a Wind up and blow leaf and branch away. Old Man Willow!' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).
[276] No original: The eaves of the Forest behind were clipped, and trim as a hedge (TOLKIEN, 2004a, p. 121).



Left: THE BARROW-DOWNS Upper Right: THE BARROW Lower Right: TOM BOMBADIL'S HOUSE

(FONSTAD, 1991, p. 123).

Ao entrarem na casa, após saudá-los, Fruta d'Ouro afirma: "Vamos trancar a noite lá fora, pois talvez ainda estejam com medo, da neblina, das sombras das árvores, das águas profundas e das coisas hostis. Nada temam! Pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil"

(TOLKIEN, 2001, p. 127)[277]. Essa assertiva, juntamente com a oniricidade e a mística em torno de Tom e do espaço sob seu domínio, colocam-nos em um local separado dos demais territórios da Terra-Média, asseverando sua segurança mesmo tão próximo das Colinas onde habitam as Criaturas Tumulares. Resgatando as palavras de Tolkien em sua carta para Stanley Unwin, salienta-se a relação de Bombadil com a natureza, uma vez que ele é disposto como o espírito da zona rural de Oxford e Berkshire, mas não uma natureza qualquer, e sim sagrada, pois está num local de culto e veneração — como sugere o termo *enshrined*, utilizado no original, fazendo referência à dimensão do templo, ou santuário, conforme apontado outrora: "O senhor acha que Tom Bombadil, o espírito da (minguante) zona rural de Oxford e Berkshire, poderia ser transformado no herói da história? Ou ele está, como suspeito, totalmente preservado nos versos em anexo? Ainda assim, eu poderia aumentar o retrato" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006a, p. 31)[278]. Compreende-se, desse modo, que Tom Bombadil habita em um lugar sagrado, intensificando seu aspecto divino, e remetendo-nos novamente à passagem da sarça ardente, na qual Deus afirma a Moisés: "'Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar onde estás é uma *terra santa*'" (BÍBLIA, 1998, p. 106, grifo nosso). Nessa mesma perspectiva, reforça-se também a associação da personagem com o *fogo* divino, a Chama Imperecível, o Fogo Secreto. Ao encontro de tal análise, a casa de Bombadil pode ser entendida como um limiar: "O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos — e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado" (ELIADE, 2001, p. 19). Nesse sentido, sendo o sagrado um local à parte, para que se penetre nele, é necessário um salto (cf. PAZ, 2012), realizado na narrativa pelos hobbits quando se dirigem à casa de Tom em meio a um ambiente aéreo: "começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam" (TOLKIEN, 2001, p. 126)[279].

Quando Frodo indaga Fruta d'Ouro sobre quem é Tom Bombadil, a resposta dada por ela salienta o vínculo deste com o ambiente que os circunda.

[277] No original: 'Let us shut out the night!' she said. 'For you are still afraid, perhaps, of mist and tree-shadows and deep water, and untame things. Fear nothing! For tonight you are under the roof of Tom Bombadil' (TOLKIEN, 2004a, p. 123).
[278] No original: Do you think Tom Bombadil, the spirit of the (vanishing) Oxford and Berkshire countryside, could be made into the hero of a story? Or is he, as I suspect, fully enshrined in the enclosed verses?1 Still I could enlarge the portrait (CARPENTER; TOLKIEN, 1981a, p. 32).
[279] No original: They began to feel that all this country was unreal, and that they were stumbling through an ominous dream that led to no awakening (TOLKIEN, 2004a, p. 121).

> — Linda senhora! — disse Frodo novamente, depois de um tempo. Diga-me, se minha pergunta não parece tola, *quem é Tom Bombadil*?
> — *Ele é* — disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. — *Ele é*, como já viram — disse ela em resposta ao olhar de Frodo. — *Ele é o Senho*r *da floresta, das águas e das colinas*.
> — Então toda esta *região estranha* lhe pertence?
> — Na verdade não! — respondeu ela, e o sorriso que tinha no rosto desapareceu. — Isso seria um fardo pesado demais — acrescentou ela em voz baixa, como se falasse consigo mesma. — As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. *Tom Bombadil é o Senhor* (TOLKIEN, 2001, p. 128, grifo nosso)[280].

Como apresentado outrora, Bombadil não se coloca como proprietário da natureza, conduzindo-a e ditando seus caminhos, o que se apresenta como "um fardo pesado demais" para um ser tão livre, mas estabelece com ela uma relação de simbiose, cuidando-a e preservando-a, conhecendo-a também cada vez mais. O peso desse fardo pode ainda ser identificado na mudança de humor de Fruta d'Ouro, que perde seu sorriso, e assume uma postura introspectiva. Tal afinidade com o mundo natural se confirma quando retomamos o termo original *master*, significando a compreensão profunda que Tom possui da natureza a sua volta — em oposição a *lord*, usado para se referir a Sauron, aquele que deseja dominar, possuir, toda a Terra-Média. Essa mesma análise se confirma nas palavras do próprio Tolkien: "Ele *não* é proprietário dos bosques" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006h, p. 255, grifo do autor)[281]. Entendida desse modo, a compreensão de Tom Bombadil para com todo o espaço que o circunda, desde a Floresta Velha até as Colinas, pode ser verificada no segundo dia em que os hobbits estão em sua casa, e, em meio a um diálogo, ele

> *Contou-lhes então muitas histórias notáveis*, às vezes quase como se as estivesse contando para si mesmo, outras vezes olhando-os de repente com um brilho azul no olhar, debaixo das grossas sobrancelhas. Frequentemente

[280] No original: 'Fair lady!' said Frodo again after a while. 'Tell me, if my asking does not seem foolish, who is Tom Bombadil?'
'He is,' said Goldberry, staying her swift movements and smiling. Frodo looked at her questioningly. 'He is, as you have seen him,' she said in answer to his look. 'He is the Master of wood, water, and hill.'
'Then all this strange land belongs to him?'
'No indeed!' she answered, and her smile faded. 'That would indeed be a burden,' she added in a low voice, as if to herself. 'The trees and the grasses and all things growing or living in the land belong each to themselves. Tom Bombadil is the Master' (TOLKIEN, 2004a, p. 124).
[281] No original: He is *not* the owner of the woods (CARPENTER; TOLKIEN, 1981h, p. 292).

> sua voz virava uma canção, e ele se levantava da poltrona para dançar pela sala. Contou-lhes histórias de abelhas e flores, do jeito de ser das árvores e das estranhas criaturas da Floresta, sobre coisas más e coisas boas, coisas amigas e hostis, coisas cruéis e gentis, e sobre *segredos escondidos* sob os arbustos espinhosos.
>
> Conforme escutavam, *os hobbits passaram a entender a vida da Floresta*, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, *num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa*. [...]. *As palavras de Tom desnudavam o coração e o pensamento das árvores*, que sempre eram obscuros e estranhos, cheios de um ódio pelas coisas que circulam livres sobre a terra, roendo, mordendo, quebrando, cortando, queimando: destruidores e usurpadores. [...]. Mas nenhum deles era mais perigoso que o Grande Salgueiro: este tinha o coração apodrecido, mas a força ainda era verde; era habilidoso, senhor dos ventos, e sua canção e pensamento corriam a floresta dos dois lados do rio. *Seu sedento espírito cinza retirou da terra o poder*, que se espalhou como raízes finas no solo, e invisíveis dedos-ramos no ar, chegando a dominar quase todas as árvores da Floresta, da Cerca até as Colinas.
>
> De repente a conversa de Tom abandonou a floresta e foi pulando, subindo pelo jovem córrego, sobre cascatas borbulhantes, sobre seixos e pedras gastas, e por entre pequenas flores no capim fechado e gretas molhadas, vagando finalmente até as Colinas (TOLKIEN, 2001, p. 134, grifo nosso)[282].

Em meio a esse trecho, destaca-se, ainda, segundo as palavras de Bombadil, o fato de que o Salgueiro retirara seu poder da própria terra, confirmando o poder mágico de Tom,

[282] No original: He then told them many remarkable stories, sometimes half as if speaking to himself, sometimes looking at them suddenly with a bright blue eye under his deep brows. Often his voice would turn to song, and he would get out of his chair and dance about. He told them tales of bees and flowers, the ways of trees, and the strange creatures of the Forest, about the evil things and good things, things friendly and things unfriendly, cruel things and kind things, and secrets hidden under brambles.

As they listened, they began to understand the lives of the Forest, apart from themselves, indeed to feel themselves as the strangers where all other things were at home. […]. Tom's words laid bare the hearts of trees and their thoughts, which were often dark and strange, and filled with a hatred of things that go free upon the earth, gnawing, biting, breaking, hacking, burning: destroyers and usurpers. […]. But none were more dangerous than the Great Willow: his heart was rotten, but his strength was green; and he was cunning, and a master of winds, and his song and thought ran through the woods on both sides of the river. His grey thirsty spirit drew power out of the earth and spread like fine root-threads in the ground, and invisible twig-fingers in the air, till it had under its dominion nearly all the trees of the Forest from the Hedge to the Downs.

Suddenly Tom's talk left the woods and went leaping up the young stream, over bubbling waterfalls, over pebbles and worn rocks, and among small flowers in close grass and wet crannies, wandering at last up on to the Downs (TOLKIEN, 2004a, p. 129-130).

especialmente vinculado a esse elemento, bem como seu efeito sobre o espaço no qual habita, reforçando a divindade da terra na qual ele está enraizado.

Em uma carta para Naomi Mitchison, a afirmação de Tolkien reitera o comportamento e o modo como Tom Bombadil se relaciona com a natureza, confirmando a análise empreendida através das palavras e das ações da personagem, seja em seu "voto de pobreza" ou nem sua associação a conhecimentos não práticos:

> Mas se você tiver, por assim dizer, feito um "voto de pobreza", *renunciado ao controle e contentar-se com as coisas em si mesmas sem referência a si próprio, vigiando, observando e de certa forma conhecendo, então a questão dos bens e males do poder e do controle pode tornar-se totalmente sem sentido para você, e os meios do poder sem valor algum*. [...]
> Ele não possui ligação alguma em minha mente com as Entesposas. O que aconteceu a elas não é solucionado neste livro. Ele é de certo modo a resposta a elas, no sentido de que ele é quase o oposto, estando (digamos) a *Botânica e a Zoologia* (como ciências) e a *Poesia* em oposição à *Criação de gado, à Agricultura* e à praticabilidade (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173, grifo nosso)[283].

Além disso, a simplicidade de Tom se comprova ainda em sua alegre longevidade — que também o associa a *terra* devido à longa durabilidade dos metais — e em sua conexão com a natureza: "As boas almas que, contra todos os males, ensinam a *virtude do simples*, exalam as balsâmicas lembranças de uma longínqua juventude. A *simplicidade* é arcaica. É preciso ter vivido num velho jardim para expressar com fé todas as *virtudes* do lírio e da arnica" (BACHELARD, 2001a, p. 187, grifo do autor).

Na continuidade da resposta dada a Frodo, Fruta d'Ouro afirma que: "Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. Tom Bombadil é o Senhor"

[283] No original: But if you have, as it were taken 'a vow of poverty', renounced control, and take your delight in things for themselves without reference to yourself, watching, observing, and to some extent knowing, then the question of the rights and wrongs of power and control might become utterly meaningless to you, and the means of power quite valueless.
He has no connexion in my mind with the Entwives. What had happened to them is not resolved in this book. He is in a way the answer to them in the sense that he is almost the opposite, being say, Botany and Zoology (as sciences) and Poetry as opposed to Cattle-breeding and Agriculture and practicality (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 196).

(TOLKIEN, 2001, p. 128)[284]. Percebe-se, assim, duas situações distintas na relação de Tom com suas terras: primeiramente, ele não apresentava uma estabilidade, mas singrava livremente pela Terra-média — o que também se confirma durante o Conselho de Elrond: "Mas tinha me esquecido de Bombadil, se é que esse é o mesmo que caminhava nas florestas e colinas há muito tempo" (TOLKIEN, 2001, p. 276)[285] —; agora, no entanto, ele não se afasta mais de sua casa e de Fruta d'Ouro: "*Aqui termina a terra de Tom: os confins ele não passa/ Tem sua casa pra cuidar, e a sua espera Fruta d'Ouro*" (TOLKIEN, 2001, p. 152, grifo do autor)[286]. Tal atitude nos indica uma mudança profunda na personagem e intensifica sua relação com sua *terra* e com Fruta d'Ouro, de caráter não apenas físico, mas também místico e mágico.

Refletindo sobre o mistério da origem, Heidegger (1990) retoma o poema "A Migração", de Hölderlin (1770-1843), que afirma: "Dificilmente/ O que habita perto da origem abandona o Lugar" (HEIDEGGER, 1990, p. 63). Reitera-se aqui a união entre os elementos *ar* e *fogo* na composição da *terra*, tendo em vista a cena da criação de Arda, na qual a música cantada pelos Ainur e a Chama Imperecível se unem para dar origem e materialidade a esse universo ficcional. Mais uma vez, reforça-se o mistério da origem relacionado a Tom Bombadil, agora pelo elemento *terra*, haja visto também que, "primitivamente, a terra, tal como a água, é a primordial matéria do mistério, a que é penetrada, que é escavada e que se diferencia simplesmente por uma resistência maior à penetração" (DURAND, 2012, p. 230). Nesse sentido, podemos compreender a razão pela qual Tom não se afasta de seu território a partir de sua associação com a *origem* e seu *ser-mistério* através da imagem da raiz: "A raiz é a árvore misteriosa, é a árvore subterrânea, a árvore invertida" (BACHELARD, 2003, p. 225). Ele se enraizou em sua *terra*, ramificando-se e aprofundando-se na *terra* que lhe é própria, fixando-se, portanto, para adquirir maior profundidade, o que se comprova pelos seus encantamentos e pelos conhecimentos da natureza e da história do mundo ao seu redor demonstrado ao longo da obra; além disso, deposita nela seu próprio poder — como se compreende pelo fato do Salgueiro ter retirado seu poder da terra — poder esse que remonta às próprias origens do universo. Ainda ao encontro de tal colocação, acrescenta-se a suposição de que, se Sauron dominasse toda a Terra-média, Bombadil também cairia, "a não ser que esse poder esteja na *própria terra*" (TOLKIEN, 2001, p. 276, grifo nosso)[287]. O poder aqui atribuído a Tom de modelar e controlar

[284] No original: No one has ever caught old Tom walking in the forest, wading in the water, leaping on the hill-tops under light and shadow. He has no fear. Tom Bombadil is master' (TOLKIEN, 2004a, p. 124).
[285] No original: But I had forgotten Bombadil, if indeed this is still the same that walked the woods and hills long ago (TOLKIEN, 2004a, p. 266).
[286] No original: *Tom's country ends here: he will not pass the borders.*
Tom has his house to mind, and Goldberry is waiting! (TOLKIEN, 2004a, p. 148).
[287] No original: unless such power is in the earth itself (TOLKIEN, 2004a, p. 266).

a terra, também pode ser estendido para o controle dos próprios Valar, forças que modelaram o mundo em seu princípio — como analisado outrora —, transcendendo ao de qualquer outro ser criado, e equiparando-o ao próprio Eru Ilúvatar, o que assevera seu aspecto divino e a consequente sacralidade da terra em que habita. Analogamente, Tolkien afirma que: "Em última instância, apenas a vitória do Oeste permitirá Bombadil a continuar, ou mesmo a sobreviver. Nada lhe restaria no mundo de Sauron" (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173)[288]. Nota-se, aqui, que o autor questiona a permanência ou mesmo a sobrevivência de Tom não pela sua derrota — indicando que isso não aconteceria —, mas pela falta de sentido que haveria em um mundo dominado pelo Senhor do Escuro.

Nos primeiros rascunhos de **O Senhor dos Anéis**, Tom Bombadil se autorreferencia como um aborígene: "— Eu sou um Aborígene, isso é o que eu sou, o Aborígene desta terra" (TOLKIEN, 2002m, p. 121, tradução nossa)[289]; o que se repete no tratamento dado a ele por Tolkien: "Tom Bombadil é um aborígene — ele conheceu a terra antes dos homens, antes dos hobbits, antes das Criaturas Tumulares, sim antes do necromante[290] — antes dos elfos chegarem a este quarto do mundo" (TOLKIEN, 2002m, p. 117, tradução nossa)[291]. O fato de ser inicialmente apresentado desse modo nos rascunhos do romance determina uma relação específica com a terra e o mundo criado. Como alguém afastado, separado — como indica o prefixo latino "*ab*" —, mas nele inserido, reitera-se a cena da criação de Arda na qual, após a execução da música dos Ainur, Eru envia ao mundo a Chama Imperecível, que, do mesmo modo, não é constituída na mesma dimensão criativa, mas está nela disposta e inserida, o que também se percebe pela longevidade e sabedoria da personagem, sendo o primeiro a estar presente no mundo. Nessa mesma direção, compreende-se Bombadil como um mistério disposto enquanto mistério — enviado enquanto tal, flutuando entre diferentes dimensões — no universo em que habita, o que se confirma pelas palavras de Tolkien: "mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente)." (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169)[292].

A *terra* e o *fogo* também se mostram elementos fundamentais no revigoramento dos hobbits após serem salvos por Tom Bombadil das Criaturas Tumulares, em um contexto no

---

[288] No original: Ultimately only the victory of the West will allow Bombadil to continue, or even to survive. Nothing would be left for him in the world of Sauron (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 196).
[289] No original: 'I am an Aborigine, that's what I am, the Aborigine of this land.
[290] O termo necromante se refere à personagem Sauron, vilão da obra. Esse termo é usado no livro **O hobbit** para se referir à mesma personagem**.**
[291] No original: Tom Bombadil is an 'aborigine' — he knew the land before men, before hobbits, before barrow-wights, yes before the necromancer — before the elves came to this quarter of the world.
[292] No original: And even in a mythical Age there must be some enigmas, as there always are. Tom Bombadil is one (intentionally) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 193).

qual os viajantes já estavam quase mortos: "—Vocês conseguiram sair de uma grande enrascada. Roupas são uma perda mínima, se você escapa de se afogar. Fiquem felizes, e deixem que a *luz quente do sol aqueça agora coração e corpo*! Tirem esses farrapos velhos. *Corram nus sobre o capim*, enquanto Tom vai caçar! (TOLKIEN, 2001, p. 148, grifo nosso)[293]. O aquecimento proporcionado pela luz do sol revigora não apenas o corpo, mas também dá vida nova ao espírito, assim como o contato direto dos hobbits com a grama, retomando ainda o poder da natureza circundante a Bombadil por meio de sua íntima união com a *terra*.

Já no final do romance, terminados os conflitos que envolvem os povos da Terra-Média, Gandalf, expressando seu desejo de ter uma longa conversa com Bombadil, afirma: "— Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro" (TOLKIEN, 2001, p. 1055)[294]. A mistura entre *terra* e *água* produz o limo, responsável pelo escorregar das pedras, fazendo-nos compreender que, por meio dessa combinação elemental, Tom impulsiona as demais personagens a seguirem seus caminhos na narrativa, apesar de ele mesmo não se deslocar; efeito que se nota no próprio desenvolvimento dos hobbits a partir de seu encontro com a personagem, e no ímpeto que adquirem para realizar tão grandiosos feitos.

A partir do resgate analítico aqui empreendido, percebe-se que o mundo de Tom Bombadil se configura como um mundo inocente:

> O mundo inocente não está nem totalmente vivo, como o apocalíptico, nem de todo morto, como o nosso: ele é um mundo animista, *cheio de espíritos elementares*. [...]. Com frequência, também, [...], *a natureza inocente ou não decaída, a natureza como uma ordem sancionada divinamente, é representada pela harmonia inaudível da música das esferas* (FRYE, 2014, p. 285, grifo nosso).

Nessa perspectiva, a vinculação entre os quatro elementos da natureza — *ar*, *fogo*, *terra* e *água* — revela-se fundamental tanto na composição da própria personagem, quanto do espaço no qual ela habita. Sobre a essência de Tom, não podemos afirmar sua inocência, tendo em vista o *ser mistério* que lhe é intrínseco, todavia, o fato deste não sofrer a tentação do mal,

[293] No original: 'You've found yourselves again, out of the deep water. Clothes are but little loss, if you escape from drowning. Be glad, my merry friends, and let the warm sunlight heat now heart and limb! Cast off these cold rags! Run naked on the grass, while Tom goes a-hunting!' (TOLKIEN, 2004a, p. 144).
[294] No original: 'He is a moss-gatherer, and I have been a stone doomed to rolling. But my rolling days are ending, and now we shall have much to say to one another.' (TOLKIEN, 2004a, p. 996).

representado na narrativa pelo Um Anel, assegura sua incorruptibilidade. Por fim, seu aspecto divino é reafirmado, retomando a origem do universo criado e das ordens dadas por Eru aos Ainur, para que tocassem a canção que lhes era inspirada, e à Chama Imperecível, enviando-a ao mundo recém-criado. Assim, todas as manifestações da personagem nas obras de Tolkien se confirmam e se configuram como uma música harmoniosa, seja em suas falas, canções ou encantamentos.

Além da Natureza que, de um modo geral, é guardada por Tom, há três plantas que constantemente são associadas a ele: o salgueiro, o junco e o nenúfar. Desde o primeiro poema escrito sobre Bombadil, os salgueiros e os juncos se encontram prostrados diante da passagem da personagem: 'Vá, barco! Reme! Os salgueiros estão se curvando/ os juncos estão se inclinando, o vento sopra na grama.' (TOLKIEN, 2002i, p. 116, tradução nossa)[295]. Tal postura, quando analisada diante da influência mágica de Tom Bombadil sobre toda a natureza a sua volta, mostra uma reverência dessas plantas diante da personagem que passa, como que curvadas diante da presença de seu mestre.

Quando na Floresta Velha os hobbits são atacados pelo Velho Salgueiro, Tom exerce sua magia através da música, demonstrando seu poder sobre a árvore e determinando o comportamento que lhe seria devido — conforme analisado outrora:

> Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem! [...].
> Deixe-os sair, Velho Salgueiro-homem! — disse ele. — O que está pensando? Não deveria estar acordado. Coma terra! Cave fundo! Beba água! Vá dormir! Bombadil está falando! (TOLKIEN, 2001, p. 124)[296].

A mesma postura de Tom se repete no poema "As Aventuras de Tom Bombadil", quando o Salgueiro realiza um encantamento que aprisiona a personagem em seu interior — de

[295] No original: 'Go, boat! Row! The willows are a-bending
reeds are leaning, wind is in the grasses'.
[296] No original: 'That can soon be mended. I know the tune for him. Old grey Willow-man! I'll freeze his marrow cold, if he don't behave himself. I'll sing his roots off. I'll sing a Wind up and blow leaf and branch away. Old Man Willow!' […].
'You let them out again, Old Man Willow!' he said. 'What be you a-thinking of ? You should not be waking. Eat earth! Dig deep! Drink water! Go to sleep! Bombadil is talking!' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).

modo semelhante ao que ocorrera com Merry e Pippin — confirmando a superioridade de sua magia perante a árvore:

> "Deixe-me sair novamente, velho Homem Salgueiro!...
> Aqui eu fico duro e dolorido; não existe travesseiro,
> só suas raízes tortas e duras!... Vá beber a água do rio!
> Volte a dormir de novo, igual a Filha do Rio!..."
>
> O Homem Salgueiro o soltou depois que o ouviu falar (TOLKIEN, 2008, p. 7)[297].

O Velho Salgueiro aparece novamente no fim do poema tentando incomodar Bombadil e Fruta d'Ouro durante a noite, batendo "com seus dedos nas vidraças, mas eles dormiam em seu travesseiro" (TOLKIEN, 2008, p. 12)[298], e não foram aborrecidos pela árvore. No poema "Bombadil Passeia de Barco", a intriga entre Tom e os pássaros carriça e Martim-pescador se inicia quando as aves o ameaçam, dizendo que contarão ao Salgueiro aonde ele está indo:

> Um passarinho sentava num ramo. "Tziu, Tom! Eu o escutei.
> Eu adivinho, eu adivinho aonde o levam as suas fantasias.
> Quer que eu vá, quer que eu vá avisá-lo a se encontra com você...?"
>
> "Não digas nomes, sua faladeira, senão a depeno e como,
> tagarelando em todos os ouvidos coisas que não lhe competem!
> Se contar ao Homem Salgueiro aonde eu fui, vou queimá-la
> e assar num espeto de salso. Nunca mais você irá espionar!..."
>
> A carriça do salgueiro ergueu a cauda e pipilou, voando:
> "Primeiro me pegue, primeiro me pegue! Não preciso de nomes.
> Vou pousar na orelha dele e a mensagem será escutada:
> 'Lá embaixo na foz do Mithe', lhe direi. 'Bem do pôr-do-sol na hora.

[297] No original: 'You let me out again, Old Man Willow!
I am stiff lying here; they're no sort of pillow,
your hard crooked roots. Drink your river-water!
Go back to sleep again like the River-daughter!'

Willow-man let him loose when he heard him speaking; (TOLKIEN, 2008, p. 134).

[298] No original: tapped at window-pane, as they slept on the pillow' (TOLKIEN, 2008, p. 138).

> Se apresse agora, se apresse agora! De beber chegou a hora!...'" (TOLKIEN, 2008, p. 14-15)[299].

Após preparar sua canoa e seus remos, Tom desce riu abaixo cantando: "'A samambaia é uma boba,/ eu flutuo no ribeiro dos juncos e dos salsos, pelo raso e pelo fundo'" (TOLKIEN, 2008, p. 15)[300]. Na sequência, ao se desentender com Martin-pescador, ele o ameaça: "'Tchiriri!... Tom Orgulhoso!.. Olhe, que sua banheira afunda!/ Cuidado com as raízes do salgueiro! Vai cair n'água e eu vou rir!...'" (TOLKIEN, 2008, p. 16)[301]. A postura de Bombadil diante das ameaças relacionadas ao Salgueiro sempre são respondidas com humor, confirmando a superioridade mágica deste em relação àquele. Ressalta-se também a presença dos juncos no rio através do qual Tom irá velejar.

No romance, nos são dadas algumas características adicionais sobre o salgueiro, como o fato de ele ser muito velho e esbranquiçado, além de que ele "canta alto; [e] escapar de suas garras hábeis é difícil para as pessoas pequenas (TOLKIEN, 2001, p. 130)[302]. Nota-se, aqui, que, semelhante a Tom, a magia do Salgueiro também se expressa pela música; sua tonalidade esbranquiçada, além de se relacionar a sua velhice, faz menção também a uma espécie específica de salgueiro, o salgueiro-branco, árvore possuidora de propriedades analgésicas e curativas; outra característica dos salgueiros é sua capacidade de purificar a água, transformando poluentes em matéria orgânica, retomando o processo de cura e purificação que os próprios hobbits viverão na casa de Bombadil e em sua companhia. Por suas folhas inclinadas para baixo, o salgueiro também é conhecido como chorão, opondo-se, desse modo, à postura sempre alegre de Tom Bombadil. Apesar de existirem espécies na Europa, o salgueiro também

---

[299] No original: Little Bird sat on twig. 'Whillo, Tom! I heed you.
I've a guess, I've a guess where your fancies lead you.
Shall I go, shall I go, bring him word to meet you?'

'No names, you tell-tale, or I'll skin and eat you,
babbling in every ear things that don't concern you!
If you tell Willow-man where I've gone, I'll burn you,
roast you on a willow-spit. That'll end your prying!'

Willow-wren cocked her tail, piped as she went flying:
'Catch me first, catch me first! No names are needed.
I'll perch on his hither ear: the message will be heeded.
"Down by Mithe," I'll say, "just as sun is sinking."
Hurry up, hurry up! That's the time for drinking!' (TOLKIEN, 2008, p. 139-140).

[300] No original: 'Silly-sallow,/ Flow withy-willow-stream over deep and shallow' (TOLKIEN, 2008, p. 140).

[301] No original: 'Tee hee! Cocky Tom! Mind your tub don't founder!
Look out for willow-snags! I'd laugh to see you flounder.' (TOLKIEN, 2008, p. 140).

[302] No original: he's a mighty singer; and it's hard for little folk to escape his cunning mazes (TOLKIEN, 2004a, p. 126).

é uma árvore comumente encontrada na China — atribuindo um elemento estrangeiro, estranho — e, segundo essa cultura, constitui-se como símbolo da imortalidade, porque cresce ainda que plantada para baixo, retomando mais uma característica de Tom. Além disso, na cultura hebraica, o salgueiro é uma das quatro espécies de árvores das quais são tirados os ramos para o louvor na festa das Tendas (*Sukkot*): "No primeiro dia tomareis frutos formosos, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e de salgueiros das ribeiras, e vos regozijareis durante sete dias na presença de Iahweh vosso Deus" (BÍBLIA, 1998, p. 194); estando presente também no Salmo 137, que faz referência ao período de exílio na Babilônia:

> À beira dos canais de Babilônia
> Nos sentamos, e choramos
> Com saudades de Sião;
> nos salgueiros que ali estavam
> penduramos nossas harpas (BÍBLIA, 1998, p. 1007)

Segundo a tradição oral judaica, os salgueiros simbolizam as pessoas ignorantes e pecadoras do povo de Israel, por não possuírem nem cheiro e nem gosto. Desse modo, a tristeza do exílio e a falta de "sabor" opõem-se a Tom Bombadil, sempre alegre, múltiplo e misterioso em suas manifestações.

4.5 Água

Na cena em que Tom aparece pela primeira vez em **O Senhor dos Anéis**, o grupo de hobbits se encontra à margem de um rio, no qual Frodo acabara de se afogar pela ação do Velho Salgueiro. A presença da *água*, e ainda mais, o afogamento do hobbit, prenunciam as transformações vividas pelas personagens na casa de Tom, que se configuram como uma espécie de batismo, um renascimento diante de um mundo ainda desconhecido para eles: "Mas, tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas Águas equivale não a uma extinção definitiva, e sim a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma criação, de uma nova vida ou de um 'homem novo'" (ELIADE, 2001, p. 65). Tal leitura se confirma no caminhar do grupo em direção à casa de Tom, que se dá em meio às brumas, marcado pela presença de névoas — junção entre *ar* e *água* — como se todos estivessem mergulhando dentro de um espaço aéreo, onírico e também de purificação. Chegando à casa, os viajantes são convidados a se lavarem antes do jantar: "Contra a parede oposta estava um

banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns com água fria, outros com água fumegante" (TOLKIEN, 2001, p. 129)[303]. Quando Frodo pergunta a Fruta d'Ouro sobre quem é Tom Bombadil, em meio a sua resposta, ela afirma que "Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas" (TOLKIEN, 2001, p. 128)[304]. Essa assertiva não apenas reforça a conexão entre Tom e o referido elemento, mas também nos recorda que o senhorio da personagem não se dá por meio do controle, mas sim do conhecimento.

Ademais, a matéria *água* se assemelha à personagem, não possuindo uma única forma que a defina — o que se reflete também em suas composições poéticas livres, não modeláveis —, mas existindo enquanto pura materialidade:

> Meditada em sua perspectiva de profundidade, uma matéria é precisamente o princípio que pode se desinteressar das formas. Não é o simples déficit de uma atividade formal. Continua sendo ela mesma, a despeito de qualquer deformação, de qualquer fragmentação. A matéria, aliás, se deixa valorizar em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do impulso. No sentido do aprofundamento, ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre (BACHELARD, 1997, p. 3).

Nesse sentido, compreende-se que Bombadil, assim como a *água*, possui uma profundidade insondável devido ao seu *ser mistério*, inerente a sua essência; outrossim, concomitantemente, age como força inexaurível — uma que vez que se constitui enquanto *mistério insolúvel* — impulsionando os hobbits para seguirem seu caminho e realizarem grandes portentos.

Após a primeira noite na casa de Tom, — na qual a narrativa traz os sonhos dos viajantes —, a manutenção do ambiente aquático é proporcionada pela chuva provocada por Fruta d'Ouro: "Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo — disse ele. — O dia de limpeza do outono" (TOLKIEN, 2001, p. 134)[305], ocasionando a permanência das personagens nesse espaço. Nesse contexto, chama a atenção a aparição de Bombadil, que chega "aos pulinhos do canto da casa, acenando com os braços como se estivesse mandando a chuva embora — e de fato, quando pulou sobre a soleira, *parecia estar seco, com exceção de suas botas*" (TOLKIEN, 2001, p.

[303] No original: Against the opposite wall was a long bench laden with wide earthenware basins, and beside it stood brown ewers filled with water, some cold, some steaming hot (TOLKIEN, 2004a, p. 125).
[304] No original: 'He is the Master of wood, water, and hill' (TOLKIEN, 2004a, p. 124).
[305] No original: 'This is Goldberry's washing day,' he said, 'and her autumncleaning (TOLKIEN, 2004a, p. 129).

133-134, grifo nosso)[306]. Aqui, faz-se perceptível que a limpeza empreendida pela água não se limita a uma dimensão física, servindo apenas às árvores, mas também recai sobre os hobbits, na medida em que Tom, já no interior da casa, continua mandando a chuva embora. Destaca-se, ainda, que a purificação aquática aqui analisada não se destina a Tom Bombadil, uma vez que ele permanece seco, estando apenas com os pés molhados no interior da bota. Esse mesmo acontecimento pode ser entendido à luz do diálogo entre Jesus e Pedro no Lava-pés, momento no qual Cristo afirma que aquele que não for lavado, não terá parte com ele, mas que "Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro" (BÍBLIA, 1998, p. 1877). Bombadil se mostra, desse modo, um ser já purificado, o que remete à própria água divina que preconiza a modelagem do universo — "No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das *águas*" (BÍBLIA, 1998, p. 33, grifo nosso) —; destacando também sua relação com a criação: "as águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda forma e sustentam toda criação" (ELIADE, 2001, p. 65, grifo do autor). A não sujeição da água a uma forma pré-determinada, característica do ambiente aquático original, também reforça a identidade misteriosa de Tom Bombadil e sua relação com a *origem*, já que, assim como esse elemento, ele não pode ser modelado ou determinado de modo unívoco, permanecendo sempre sua multiplicidade de formas e manifestações: "seu destino é preceder a Criação e reabsorvê-la, incapazes que são de ultrapassar seu próprio modo de ser, ou seja, de se manifestarem em formas" (ELIADE, 2001, p. 65).

Por fim, após partirem, os hobbits são capturados pelas Criaturas Tumulares — já se portando com uma valentia que não lhes era característica até então — e, mais uma vez, são salvos da morte por Tom Bombadil: "É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração" (ELIADE, 2001, p. 65). Assim, fecha-se o ciclo de purificação, de morte e renascimento para uma vida nova, que os hobbits precisam passar para que possam realizar tão grandiosos feitos, especialmente Frodo, que portará o Anel até a Montanha da Perdição nas terras de Mordor. Esse simbolismo em torno da água se faz presente em diversas culturas e manifestações religiosas, associando-se, por exemplo, ao Batismo proposto na concepção católica, segundo o qual, através desse sacramento, recebem-se os dons do Espírito Santo, a purificação do pecado original, e a força para que cumpramos a nossa missão: "Em qualquer conjunto religioso em

[306] No original: trotting round the corner of the house, waving his arms as if he was warding off the rain – and indeed when he sprang over the threshold he seemed quite dry, except for his boots (TOLKIEN, 2004a, p. 129).

que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, 'lavam os pecados', purificam e, ao mesmo tempo, regeneram" (ELIADE, 2001, p. 65).

Será através da água do mar e da chuva, que traz o canto, que Frodo, já no final do romance, recordar-se-á do sonho que tivera na casa de Tom Bombadil:

> E o navio avançou para o Alto-Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de *chuva*, Frodo sentiu uma doce fragrância no *ar* e ouviu o *som de um canto chegando pela água*. E então teve a mesma impressão que tivera no sonho na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de *chuva* se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa (TOLKIEN, 2001, p. 1092, grifo nosso)[307].

4.6 A Fala de Tom Bombadil: Poesia, Sabedoria, Mito e Magia

Desde sua primeira aparição em **O Senhor dos Anéis**, Tom Bombadil se revela não apenas um poeta e músico, mas também um feiticeiro que faz uso de suas canções para exercer sua magia. Ao resgatar os hobbits do Salgueiro em uma de suas primeiras ações, Tom já demonstra seu ser poético-místico.

> Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem! [...]
> Deixe-os sair, Velho Salgueiro-homem! — disse ele. — O que está pensando? Não deveria estar acordado. Coma terra! Cave fundo! Beba água! Vá dormir! Bombadil está falando!" (TOLKIEN, 2001, p. 124)[308]

[307] No original: And the ship went out into the High Sea and passed on into the West, until at last on a night of rain Frodo smelled a sweet fragrance on the air and heard the sound of singing that came over the water. And then it seemed to him that as in his dream in the house of Bombadil, the grey rain-curtain turned all to silver glass and was rolled back, and he beheld white shores and beyond them a far green country under a swift Sunrise (TOLKIEN, 2004a, p. 1030).

[308] No original: No original: 'That can soon be mended. I know the tune for him. Old grey Willow-man! I'll freeze his marrow cold, if he don't behave himself. I'll sing his roots off. I'll sing a Wind up and blow leaf and branch away. Old Man Willow!' […].
'You let them out again, Old Man Willow!' he said. 'What be you a-thinking of ? You should not be waking. Eat earth! Dig deep! Drink water! Go to sleep! Bombadil is talking!' (TOLKIEN, 2004a, p. 120).

O mesmo se repete quando os viajantes, após deixarem a casa de Tom, são capturados pelas Criaturas Tumulares, e, mais uma vez, são salvos por meio de sua ação musical.

> Fez-se um silêncio súbito e profundo, durante o qual Frodo podia escutar seu coração batendo. Depois de um momento longo e lento, escutou claramente, embora distante, como se viesse de baixo da terra ou através de espessas paredes, uma voz que, respondendo, cantava:
>
> *O velho Tom Bombadil é mesmo um bom camarada;*
> *Azul-claro é sua jaqueta e sua bota é amarelada.*
> *Ninguém jamais o apanha porque Tom é mais sabido;*
> *Sua canção tem mais poder e seu pé é mais rápido* (TOLKIEN, 2001, p. 146)[309].

O caráter musical e místico da linguagem de Tom evidencia a relação entre sua canção, sua sabedoria, e sua habilidade mágica, o que é destacado pelo trecho: "*Ninguém jamais o apanha porque Tom é mais sabido/ Sua canção tem mais poder e seu pé é mais rápido*".

> A operação poética não é diferente do conjuro, do feitiço e de outros processos da magia. A atitude do poeta tem muita semelhança com a do mago. Ambos usam o princípio da analogia; ambos agem com fins utilitários e imediatos: não se perguntam o que é o idioma ou a natureza, mas servem-se deles para seus próprios fins. Não é difícil acrescentar outra característica: magos e poetas, diferentemente de filósofos, técnicos e sábios, extraem seus poderes de si mesmos. Para trabalhar não lhes basta possuir uma soma de conhecimentos, como acontece com um físico ou com um motorista. Toda operação mágica requer uma força interior, conseguida através de um penoso esforço de purificação. As fontes do poder mágico são duplas: as fórmulas e demais métodos de encantamento, e a força psíquica do encantador, a afinação espiritual que lhe permite fazer concordar seu ritmo com o do cosmos. O

[309] No original: There was a sudden deep silence, in which Frodo could hear his heart beating. After a long slow moment he heard plain, but far away, as if it was coming down through the ground or through thick walls, an answering voice singing:

Old Tom Bombadil is a merry fellow,
Bright blue his jacket is, and his boots are yellow.
None has ever caught him yet, for Tom, he is the master:
His songs are stronger songs, and his feet are faster (TOLKIEN, 2004a, p. 142).

> mesmo se verifica com o poeta. A linguagem do poema está nele e só nele se revela. A revelação poética pressupõe uma busca interior. Busca que em nada se assemelha à análise ou à introspecção; mais que busca, atividade psíquica capaz de provocar a passividade propícia ao surgimento de imagens (PAZ, 2012, p. 64-65).

Assim, poeta e mago criam realidades: ambos têm o poder de criá-las, mudá-las, e transformá-las pela performatividade das palavras. Tal poder se dá por uma soma de forças: aquela que já é própria ao feiticeiro, e aquela adquirida por meio do estudo dos métodos de encantamento. Desse modo, Bombadil se revela detentor de uma magia que lhe é intrínseca, ao mesmo tempo em que demonstra que tal capacidade mágica está vinculada ao conhecimento que detém das demais personagens e do universo a sua volta. Ao congregar em si as figuras do mago e do poeta, Tom realça as semelhanças acima apresentadas e as une na conjuração de seus feitiços.

A comunicação por meio da música, sempre presente na personagem, evidencia uma forma linguística arcaica e original: "A moderna ciência linguística, em seu esforço para iluminar a 'origem' da linguagem, também recorreu muitas vezes ao aforismo de Hamann[310], de que a poesia é 'a língua materna da humanidade'" (CASSIRER, 1972, p. 54). Nesse sentido, a fala de Tom remonta não só à origem do universo ficcional de Tolkien, que se dá pela canção dos Ainur — tendo a palavra e a música como instrumentos criadores —, mas à origem da própria linguagem, em sua força poética e mítica, enaltecendo a antiguidade da personagem.

> Este vínculo originário entre a consciência linguística e a mítico-religiosa expressa-se, sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer. Em todas as cosmogonias míticas, por mais longe que remontemos em sua história, sempre volvemos a deparar com esta posição suprema da Palavra (CASSIRER, 1972, p. 64).

Nesse sentido, quando Bombadil faz uso da palavra em suas canções, novas realidades são criadas, ou seja, a magia se faz presente modificando a tessitura da realidade. Assim, a força da palavra criadora, disposta nas canções da personagem — e também presente no início do

[310] Johann Georg Hamann (1730-1788) filósofo e escritor alemão.

Evangelho de São João[311], conforme apresentado outrora —, reforçam sua divindade, pois "deve haver alguma função determinada, essencialmente imutável, que confere à Palavra este caráter distintivamente religioso, elevando-a, desde o começo, à esfera religiosa, à esfera do 'sagrado'" (CASSIRER, 1972, p. 65). Assim, a sacralidade da linguagem criadora dos Ainur ecoa na linguagem poética de Tom, que não cria um novo universo mitológico, entretanto, faz com que aquilo que canta se torne realidade no mundo criado.

Ademais, a palavra de Tom tem em si um poder mítico e místico que realiza aquilo que por ele é entoado, o que se percebe tanto nas cenas em que a personagem resgata os hobbits do Salgueiro e das Criaturas Tumulares no romance, quanto em seus confrontos com as criaturas da Floresta Velha descritos no poema "As Aventuras de Tom Bombadil".

> "Deixe-me sair novamente, velho Homem Salgueiro!...
> Aqui eu fico duro e dolorido; não existe travesseiro,
> só suas raízes tortas e duras!... Vá beber a água do rio!
> Volte a dormir de novo, igual a Filha do Rio!..."
>
> *O Homem Salgueiro o soltou depois que o ouviu falar* (TOLKIEN, 2008, p. 7, grifo nosso)[312].

Nessa perspectiva, a habilidade mágica de Tom é realçada e o modo como conjura seus feitiços comprova que "a linguagem é poesia e cada palavra esconde uma certa carga metafórica disposta a explodir tão logo se toca na *mola secreta*; *a força criadora da palavra reside, porém, no homem que a pronuncia*" (PAZ, 2012, p. 45, grifo nosso). Tal capacidade se revela, por exemplo, no momento em que, após retirar os hobbits dos túmulos, eles são despertados pela voz de Tom: "*Acordem, meus camaradas! Acordem à minha voz!*" (TOLKIEN, 2001, p. 147)[313].

Desse modo, a ancestralidade atribuída a ele em diversos momentos do romance se comprova também por sua expressão musical; o que se nota no momento em que Bombadil está

---

[311] "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito" (BÍBLIA, 1998, p. 1843)

[312] No original: 'You let me out again, Old Man Willow!
I am stiff lying here; they're no sort of pillow,
your hard crooked roots. Drink your river-water!
Go back to sleep again like the River-daughter!'

Willow-man let him loose when he heard him speaking; (TOLKIEN, 2008, p. 134).

[313] No original: *Wake now my merry lads! Wake and hear me calling!* (TOLKIEN, 2004a, p. 143).

conduzindo os hobbits até Bri e, durante o caminho, "cantava a maior parte do tempo, mas quase tudo o que saía de seus lábios não fazia sentido, *ou talvez fosse alguma língua estranha*, desconhecida dos hobbits, *uma língua antiga* cujas palavras eram principalmente de felicidade e prazer" (TOLKIEN, 2001, p. 151, grifo nosso)[314].

> Foram em versos as primeiras histórias, as primeiras arengas, as primeiras leis. Encontrou-se a poesia antes da prosa, e haveria de assim suceder, pois que as paixões falaram antes da razão. A mesma coisa aconteceu com a música. A princípio não houve outra música além da melodia, nem outra melodia que não o som variado da palavra; os acentos formavam o canto, e as quantidades, a medida; falava-se tanto pelos sons e pelo ritmo quanto pelas articulações e pelas vozes (ROUSSEAU, 2008, p. 186-187).

A aparente falta de sentido das canções de Bombadil, muitas vezes incompreensíveis para os hobbits, denota que "ao suspender tal distinção [entre 'sujeito' e 'objeto'], a especulação religiosa liberta-se do poder da palavra e da tutela da linguagem, chegando com isso simplesmente ao transcendente, naquilo que é inacessível tanto à palavra quanto ao conceito" (CASSIRER, 1972, p. 96). Assim, as palavras de Tom transcendem a compreensão dos viajantes e alcançam a essência da natureza disposta ao seu redor, transformada por sua magia. Nessa perspectiva, Bombadil mantém tanto seu nome quanto seu ser — palavra e conceito — inacessíveis, revelando-se, assim, um "espírito [que] vive na palavra da linguagem e na imagem mítica, sem ser dominado por esta nem por aquela" (CASSIRER, 1972, p. 116).

Em diversos momentos, Tom Bombadil demonstra um profundo conhecimento do mundo e da história que nele transcorreu, transcorre e transcorrerá. Seja no diálogo com os hobbits, nos sonhos e visões que eles têm na casa de Tom e em sua presença, ou ainda na voz do próprio narrador, faz-se notável, como já destacado alhures, a sabedoria detida pela personagem, não apenas sobre os seres que a rodeiam, mas também sobre os acontecimentos de Arda. Tal entendimento desvela uma sabedoria única, mesmo quando comparada a outras personagens, como o mago Gandalf, que, no final romance, afirma que se dirigirá à casa de Tom.

[314] No original: sang most of the time, but it was chiefly nonsense, or else perhaps a strange language unknown to the hobbits, an ancient language whose words were mainly those of wonder and delight (TOLKIEN, 2004a, p. 146).

> — Mas, se querem saber, vou tomar outro rumo logo. Vou ter uma longa conversa com Bombadil: uma conversa que nunca tive em todo o meu tempo. Ele é um criador de limo, e eu tenho sido uma pedra fadada a rolar. Mas meus dias de rolar estão terminando, e agora teremos muito a dizer um ao outro (TOLKIEN, 2001, p. 1055)[315].

O desejo do mago de ter com Bombadil uma longa conversa, após o término dos conflitos envolvendo o Um Anel, demonstra a profundidade do conhecimento detido por Tom, que retoma, como apontamos, a origem do universo.

> Vemos, portanto, que a "história" narrada pelo mito constitui um "conhecimento" de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico-religioso. Com efeito, conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade (ELIADE, 2007, p. 18-19).

Ao encontro dessa assertiva, destaca-se que

> O conhecimento da origem e da história exemplar das coisas confere uma espécie de domínio mágico sobre as coisas. [...]. Devemos, contudo, precisar desde já que a memória é considerada o conhecimento por excelência. Aquele que é capaz de *recordar* dispõe de uma força mágico-religiosa ainda mais preciosa do que aquele que *conhece* a origem das coisas (ELIADE, 2007, p. 83, grifo nosso).

Nessa perspectiva, Tom Bombadil não só conhece, como também recorda a origem das coisas, uma vez que esteva lá quando elas vieram a existir, exercendo, assim, seu poder mágico. Ademais, é destacada pela própria personagem, em seus encantamentos e diálogos, a íntima relação que se dá entre seu conhecimento e poder, expresso por sua música e por sua voz; como

[315] No original: 'But if you would know, I am turning aside soon. I am going to have a long talk with Bombadil: such a talk as I have not had in all my time. He is a moss-gatherer, and I have been a stone doomed to rolling. But my rolling days are ending, and now we shall have much to say to one another.' (TOLKIEN, 2004a, p. 996).

ele mesmo apresenta na cena em que os hobbits o questionam se os Cavaleiros Negros os perseguiriam naquela noite.

> — Não, espero que não esta noite — respondeu Tom Bombadil. — Talvez nem amanhã. *Mas não confiem em minhas suposições; pois não posso dizer nada com certeza. Para o leste, meu conhecimento falha. Tom não é o senhor dos Cavaleiros da Terra Negra*, que fica distante de sua região (TOLKIEN, 2001, p. 152, grifo nosso)[316].

Desse modo, ao fazer uso da poesia em seus encantamentos, Tom Bombadil revela conhecer a essência dos seres, o que se percebe pela cena da renomeação dos pôneis, os quais não mais atenderão por outro nome, a não ser aquele dado por ele. Outro trecho que comprova tal assertiva, dá-se no poema em que Bombadil se depara com os lintips. Na cena em questão, as criaturas fogem da personagem — mesmo ela expressando seu desejo de que fiquem —, e Tom declara que esses são os únicos seres que não conversam com ele, assim, não sabe o que fazem ou *são*, comprovando que o domínio mágico e mítico de Bombadil, manifesto em suas poesias, vincula-se diretamente à sua sabedoria.

> Os lintips riram e fugiram,
> mas o velho Tom disse: ‘Gostaria que eles ficassem!
> As únicas coisas que não falam comigo,
> diga o que eles fazem ou o que são.
> Eu me pergunto o que eles têm a esconder?
> Descem da Lua, talvez escorreguem
> Ou venham em um piscar de olhos, eu não sei’:
> Era uma vez e há muito tempo (TOLKIEN, 2014, p. 143, tradução nossa)[317].

[316] No original: ‘No, I hope not tonight,’ answered Tom Bombadil; ‘nor perhaps the next day. But do not trust my guess; for I cannot tell for certain. Out east my knowledge fails. Tom is not master of Riders from the Black Land far beyond his country’ (TOLKIEN, 2004a, p. 147).

[317] No original: The lintips laughed and stole away,
but old Tom said: ‘I wish they’d stay!
The only things that won’t talk to me,
say what they do or what they be.
I wonder what they have got to hide?
Down from the Moon maybe they slide,
or come in star-winks, I don’t know’:
Once upon a time and long ago.

4.7 O Um Anel

Uma das cenas mais intrigantes e misteriosas de todo o universo ficcional tolkieniano é o momento em que Tom Bombadil pede o Anel de Poder a Frodo. Tal pedido ocorre de modo inusitado, quando, junto da lareira, Tom estava contando aos hobbits histórias antigas sobre o Condado, as quais nem eles lembravam bem, em um momento de diversão: "— Mostre-me o precioso Anel! — disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom" (TOLKIEN, 2001, p. 137).

A fala de Bombadil denota conhecimento sobre o objeto, tendo em vista que ele faz uso do adjetivo "precioso", comumente vinculado ao Anel, especialmente pela personagem Gollum, e por todas as outras que o detêm por tempo prolongado. Outrossim, a postura de Frodo diverge da habitual: ele lhe entrega o artefato livremente, sem qualquer espécie de resistência, diferentemente de todas as outras vezes em que tal situação ocorre na narrativa de **O Senhor dos Anéis**. Tal postura merece especial destaque, pois Tom Bombadil permanece — tanto para nós, leitores, críticos ou teóricos, quanto para as personagens — *mistério*. Diante do desconhecido, comumente se tem medo, receio, dúvida, mas, redobrando o enigma em si mesmo, diante do *mistério irredutível* que é Tom Bombadil, Frodo sente a segurança de lhe entregar o Anel. A mesma cena pode, todavia, ser entendida de outro modo. Como já demonstrado em outros momentos, Bombadil consegue, por meio de sua habilidade mágica, enfeitiçar os hobbits, controlando suas ações. Nessa perspectiva, Frodo poderia estar sujeito ao encantamento da personagem, e por isso não oferece resistência em dar-lhe o objeto. Com isso, a habilidade mágica de Tom é realçada, mostrando-se superior à do próprio Sauron, forjador do Anel.

> O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela (TOLKIEN, 2001, p. 137)[318].

[318] No original: It seemed to grow larger as it lay for a moment on his big brownskinned hand. Then suddenly he put it to his eye and laughed. For a second the hobbits had a vision, both comical and alarming, of his bright blue eye gleaming through a circle of gold. Then Tom put the Ring round the end of his little finger and held it up to the candlelight (TOLKIEN, 2004a, p. 132-133).

Ao ter o Um Anel em mãos, Tom muda sua postura: em todos os outros momentos da narrativa, a personagem não parece compreender a seriedade dos fatos que se passam na Terra-média com a insurgência de um novo Senhor do Escuro; agora, porém, o seu riso não é mais puramente cômico, mas também trágico, o que se nota pela visão dos hobbits — "tiveram uma visão, cômica e alarmante" —, bem como na análise cuidadosa que Bombadil faz do objeto, levando-o para perto da luz da vela. Além disso, como destacado alhures, o olhar diretamente voltado para Sauron, assim como o ato de colocar o Anel em seu dedo mínimo, configuram-se como atos de afrontamento explícito ao vilão da obra, e alimenta os hobbits de esperança em sua luta contra o mal. Na cena, a personagem deixa transparecer uma face que não se revelara até então e não mais se revelará: como que em um *flash*, pudéssemos ver uma imagem oculta, dissimulada, de Tom Bombadil, adensando ainda mais o seu *ser-mistério*. Tem-se, por meio desse desvelamento, uma luz que recai sobre um espaço livre, possibilitando-nos contemplar, ainda que brevemente, algo novo, mostrando-nos outra face da personagem. Esse fato, quando analisado segundo a filosofia de Heidegger (1972), demonstra que a casa de Tom pode ser entendida como uma clareira.

> Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.
> Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares — e ele sumiu num clarão. Frodo soltou um grito — e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso (TOLKIEN, 2001, p. 137)[319].

Em posse do Anel, a postura de Tom Bombadil se diferencia de todos os demais seres que tiveram contato direto com o mesmo (Gollum, Bilbo, e mesmo Gandalf e Galadriel, além do próprio Frodo e de Sam): ele não se sente tentado a permanecer com objeto para si. Assim, pode-se concluir que o desejo da personagem em tê-lo consigo por alguns instantes é fruto de sua sede de conhecer — lembrando a relação direta entre seu conhecimento e sua habilidade mágica —, da vontade de mostrar aos hobbits a esperança da vitória sobre o mal, impulsionando-os a realizar os grandes feitos perpetrados por eles. Ademais, a magia de Tom se mostra superior à do Anel e, portanto, à do próprio Sauron, revertendo o poder do objeto: o

[319] No original: For a moment the hobbits noticed nothing strange about this. Then they gasped. There was no sign of Tom disappearing!
Tom laughed again, and then he spun the Ring in the air — and it vanished with a flash. Frodo gave a cry — and Tom leaned forward and handed it back to him with a smile (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

artefato faz com que aqueles que o utilizam desapareçam, mas na cena, é Bombadil que faz o Anel desaparecer da visão dos presentes.

> Sob a influência subvertida do Tolo, o truque do Mago agora é expor o truque; quebrar a ilusão em vez de criar uma, e mostrar a coisa como ela é, não como somos manipulados para vê-la: quando Tom segura o Anel, é seu próprio olho azul-celeste, não o vermelho infernal do Inimigo, que pisca para o Portador do Anel através do vazio que o envolve. Isso é apenas o que todo mágico de palco faria para nos mostrar que não há objetos escondidos, nem espelhos inteligentes, nem fundos falsos e... nenhum Senhor do Anel (JENSEN; MACDONALD, 2006, p. 42, tradução nossa)

Assim, Tom Bombadil quebra a ilusão em torno do Um Anel, mostrando que o objeto não detém uma força imensurável ou invencível, mas revela aquilo que de fato o artefato é, ou seja, sua essência. Isso faz com que o desejo de o possuir não atinja a personagem, pois a tentação é em si uma ilusão. Dessa maneira, a magia de Tom na cena não se mostra apenas na vitória sobre o mal, mas em desvelar a verdadeira essência do Um Anel, pois só aquele que conhece a essência consegue enxergar as coisas como realmente são. Destaca-se ainda, que o termo *Fool* — presente no original e aqui traduzido como Tolo — se associa, enquanto verbo, a enganar, trapacear. Nesse sentido, a misteriosidade de Tom se adensa, uma vez que a magia de um mágico de palco se dá justamente pela ilusão por ele criada. Diante disso, a reação de Bombadil ao ter o objeto de poder, revelando um lado da personagem que se mantivera oculto até então, faz-nos questionar se, de fato, os espelhos são quebrados por ele, ou apenas somos levados a uma nova ilusão.

A superioridade mágica demonstrada por Bombadil se confirma, ainda, no fato de ele ver Frodo, mesmo quando este utiliza o Anel.

> — Você aí! — gritou Tom, olhando em direção a ele com um olhar de quem enxerga perfeitamente: — Ei! Venha, Frodo! Aonde você está indo? O velho Tom Bombadil ainda não está tão cego assim. Tire seu Anel de ouro. Sua mão fica mais bonita sem ele. Volte! Largue dessa brincadeira e sente-se de novo ao meu lado! Temos de conversar um pouco mais, e pensar sobre amanhã

> cedo. Tom precisa lhe ensinar a estrada certa, para evitar que se perca (TOLKIEN, 2001, p. 138)[320].

Notamos, assim, que Tom Bombadil supera a magia do Anel de Poder em três diferentes esferas de significação. A primeira, em relação ao fracasso do Anel em afetar a personagem, o próprio Tolkien explicita de dois modos distintos em suas cartas.

> Mas se você tiver, por assim dizer, feito um "voto de pobreza", renunciado ao controle e contentar-se com as coisas em si mesmas sem referência a si próprio, vigiando, observando e de certa forma conhecendo, então a questão dos bens e males do poder e do controle pode tornar-se totalmente sem sentido para você, e os meios do poder sem valor algum (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 173)[321].

> Além disso, T.B. exibe outra questão em sua atitude para com o Anel e o fracasso deste em afetá-lo. Você deve concentrar-se em alguma parte, provavelmente relativamente pequena, do Mundo (Universo), quer para contar uma história, por mais longa que seja, quer para aprender alguma coisa, por mais fundamental que seja — e, portanto, muito será omitido a partir desse "ponto de vista", distorcido na periferia ou parecerá uma estranheza dissonante. O poder do Anel sobre todos os interessados, mesmo os Magos ou Emissários, não é uma ilusão — mas não é o quadro inteiro, mesmo do então estado e conteúdo dessa parte do Universo (CARPENTER; TOLKIEN, 2006f, p. 186)[322].

---

[320] No original: 'Hey there!' cried Tom, glancing towards him with a most seeing look in his shining eyes. 'Hey! Come Frodo, there! Where be you a-going? Old Tom Bombadil's not as blind as that yet. Take off your golden ring! Your hand's more fair without it. Come back! Leave your game and sit down beside me! We must talk a while more, and think about the morning. Tom must teach the right road, and keep your feet from wandering' (TOLKIEN, 2004a, p. 133).

[321] No original: but if you have, as it were taken 'a vow of poverty', renounced control, and take your delight in things for themselves without reference to yourself, watching, observing, and to some extent knowing, then the question of the rights and wrongs of power and control might become utterly meaningless to you, and the means of power quite valueless (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 196).

[322] No original: Also T.B. exhibits another point in his attitude to the Ring, and its failure to affect him. You must concentrate on some pan, probably relatively small, of the World (Universe), whether to tell a tale, however long, or to learn anything however fundamental – and therefore much will from that 'point of view' be left out, distorted on the circumference, or seem a discordant oddity. The power of the Ring over all concerned, even the Wizards or Emissaries, is not a delusion – but it is not the whole picture, even of the then state and content of that pan of the Universe (CARPENTER; TOLKIEN, 1981f, p. 209).

A priori, a tentação oferecida pelo Anel é vista apenas como uma visão parcial do todo, o que se faz compreender pelo fato de que mesmo aqueles que inicialmente quisessem usá-lo para o bem, não conseguiriam. Isso se comprava pela reação de Gandalf quando, ainda no início do romance, Frodo lhe oferece o Um Anel:

> — Mas tenho tão pouco dessas coisas! Você é sábio e poderoso. Você não ficaria com o Anel?
> — Não! — gritou Gandalf, levantando-se de repente. — Com esse poder eu teria um poder grande e terrível demais. E comigo o Anel ganharia uma força ainda maior e mais fatal. — Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse iluminado por dentro. — Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro. Mas o caminho do Anel até meu coração é através da piedade, piedade pela fraqueza e pelo desejo de ter forças para fazer o bem. Não me tente! Não ouso tomá-lo, nem mesmo para mantê-lo a salvo, sem uso. O desejo de controlá-lo seria grande demais para minhas forças. E vou precisar delas. Grandes perigos me esperam (TOLKIEN, 2001, p. 63)[323].

Tom Bombadil mostra, assim, confirmando os sonhos e as visões dos hobbits em sua presença, sua sabedoria. O passado, o presente e o futuro de Arda se fazem plenamente conhecidos pela personagem que, contemplando a totalidade da história, não se permite tentar por uma visão apenas parcial do universo — deveras pequena para aquele que o conhece desde a origem. A posteriori, o voto de pobreza, a visão pacifista natural e o desejo pelo conhecimento puro, sem dominação, vinculados à personagem — retomando as palavras de Tolkien em sua carta para Naomi Mitchison — inibem seu desejo de posse. Mais uma vez, faz-se ressaltada, agora pelas palavras do autor, a relação entre o conhecimento de Bombadil e seu poder mágico, fundamental também em sua resistência perante o objeto.

Outro aspecto importante na relação entre Tom e o Um Anel é o fato da personagem não desaparecer quando o utiliza. Tal fato, distintivo entre as demais criaturas da mitologia tolkieniana, não pode ser explicado apenas pela renúncia da personagem em possuir não só o Anel, mas toda a natureza presente em seu território. É fato que sua postura enquanto mestre e

[323] No original: ‘But I have so little of any of these things! You are wise and powerful. Will you not take the Ring?’ ‘No!’ cried Gandalf, springing to his feet. ‘With that power I should have power too great and terrible. And over me the Ring would gain a power still greater and more deadly.’ His eyes flashed and his face was lit as by a fire within. ‘Do not tempt me! For I do not wish to become like the Dark Lord himself. Yet the way of the Ring to my heart is by pity, pity for weakness and the desire of strength to do good. Do not tempt me! I dare not take it, not even to keep it safe, unused. The wish to wield it would be too great for my strength. I shall have such need of it. Great perils lie before me.’ (TOLKIEN, 2004a, p. 61).

não dominador constitui-se como aspecto fundamental para a aquisição de conhecimento, bem como no aprofundamento de suas habilidades mágicas. Todavia, colocando o Anel, Tom Bombadil não perde sua integralidade enquanto *ser*, permanecendo visível aos presentes, e reforça sua soberania em relação a si mesmo, mostrando-se superior a Sauron. Por fim, a visão intacta que Bombadil tem de Frodo, mesmo quando este utiliza o artefato mágico, mostra que a força de Tom Bombadil não se resume ao autodomínio, mas ressalta seu poder, sublimando a essência maligna presente no Anel, não mais em si mesmo, mas também no outro.

Assim, diferentemente do que se propõe em diversas leituras desenvolvidas pela crítica e apresentadas no capítulo anterior, Tom Bombadil só pode vencer o Um Anel pelo seu imenso poder e habilidade mágica, fruto de seu conhecimento e maestria diante do mundo criado. Tal cena é chave para compreendermos a complexidade da personagem, como também a mudança proporcionada por ela nos hobbits, que lhes possibilitou, alimentados pela *esperança* e maravilhados diante do conhecimento e da sabedoria de Tom, dar um passo de *fé*, lançando-se ao desconhecido e vencendo o mal.

4.8 Fruta d'Ouro: A Outra Face do Mistério

Deter-nos-emos, agora, em Fruta d'Ouro, que, conforme afirmado outrora, também carrega consigo a essência de ser mistério, sendo necessária uma investigação mais profunda de suas manifestações no *legendarium* de Tolkien. Nesse sentido, lançaremos aqui as bases para um estudo futuro sobre a personagem, analisando-a, nesta tese, em sua relação com Tom Bombadil, nos momentos em que ela aparece ou é mencionada no romance **O Senhor dos Anéis** e nos poemas de **As Aventuras de Tom Bombadil**.

Na cena em que chegam à casa de Tom, os hobbits são recebidos por Fruta d'Ouro, que produz um encantamento por meio de seu canto — feito que se repetirá em outros momentos, conforme se analisará a seguir — semelhante a Bombadil:

> Então uma outra voz limpa, *jovem e velha* como a Primavera, como a *canção da água* que flui *alegre* noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata.
>
> *Entoe-se agora a canção! Vamos juntos cantar*
> *O sol e a estrela, a lua e a neblina, a chuva e nuvem no ar,*
> *A luz sobre o botão, sobre a pluma o orvalho,*

> *O vento no campo aberto, a flor no arbusto vário,*
> *À sombra do lado o junco, nenúfares sobre o Rio:*
> *A bela Filha das Águas e o velho Tom Bombadil.*
>
> Com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta e foram então cobertos por uma luz dourada (TOLKIEN, 2001, p. 126, grifo nosso)[324].

O canto que recepciona os viajantes já se mostra alegre e paradoxal, jovem e velho, misterioso, portanto, além de ser uma canção de *água* que desce como chuva e se vincula à *terra* por sua relação com a Primavera, estação na qual a natureza revela toda a sua beleza. *Fogo* e *ar* também se fazem presentes pela intensa luminosidade da cena — lembrando ser a luz uma manifestação purificada do *fogo* —, pela própria música, sendo esta arquetipicamente relacionada ao *ar*, e pelas nuvens que trazem a chuva. As palavras entoadas por Fruta d'Ouro remetem a um ambiente aquático, húmido e natural, envolto em nenúfares, flores da *água*, associando esse elemento à *terra*. Ademais, a personagem se apresenta como Filha do Rio, *River-daughter*, o que ocorre de modo análogo nas duas versões do poema "As Aventuras de Tom Bombadil" — Mulher do Rio, *Riverwoman*, na versão de 1934; e filha da Mulher do Rio, *River-woman's daughter*, na versão de 1962 —, reforçando a conexão da personagem com a *água*. A música, a alegria, o mistério, a luminosidade e a conexão com os elementos da natureza, particularmente a *água* e a *terra*, revelam-se características constitutivas de Fruta d'Ouro, que, por meio de seu canto, cobrirá e envolverá os hobbits, encantando-os em seus sentidos e sensações durante a permanência dos mesmos na casa de Tom Bombadil.

Ao entrarem, notam que

> Numa cadeira, do lado oposto à porta de entrada, estava uma mulher. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre seus ombros; o vestido era verde, verde como juncos novos, salpicado de prata como gotas de orvalho; o cinto

---

[324] No original: Then another clear voice, as young and as ancient as Spring, like the song of a glad water flowing down into the night from a bright morning in the hills, came falling like silver to meet them.

Now let the song begin! Let us sing together
Of sun, stars, moon and mist, rain and cloudy weather,
Light on the budding leaf, dew on the feather,
Wind on the open hill, bells on the heather,
Reeds by the shady pool, lilies on the water:
Old Tom Bombadil and the River-daughter!

And with that song the hobbits stood upon the threshold, and a golden light was all about them. (TOLKIEN, 2004a, p. 122).

> de ouro parecia uma corrente de lírios-roxos, presa por botões azuis de miosótis. Rodeando-lhe os pés, em grandes vasilhas de cerâmica verde e azul, boiavam nenúfares brancos, e ela parecia estar num trono no centro de um lago (TOLKIEN, 2001, p. 127)[325].

A descrição de Fruta d'Ouro e seu vestido reforçam sua luminosidade e conexão com os elementos da natureza: cabelos loiros e vestido verde, com adereços prateados, dourados e azuis compostos de flores; além disso, está rodeada por vasilhas azuis e verdes que contém água, na qual flutuam nenúfares-brancos.

> — Entrem, caros convidados! — disse ela. Ao ouvi-la falar, os hobbits reconheceram a voz cristalina que tinham ouvido cantando. Deram alguns passos tímidos adiante, e começaram a fazer reverências, sentindo-se estranhamente surpresos e desajeitados, como pessoas que, batendo à porta de uma choupana para pedir um copo de água, tivessem sido atendidas por uma jovem e bela rainha-élfica *toda coberta de flores*. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, ela pulou por sobre os nenúfares e correu na direção deles, rindo; *enquanto corria, seu vestido fazia um ruído suave, como o do vento agitando as flores à margem de um rio*.
>
> — Venham, meus queridos! — disse ela, pegando Frodo pela mão. — Vamos rir e nos divertir! Sou Fruta d'Ouro, *Filha do Rio*. — Então passou ligeiramente por eles para fechar a porta, dando depois as costas para a entrada, com os braços brancos abertos. — *Vamos trancar a noite lá fora*, pois talvez ainda estejam com medo, da neblina, das sombras das árvores, das águas profundas e das coisas hostis. *Nada temam! Pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil* (TOLKIEN, 2001, p. 127, grifo nosso)[326].

---

[325] No original: In a chair, at the far side of the room facing the outer door, sat a woman. Her long yellow hair rippled down her shoulders; her gown was green, green as young reeds, shot with silver like beads of dew; and her belt was of gold, shaped like a chain of flag-lilies set with the pale-blue eyes of forget-me-nots. About her feet in wide vessels of green and brown earthenware, white water-lilies were floating, so that she seemed to be enthroned in the midst of a pool (TOLKIEN, 2004a, p. 123).

[326] No original: 'Enter, good guests!' she said, and as she spoke they knew that it was her clear voice they had heard singing. They came a few timid steps further into the room, and began to bow low, feeling strangely surprised and awkward, like folk that, knocking at a cottage door to beg for a drink of water, have been answered by a fair young elf-queen clad in living flowers. But before they could say anything, she sprang lightly up and over the lily-bowls, and ran laughing towards them; and as she ran her gown rustled softly like the wind in the flowering borders of a river.

'Come dear folk!' she said, taking Frodo by the hand. 'Laugh and be merry! I am Goldberry, daughter of the River.' Then lightly she passed them and closing the door she turned her back to it, with her white arms spread out across it. 'Let us shut out the night!' she said. 'For you are still afraid, perhaps, of mist and tree-shadows and deep

O caminhar de Fruta d'Ouro confirma sua conexão com o *ar* e a *água*, produzindo sons semelhantes ao de flores agitadas ao largo de um rio, e sua fala afirma a segurança existente na casa de Tom Bombadil, onde nenhum mal poderia atacá-los e até mesmo a noite seria posta do lado de fora. Os hobbits ficam deslumbrados e Frodo sente seu

> coração se encher de uma *alegria* que não conseguia entender. Estava maravilhado como já tinha ficado em outras ocasiões, ao ouvir belas vozes élficas; mas o *encanto que agora tomava conta dele era diferente*: menos agudo e grandioso, mas *mais profundo* e próximo dos corações mortais, maravilhoso, mas não estranho — Bela senhora Fruta d'Ouro — disse ele de novo. — Agora a alegria escondida nas canções que escutamos se revela diante de mim.
>
> *Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio!*
> *Junco na fonte viva, linda Filha do Rio!*
> *Na primavera e verão, na primavera prolongada!*
> *O canto da cascata, das folhas a risada!*
>
> De repente parou, gaguejando, tomado pela surpresa de se ver dizendo essas coisas. Mas Fruta d'Ouro riu. (TOLKIEN, 2001, p. 127, grifo nosso)[327].

Diante da cena, reafirma-se o encanto de Fruta d'Ouro sobre os hobbits: mesmo após quase terem perdido suas vidas, sentem-se agora maravilhados e alegres, seguros na casa de Tom, particularmente Frodo, que, espontaneamente, começa a cantar. Nesse sentido, compreende-se que enquanto a magia de Bombadil tem o poder de alterar a matéria e a realidade física na qual a Terra-média está inserida, Fruta d'Ouro age de modo a manipular os sentimentos

---

water, and untame things. Fear nothing! For tonight you are under the roof of Tom Bombadil.' (TOLKIEN, 2004a, p. 123).

[327] No original: heart moved with a joy that he did not understand. He stood as he had at times stood enchanted by fair elven-voices; but the spell that was now laid upon him was different: less keen and lofty was the delight, but deeper and nearer to mortal heart; marvellous and yet not strange. 'Fair lady Goldberry!' he said again. 'Now the joy that was hidden in the songs we heard is made plain to me.

O slender as a willow-wand! O clearer than clear water!
O reed by the living pool! Fair River-daughter!
O spring-time and summer-time, and spring again after!
O wind on the waterfall, and the leaves' laughter!'

Suddenly he stopped and stammered, overcome with surprise to hear himself saying such things. But Goldberry laughed. (TOLKIEN, 2004a, p. 123).

e as sensações das personagens, trazendo-lhes alegria e segurança, mesmo que a casa estivesse entre espaços tão perigosos quanto a Floresta Velha e as colinas nas quais habitavam as Criaturas Tumulares[328]. Essa mesma segurança é reafirmada por Fruta d'Ouro quando se despede dos hobbits na primeira noite:

> — *Fiquem em paz agora* — disse ela — até que amanheça! *Não tenham medo dos ruídos noturnos! Pois nada atravessa portas ou janelas aqui, a não ser o luar e a luz das estrelas, e o vento que sopra da colina*. Boa noite! — Enquanto atravessava a sala, *seu vestido brilhava e farfalhava. O som de seus passos era como o de um riacho caindo suavemente colina abaixo, sobre pedras frescas na quietude da noite* (TOLKIEN, 2001, p. 129-130, grifo nosso)[329].

Quando, na manhã seguinte, os hobbits estão terminando seu desjejum, notam que começara a chover, de modo que

> *Atrás dessa cortina de chuva, a Floresta ficava completamente oculta*.
> Ao olharem pela janela, os hobbits ouviram descendo pelo ar, *como se acompanhasse a chuva vinda do céu, a voz cristalina de Fruta d'Ouro, cantando no pavimento acima deles. Quase não conseguiam entender as palavras*, mas parecia claro que era uma canção de chuva, doce como o cair da água sobre topos de colinas secas; a canção contava a história de um rio, desde que minava nas montanhas até chegar ao Mar bem abaixo. *Os hobbits escutavam deliciados; Frodo sentia alegria no coração*, agradecendo ao tempo camarada que atrasava sua partida. A ideia de partir tinha-lhe pesado no coração desde a hora que acordara, mas agora supunha que não iriam naquele dia.
> O vento alto se acalmou no oeste, e nuvens mais espessas e úmidas se formaram, para derramar sua carga de chuva nas cabeças calvas das Colinas. *Não se via nada em volta da casa a não ser água caindo*. [...].

[328] Nessa perspectiva, nota-se a semelhança entre Fruta d'Ouro e Galadriel enquanto forças de proteção nos respectivos lugares em que habitam. Outra correspondência entre as personagens pode ser ainda percebida nas visões aquáticas que produzem nos hobbits — particularmente em Frodo, no caso de Galadriel. Tal análise se revela extremamente profícua, excedendo os limites do presente texto e desviando o foco da personagem Tom Bombadil; todavia, a destacamos aqui, deixando-a para um momento mais oportuno.

[329] No original: 'Have peace now,' she said, 'until the morning! Heed no nightly noises! For nothing passes door and window here save moonlight and starlight and the wind off the hill-top. Good night!' She passed out of the room with a glimmer and a rustle. The sound of her footsteps was like a stream falling gently away downhill over cool stones in the quiet of night (TOLKIEN, 2004a, p. 125).

> — *Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo* — disse [Tom]. — *O dia de limpeza do outono*. Molhado demais para hobbits — que eles descansem enquanto podem. *É um bom dia para histórias longas, e para perguntas e respostas, por isso Tom vai começar a conversa* (TOLKIEN, 2001, p. 133-134, grifo nosso)[330].

A chuva produzida pelo canto de Fruta d'Ouro envolve toda a casa, revelando que a personagem é uma força mantenedora daquele espaço e reforçando sua conexão com os elementos *água* e *terra*, sendo esta última lavada, purificada, no dia da "limpeza do outono". Esse mesmo efeito de purificação se nota na mudança dos hobbits após a passagem pela casa de Tom Bombadil, sendo eles também agora batizados, ou seja, preparados para a missão que os aguardava. Ademais, a espessa chuva reforça o fato de que as terras de Tom estão separadas do mundo no qual se insere, pois, envoltos por essa cortina de *água*, não podiam ver nada além do próprio local onde estavam, evidenciando que a sensação de estarem em um lugar à parte é produzida por Fruta d'Ouro. Desse modo, confirma-se sua ação sobre as demais personagens, produzindo nelas alegria — ainda que não pudessem compreender as palavras pronunciadas em seu encantamento, o mesmo que ocorrerá quando seguirem Tom até Bri — e permitindo um diálogo mais intenso com Bombadil, bem como, consequentemente, um mergulho mais profundo no *mistério*.

Passada a chuva, os hobbits realizam mais uma refeição, agora na companhia de seus anfitriões, encantados pela presença de Fruta d'Ouro que, após a ceia, canta várias canções, de modo que eles vissem "em suas mentes *lagos e águas mais amplos do que jamais tinham visto*, e olhando para esses lagos viam o céu sob seus pés, e as estrelas como joias nas profundezas" (TOLKIEN, 2001, p. 136-137)[331]. Assim, ela lhes dá boa noite, deixando-os perto da lareira.

---

[330] No original: Behind its deep curtain the Forest was completely veiled.
As they looked out of the window there came falling gently as if it was flowing down the rain out of the sky, the clear voice of Goldberry singing up above them. They could hear few words, but it seemed plain to them that the song was a rain-song, as sweet as showers on dry hills, that told the tale of a river from the spring in the highlands to the Sea far below. The hobbits listened with delight; and Frodo was glad in his heart, and blessed the kindly weather, because it delayed them from departing. The thought of going had been heavy upon him from the moment he awoke; but he guessed now that they would not go further that day.
The upper wind settled in the West and deeper and wetter clouds rolled up to spill their laden rain on the bare heads of the Downs. Nothing could be seen all round the house but falling water. […].
'This is Goldberry's washing day,' he said, 'and her autumncleaning. Too wet for hobbit-folk – let them rest while they are able! It's a good day for long tales, for questions and for answers, so Tom will start the talking.' (TOLKIEN, 2004a, p. 129).

[331] No original: in their minds pools and waters wider than any they had known, and looking into them they saw the sky below them and the stars like jewels in the depths (TOLKIEN, 2004a, p. 132).

Ao partirem da casa de Tom, após poucos passos, Frodo se lembra que não se despediu de Fruta d'Ouro, perturbando-se por esse fato;

> mas naquele momento um chamado, uma voz cristalina, desceu ondulando colina abaixo. Ali, no topo, estava ela, acenando para eles: os cabelos esvoaçavam soltos, e, conforme captavam a luz do sol, brilhavam e reluziam. Uma luz como o brilho da água sobre a grama orvalhada vinha de seus pés, enquanto dançava (TOLKIEN, 2001, p. 139)[332].

Fruta d'Ouro os convida a olhar toda aquela região, agora iluminada, e se despede, incentivando-os a continuar seus caminhos:

> — Apressem-se agora, belos convidados! — disse ela. — *E continuem firmes em seus propósitos*! Rumo ao norte com o vento no olho esquerdo, e sorte em seus passos! Apressem-se enquanto o sol brilha. — E para Frodo, ela disse: — Adeus, amigo-dos-elfos, foi um encontro feliz! (TOLKIEN, 2001, p. 140)[333].

Seguindo sua jornada, os hobbits olham mais uma vez para trás e veem Fruta d'Ouro acenando a eles pela última vez. Ela será referida por Tom Bombadil ainda mais três vezes após salvar os hobbits das Criaturas Tumulares: a primeira quando, em meio aos tesouros recuperados dos túmulos, Tom escolhe um broche para lhe presentear, como que tocado por alguma lembrança; e duas vezes refirmando a necessidade de voltar para sua casa, pois ela o estava esperando — o que reforça a conexão entre ambos e com sua *terra*.

No poema "As Aventuras de Tom Bombadil" confirma-se o controle que Fruta d'Ouro exerce sobre as demais personagens ao receber a característica de uma ninfa, puxando Tom para dentro da água:

> Sua barba ondulava e a ponta flutuava na corrente;
> um dia apareceu Fruta d'Ouro, a filha da Mulher do Rio;

---

[332] No original: but at that moment a clear call came rippling down. There on the hill-brow she stood beckoning to them: her hair was flying loose, and as it caught the sun it shone and shimmered. A light like the glint of water on dewy grass flashed from under her feet as she danced (TOLKIEN, 2004a, p. 135).

[333] No original: 'Speed now, fair guests!' she said. 'And hold to your purpose! North with the wind in the left eye and a blessing on your footsteps! Make haste while the Sun shines!' And to Frodo she said: 'Farewell, Elffriend, it was a merry meeting!' (TOLKIEN, 2004a, p. 136).

> e puxou Tom pela barba. Ele caiu dentro da vertente,
> para baixo dos aguapés, engolindo água e soltando bolhas de ar (TOLKIEN, 2008, p. 5)[334]

Nesse sentido, é fundamental destacar que "as ninfas são os arautos de uma forma de conhecimento, talvez a mais antiga e, com certeza, a mais perigosa: a possessão" (CALASSO, 2004, p. 27). Assim, fazendo uso desse artifício, Fruta d'Ouro controla os sentidos das personagens que estão sob efeito de seu encantamento, produzindo nos hobbits alegria, segurança e coragem, tanto no interior da casa de Tom quanto para que eles sigam seus caminhos. Ainda no que diz respeito ao trecho do poema citado, nota-se que, pelo fato de Bombadil ter caído na água ao ser puxado por Fruta d'Ouro, ele adentra seu mundo aquático, cedendo ao seu encanto. Mesmo que resistindo num primeiro momento e a mandando ir dormir, passado aquele dia, ele volta ao rio e a toma por sua esposa: "O velho Tom Bombadil teve um alegre casamento" (TOLKIEN, 2008, p. 12)[335]. Assim, percebe-se que Tom Bombadil e Fruta d'Ouro, livremente, deixam-se encantar um pelo outro, possuindo-se mutuamente: Tom casa-se com ela, entregando-se ao seu feitiço; Fruta d'Ouro, por sua vez, abandona seu mundo em meio às águas e vai morar com ele. Tal fato se torna ainda mais significativo quando retomada a resistência mágica de Bombadil em possuir o Um Anel, o que assevera o fato de que a doação de ambos é voluntária. Desse modo, evidencia-se que não há nenhuma imposição ou necessidade para que essas personagens se unam, mas há, decerto, uma perfeita complementariedade e um equilíbrio pleno entre duas forças extremamente poderosas, que juntas são ainda mais fortes do que separadas.

Logo, os mistérios que outrora eram distintos se entrelaçam, formando um só. Destarte, tal conexão se dá tendo em vista a complementariedade harmônica, absoluta e ideal entre as personagens, não apenas no plano marital, com o princípio do masculino e do feminino, mas também em suas relações com os quatro elementos da natureza: o *ar* e o *fogo*, representados e intimamente vinculados a Bombadil; a *água*, a Fruta d'Ouro; e a *terra*, à natureza e ao espaço no qual habitam, como elemento de união entre ambos. Portanto, temos no relacionamento entre essas duas personagens os mesmos princípios da criação de Arda, e de qualquer cosmogonia: o *ar*, o *fogo*, a *água*, e a *terra*; luz e trevas, no modo como os elementos são utilizados para a

[334] No original: There his beard dangled long down into the water:
up came Goldberry, the River-woman's daughter;
pulled Tom's hanging hair. In he went a-wallowing
under the water-lilies, bubbling and a-swallowing (TOLKIEN, 2008, p. 133).
[335] No original: Old Tom Bombadil had a merry wedding (TOLKIEN, 2014, p. 19).

composição desse novo universo; e o princípio da junção, o amor. Ademais, percebe-se o modo como os encantamentos musicais das personagens agem sob o mundo criado: enquanto Bombadil altera e controla a matéria — salvando os hobbits do Velho Salgueiro e das Criaturas Tumulares —, Fruta d'Ouro se revela responsável por manipular os sentidos e as sensações, dando-lhes segurança. Por fim, realça-se ainda a luminosidade sempre presente nas personagens e no espaço no qual habitam, luz essa que vem de Tom e se irradia em Fruta d'Ouro, como os raios de sol nas gotículas de água.

4.9 Um Fenômeno da Mitologia Tolkieniana

Ao desenvolver seu universo ficcional, Tolkien cria uma mitologia constituída por espaços e criaturas extremamente detalhados. Tom Bombadil, como pertencente ao mesmo universo, também se constrói em torno de um complexo jogo de imagens e características, distinguindo-se, no entanto, das demais, por seu caráter multívoco, e, ao mesmo tempo, oculto, misterioso. Diante disso, na tentativa de desvendar ao menos parte do enigma, caminhamos no sentido de "desconstruir o que é óbvio para chegar mais perto [, sabendo que não se chegará completamente,] à essência do ser" (HEIDEGGER, 1990, p. 30). Nesse sentido, compreendemos que "ao que uma coisa é como é, chamamos a sua essência" (HEIDEGGER, 1990, p. 11). Dessa forma, na busca pela essência da personagem, perguntamo-nos:

> O que é na verdade a coisa, na medida em que é uma coisa? Quando assim perguntamos, queremos conhecer o ser-coisa (Dingsein), a coisadade da coisa (die Dingheit). Importa experienciar o caráter coisal (das Dinghaft) da coisa. Para tanto, temos de conhecer o âmbito a que pertencem os entes a que, desde há muito, chamamos com o nome de coisa. (HEIDEGGER, 1990, p. 14).

Aplicando tal princípio, buscamos entender o que faz Tom Bombadil *ser* Tom Bombadil. Para tal, analisamos suas múltiplas e diversas manifestações, o que nos conduziu a uma questão: "o que significa ser Tom Bombadil?". Segundo as palavras do próprio Tolkien, ser Tom Bombadil é ser enigma, não uma simples charada, mas um *mistério irredutível*:

> Há certamente um conflito entre a técnica "literária" e o fascínio de elaborar em detalhes uma Era mítica imaginária (mítica, não alegórica: minha mente não funciona alegoricamente). Como uma história, creio que seja bom que

> existam várias coisas não-explicadas (especialmente se de fato existir uma explicação); e talvez, desse ponto de vista, eu tenha errado em tentar explicar demais e em fornecer história de tempos passados em demasia. Muitos leitores ficaram presos no *Conselho de Elrond*, por exemplo. E mesmo em uma Era mítica deve haver alguns enigmas, como sempre há. Tom Bombadil é um (intencionalmente) (CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169, grifo do autor)[336].

Resgatando as passagens nas quais Tom aparece ou é mencionado na literatura tolkieniana, ressalta-se a multiplicidade de manifestações que o constitui. Sua longevidade, sua relação com o Um Anel, seu conhecimento e poder expressos por suas falas, sempre poéticas e musicais, impedem de chegar à totalidade de sua essência. Assim, Bombadil se revela múltiplo, uma vez que é composto pela união de diversas imagens, mas, ao mesmo tempo, uno, pois todas essas imagens estão em torno da mesma personagem. Desse modo, Tom não é uma simples charada, pois "a ideia da charada é a restrição descritiva: o assunto não é descrito, mas circunscrito, um círculo de palavras desenhadas em volta dele" (FREY, 2014, p. 461); o que ocorre nesse caso é justamente o oposto: há inúmeras imagens descritas, mas elas não se unem de modo a constituir uma integralidade fechada, evidenciando que, pela permanência do mistério, sempre há algo ainda oculto.

Outro reflexo de sua multiplicidade são seus muitos nomes: "Nesse tempo, tinha outro nome. Chamavam-no de Iarwain Ben-adar, o mais antigo e sem pai. Mas outros nomes lhe foram dados por vários povos: Forn pelos anões, Orald pelos homens do Norte, e outros nomes além desses" (TOLKIEN, 2001, p. 276). Dentro da mitologia de Tolkien, cada nome porta consigo um significado específico que nos conduz à essência do ser nomeado. Assim, os nomes atribuídos a Tom Bombadil — tantos esses aqui presentes quanto os demais já apresentados ao longo desta tese — destacam a longevidade da personagem; ademais, seu vínculo com a natureza, seu caráter "fanfarrão", e sua força e poder também estão presentes em alguns de seus nomes. Nessa perspectiva, ressalta-se o significado que envolve seu nome élfico — "mais antigo e *sem pai*" — que, quando somada a fala de Glorfindel no Conselho de Elrond — "vindo

[336] No original: There is of course a clash between 'literary' technique, and the fascination of elaborating in detail an imaginary mythical Age (mythical, not allegorical: my mind does not work allegorically). As a story, I think it is good that there should be a lot of things unexplained (especially if an explanation actually exists); and I have perhaps from this point of view erred in trying to explain too much, and give too much past history. Many readers have, for instance, rather stuck at the *Council of Elrond.* And even in a mythical Age there must be some enigmas, as there always are. Tom Bombadil is one (intentionally) (CARPENTER; TOLKIEN, 1981e, p. 193).

a ser o Último, da mesma forma como foi o Primeiro" (TOLKIEN, 2001, p. 276)[337] —, adensa seu aspecto divino, conferindo-lhe atributos característicos de um ser não originado, mas *original*. Além disso, os muitos nomes de Tom Bombadil, ressaltando sua antiguidade, não correspondem ao seu *verdadeiro nome*, permanecendo este oculto às personagens e a nós, leitores, assegurando o seu ser-mestre, na medida em que não tem seu nome conhecido e, portanto, não pode ser dominado (cf. CASSIRER, 1972 e ELIADE, 2007).

Nesse sentido, diante da correspondência entre nome e essência, o fato do verdadeiro nome de Tom permanecer oculto em toda a mitologia de Tolkien faz com que também não seja possível acessar sua essência, impossibilitando de contemplar a personagem em sua totalidade, tendo em vista "a íntima relação entre o nome e a coisa, e sua latente identidade" (CASSIRER, 1972, p. 17). Portanto, compreendemos que saber o *verdadeiro nome* de Tom Bombadil corresponderia a conhecê-lo em sua plenitude: "O nome pode desenvolver-se para além deste significado mais ou menos acessório da posse pessoal, na medida em que é visto como um ser substancial, como parte integrante da pessoa. Enquanto tal, pertence à mesma categoria que seu corpo ou sua alma" (CASSIRER, 1972, p. 68). Em complementariedade, os múltiplos nomes de Tom reverberam a multiplicidade de imagens que o compõem, reforçando seu caráter onírico, na medida em que atenuam sua individualidade:

> Noutro sentido, também, a unidade e unicidade do nome não compõem somente o signo da unidade e unicidade da pessoa, mas a constituem realmente, pois o nome é que, antes de mais nada, faz do homem um indivíduo. Onde não existe esta distinção verbal, os limites da individualidade começam a apagar-se (CASSIRER, 1972, p. 69).

O desconhecimento do *nome verdadeiro* de Tom Bombadil pode ser explicado por sua longevidade, que testemunha o aparecimento de todos os demais seres, mas mantém sua origem oculta. Nesse sentido, tem-se a compreensão que, de fato, Bombadil é o primeiro ser a habitar Arda ainda em formação, retomando as palavras do Gênesis em que o Espírito de Deus pairava sobre as águas do mundo recém-criado. Ao encontro dessa perspectiva, nenhuma criatura, nem mesmo os Valar, presenciaram sua origem, e esta não é narrada ou mencionada em nenhuma obra do autor. Portanto, tanto a origem ficcional de Tom quanto o primeiro escrito referente a ele permanecem um mistério. Por não conhecermos a origem da personagem, acrescenta-se um novo e profundo aspecto na manutenção de seu *mistério*: não se sabendo a origem, a essência

[337] No original: Last as he was First (TOLKIEN, 2004a, p. 266).

também se torna inacessível, uma vez que "o pensamento sistemático esforça-se por identificar e compreender o 'princípio absoluto' de que falam as cosmogonias, em desvendar o mistério da Criação do Mundo, em suma, o mistério do aparecimento do Ser" (ELIADE, 2007, p. 101). Logo, podemos afirmar que a origem de Tom reside na *não-origem*, pois esta não se faz revelada ou conhecida, permanecendo oculta.

Isso nos mostra que o *ser-mistério* de Tom Bombadil reside no fato de que nós conseguimos acessá-lo apenas parcialmente, faltando-nos sempre ao menos uma peça para compor sua imagem completa. Nessa perspectiva, cada resposta à pergunta "*quem é Tom Bombadil?*", ou referência à personagem envolve-nos em um jogo de revelação e ocultamento: ainda que mais informações sejam acrescentadas, sempre nos falta algo para contemplarmos o todo. Desse modo, entendendo a verdade como desocultação, Tom, enquanto mistério, não terá sua verdade revelada. Nesse sentido, por não ser possível fechar uma resposta, quiçá uma teoria unívoca, sobre a personagem, ela se caracteriza como um *fenômeno* na mitologia tolkieniana, já que não pode ser plenamente acessível, permanecendo oculta; em oposição à essência, que se faz acessível àquele que a busca. Compreende-se, por fim, que para salvaguardar a personagem Tom Bombadil, precisamos deixá-lo ser o que é: *mistério*. Destarte, a presente tese se constitui não na busca por uma resposta para o enigma proposto, mas nossa "tarefa consiste em *ver* o enigma" (HEIDEGGER, 1990, p. 65, grifo nosso), não buscando desvelar a essência do ente, mas provando que sua essência é *indesvelável*.

5. O TOM DO MISTÉRIO (OU, À GUISA DE UMA CONCLUSÃO)

Chegamos, agora, a um ponto de nossa jornada no qual reverbera a mesma pergunta feita por Frodo e que ressoou em nossos corações ao longo de toda a tese: "*Quem é Tom Bombadil?*": Tom Bombadil é... *mistério em si mesmo*, é manifestação do mistério, aquele mistério presente em toda mitologia, em toda religião: o *mistério irredutível*. Estando disposto como mistério, Tom nunca será plenamente revelado, pois sua essência é permanecer *indesvelável*. Nesse sentido, não procuramos solucionar o enigma que é a própria personagem, mas contemplá-la e circunscrevê-la enquanto tal, evidenciando que os aspectos que a compõem e podem ser compreendidos e analisados não transparecem quem é Tom Bombadil, mas o fazem ser *quem é*, ou seja, constroem o mistério, respeitando sua essência, mantendo-o oculto, decifrável, porém *indecidível*.

Os elementos da natureza — *ar* (sonho), *fogo* (espírito), *terra* (matéria) e *água* (sentimento) — remetem à origem cosmogônica, às bases sobre as quais o universo é construído: "Sonha-se diante do fogo, e a imaginação descobre que o fogo é o motor de um mundo. Sonha-se diante de uma fonte, e a imaginação descobre que a água é o sangue da terra, que a terra tem uma profundidade viva" (BACHELARD, 1988, p. 169). No *legendarium* tolkieniano, dois são os elementos primordialmente usados na criação e especialmente vinculados a Bombadil: o *ar*, através da Música regida por Eru Ilúvatar e produzida pelos Ainur, e o *fogo*, presente na Chama Imperecível enviada ao mundo recém-criado. Por estar vinculado aos elementos, e em particular ao *ar* e ao *fogo*, Tom alude à origem, o que se confirma por sua longevidade destacada ao longo de vários trechos de **O Senhor dos Anéis**, sendo ele o primeiro a estar em Arda, constituindo-se como um ser único, original e divino. Todavia, por esses mesmos atributos, a origem da personagem se mantém desconhecida, configurando-o como *não-origem*, o que impossibilita acessar sua essência. Essa relação entre origem e sabedoria se confirma na magia de Tom, expressa por meio de seu canto — às vezes pronunciado em uma linguagem incompreensível para os hobbits —, que revela um conhecimento profundo dos seres e do espaço ao seu entorno. Portanto, Bombadil conhece a essência e, por consequência, a origem de todas as coisas, por ser o primeiro a habitar o mundo criado ainda disforme, o que se percebe pela cena na qual ele dá aos pôneis dos hobbits seu verdadeiro nome, conservando o seu próprio e *verdadeiro nome* oculto a todos. Desse modo, ocultando seu nome, seu *ser* também permanece oculto:

> O conteúdo da percepção não imerge de algum modo na palavra, mas sim dela emerge. Aquilo que alguma vez se fixou numa palavra ou nome, daí por diante nunca mais aparecerá apenas como uma realidade, mas como a realidade. Desaparece a tensão entre o mero "signo" e o "designado"; em lugar de uma "expressão" mais ou menos adequada, apresenta-se uma relação de identidade, de completa coincidência entre a "imagem" e a "coisa", entre o nome e o objeto (CASSIRER, 1972, p. 76).

Analisando os elementos individualmente, cada um a seu modo, também contribuem para que o mistério permaneça. O *ar*, presente especialmente nas músicas produzidas constantemente por Tom, proporciona à personagem e à sua casa um ambiente onírico, aéreo e sonhador, deslocando as demais personagens que ali adentram para além da dimensão física na qual se encontravam, o que se confirma pelos sonhos dos hobbits — especialmente os sonhos proféticos de Frodo. O *fogo*, manifestado na poesia e na luminosidade, detém em si mesmo a essência de ser mistério, na medida em que não é facilmente definido, e, ainda que não sendo um fenômeno físico, tem o poder de transformar a matéria. Já a *terra*, expressa pelo poder de Bombadil sobre a natureza e os seres ao seu redor, bem como pelo espaço no qual reside, é convidativa ao toque e à investigação, oferecendo, concomitantemente, a maior resistência entre os elementos. Por fim, a *água*, encontrada no rio no qual os hobbits quase se afogam e que envolve toda a residência, separando-a de seu redor no segundo dia em que os viajantes passam na casa de Tom, não possui uma forma predefinida e passível de ser fixamente modelada em seu estado natural. Ademais, a relação de complementariedade entre Tom Bombadil e Fruta d'Ouro também é essencial para a construção do mistério, uma vez que, ambos, individualmente e de modo complementar, possuem uma íntima relação com os elementos da natureza e mantém em vórtice o enigma, permanecendo oculta sua identidade, origem e, consequentemente, essência. Além disso, o modo como atuam magicamente, transformando a realidade física e psíquica das personagens, é fundamental para salvaguardar os hobbits e encorajá-los em sua difícil jornada.

Outrossim, ao mesmo tempo em que se manifesta de maneira sempre alegre e, de certo modo, boba e inocente, Tom Bombadil carrega consigo, paradoxalmente, um conhecimento e uma sabedoria profunda que revelam uma outra face da personagem, mostrada, ainda que por breve instante, na cena em que pega o Um Anel em suas mãos. Tom não apenas resiste à tentação de possuir o objeto, mas supera-o, podendo ser visto pelos hobbits quando o usa, e vendo Frodo quando o mesmo, para testar se aquele era de fato o Anel, o coloca. Desse modo,

o mistério se perpetua como uma fresta que nunca se fecha, sempre aberta à investigação. Nesse sentido, quando Tolkien insere Tom Bombadil em seu universo ficcional enquanto *enigma* intencionalmente criado (cf. CARPENTER; TOLKIEN, 2006e, p. 169), podemos concluir que o próprio autor queria, talvez, dar uma solução a ele; mas aquilo que incialmente foi pensando como uma charada possível de ser solucionada, tornou-se maior que o escritor, transmutando-se em mistério. Enquanto *mistério em essência*, entende-se que Tom não pode ser visto em sua totalidade, mantendo seu *ser* oculto, o que implica no fato de que não há uma resposta unívoca à pergunta *quem ele é*, não sendo possível compreendê-lo em sua plenitude. Nesse sentido, superada a investigação sobre a essência de Bombadil, a pergunta que desponta agora é: *Por que Tom Bombadil está disposto enquanto mistério irredutível no universo ficcional tolkieniano?*

Quando os hobbits se encontram com Tom ainda no início de sua jornada, eles acabaram de se deslocar para além dos limites do Condado e, pela primeira vez, suas vidas foram colocadas em risco real e eminente. Salvos pela misteriosa personagem e adentrando sua casa e o ambiente no qual habita, os viajantes são inseridos no mistério, conhecendo Fruta d'Ouro, também misteriosa em sua essência. Assim, diante de Bombadil, três são os caminhos possíveis para serem percorridos: poderiam voltar ao Condado, negligenciando sua missão e abandonando toda a Terra-média à sua própria sorte, o que implicaria também em negar a própria personagem, tendo em vista as visões e o encorajamento que ele lhes proporcionara; poderiam, ainda, permanecer junto de Tom, buscando compreender sua essência e desvelá-la por completo, o que Frodo, parcialmente, busca perguntando a Bombadil e a Fruta d'Ouro sobre *quem ele é*; poderiam, por fim, seguir o caminho que lhes fora designado.

É por crer no *mistério* enquanto *mistério* que os hobbits vivem duas experiências fundamentais e necessárias para a sequência de sua jornada, possibilitando-lhes decidir por continuar seu percurso. A primeira é a *esperança*, de sentir segurança mesmo em meio às trevas; de que será possível contemplar um mundo novo, não atormentado pelo surgimento de um Senhor do Escuro; de que a força maligna emanada do Um Anel pode ser vencida e, portanto, o próprio mal pode ser derrotado. Essa esperança surge do encontro com o mistério, com o fantástico[338]: "A função fantástica é, assim, função de Esperança" (DURAND, 2012, p. 413).

Já a segunda, é a experiência da *fé*, entendida enquanto força de ação necessária diante de contrariedades, empecilhos e incertezas que surgem durante a missão, dom esse que só pode ser produzido a partir de uma experiência com o *mistério*.

[338] Para compreender melhor a personagem como manifestação fantástica em **O Senhor dos Anéis**, recomenda-se a leitura do artigo "Tom Bombadil e a instauração do fantástico no maravilhoso" (2020).

> *A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem*. Foi ela que valeu aos antigos seu belo testemunho.
> *É pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem sua origem em coisas manifestas.*
> Foi pela fé que Abel ofereceu a Deus sacrifício melhor que o de Caim. [...].
> Foi pela fé que Henoc foi arrebatado, a fim de escapar da morte; [...].
> Foi pela fé que Noé, avisado divinamente daquilo que ainda não se via, levou a sério o oráculo e construiu uma arca para salvar sua família. [...].
> Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado obedeceu e *partiu* para uma terra que deveria receber como herança, e *partiu* sem saber para onde ia. [...].
> Foi pela fé que também Sara, apesar da idade avançada, se tornou capaz de ter descendência, porque considerou fiel o autor da promessa (BÍBLIA, 1998, p. 2097, grifo nosso).

E por que não dizer que foi pela *fé* — fruto do encontro com o mistério — que Merry se juntou às tropas dos cavaleiros de Rohan[339] para derrotar os orcs que invadiam o reino de Gondor; que Pippin se lançou as chamas para salvar a vida de Faramir, filho do regente de Gondor; que Sam foi um amigo leal, acompanhando e encorajando Frodo ao longo de sua jornada, carregando-o sobre seus próprios ombros quando o amigo não mais conseguia caminhar; que, especialmente, Frodo portou o Um Anel até a Montanha da Perdição levando consigo o fardo e a responsabilidade da vida de todos na Terra-média?

Nessa mesma direção interpretativa e analisando as diferentes leituras existentes sobre Tom Bombadil, podemos concluir que, diante do *mistério-Tom*, três são os caminhos que, assim como os hobbits, os leitores e críticos podem tomar: negligenciá-lo e diminuí-lo pelo fato de não o compreenderem plenamente pela racionalidade científica, retornando à "segurança do condado"; buscar uma explicação única — concreta, racional e científica — para o enigma, respondendo univocamente ao questionamento sobre *quem ele é*, o que representaria uma permanência eterna em sua casa; ou acreditar, crer no mistério e respeitá-lo enquanto tal. Esse foi o caminho que, assim como os hobbits, trilhei. Apenas aceitando o mistério como mistério ele se abre à significação, e foi essa abertura para a significação que me permitiu escrever esta tese. Salvaguardei o mistério, e assim ele se revelou enquanto aquilo que realmente é: *irredutível*.

[339] Reino de homens conhecidos como Rohirrim, os Senhores dos Cavalos, ou Homens do Norte.

REFERÊNCIAS

AMISON, Anne. An Unexpected Guest. **Mythlore**, Michigan, v. 25, n. 1, 2006, p. 127-136.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001a.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BAKER, Lauren; DARO, James. **What's he Tolkien About? Tom Bombadil and Authorial Presence**. 2015. 7f. [*S. l.*]. Monografia – University of Central Oklahoma, Oklahoma, 2015.

BEIER, Barb. Bombadil Discovered. **The Grey Havens**, c1996-2002. Disponível em: http://tolkien.cro.net/else/bbeier.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

BASSO, Ann McCauley. Fair Lady Goldberry, Daughter of the River. **Mythlore**, Michigan, v. 27, no. 1/2, Fall/Winter, 2008, p. 137-146.

BEAGLE, Peter Soyer. Tolkien's Magic Ring. *In:* TOLKIEN, J. R. R. **The Tolkien Reader**. Nova York: Ballantine Books, 1966, p. ix-xvii.

BEAL, Jane. Who is Tom Bombadil?: Interpreting the Light in Frodo Baggins and Tom Bombadil's Role in the Healing of Traumatic Memory in J.R.R. Tolkien's Lord of the Rings. **Journal of Tolkien Research**, Indiana, v. 6, n. 1, a. 1, 2018, p. 1-34.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1998.

BISENIEKS, Dainis. Power and Poetry in Middle-earth. **Mythlore**, Michigan, v. 3, n. 2, 1975, p. 20-24.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRAWLEY, Chris. The Fading of the World: Tolkien's Ecology and Loss in "The Lord of the Rings". **Journal of the Fantastic in the Arts**, Florida, v. 18, n. 3, 2007, p. 292-307.

BRISBOIS, Michael J. Tolkien's Imaginary Nature: An Analysis of the Structure of Middle-earth. **Tolkien Studies**, West Virginia, v. 2, 2005, p. 197-216.

BROOKS, Kerry. Tom Bombadil and the Journey for Middle-earth. **Mallorn**, Oxford, n. 55, 2014, p. 11-13.

BURNS, Marjorie. **Perilous Realms**: Celtic and Norse in Tolkien's Middle-earth. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

CALASSO, Roberto. **A Literatura e os Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALLAHAN, Patrick J. Tolkien, Beowulf, and the Barrow-Wights. **Notre Dame English Journal**, Indiana, v. 7, n. 2, 1972, p. 4-13.

CAMPBELL, Liam. The Enigmatic Mr. Bombadil: Tom Bombadil's Role as a Representation of Nature in *The Lord of the Rings*. *In:* DUBS, Kathleen; KAŠČÁKOVÁ, Janka. **Middle-earth and Beyond**: Essays on the World of J. R. R. Tolkien. Newcastle: Cambridge Scholars, 2010, p. 41-65.

CARTER, Lin. **O Senhor do Senhor dos Anéis**: o mundo de Tolkien. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARTER, Lin. **Tolkien:** A Look Behind the Lord of the Rings. New York: Ballantine, 1969.

CARPENTER, Humphrey. **J. R. R. Tolkien**, uma bibliografia. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHAPMAN-MORALES, Robert B. Fearless Joy: Tom Bombadil's Function in The Lord of the Rings. **Mythlore**, Michigan, v. 38, n. 2, a. 5, 2020, p. 59-78.

CURRY, Patrick. **Defending Middle Earth***:* Tolkien, Myth, and Modernity. New York: St. Martins, 1997.

DAHL, Roald. **Charlie and the Chocolate Factory**. London: Puffin Books, 1998.

DAVIS, Howard. The Ainulindale: Music of Creation. **Mythlore**, Michigan, v. 9, n. 2, 1982, p. 6-10.

DENNEY, Jim. The Enigma of Tom Bombadil in The Lord of the Rings (Part 1). **Timebenders**, 2012. Disponível em: https://jimdenney.wordpress.com/2012/07/05/the-enigma-of-tom-bombadil-in-the-lord-of-the-rings-part-1/. Acesso em: 09 jul. 2021.

DENNEY, Jim. The Enigma of Tom Bombadil in The Lord of the Rings (Part 2). **Timebenders**, 2012. Disponível em: https://jimdenney.wordpress.com/2012/07/05/the-enigma-of-tom-bombadil-in-the-lord-of-the-rings-part-2/. Acesso em: 09 jul. 2021.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DICKERSON, Matthew; EVANS, Jonathan. **Ents, Elves, and Eriador**: The Environmental Vision of J. R. R. Tolkien. Lexington: The University Press of Kentucky, 2006.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. Mito e poesia. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 41-54.

DURIEZ, Colin. **The J. R. R. Tolkien Handbook**. Grand Rapids: Baker Book House, 1992.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

EKWALL, Eilert. **The Concise Oxford Dictionary of English Place-names**. Oxford: Oxford University Press, 1960.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELGIN, Don D. **The Comedy of the Fantastic**: Ecological Perspectives on the Fantasy Novel. Westport, CT: Greenwood, 1985.

ELLWOOD, Gracia. **Good News from Tolkien's Middle Earth**. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

FLIEGER, Verlyn. **Splintered Light**: Logos and Language in Tolkien's World. Kent: The Kent State University Press, 2002.

FONSTAD, Karen. **The Atlas of Middle-earth**. New York: Houghton-Mifflin, 1991.

FORD, Judy Ann. William Caxton's *The Golden Legend* as a Source for Tolkien's *The Lord of the Rings*. *In:* FISHER, Jason (ed). **Tolkien and the Study of His Sources**. Jefferson: McFarland & Company, 2011, p. 133-144.

FOSTER, Robert. **The Complete Guide to Middle-earth:** From the Hobbit Through The Lord of The Rings and Beyond. New York: Bellatine Books, 2001.

FRANCE, Marie de. **Le Lai de Lanval**. Paris: Le Livre de Poche, 1995.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: É Realizações, 2014.

FULLER, Edmund. The Lord of the Hobbit. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 17-39.

GASQUE, Thomas J. Tolkien: The Monsters and the Critics. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 151-163.

GRAHAME, Kenneth. **The Wind in the Willows**. New York: Scribners, 1961.

GRANT, Patrick. Tolkien: Archetype and Word. **CrossCurrents**, North Carolina, v. 22, n. 4, 1973, p. 365-380.

HAMMOND, Wayne Gordon.; SCULL, Christina. **The Lord of the Rings:** A Reader's Companion. London: HarperCollins, 2014.

HARGROVE, Gene. Who is Tom Bombadil?. **Mythlore**, Michigan, v. 13, n. 1, a. 3, 1986, p. 20-24.

HARROD, Elizabeth. Trees in Tolkien, and What Happened Under Them. **Mythlore**, Michigan, v. 11, n. 1, 1984, p. 47-52, 58

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

HELMS, Randel. **Tolkien's World**. Boston: Houghton Mifflin, 1974.

HERBERT, Gary B. Tolkien's Tom Bombadil and the Platonic Ring of Gyges. **Extrapolation**, Liverpool, v. 25, n. 2, 1985, p. 152–159.

HOGSETTE, David S. **The Centrality of the Tom Bombadil Episode in *The Fellowship of the Ring***: Lessons in Friendship, Community, and Grace. 2015. 7f. [*S. l.*] Monografia – Grove City College, Pennsylvania, 2015.

HOLMES, John R. The Lord of the Rings. *In:* LEE, Stuart Dermot (ed.). **A Companion to J. R. R. Tolkien**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2014, p. 133-145.

HUGHES, David. Pieties and Giant Forms in The Lord of the Rings. *In:* HILLEGAS, Mark Robert (ed.). **Shadows of Imagination**: The Fantasies of C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, and Charles Williams. Carbondale: Southern Illinois UP, 1979, p. 81-96.

INKPEN, Dani. Tom Bombadil and the Spirit of Objectivity. **Mythlore**, Michigan, v. 39, n. 1, 2020, p. 117-132.

JABLONSKI, Carla. **Os Livros da Magia** – O Convite. São Paulo: Conrad, 2004.

JACOBS, Suzanne. Tolkien's Tom Bombadil: An Enigma "(Intentionally)". **Mythlore**, Michigan, v. 38, n. 2, a. 6, 2020. p. 79-107.

JEFFS, Carol. A Merry Fellow. **Mallorn**, Oxford, n. 24, 1987, p. 25-27.

JENIKE, Kinga. Tom Bombadil – Man of Mystery. *In:* DUBS, Kathleen; KAŠČÁKOVÁ, Janka. **Middle-earth and Beyond**: Essays on the World of J. R. R. Tolkien. Newcastle: Cambridge Scholars, 2010, p. 67-73.

JENSEN, Klaus; MACDONALD, Ruairidh. On Tom Bombadil: The function of Tom Bombadil. **Mallorn**, Oxford, n. 44, 2006, p. 37-42.

JENSEN, Steuard. What is Tom Bombadil?. **Tolkien.slimy**, 2001. Disponível em: http://tolkien.slimy.com/essays/Bombadil.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

JONES, Leslie Ellen. **Myth & Middle-Earth**: Exploring the Medieval Legends Behind J. R. R. Tolkien's Lord of the Rings. New York: Cold Spring Press, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KAUFMAN, U. Milo. Aspects of the Paradisiacal in Tolkien's Work. *In:* LOBDELL, Jared (ed.). **A Tolkien Compass**. Chicago: Open Court, 1975, p. 143-152.

KEENAN, Hugh. The Appeal of *The Lord of the Rings:* A Struggle for Life. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 62-80.

KLAUTAU, Diego. A natureza e o sagrado em Tolkien. **Numen**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, 2015, p. 36-51.

KOCHER, Paul. **Master of Middle Earth**: The Fiction of J. R. R. Tolkien. New York: Random House, 2002.

LARSEN, Kristine. Medieval Organicism or Modern Feminist Science? Bombadil, Elves, and Mother Nature. *In:* VACCARO, Christopher; KISOR, Yvette (eds.). **Tolkien and Alterity**. London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 95-108.

LEWIS, Paul W. Beorn and Tom Bombadil: A Tale of Two Heroes. **Mythlore**, Michigan**,** v. 25, n. 3, 2007. p. 145-160.

LIGHT, Andrew. Tolkien's Green Time: Environmental Themes in *The Lord of the Rings*. *In:* BASSHAM, Gregory; BRONSON, Eric (eds.). **The Lord of the Rings and Philosophy**: One Book to Rule Them All. Illinois: Open Court Publishing, 2003, p. 150-164.

LE GUIN, Ursula Kroeber. **A Wizard of Earthsea**. Boston: Houghton Mifflin, 1968.

LOBDELL Jared. **England and Always**: Tolkien's World of the Rings. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.

LOOS, William D. B. Who or what was Tom Bombadil?. **The Grey Havens**, c1996-2002. Disponível em: http://tolkien.cro.net/else/tombom.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

MARTINS FILHO, Ives Gandra. **O mundo do Senhor dos Anéis**: vida e obra de J. R. R. Tolkien. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MASSON, Keith. Tom Bombadil: A Critical Essay. **Mythlore**, Michigan, v. 2, n. 3, a. 3, 1971, p. 7-8.

MCBRIDE. Sam. **Tolkien's Cosmology**: Divine Beings and Middle-earth. Kent: The Kent State University Press, 2020.

MILBANK, Alison. **Chesterton and Tolkien as Theologians**: The Fantasy of the Real. London: T&T Clark, 2009.

MILLER, David M. Narrative Pattern in *The Fellowship of the Ring*. *In:* LOBDELL, Jared (ed.). **A Tolkien Compass**. Chicago: Open Court, 1975, p. 93-103.

MONTEIRO, Fabrício Pinto. Tom Bombadil, um personagem sem lugar: a literatura como construção de significações sociais. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, jul.-dez. 2012, p. 260-277.

NIILER, Lucas P. Green Reading: Tolkien, Leopold, and the Land Ethic. **Journal of the Fantastic in the Arts**, Florida, v. 10, n. 3, 1999, p. 276-285.

NOAD, Charles E. The Natures of Tom Bombadil: A Summary. *In:* SHIPPEY, Tom. **Leaves from the Tree**: J.R.R. Tolkien's Shorter Fiction. London: The Tolkien Society, 1991, p. 79-83.

NOEL, Ruth Helen Swycaffer. **The Mythology of Middle-Earth**. Boston: Houghton Mifflin, 1977.

NOETZEL, Justin T. Beorn and Bombadil: Mythology, Place, and Landscape. *In:* EDEN, Bradford Lee (ed.). **The Hobbit and Tolkien's Mythology:** Essays on Revisions and Influences. Jefferson: McFarland and Company, 2014, p. 161-181.

NOVAIS, Lucas Bianconi Duarte. Tom Bombadil e a instauração do fantástico no maravilhoso. **Afluente**, Maranhão, v.5, n.15, jan./jun. 2020, p. 142-159.

NOVALIS [Georg Philipp Friedrich von Hardenberg]. **Pólen**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

OLSEN, Corey. Poetry. *In:* LEE, Stuart Dermot (ed.). **A Companion to J. R. R. Tolkien**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2014, p. 173-188.

OTTO, Rudolf. **The Idea of the Holy**: An Inquiry into the Non-Rational Factor in the Idea of the Divine and its Relation to the Rational. London: Oxford University Press, 1923.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERASSOLI JUNIOR, Sérgio Ricardo. **O vicejar dos astros**: a individuação da personagem Frodo em *O Senhor dos Anéis*. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, SP, 2017.

PETTY, Anne C. **One Ring to Bind Them All**: Tolkien's Mythology. Alabama: University Alabama Press, 1979.

PIRSON, Ron. Tom Bombadil's Biblical Connections. **Mallorn**, Oxford, n. 37, 1999, p. 15-18.

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

PLATÃO. **Timeu e Crítias**. Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

POWELL, Paul Andrew. Hobbits as Buddhists and an Eye for an "I". **Buddhist-Christian Studies**, Hawaii, v. 31, 2011, p. 31-39.

RAIMUNDO, Jennifer. Mirth's Might: The Tenacity of Humour in the Works of J. R. R Tolkien. *In:* HONEGGER, Thomas M.; MANN, Maureen F. (eds.). **Laughter in Middle-earth**: Humour in and around the Works of J. R. R. Tolkien. Zollikofen: Walking Tree Publishers, 2016, p. 61-86.

RAMASWAMY, Shobha. **Archetypes in Fantasy Fiction**: A Study of J. R. R. Tolkien and J. K. Rowling. 2010. 258f. Tese (Ph.D. in English) – Department of English, Bharathiar University, Coimbatore, India, 2010.

RYAN, John S. German Mythology Applied — The Extension of the Literary Folk Memory. **Folklore**, London, v. 77, n. 1, 1966, p. 45-59.

REILLY, Robert J. Tolkien and the Fairy Story. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 128-150.

REYNOLDS, Patricia. The Real Tom Bombadil. *In:* SHIPPEY, Tom. **Leaves from the Tree**: J.R.R. Tolkien's Shorter Fiction. London: The Tolkien Society, 1991, p. 85-88.

RICHARD. The Total Stress of Tom Bombadil. **Figures of Speech**, 2017. Disponível em: http://figures-of-speech.com/2017/07/bombadil.htm. Acesso em 09 jul. 2021.

RIVERA, Dennis L. **Reifying the Enigma that Is Tom Bombadil**. 2013. Projeto de pesquisa (apresentado ao Dr. Thomas A. Provenzola) – Liberty University, Lynchburg, Virginia, 2013.

ROGERS, Deborah Webster. Everyclod and Everyhero: The Image of Man in Tolkien. *In:* LOBDELL, Jared (ed.). **A Tolkien Compass**. Chicago: Open Court, 1975, p. 69-76.

ROGERS, Deborah Webster; ROGERS, Ivor A. **J. R. R. Tolkien**. Boston: Twayne Publishers, 1980.

ROGERS, Greta. **Iarwain Ben-Adar on the Road to Faerie**: Tom Bombadil's Recovery of Premodern Fantasy Values. 2018. Dissertação (Mestrado em *Arts in English*) – The Faculty of the College of Arts and Sciences, Liberty University, Lynchburg, Virginia, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo: Martin Claret, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo: Editora Unicamp, 2008.

RÜCKERT, Ernesto von. Música e literatura. **Gláuks**, Viçosa, v. 1, n. 2, jan./fev. 1997, p. 125-138.

RUSSELL, Ford. **Northrop Frye on Myth**. New York: Routledge, 1998.

SALE, Roger. England's Parnassus: C. S. Lewis, Charles Williams, and J. R. R. Tolkien. **Hudson Review**, New York, v. 17, n. 2, 1964, p. 203-225.

SANDER, David. Mr. Bliss and Mr. Toad: Hazardous Driving in J.R.R. Tolkien's "Mr. Bliss" & Kenneth Grahame's "The Wind in the Willows". **Mythlore**, Michigan, v. 21, n. 4, 1997, p. 36-38.

SCHEPS, Walter. The Fairy-tale Morality of *The Lord of the Rings*. *In:* LOBDELL, Jared (ed.). **A Tolkien Compass**. Chicago: Open Court, 1975, p. 43-56.

SCHILLER, Johann Christoph Friedrich von. **Poesia Ingênua e Sentimental**. São Paulo: Iluminuras, 1971.

SCULL, Christina. Tom Bombadil and The Lord of the Rings. *In:* SHIPPEY, Tom. **Leaves from the Tree**: J.R.R. Tolkien's Shorter Fiction. London: The Tolkien Society, 1991, p. 73-77.

SCULL, Christina.; HAMMOND, Wayne Gordon. Appendix. *In:* TOLKIEN, John. R. R. **The Adventures of Tom Bombadil** and Other Verses from the Red Book. London: HarperCollins, 2014a, p. 140-144.

SCULL, Christina.; HAMMOND, Wayne Gordon. Commentary. *In:* TOLKIEN, John. R. R. **The Adventures of Tom Bombadil** and Other Verses from the Red Book. London: HarperCollins, 2014b, p. 68-136.

SHERGOLD, Clive. Bombadil and Bible Stories: A Biblical Function for Tom Bombadil within Frodo's Quest. **Journal of Tolkien Research**, Indiana, v. 9, iss. 1, a. 7, 2020, p. 1-32.

SHIPPEY, Tom A. **The Road to Middle-Earth**: How J. R. R. Tolkien created a new mythology. New York: Houghton Mifflin Company, 2003.

SKOGEMANN, Pia. **Where the Shadows Lie**: A Jungian Interpretation of Tolkien's the Lord of the Rings. Asheville: Chiron Publications, 2009.

SLETHAUG, Gordon E. Tolkien, Tom Bombadil, and the Creative Imagination. **ESC**: English Studies in Canada, Ontario, v. 4, n. 3, 1978, p. 341-350.

SPACKS, Patricia Meyer. Power and Meaning in *The Lord of the Rings*. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 81-99.

SPEED, Diane. Christian Perspectives in 'The Lord of the Rings'. **Sydney Studies in English**, Sydney, v. 30, 2004, p. 79-92.

SIR Gawain and the Green Knight. London: Penguin Group, 1959.

STANTON, Micahel. **Hobbits, Elves and Wizards.** New York: Palgrave, 2001.

STAR Trek: The Next Generation [Seriado]. Criação: Gene Roddenberry. Produção: Gene Roddenberry (1987-1991), Maurice Hurley (1988-1989), Rick Berman (1989-1994), Michael

Piller (1989-1994), e Jeri Taylor (1993-1994). Estados Unidos: Transmitido por Sindicação, 1987-1994, son., color.

STARTZMAN, L. Eugene. Goldberry and Galadriel: The Quality of Joy. **Mythlore**, Michigan, v. 16, no. 2, 1989, p. 5-13.

STRACHAN, Alan James.; COSTER, Janet. **The Lure of the Ring: Power, Addiction and Transcendence** in Tolkien's The Lord of the Rings. 2019. *E-book* Kindle.

THE Truth About Tom Bombadil. **Flyingmoose**, 1996. Disponível em: http://flyingmoose.org/tolksarc/theories/bombadil.htm. Acesso em: 09 jul. 2021.

THEORIES About Tom Bombadil. **One Wiki to Rule Them All**, [*s. d.*]. Disponível em: http://lotr.wikia.com/wiki/Theories_about_Tom_Bombadil. Acesso em: 06 jul. 2021.

TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002 (v. IX: The Sauron Defeated).

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. Trad. Ronald Eduard Kyrmse. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **As Aventuras de Tom Bombadil**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

TOLKIEN, J. R. R. At Rivendell. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002a, p. 206-219 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 19] Para Stanley Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006a, p. 30-32.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 47] Para Stanley Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006b, p. 60-61.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 91] Para Christopher Tolkien. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006c, p. 103-105.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 142] Para Robert Murray, SJ. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006d, p. 166-168.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 144] Para Naomi Mitchison. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006e, p. 168-175.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 153] Para Peter Hastings. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006f, p. 181-189.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 181] Para Michael Straight. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006g, p. 223-228.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 210] Para Forrest J. Ackerman. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006h, p. 258-264.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 213] Para Deborah Webster. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006i, p. 274-275.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 229] Para Allen & Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006j, p. 291-292.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 231] Para Jane Neave. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006k, p. 293.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 233] Para Rayner Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006l, p. 294.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 237] Para Rayner Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006m, p. 299-300.

TOLKIEN, J. R. R. [Carta 240] Para a Sra. Pauline Gasch (Pauline Baynes). CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006n, p. 302-303.

TOLKIEN, J. R. R. **Farmer Giles of Ham**: The Rise and Wonderful Adventures of Farmer Giles, Lord of Tame, Count of Worminghall, and King of the Little Kingdom. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

TOLKIEN, J. R. R. Gandalf's Delay. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002b, p. 5-17 (v. VII: The Treason of Isengard).

TOLKIEN, J. R. R. In the House of Elrond. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002c, p. 391-414 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 19] To Stanley Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981a, p. 32-33. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 47] To Stanley Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981b, p. 68. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 91] To Christopher Tolkien. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981c, p. 119. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 142] To Robert Murray, SJ. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981d, p. 191. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 144] To Naomi Mitchison. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981e, p. 193-197. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 153] To Peter Hastings. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981f, p. 206-211. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 181] To Michael Straight. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981g, p. 252-255. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 210] To Forrest J. Ackerman. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981h, p. 291-294. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 213] To Deborah Webster. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981i, p. 303. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 229] To Allen & Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981j, p. 324-325. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 231] To Jane Neave. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981k, p. 327. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 233] To Rayner Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981l, p. 329. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 237] To Rayner Unwin. CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981m, p. 335. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. [Letter 240] To Mrs. Pauline Gasch (Pauline Baynes). CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. London: George Allen & Unwin, 1981n, p. 339. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. **Mestre Gil de Ham**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

TOLKIEN, J. R. R. **Mr. Bliss**. New York: HarperCollins, 2011a.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b.

TOLKIEN, J. R. R. On Fairy-stories. *In*: FLIEGER, Verlyn; ANDERSON, Douglas Allen (eds.). **Tolkien On Fairy-stories** Expanded Edition, with Commentary and Notes. London: HarperCollins, 2008b.

TOLKIEN, J. R. R. **Sr. Bliss**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012c.

TOLKIEN, J. R. R. **The Adventures of Tom Bombadil** and Other Verses from the Red Book. London: HarperCollins, 2014. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. The Barrow-Wight. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002d, p. 125-131 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. The Coming of the Valar and the Building of Valinor. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002e, p. 63-98 (v. I: The Book of Lost Tales: Part 1).

TOLKIEN, J. R. R. The Council of Elrond (1). *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002f, p. 110-140 (v. VII: The Treason of Isengard).

TOLKIEN, J. R. R. The Council of Elrond (2). *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002g, p. 141-160 (v. VII: The Treason of Isengard).

TOLKIEN, J. R. R. The Fourth Phase (2): From Bree to the Ford of Rivendell. *In:* TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002h, p. 40-66 (v. VII: The Treason of Isengard).

TOLKIEN, J. R. R. **The hobbit**. London: HarperCollins, 2012d.

TOLKIEN, J. R. R. **The Lord of the Rings**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2004a.

TOLKIEN, J. R. R. The Old Forest and the Withywindle. *In*: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002i, p. 110-116 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. **The Silmarillion**. New York: HarperCollins e-books, 2004b. *E-book.*

TOLKIEN, J. R. R. The Taming of Sméagol. In: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002j, p. 85-103 (v. VIII: The War of the Ring).

TOLKIEN, J. R. R. The Third Phase (1): The Journey to Bree. *In*: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002k, p. 309-330 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. The Third Phase (2): At the Sign of the Prancing Pony. *In*: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002l, p. 331-351 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. Tom Bombadil. *In*: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002m, p. 117-124 (v. VI: The Return of the Shadow).

TOLKIEN, J. R. R. Treebeard. In: TOLKIEN, Christopher (ed.). **The History of Middle-earth**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2002n, p. 411-421 (v. VII: The Treason of Isengard).

TRESCHOW, Michael; DUCKWORTH, Mark. Bombadil's Role in *The Lord of the Rings.* **Mythlore**, Michigan, v. 25, n. 1, 2006. p. 175-196.

VANINSKAYA, Anna. Modernity: Tolkien and His Contemporaries. *In:* LEE, Stuart Dermot (ed.). **A Companion to J. R. R. Tolkien**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2014, p. 350-366.

VINCENT, Alana M. Putting Away Childish Things: Incidents of Recovery in Tolkien and Haddon. **Mythlore**, Michigan, v. 26, n. 3, 2008, p. 101-116.

WHO is Tom Bombadil?. **tolkientruth.info**, c2010-2015. Disponível em: http://www.tolkientruth.info/analysis/who-is-tom-bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

WHO is Tom Bombadil?. **Who is Tom Bombadil?**, 2013. Disponível em: http://whoistombombadil.blogspot.com.br/. Acesso em: 09 jul. 2021.

WIDDICOMBE, Toby. O impulso utópico no legendarium de Tolkien. *In:* ROSSI, Cido; STAINLE, Stéfano (orgs.). **Folhas da árvore**: a ficção de Tolkien. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021, p. 105-144.

WOOD, Ralph Cecil. **The Gospel According to Tolkien**: Visions of the Kingdom in Middle-earth. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003.

ZILLES, Urbano. "O significado do humor". **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, 2003, p. 83-89.

ZIMBARDO, Rose Abdelnour. Moral Vision in the Lord of the Rings. *In:* ISAACS, Neil David.; ZIMBARDO, Rose Abdelnour (eds.). **Tolkien and the Critics**: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings. Indiana: University of Notre Dame Press, 1968, p. 100-108.

ZIMMER, Mary. Creating and Re-creating Worlds with Words: The Religion and the Magic of Language in *The Lord of the Rings*. **Seven: An Anglo-American Literary Review**, Illinois, vol 12, 1995, p. 65-78.

ZIMMER, Paul Edwin. Another Opinion of “The Verse of J.R.R. Tolkien”. **Mythlore**, Michigan, v. 19, n. 2, a. 2, 1993.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMENDT-RADUEGE, Amy. Dream Visions in J.R.R. Tolkien's *The Lord of the Rings*. **Tolkien Studies**, West Virginia, v. 3, 2006, p. 45-55.

ANDERSON, Matthew Lee. On Why we Like Tom Bombadil and Probably Shouldn't. **Mere Orthodoxy**, 2005. Disponível em: https://mereorthodoxy.com/on-why-we-like-tom-bombadil-and-probably-shouldnt/. Acesso em: 09 jul. 2021.

ANDREWS, Ian. In the House of Tom Bombadil. **Center for Lit**, 2018. Disponível em: https://www.centerforlit.com/blog-roll/2018/2/26/in-the-house-of-tom-bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

BARTHES, Roland. Da obra ao texto. *In:* BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65-75.

BARDOWELL, Matthew R. J. R. R. Tolkien's Creative Ethic and Its Finnish. **Journal of the Fantastic In the Arts**, Florida, v. 20, n. 1, 2009, p. 91-108.

BERNTHAL, Craig. **Tolkien's Sacramental Vision**: Discerning the Holy in Middle Earth. Kettering-OH: Second Spring, 2014.

BETTEGA, Fábio. Quem é Tom Bombadil?. **Valinor**, 2005. Disponível em: https://www.valinor.com.br/6346. Acesso em: 09 jul. 2021.

BETTEGA, Fábio. Quem ou o que é Tom Bombadil?. **Valinor**, 2005 Disponível em: https://www.valinor.com.br/6328. Acesso em: 09 jul. 2021.

BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Editada por Karl Elliger e Wilhelm Rudolph. Stturgart: Hendrickson Publishers Marketing, LCC, 2014.

BÍBLIA Septuaginta, **Bíblia Católica**, c2023. Disponível em: https://www.bibliacatolica.com.br/septuaginta/sao-joao/1/. Acesso em: 14 mar. 2023.

BOLINGER, Blake. J.R.R. Tolkien's Tom Bombadil. **Oocities**, c2003. Disponível em: http://www.oocities.org/thebolingers/. Acesso em: 09 jul. 2021.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1999.

BURKHART, Thad A. Tolkien's Tom Bombadil and Social Media. **Mallorn**, Oxford, n. 56, 2015, p. 16-18.

CAMPBELL, Liam. Nature. *In:* LEE, Stuart Dermot (ed.). **A Companion to J. R. R. Tolkien**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2014, p. 431-445.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In:* CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida.; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 51-80.

CLARK, Craig. Problems of Good and Evil in Tolkien's “The Lord of the Rings”. **Mallorn**, Oxford, n. 35, 1997, p. 15-19.

DAGHLIAN, Carlos (org.). **Poesia e música**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DETTMAN, David. Vainamoinen and Bombadil: Finnish Folklore and The Lord of the Rings, Part One. **Minas Tirith Evening-Star**, Michigan, v. 8, n. 4, 1979, p. 3-8.

DURAND, Gilbert. O imaginário, local do “entre-saberes”. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996a, p. 231-244.

DURAND, Gilbert. Método arquetipológico: da mitocrítica à mitanálise. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996b, p. 145-170.

DURAND, Gilbert. Passo a passo mitocrítico. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996c, p. 245-260.

DURAND, Gilbert. Psicanálise da neve. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996d, p. 11-40.

DURAND, Gilbert. O universo do símbolo. *In:* DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996e, p. 73-90.

EDEN, Bradford Lee. Music. *In:* LEE, Stuart Dermot (ed.). **A Companion to J. R. R. Tolkien**. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2014, p. 501-513.

ELFDICT, [*s. d.*]. Disponível em: https://www.elfdict.com/w/yaare. Acesso em: 09 jul. 2021.

GAY, David Elton. J.R.R. Tolkien and the *Kalevala*: Some Thoughts on the Finnish Origins of Tom Bombadil and Treebeard. *In:* CHANCE, Jane (ed.). **Tolkien and the Invention of Myth**. Lexington: University Press of Kentucky, 2004, p. 295-304.

GAZZOLO, Anne-Marie. The Enigmatic Presence of Tom Bombadil and Goldberry. **JRRVF**, [*s. d.*]. Disponível em: https://www.jrrvf.com/precieux-heritage/essais/le-seigneur-des-anneaux/enigmatic-presence-tom-bombadil-goldberry/. Acesso em: 09 jul. 2021.

HARGROVE, Gene. About the Songs and the Poems in the Lord of the Rings. **Center for Environmental Philosophy**, [*s. d.*]. Disponível em: http://www.cep.unt.edu/songs/tolkien.html#9. Acesso em: 09 jul. 2021.

HEAD, Hayden. Imitative Desire in Tolkien's Mythology: A Girardian Perspective. **Mythlore**, Michigan, v. 26, n. 1/2, 2007, p. 137-148.

HEIDEGGER, Martin. “Que é isto, a Filosofia?” *In:* HEIDEGGER, Martin. **Que é isto, a Filosofia? Identidade e diferença**. Petrópolis; São Paulo: Vozes, 2006, p. 13-34.

JUDD, Walter Stephen.; JUDD, Graham A. **Flora of Middle-Earth**: Plants of J.R.R. Tolkien's Legendarium. New York: Oxford University Press, 2017.

JURIČKOVÁ, Martina. Faith, Hope, and Despair in Tolkien's Works. **Journal of Tolkien Research**, Indiana, v. 12, iss. 1, a. 1, 2021, p. 1-10.

KASPARY, Gustavo. As teorias sobre Tom Bombadil. **Ataberna.net**, [*s. d.*]. Disponível em: http://ataberna.net/livros/as-teorias-sobre-tom-bombadil/. Acesso em: 09 jul. 2021.

KLIMCZAK, Natalia. Väinämöinen: The Finnish Deity and Hero Who Inspired Tolkien to Create Gandalf and Tom Bombadil. **Ancient Origins**, 2017. Disponível em: https://www.ancient-origins.net/myths-legends/v-m-inen-finnish-deity-and-hero-who-inspired-tolkien-create-gandalf-and-tom-bombadil-021195. Acesso em: 09 jul. 2021.

LOFGREN, Sarah. Lord of the Rings: Who Is Tom Bombadil, Middle-Earth's Weirdest Resident?. **CBR.com**, 2021. Disponível em: https://www.cbr.com/lord-of-the-rings-tom-bombadil-theory/. Acesso em: 09 jul. 2021.

MARTINEZ, Michael. Count, Count, Weigh, Divide. **Middle-earth Blog**, c2011-2023. Disponível em: https://middle-earth.xenite.org/count-count-weigh-divide/. Acesso em: 09 jul. 2021.

MARTINEZ, Michael. What Is Tom Bombadil?. **Middle-earth Blog**, c2011-2023. Disponível em: https://middle-earth.xenite.org/what-is-tom-bombadil/. Acesso em: 09 jul. 2021.

MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

NAVARRO, Enrique Farfán. **Gramática do hebraico bíblico**. São Paulo: Loyola, 2010.

NOVAIS, Lucas Bianconi Duarte. Ar e fogo: Uma leitura da personagem Tom Bombadil. *In:* ROSSI, Cido; STAINLE, Stéfano (orgs.). **Folhas da Árvore**: a ficção de Tolkien. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021, p. 209-234.

OLDEST and Fatherless: The Terrible Secret of Tom Bombadil. **Loose Conections**, 2011. Disponível em http://km-515.livejournal.com/1042.html. Acesso em 09 jul. 2021.

O'NEILL, Timothy R. **The Individuated Hobbit**: Jung, Tolkien, and the Archetypes of Middle-Earth. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1979.

ORTIZ, Pedro. **Dicionário de hebraico e aramaico bíblicos**. São Paulo: Loyola, 2010.

PAK, Jaron. Lord of the Rings: Tom Bombadil's Backstory Explained. **Looper**, 2021. Disponível em: https://www.looper.com/186778/lord-of-the-rings-wizards-ranked-from-least-to-most-powerful/. Acesso em: 09 jul. 2021.

PEREIRA, André Luiz Rodrigues Modesto. **The Lord of the Rings e a estética da finitude**. 2011. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, SP, 2011.

POLACHINI, Lúcia Lima. **O Senhor dos Anéis**: estrutura e significado. 1984. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências

Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, SP, 1984.

RAWLS, Melanie A. The Verse of J.R.R. Tolkien. **Mythlore**, Michigan, v. 19, n. 1, 1993, p. 4-8.

ROSSI, Aparecido Donizete. *O Senhor dos Anéis*, o retorno da épica e o romance histórico no contexto da Pós-modernidade. **Iluminart**, Sertãozinho, v. 1, 2009, p. 136-165.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SOPEÑA, Federico. **Música e literatura**. São Paulo: Editora Nerman, 1989.

STAINLE, Stéfano. **Gandalf**: a linha na agulha de Tolkien. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP, 2016.

STORR, Anthony. **As idéias de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEDORAS. Tom Bombadil – Master and Mystery. **TheOneRing.net**, 2013. Disponível em: https://www.theonering.net/torwp/2013/08/07/76589-featured-article-tom-bombadil-master-and-mystery/. Acesso em: 09 jul. 2021.

THREAD: Was Tom Bombadil Important to. **Planet-Tolkien**, [*s. d.*]. Disponível em: http://www.planet-tolkien.com/board/5/2084/0/was-tom-bombadil-important-to-. Acesso em: 06 mai. 2019.

O MISTÉRIO de Tom Bombadil e Fruta D’Ouro | TT 38. [*S. l.*: *s. n.*], 2016. 1 vídeo (23:24 min) Publicado pelo canal Tolkien Talk. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0q1A_ZVYcWQ. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil. **Blog da Terra-média**, [*s. d.*]. Disponível em: http://blogdaterra-media.blogspot.com/p/blog-page.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil. **Lotro-Wiki.com**, [*s. d.*]. Disponível em: https://lotro-wiki.com/index.php/Tom_Bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil. **The Encyclopedia of Arda**, 2020. Disponível em: https://www.glyphweb.com/arda/t/tombombadil.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil**. The One Wiki to Rule Them All**, [*s. d.*]. Disponível em: https://lotr.fandom.com/wiki/Tom_Bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil. **The Tolkien Forum**, [*s. d.*]. Disponível em: https://www.thetolkienforum.com/wiki/Tom-Bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

TOM Bombadil. **Tolkien Gateway**, 2023 Disponível em: http://tolkiengateway.net/wiki/Bombadil. Acesso em: 14 mar. 2023.

TOM Bombadil/ Nature. **Tolkien Gateway**, 2022. Disponível em: http://tolkiengateway.net/wiki/Tom_Bombadil/Nature. Acesso em: 14 mar. 2023.

TOM Bombadil: Peeling the Onion. **Yemachine**, [*s. d.*]. Disponível em: http://yemachine.com/tom-bombadil/tom-bombadil-peeling-the-onion/. Acesso em: 30 abr. 2020.

TRACY, Erik. Why didn't the One Ring have any Control Over Tom Bombadil?. **The Grey Havens**, c1996-2002. Disponível em: http://tolkien.cro.net/rings/tombom.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

TURNER, Allan. 'Tom Bombadil': Poetry and Accretion. *In:* HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank (eds.). **Tolkien's Shorter Works**: Essays of the Jena Conference 2007. Zurich: Walking Tree Publishers, 2008, p. 1-16.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Cristina da Costa. **A construção da personagem romanesca**. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

WETTACH, Wolfgang G. Tom Bombadil. **Tolkienonline**, 1996. Disponível em: http://www.tolkienonline.de/etep/B/bombadil.html. Acesso em: 09 jul. 2021.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien, o senhor da fantasia**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016.

WHO or What Was Tom Bombadil?. **Science Fiction & Fantasy**, 2011. Disponível em: https://scifi.stackexchange.com/questions/1586/who-or-what-was-tom-bombadil. Acesso em: 09 jul. 2021.

ANEXOS

ANEXO A – "The Adventures of Tom Bombadil"

"The Adventures of Tom Bombadil" (1934)
Old Tom Bombadil was a merry fellow;
bright blue his jacket was, and his boots were yellow.
He lived down under Hill; and a peacock's feather
nodded in his old hat, tossing in the weather.

Old Tom Bombadil walked about the meadows
gathering the buttercups, a-chasing of the shadows,
tickling the bumblebees a-buzzing in the flowers,
sitting by the waterside for hours upon hours.

There his beard dangled long down into the water:
up came Goldberry, the Riverwoman's daughter;
pulled Tom's hanging hair. In he went a-wallowing
under the waterlilies, bubbling and a-swallowing.

'Hey! Tom Bombadil, whither are you going?'
said fair Goldberry. 'Bubbles you are blowing,
frightening the finny fish and the brown water-rat,
startling the dabchicks, drowning your feather-hat!'

'You bring it back again, there's a pretty maiden!'
said Tom Bombadil; 'I do not care for wading!
Go down! Sleep again, where the pools are shady
far below willow-roots, little water-lady!'

Back to her mother's house in the deepest hollow
swam young Goldberry; but Tom, he would not follow.
On knotted willow-roots he sat in sunny weather
drying his yellow boots and his draggled feather.

Up woke Willow-man, began upon his singing,

sang Tom fast asleep under branches swinging;
in a crack caught him tight: quiet it closed together,
trapped Tom Bombadil, coat and hat and feather.

‘Ha! Tom Bombadil, what be you a-thinking,
peeping inside my tree, watching me a-drinking
deep in my wooden house, tickling me with feather,
dripping wet down my face like a rainy weather?’

‘You let me out again, Old Man Willow!
I am stiff lying here; they’re no sort of pillow,
your hard crooked roots. Drink your river water!
Go back to sleep again, like the River-daughter!’

Willow-man let him loose, when he heard him speaking;
locked fast his wooden house, muttering and creaking,
whispering inside the tree. Tom, he sat a-listening.
On the boughs piping birds were chirruping and whistling.
Tom saw butterflies quivering and winking;
Tom called the conies out, till the sun was sinking.

Then Tom went away. Rain began to shiver,
round rings spattering in the running river.
Clouds passed, hurrying drops were falling helter-skelter;
old Tom Bombadil crept into a shelter.

Out came Badger-brock with his snowy forehead
and his dark blinking eyes. In the hill he quarried
with his wife and many sons. By the coat they caught him,
pulled him inside the hole, down their tunnels brought him.

Inside their secret house, there they sat a-mumbling:
‘Ho! Tom Bombadil, where have you come tumbling,
bursting in the front-door? Badgerfolk have caught you:

you'll never find it out, the way that we have brought you!'
'Now, old Badger-brock, do you hear me talking?
You show me out at once! I must be a-walking.
Show me to your backdoor under briar-roses;
then clean grimy paws, wipe your earthy noses!
Go back to sleep again on your straw pillow
like fair Goldberry and Old Man Willow!'

Then all the Badgerfolk said 'We beg your pardon!'
showed Tom out again to their thorny garden,
went back and hid themselves a-shivering and a-shaking,
blocked up all their doors, earth together raking.

Old Tom Bombadil hurried home to supper,
unlocked his house again, opened up the shutter,
let in the setting sun in the kitchen shining,
watched stars peering out and the moon climbing.

Dark came under Hill. Tom, he lit a candle,
up-stairs creaking went, turned the door handle.
'Hoo! Tom Bombadil, I am waiting for you
just here behind the door! I came up before you.
You've forgotten Barrow-wight dwelling in the old mound
up there a-top the hill with the ring of stones round.
He's got loose to-night: under the earth he'll take you!
Poor Tom Bombadil, pale and cold he'll make you!'

'Go out! Shut the door, and don't slam it after!
Take away gleaming eyes, take your hollow laughter!
Go back to grassy mound, on your stony pillow
lay down your bony head, like Old Man Willow,
like young Goldberry, and Badgerfolk in burrow!
Go back to buried gold and forgotten sorrow!'

Out fled Barrow-wight, through the window flying,
through yard, over wall, up the hill a-crying,
past white drowsing sheep, over leaning stone-rings,
back under lonely mound, rattling his bone-rings.

Old Tom Bombadil lay upon his pillow
sweeter than Goldberry, quieter than the Willow,
snugger than Badgerfolk, or the barrow-dwellers;
slept like a humming-top, snored like a bellows.

He woke up in morning-light, whistled like a starling,
sang ‘come, derry-dol, merry-dol, my darling!’;
clapped on his battered hat, boots and coat and feather,
opened the window wide to the sunny weather.

Old Tom Bombadil was a clever fellow;
bright blue his jacket was, and his boots were yellow.
None ever caught old Tom, walking in the meadows
winter and summer-time, in the lights and shadows,
down dale, over hill, jumping over water —
but one day Tom he went and caught the River-daughter,
in green gown, flowing hair, sitting in the rushes,
an old song singing fair to birds upon the bushes.

He caught her, held her fast! Water-rats went scuttering,
reeds hissed, herons cried; and her heart was fluttering.
Said Tom Bombadil: ‘Here’s my pretty maiden!
You shall come home with me! The table is all laden:
yellow cream, honeycomb, white bread and butter;
roses at window-pane peeping through the shutter.
You shall come under Hill — never mind your mother
in her deep weedy pool: there you’ll find no lover!’

Old Tom Bombadil had a merry wedding

crowned all in buttercups, his old feather shedding;
his bride with forgetmenots and flaglilies for garland,
robed all in silver-green. He sang like a starling,
hummed like a honeybee, lilted to the fiddle,
clasping his river-maid round her slender middle.

Lamps gleamed within his house, and white was the bedding;
in the bright honey-moon Badgerfolk came treading,
danced down under Hill, and Old Man Willow
tapped, tapped at window-pane, as they slept on the pillow;
on the bank in the reeds Riverwoman sighing
heard old Barrow-wight in his mound crying.

Old Tom Bombadil heeded not the voices,
taps, knocks, dancing feet, all the nightly noises;
slept till the sun arose, then sang like a starling:
‘Hey! come, derry-dol, merry-dol, my darling!’
sitting on the doorstep chopping sticks of willow,
while fair Goldberry combed her tresses yellow.
(TOLKIEN, 2014, p. 72-75).

"The Adventures of Tom Bombadil" (1962)
Old Tom Bombadil was a merry fellow;
bright blue his jacket was and his boots were yellow,
green were his girdle and his breeches all of leather;
he wore in his tall hat a swan-wing feather.
He lived up under Hill, where the Withywindle
ran from a grassy well down into the dingle.

Old Tom in summertime walked about the meadows
gathering the buttercups, running after shadows,
tickling the bumblebees that buzzed among the flowers,
sitting by the waterside for hours upon hours.

There his beard dangled long down into the water:
up came Goldberry, the River-woman's daughter;
pulled Tom's hanging hair. In he went a-wallowing
under the water-lilies, bubbling and a-swallowing.
'Hey, Tom Bombadil! Whither are you going?'
said fair Goldberry. 'Bubbles you are blowing,
frightening the finny fish and the brown water-rat,
startling the dabchicks, and drowning your feather-hat!'

'You bring it back again, there's a pretty maiden!'
said Tom Bombadil. 'I do not care for wading.
Go down! Sleep again where the pools are shady
far below willow-roots, little water-lady!'

Back to her mother's house in the deepest hollow
swam young Goldberry. But Tom, he would not follow;
on knotted willow-roots he sat in sunny weather,
drying his yellow boots and his draggled feather.

Up woke Willow-man, began upon his singing,
sang Tom fast asleep under branches swinging;

in a crack caught him tight: snick! it closed together,
trapped Tom Bombadil, coat and hat and feather.

‘Ha, Tom Bombadil! What be you a-thinking,
peeping inside my tree, watching me a-drinking
deep in my wooden house, tickling me with feather,
dripping wet down my face like a rainy weather?’

‘You let me out again, Old Man Willow!
I am stiff lying here; they’re no sort of pillow,
your hard crooked roots. Drink your river-water!
Go back to sleep again like the River-daughter!’

Willow-man let him loose when he heard him speaking;
locked fast his wooden house, muttering and creaking,
whispering inside the tree. Out from willow-dingle
Tom went walking on up the Withywindle.
Under the forest-eaves he sat a while a-listening:
on the boughs piping birds were chirruping and whistling.
Butterflies about his head went quivering and winking,
until grey clouds came up, as the sun was sinking.

Then Tom hurried on. Rain began to shiver,
round rings spattering in the running river;
a wind blew, shaken leaves chilly drops were dripping;
into a sheltering hole Old Tom went skipping.
Out came Badger-brock with his snowy forehead
and his dark blinking eyes. In the hill he quarried
with his wife and many sons. By the coat they caught him,
pulled him inside their earth, down their tunnels brought him.

Inside their secret house, there they sat a-mumbling:
‘Ho, Tom Bombadil! Where have you come tumbling,
bursting in the front-door? Badger-folk have caught you.

You'll never find it out, the way that we have brought you!'

'Now, old Badger-brock, do you hear me talking?
You show me out at once! I must be a-walking.
Show me to your backdoor under briar-roses;
then clean grimy paws, wipe your earthy noses!
Go back to sleep again on your straw pillow,
like fair Goldberry and Old Man Willow!'

Then all the Badger-folk said: 'We beg your pardon!'
They showed Tom out again to their thorny garden,
went back and hid themselves, a-shivering and a-shaking,
blocked up all their doors, earth together raking.

Rain had passed. The sky was clear, and in the summer-gloaming
Old Tom Bombadil laughed as he came homing,
unlocked his door again, and opened up a shutter.
In the kitchen round the lamp moths began to flutter;
Tom through the window saw waking stars come winking,
and the new slender moon early westward sinking.

Dark came under Hill. Tom, he lit a candle;
upstairs creaking went, turned the door-handle.
'Hoo, Tom Bombadil! Look what night has brought you!
I'm here behind the door. Now at last I've caught you!
You'd forgotten Barrow-wight dwelling in the old mound
up there on hill-top with the ring of stones round.
He's got loose again. Under earth he'll take you.
Poor Tom Bombadil, pale and cold he'll make you!'

'Go out! Shut the door, and never come back after!
Take away gleaming eyes, take your hollow laughter!
Go back to grassy mound, on your stony pillow
lay down your bony head, like Old Man Willow,

like young Goldberry, and Badger-folk in burrow!
Go back to buried gold and forgotten sorrow!'

Out fled Barrow-wight through the window leaping,
through the yard, over wall like a shadow sweeping,
up hill wailing went back to leaning stone-rings,
back under lonely mound, rattling his bone-rings.

Old Tom Bombadil lay upon his pillow
sweeter than Goldberry, quieter than the Willow,
snugger than the Badger-folk or the Barrow-dwellers;
slept like a humming-top, snored like a bellows.

He woke in morning-light, whistled like a starling,
sang, 'Come, derry-dol, merry-dol, my darling!'
He clapped on his battered hat, boots, and coat and feather;
opened the window wide to the sunny weather.

Wise old Bombadil, he was a wary fellow;
bright blue his jacket was, and his boots were yellow.
None ever caught old Tom in upland or in dingle,
walking the forest-paths, or by the Withywindle,
or out on the lily-pools in boat upon the water.
But one day Tom, he went and caught the River-daughter,
in green gown, flowing hair, sitting in the rushes,
singing old water-songs to birds upon the bushes.

He caught her, held her fast! Water-rats went scuttering
reeds hissed, herons cried, and her heart was fluttering.
Said Tom Bombadil: 'Here's my pretty maiden!
You shall come home with me! The table is all laden:
yellow cream, honeycomb, white bread and butter;
roses at the window-sill and peeping round the shutter.
You shall come under Hill! Never mind your mother

in her deep weedy pool: there you'll find no lover!'

Old Tom Bombadil had a merry wedding,
crowned all with buttercups, hat and feather shedding;
his bride with forgetmenots and flag-lilies for garland
was robed all in silver-green. He sang like a starling,
hummed like a honey-bee, lilted to the fiddle,
clasping his river-maid round her slender middle.

Lamps gleamed within his house, and white was the bedding;
in the bright honey-moon Badger-folk came treading,
danced down under Hill, and Old Man Willow
tapped, tapped at window-pane, as they slept on the pillow,
on the bank in the reeds River-woman sighing
heard old Barrow-wight in his mound crying.

Old Tom Bombadil heeded not the voices,
taps, knocks, dancing feet, all the nightly noises;
slept till the sun arose, then sang like a starling:
'Hey! Come derry-dol, merry-dol, my darling!'
sitting on the door-step chopping sticks of willow,
while fair Goldberry combed her tresses yellow.
(TOLKIEN, 2008, p. 133-138).

ANEXO B – "Bombadil goes Boating"

The old year was turning brown; the West Wind was calling;
Tom caught a beechen leaf in the Forest falling.
'I've caught a happy day blown me by the breezes!
Why wait till morrow-year? I'll take it when me pleases.
This day I'll mend my boat and journey as it chances
west down the withy-stream, following my fancies!'

Little Bird sat on twig. 'Whillo, Tom! I heed you.
I've a guess, I've a guess where your fancies lead you.
Shall I go, shall I go, bring him word to meet you?'

'No names, you tell-tale, or I'll skin and eat you,
babbling in every ear things that don't concern you!
If you tell Willow-man where I've gone, I'll burn you,
roast you on a willow-spit. That'll end your prying!'

Willow-wren cocked her tail, piped as she went flying:
'Catch me first, catch me first! No names are needed.
I'll perch on his hither ear: the message will be heeded.

"Down by Mithe," I'll say, "just as sun is sinking."
Hurry up, hurry up! That's the time for drinking!'

Tom laughed to himself: 'Maybe then I'll go there.
I might go by other ways, but today I'll row there.'

He shaved oars, patched his boat; from hidden creek he hauled her
through reed and sallow-brake, under leaning alder,
then down the river went, singing: 'Silly-sallow,
Flow withy-willow-stream over deep and shallow!'

'Whee! Tom Bombadil! Whither be you going,

bobbing in a cockle-boat, down the river rowing?'

'Maybe to Brandywine along the Withywindle;
maybe friends of mind fire for me will kindle
down by the Hays-end. Little folk I know there,
kind at the day's end. Now and then I go there.'

'Take word to my kin, bring me back their tidings!
Tell me of diving pools and the fishes' hidings!'

'Nay then,' said Bombadil, 'I am only rowing
just to smell the water like, not on errands going.'

'Tee hee! Cocky Tom! Mind your tub don't founder!
Look out for willow-snags! I'd laugh to see you flounder.'

'Talk less, Fisher Blue! Keep your kindly wishes!
Fly off and preen yourself with the bones of fishes!
Gay lord on your bough, at home a dirty varlet
living in a sloven house, though your breast be scarlet.
I've heard of fisher-birds beak in air a-dangling
to show how the wind is set: that's an end of angling!'

The King's fisher shut his beak, winked his eye, as singing
Tom passed under bough. Flash! then he went winging;
dropped down jewel-blue a feather, and Tom caught it
gleaming in a sun-ray: a pretty gift he thought it.
He stuck it in his tall hat, the old feather casting:
'Blue now for Tom,' he said, 'a merry hue and lasting!'

Rings swirled round his boat, he saw the bubbles quiver.
Tom slapped his oar, smack! at a shadow in the river.
'Hoosh! Tom Bombadil! 'Tis long since last I met you.
Turned water-boatman, eh? What if I upset you?'

‘What? Why, Whisker-lad, I’d ride you down the river.
My fingers on your back would set your hide a-shiver.’

‘Pish, Tom Bombadil! I’ll go and tell my mother;
“Call all our kin to come, father, sister, brother!
Tom’s gone mad as a coot with wooden legs: he’s paddling
down Withywindle stream, an old tub a-straddling!”’

‘I’ll give your otter-fell to Barrow-wights. They’ll taw you!
Then smother you in gold-rings! Your mother if she saw you,
she’d never know her son, unless ’twas by a whisker.
Nay, don’t tease old Tom, until you be far brisker!’

‘Whoosh!’ said otter-lad, river-water spraying
over Tom’s hat and all; set the boat a-swaying,
dived down under it, and by the bank lay peering,
till Tom’s merry song faded out of hearing.

Old Swan of Elvet-isle sailed past him proudly,
gave Tom a black look, snorted at him loudly.
Tom laughed: ‘You old cob, do you miss your feather?
Give me a new one then! The old was worn by weather.
Could you speak a fair word, I would love you dearer:
long neck and dumb throat, but still a haughty sneerer!
If one day the King returns, in upping he may take you,
brand your yellow bill, and less lordly make you!’
Old Swan huffed his wings, hissed, and paddled faster;
in his wake bobbing on Tom went rowing after.

Tom came to Withy-weir. Down the river rushing
foamed into Windle-reach, a-bubbling and a-splashing;
bore Tom over stone spinning like a windfall,
bobbing like a bottle-cork, to the hythe at Grindwall.

‘Hoy! Here’s Woodman Tom with his billy-beard on!’
laughed all the little folk of Hays-end and Breredon.
‘Ware, Tom! We’ll shoot you dead with our bows and arrows!
We don’t let Forest-folk nor bogies from the Barrows
cross over Brandywine by cockle-boat nor ferry.’
‘Fie, little fatbellies! Don’t ye make so merry!

I’ve seen hobbit-folk digging holes to hide ’em,
frightened if a horny goat or a badger eyed ’em,
afeared of the moony-beams, their old shadows shunning.
I’ll call the orks on you: that’ll send you running!’

‘You may call, Woodman Tom. And you can talk your beard off.
Three arrows in your hat! You we’re not afeared of!
Where would you go to now? If for beer you’re making,
the barrels aint deep enough in Breredon for your slaking!’

‘Away over Brandywine by Shirebourn I’d be going,
but too swift for cockle-boat the river now is flowing.
I’d bless little folk that took me in their wherry,
wish them evenings fair and many mornings merry.’

Red flowed the Brandywine; with flame the river kindled,
as sun sank beyond the Shire, and then to grey it dwindled.
Mithe Steps empty stood. None was there to greet him.
Silent the Causeway lay. Said Tom: ‘A merry meeting!’

Tom stumped along the road, as the light was failing.
Rushey lamps gleamed ahead. He heard a voice him hailing.
‘Whoa there!’ Ponies stopped, wheels halted sliding.
Tom went plodding past, never looked beside him.

‘Ho there! beggarman tramping in the Marish!

What's your business here? Hat all stuck with arrows!
Someone's warned you off, caught you at your sneaking?
Come here! Tell me now what it is you're seeking!
Shire-ale, I'll be bound, though you've not a penny.
I'll bid them lock their doors, and then you won't get any!'

'Well, well, Muddy-feet! From one that's late for meeting
away back by the Mithe that's a surly greeting!
You old farmer fat that cannot walk for wheezing,
cart-drawn like a sack, ought to be more pleasing.
Penny-wise tub-on-legs! A beggar can't be chooser,
or else I'd bid you go, and you would be the loser.
Come, Maggot! Help me up! A tankard now you owe me.
Even in cockshut light an old friend should know me!'

Laughing they drove away, in Rushey never halting,
though the inn open stood and they could smell the malting.
They turned down Maggot's Lane, rattling and bumping,
Tom in the farmer's cart dancing round and jumping.
Stars shone on Bamfurlong, and Maggot's house was lighted;
fire in the kitchen burned to welcome the benighted.

Maggot's sons bowed at door, his daughters did their curtsy,
his wife brought tankards out for those that might be thirsty.
Songs they had and merry tales, the supping and the dancing;
Goodman Maggot there for all his belt was prancing,
Tom did a hornpipe when he was not quaffing,
daughters did the Springle-ring, goodwife did the laughing.

When others went to bed in hay, fern, or feather,
close in the inglenook they laid their heads together,
old Tom and Muddy-feet, swapping all the tidings
from Barrow-downs to Tower Hills: of walkings and of ridings;
of wheat-ear and barley-corn, of sowing and of reaping;

queer tales from Bree, and talk at smithy, mill, and cheaping;
rumours in whispering trees, south-wind in the larches,
tall Watchers by the Ford, Shadows on the marches.

Old Maggot slept at last in chair beside the embers.
Ere dawn Tom was gone: as dreams one half remembers,
some merry, some sad, and some of hidden warning.
None heard the door unlocked; a shower of rain at morning
his footprints washed away, at Mithe he left no traces,
at Hays-end they heard no song nor sound of heavy paces.

Three days his boat lay by the hythe at Grindwall,
and then one morn was gone back up Withywindle.
Otter-folk, hobbits said, came by night and loosed her,
dragged her over weir, and up stream they pushed her.
Out from Elvet-isle Old Swan came sailing,
in beak took her painter up in the water trailing,
drew her proudly on; otters swam beside her
round old Willow-man's crooked roots to guide her;
the King's fisher perched on bow, on thwart the wren was singing,
merrily the cockle-boat homeward they were bringing.
To Tom's creek they came at last. Otter-lad said: 'Whish now!
What's a coot without his legs, or a finless fish now?'
O! silly-sallow-willow-stream! The oars they'd left behind them!
Long they lay at Grindwall hythe for Tom to come and find them.
(TOLKIEN, 2008, p. 139-146).

ANEXO C – "The Stone Troll"

Troll sat alone on his seat of stone,
And munched and mumbled a bare old bone;
For many a year he had gnawed it near,
For meat was hard to come by.
Done by! Gum by!
In a cave in the hills he dwelt alone,
And meat was hard to come by.

Up came Tom with his big boots on.
Said he to Troll: 'Pray, what is yon?
For it looks like the shin o' my nuncle Tim,
As should be a-lyin' in graveyard.
Caveyard! Paveyard!
This many a year has Tim been gone,
And I thought he were lyin' in graveyard.'

'My lad,' said Troll, 'this bone I stole.
But what be bones that lie in a hole?
Thy nuncle was dead as a lump o' lead,
Afore I found his shinbone.
Tinbone! Thinbone!
He can spare a share for a poor old troll;
For he don't need his shinbone.'

Said Tom: 'I don't see why the likes o' thee
Without axin' leave should go makin' free
With the shank or the shin o' my father's kin;
So hand the old bone over!
Rover! Trover!
Though dead he be, it belongs to he;
So hand the old bone over!'

‘For a couple o’ pins,’ says Troll, and grins,
‘I’ll eat thee too, and gnaw thy shins.
A bit o’ fresh meat will go down sweet!
I’ll try my teeth on thee now.
Hee now! See now!
I’m tired o’ gnawing old bones and skins;
I’ve a mind to dine on thee now.’

But just as he thought his dinner was caught,
He found his hands had hold of naught.
Before he could mind, Tom slipped behind
And gave him the boot to larn him.
Warn him! Darn him!
A bump o’ the boot on the seat, Tom thought,
Would be the way to larn him.

But harder than stone is the flesh and bone
Of a troll that sits in the hills alone.
As well set your boot to the mountain’s root,
For the seat of a troll don’t feel it.
Peel it! Heal it!
Old Troll laughed, when he heard Tom groan,
And he knew his toes could feel it.

Tom’s leg is game, since home he came,
And his bootless foot is lasting lame;
But Troll don’t care, and he’s still there
With the bone he boned from its owner.
Doner! Boner!
Troll’s old seat is still the same,
And the bone he boned from its owner!
(TOLKIEN, 2008, p. 161-163).

ANEXO D – “Once upon a Time”

Once upon a day on the fields of May
there was snow in summer where the blossom lay;
the buttercups tall sent up their light
in a steam of gold, and wide and white
there opened in the green grass-skies
the earth-stars with their steady eyes
watching the Sun climb up and down.
Goldberry was there with a wild-rose crown,
Goldberry was there in a lady-smock
blowing away a dandelion clock,
stooping over a lily-pool
and twiddling the water green and cool
to see it sparkle round her hand:
once upon a time in elvish land.

Once upon a night in the cockshut light
the grass was grey but the dew was white;
shadows were dark, and the Sun was gone,
the earth-stars shut, but the high stars shone,
one to another winking their eyes
as they waited for the Moon to rise.
Up he came, and on leaf and grass
his white beams turned to twinkling glass,
and silver dripped from stem and stalk
down to where the lintips walk
through the grass-forests gathering dew.
Tom was there without boot or shoe,
with moonshine wetting his big brown toes:
once upon a time, the story goes.

Once upon a moon on the brink of June
a-dewing the lintips went too soon.

Tom stopped and listened, and down he knelt:
‘Ha! little lads! So it was you I smelt?
What a mousy smell! Well, the dew is sweet,
So drink it up, but mind my feet!’
The lintips laughed and stole away,
but old Tom said: ‘I wish they’d stay!
The only things that won’t talk to me,
say what they do or what they be.
I wonder what they have got to hide?
Down from the Moon maybe they slide,
or come in star-winks, I don’t know’:
Once upon a time and long ago.
(TOLKIEN, 2014, p. 142-143).